ELIANE LIMA GUERRA NUNES

**Adolescência e corpo: a prostituição e o
abuso de droga como sintoma**

**Tese apresentada à Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutor em Ciências**

**Área de concentração: Fisiopatologia Experimental
Orientador: Prof. Dr. Arthur Guerra de Andrade**

**São Paulo
2008**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Preparada pela Biblioteca da
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

© reprodução autorizada pelo autor

Nunes, Eliane Lima Guerra

Adolescência e corpo: a prostituição e o abuso de droga como sintoma /
Eliane Lima Guerra Nunes. -- São Paulo, 2008.

Tese (doutorado)--Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Área de concentração: Fisiopatologia Experimental.

Orientador: Arthur Guerra de Andrade.

Descritores: 1.Adolescente 2.Mulheres 3.Prostituição/psicologia 4.Doenças
sexualmente transmissíveis/psicologia 5.HIV 6.Transtornos relacionados ao uso de
substâncias/psicologia 7.Psicanálise 8.Gravidez na adolescência

USP/FM/SBD-195/08

Normalização adotada

Esta apresentação está de acordo com:

Referências: adaptadas do *International Committee of Medical Journals Editors* (Vancouver).

Universidade São Paulo. Faculdade de Medicina. Serviço de Biblioteca e Documentação.

Cunha AC, Freddi MJAL, Crestana MF, Aragão MS, Cardoso SC, Vilhena V. *Guia de apresentação de dissertações, teses e monografias*. São Paulo: Serviço de Biblioteca e Documentação – SDB/FMUS; 2004.

Abreviaturas dos títulos dos periódicos, conforme a *List of Journals Indexed in Index Medicus*.

Dedicatória

*A Amabile e Ario, pelas consistentes referências que
para mim encarnam...*

*À Anice, “in memoriam”, pelo apoio silencioso de
mulher e exemplo expressivo de mãe.*

Agradecimentos

Aos meus pais, Wanda e Gerson Guerra, pelo imenso carinho e apoio;

Ao Prof. Dr. Arthur Guerra de Andrade, meu orientador;

Às amigas Margarete Suzano e Maria Helena de Jesus Carrasqueira, pelo incentivo e coragem;

A Julio Cesar Spehar e Ermelinda Gonçalves Rodrigues, pelo apoio;

À Ivone Borrelli pela correção do vernáculo;

Às jovens, pela permissão para ouvir seus anseios de “garota” e mães e, adentrarem suas trajetórias íntimas de vida...

SUMÁRIO

Lista de Tabela e Quadros

Lista de Siglas

Normalização Adotada

Resumo

Summary

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 Apresentação da pesquisa	2
1.2 Prostituição: da profana na Antiguidade à legal na atualidade	4
1.3 A Saúde Pública	17
1.3.1 A aids, a vulnerabilidade e o caminho da epidemia	18
1.3.2 A adolescência	31
1.3.3 A prostituição infanto - juvenil	39
1.3.4 A prostituição adulta	47
1.4 Algumas considerações sobre o sintoma segundo a perspectiva psicanalítica	57
1.4.1 Disponibilidades sociais e encenação sintomática	68
1.4.2 A toxicomania e o ato analítico	75
1.4.3 A psicanálise e a aplicabilidade na clínica psicossocial e na Saúde Pública	89
2. OBJETIVOS	98
2.1 Objetivo Geral	98
2.2 Objetivo Específico	98
3. METODOLOGIA	99
3.1 Abordagem Teórico-Metodológica	99
3.2 Amostra	103
3.3 Roteiro da entrevista	105
3.4 Início da pesquisa	107
3.5 Caracterização da população estudada	110
3.6 Caracterização do Campo de Estudo	111
4. ANÁLISE DOS DADOS	115
4.1 Procedimentos para análise dos dados	115
5. RESULTADOS	121
5.1 Dados Sociodemográficos	123
5.2 Sinopses das Histórias de Vida	126
5.3 Apresentação das Categorias	131
6. DISCUSSÃO	135
6.1 Considerações Finais	183
6.2 Propostas de estudo baseadas nesta pesquisa	189
7. CONCLUSÃO	191
8. ANEXOS	193
8.1 ANEXO A - TCLE	193
8.2 ANEXO B - Histórias de Vida das dez jovens entrevistadas	195
8.2.1 Madalena: a primeira entrevistada	196
8.2.2 Taís: a segunda entrevistada	206
8.2.3 Melissa: a terceira entrevistada	215
8.2.4 Laís: a quarta entrevistada	223
8.2.5 Diana: a quinta entrevistada	232
8.2.6 Helena: a sexta entrevistada	246
8.2.7 Afra: a sétima entrevistada	255
8.2.8 Selene: a oitava entrevistada	273
8.2.9 Margarida: a nona entrevistada	280
8.2.10 Bia: a décima entrevistada	288
9. REFERÊNCIAS	296

Lista de Tabela e Quadros

**Tabela 1: Taxa de fecundidade (por mil mulheres) por grupos de idade
e variação percentual. Brasil,1970-2000**

**Quadro 1: Dados sócio demográficos das dez jovens
atendidas entre dez.2006-jul 2007**

**Quadro 2: Sinopse das histórias de vida da dez jovens
entrevistadas entre dez.2006-jul 2007**

Lista de Siglas

Aids - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

CAPS - AD – Centro de Atenção Psicossocial em Álcool e Drogas

CDCA – Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente

CT – Conselho Tutelar

DST – Doenças Sexualmente transmissíveis

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

MPS – Mulheres Profissionais do Sexo

MS – Ministério da Saúde

NAPS – Núcleo de Atenção Psicossocial

OMS – Organização Mundial da Saúde

PAC – Programa de Agentes Comunitários

PS - Profissionais do Sexo

PSF – Programa de Saúde da Família

PTS – Programa de Troca de Seringa

RD – Redução de Danos

SPA – Substâncias Psicoativas

SUS – Sistema Único de Saúde

TS – Trabalhadores do Sexo

UD – Usuários de Drogas

VD – Violência Doméstica

Resumo

Nunes ELG. Adolescência e corpo: a prostituição e o abuso de droga como sintoma [Tese]. São Paulo: Faculdade de Medicina. Universidade São Paulo. 2008.

O estudo propõe, com base na escuta das histórias de vida de dez jovens, entre 19 e 25 anos, que vivem na prostituição em boates da cidade de Santo André-SP, realizar uma discussão a respeito da prevenção das DST/AIDS e da toxicomania. A partir da fala de cada entrevistada sob o enfoque da psicanálise, evidenciou-se o fato de que as jovens, embora disponham de informações sobre medidas preventivas das DST/aids, vivenciam um conflito de identidade expresso em vários níveis de seu discurso que contribui para a vulnerabilidade dessas doenças, sobretudo nas relações que envolvem afetividade. Apoiando-se nesses discursos, foi possível pontuar a implicação dessa ambiguidade no cuidado de si e na necessidade de políticas públicas que abordem a prostituição, levando em conta esse aspecto.

Descritores: 1.Adolescente 2. Mulher 3.Prostituição/psicologia 4.Doenças Sexualmente Transmissíveis/DST 5.HIV 6.Transtornos relacionados ao uso de substâncias /psicologia 7. Psicanálise/psicologia 8. Gravidez na adolescência

Summary

Nunes ELG. Adolescence and the body: a prostitution and drug abuse as a symptom. [Thesis]. São Paulo: Faculty of Medicine. São Paulo University. 2008.

The purpose of this study is to discuss the prevention of STDs/AIDS and drug addiction, starting from listening to ten life stories from youngsters, between 19 and 25 years old, who are involved in prostitution at nightclubs from the city of Santo André-SP. Through the speech of each and every one of them, under the psychoanalysis approach, it was possible to notice that, although having information on the prevention methods against STDs/AIDS, the youngsters live an identity conflict shown in many levels of their discourse, which contributes to their vulnerability towards these diseases, mainly in their affective relationships. Based on these discourses, it was possible to identify the implications of this ambiguity while caring for themselves and the need of public policies that take prostitution into account, regarding this aspect, from a woman's point of view.

Keywords:

1. Adolescent 2. Women 3. Prostitution 4. Sexually Transmitted disease/ STD, 5.HIV 6. Substance-related disorders/psychology 7. Psychoanalysis 8. Pregnancy in adolescence

1 – INTRODUÇÃO

Afrodite¹

¹ Afrodite. 600 a.C. Representada e cultuada como deusa do amor na Grécia. Pertence à coleção de antiguidades gregas do Museu do Louvre – Paris.

Apresentação da pesquisa

A prostituição² remonta à Antiguidade, e popularmente é reconhecida como a ‘profissão’ mais antiga do mundo. Em torno desse termo, foram criadas inúmeras representações³ que são compartilhadas socialmente, carregadas de todos os tipos de percepções e crenças, relativas a momentos históricos e a contextos culturais específicos.

Ao longo da História, associaram-se ao fenômeno da prostituição as mais diversas representações, muitas vezes contraditórias entre si e até mesmo antagônicas, envolvendo aspectos sacros e profanos, éticos e estéticos, políticos e econômicos, de saúde e de doença, entre outros.

Neste trabalho, em primeiro lugar, deseja-se realizar uma reflexão a respeito da incidência de alguns desses elementos nos discursos das jovens e sobre a incidência que alguns desses sistemas de representações resultantes engendraram tanto na história oficial e na ideologia dita competente como no imaginário popular, relativamente à construção narrativa da própria história das jovens mulheres que praticam essa atividade.

² Ferreira ABH. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira; 1988. Prostituição: a palavra “prostituir” vem do verbo latino *prostituere*, que significa expor publicamente, por à venda, entregar à devassidão. Dela se deriva “prostituta”, para designar as cortesãs de Roma que se colocavam à entrada das casas de devassidão.

³ Moscovici S. On social representation. In: Forgas JP, organizadores. *Social Cognition*. London: Academic Press; 1981. Representação Social: É uma série de opiniões, explicações e afirmações que são produzidas, de forma estruturada, baseadas no cotidiano dos grupos, tendo a comunicação um importante papel nesse processo.

Charaudeau P, Maingueneau D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto; 2006. Para Charaudeau & Maingueneau (2006), confere às representações três funções sociais: De “*representação coletiva*”, que organiza os esquemas de classificação, de ações e julgamentos; de “*exibição*” do ser social por meio de rituais, estilizações de vida e signos simbólicos que os tornam visíveis; de “*presentificação*”, p. 433.

Em segundo lugar, pautada nas representações que elas têm de si mesmas, de suas próprias histórias⁴ e de suas perspectivas de vida futura, pretende-se discutir as possibilidades de criação e aplicação de estratégias de Saúde Pública que visem a torná-las menos vulneráveis aos riscos que as próprias circunstâncias de suas atividades as expõem, sobretudo a epidemia da aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida).

A reflexão em torno da realidade discursiva com a qual cada uma delas apresenta-se ao interlocutor terá por base o corpo teórico psicanalítico aplicado à clínica, que diz respeito à possibilidade de articulação de alguns conceitos, como inconsciente, linguagem, corpo e sintoma e sua aplicação à saúde pública no manejo da clínica contemporânea.

⁴ As histórias de vida foram relatadas a pedido da pesquisadora, transcritas e apresentadas em vinhetas no texto. Formam o *corpus* e encontram-se presentes no anexo B.

1.2 Prostituição: da profana na Antiguidade à legal na atualidade

Na Antiguidade, as primeiras prostitutas eram consideradas sagradas⁵, cultas, tinham status social e passavam por iniciação e estudo no processo de preparação. Eram classificadas em vários graus, todos eles diferenciados em relação às outras mulheres que poderiam ser esposas ou filhas, além de algumas viverem na prostituição “profana”. Essas mulheres eram escravas ou subjugadas pelos homens da família, ou maridos e, até mesmo, por outras mulheres. As prostitutas sagradas eram iguais aos homens tanto política como legalmente e protegidas por lei. No Código de Hamurabi (cerca de 1780 a.C.), seus direitos eram garantidos, como também seus bens eram preservados (artigo 40). Seus nomes eram protegidos contra difamações, assim como seus filhos que, por lei, podiam herdar propriedades de seu pai e receber renda da terra trabalhada de seus irmãos. Se insatisfeitas podiam dispor da propriedade do modo que julgassem conveniente e passá-la aos filhos (Roberts, 1998).

Na história da Grécia, no século V, período áureo de Atenas, Péricles (495 a.C. - 429 a.C.), governante de Atenas, teve como companheira Aspásia de Mileto (cerca de 469 a.C.), a quem não podia desposar por ser estrangeira da cidade de

⁵Para Qualls-Cobett (1990) e Roberts (1998), na antiguidade, a cultura, a religião e a sexualidade eram interligadas, por isso o sexo era sagrado e uma das formas de reverência à Deusa do Amor, como Afrodite na Grécia, representada pelas suas sacerdotisas ou vestais. Desde a antiga Suméria, passando pela Babilônia, Grécia e Roma, o culto à deusa da fertilidade era o mesmo, envolvendo rituais sexuais nas oferendas, parte de uma crença de que se poderia obter a proteção das colheitas, a fertilidade da terra e das mulheres.

Jônia, onde a condição feminina era bastante diferente das atenienses. Era considerada uma importante filósofa e anfitriã de inúmeros encontros literários de discurso e retórica, frequentados por grandes filósofos, como Sócrates e seus discípulos, com uma atuação marcante na cultura da época e no governo ateniense, porém a historiografia tradicional sempre reservou a Aspásia uma posição incômoda. Embora bonita, culta e inteligente, ela era a “*outra*”, a “*cortesã*”, a “*hetairae*” pelo fato do companheiro ter desposado anteriormente (Levi, 1991).

Segundo o autor, nessa época, a mulher de Atenas da classe aristocrática não recebia a mesma educação que era ministrada ao marido. Enquanto a mulher do povo não guardava distância em relação a seu cônjuge e participava de suas atividades, as primeiras eram obrigadas a viver no gineceu, isoladas dos homens da casa e das atividades destes.

No século VI, Sólon de Atenas (594 a.C.), legislador da antiga Grécia, foi o responsável por legalizar, pela primeira vez na história, a prostituição por meio da cobrança de taxas dos bordéis que se tornaram, assim, oficiais, e poderiam atender à “necessidade masculina”, uma vez que o adultério era castigado com a pena de morte.

Os romanos instituíram um registro estatal para controlar e cobrar taxas das prostitutas, dividindo as mulheres em duas classes: *as meretrices* - as registradas - e as *prostibulae* – não registradas (Qualls-Cobett, 1990; Roberts, 1998). Segundo os autores, no reinado de Trajano (98-117 d.C.), apenas em Roma foram registradas cerca de trinta e duas mil mulheres *meretrices* que eram obrigadas por lei a andar somente vestidas de toga, roupas usadas pelos homens, além de não ser permitido usar adereços femininos e joias.

A prostituição profana esteve presente enquanto existia a prostituição sagrada. É importante ressaltar que estava presente dentro de um contexto histórico no qual se estruturava o patriarcalismo e, assim, respondia à necessidade das relações de gênero da época.

Para Saffioti (2003), o patriarcado comparado à humanidade é uma criação recente. A autora cita Johnson⁶ (1997) que delimita sua construção provavelmente entre os anos 5000 a.C. e 4500 a.C., em decorrência de dois importantes fatos históricos: a produção do excedente econômico e a descoberta da participação masculina no ato de fecundação. Até então, as mulheres eram consideradas seres mágicos, poderosos por serem capazes de engendrar sozinhas uma nova vida. Com a produção ampliada, criadora de desigualdades socioeconômicas, sabendo-se imprescindíveis na procriação, os homens passaram a diminuir as mulheres e construir seu projeto de dominação-exploração das mulheres.

Ao buscar outra referência histórica, a autora cita Lerner⁷ (1986) que apresenta outro tipo de datação, pois recorre a evidências paleontológicas e arqueológicas e situa o início da construção da ordem patriarcal de gênero no ano 3100 a.C..

Lerner (1986) trabalhou com sociedades de caça e coleta e afirma que, nessas sociedades, a igualdade de gênero era mais equilibrada pelo fato das mulheres proverem mais da metade das necessidades alimentares do grupo.

Mas com a evolução do sistema patriarcal, por razões complexas, os valores da vida agrária e da fertilidade foram substituídos pelos valores advindos da política,

⁶ Johnson AG. *The Gender Knot* : unraveling our patriarchal legacy. Filadelfia: Temple University Press; 1997.

⁷ Lerner G. *The Creation of Patriarchy*. New York: Oxford University Press; 1986.

do comércio e da guerra. Com o advento do monoteísmo, o homem estabeleceu novas doutrinas, e estas estavam sempre de acordo com suas crenças na supremacia masculina. O lugar reservado à mulher era o mesmo destinado às crianças e animais, ou seja, eram consideradas propriedades e podiam ser dispostas e vendidas e até mesmo mortas.

Na cultura judaico-cristã, o estigma da prostituta pode ser constatado desde as escrituras do Velho Testamento na Bíblia pelo discurso dos profetas e pode ser observado nas passagens que aludem ao culto realizado pelos povos vizinhos, que eram politeístas. As admoestações eram uma das formas de banir o culto aos deuses, dentro do povo de Israel, promovendo-se, além da perseguição às prostitutas sagradas, uma regra rígida às mulheres, sobretudo àquelas que se comportassem fora do padrão:

Não façais aliança com os moradores da terra. Não suceda que, em se prostituindo com os deuses deles e em lhes sacrificando, alguém te convide e comas dos seus sacrifícios e tomes mulheres das suas filhas para os teus filhos, e suas filhas, prostituindo-se com os seus deuses, façam com que também os teus filhos se prostituam com os seus deuses. (*Êxodos*, 34: 15-6).

No livro de “Deuteronômio”, aparece a referência à prostituta sagrada:

Não haverá prostituta sagrada entre as filhas de Israel, nem prostituto sagrado entre os filhos de Israel. Não trarás à casa de Iahweh teu Deus o salário de uma prostituta, nem o pagamento de um ‘cão’ por algum voto, porque ambos são abomináveis a Iahweh teu Deus. (*Deuteronômio*, 23: 18-19).

Além da prescrição a ser dada àquelas que seguissem esse caminho:

Esta será conduzida ao limiar da casa paterna, e os habitantes de sua cidade a apedrejarão até que morra, porque cometeu infâmia em Israel, prostituindo-se na casa de seu pai. Assim, tirarás o mal do meio de ti. (*Deuteronômio*, 22: 21).

Uma passagem inusitada aparece na vida de Oseias (8 a.C.), profeta do Antigo Testamento que se casa com Gomer, uma prostituta, em sinal da aliança de Deus com o povo de Israel.

Na leitura do livro do Profeta Oseias, é possível verificar como era a vida do povo de Israel nessa época. A prostituição era uma prática comum, associada aos mesmos rituais de colheita do passado, ao invés da leitura adotada posteriormente. O corpo da mulher era culpabilizado, invertendo a realidade das que eram submetidas, de vítimas a mulheres indignas e imorais. Observa-se que a prescrição continua ainda a ser reforçada, também, com o advento do Cristianismo no Novo Testamento (Sampaio, 1999).

No livro intitulado “*I Carta aos Coríntios*”, Paulo, o “apóstolo de Cristo”, faz uma clara exposição em relação a Corinto, cidade famosa por seu Templo à Deusa Afrodite:

Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? Iria eu, então, tomar os membros de Cristo para fazer deles membros de uma prostituta? Por certo que não! Ou não sabeis que aquele que se junta a uma prostituta, torna-se com ela um só corpo? Pois, como diz a Escritura: Serão os dois uma só carne. Mas [...] Não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, porque o recebestes de Deus, e que vós já não vos pertenceis? Fostes comprados por um alto preço! Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo. (*I Coríntios*, 6: 15-20).

À mulher sempre foi reservado o segundo lugar. Isso pode ser visto com Aspásia de Mileto; depois no Cristianismo pode ser observado mesmo no caso de uma mulher especial: Maria Madalena. Era a primeira a ser exaltada, mas também lhe é dirigido o pior dos preconceitos. É a primeira discípula da mesma envergadura dos apóstolos, porém é transformada em prostituta redimida.

Ela aparece como a primeira a ver Cristo (*Marcos*, 16:9-11):

Ora, tendo ressuscitado na madrugada do primeiro dia da semana, ele apareceu primeiro a Maria de Magdala, de quem havia expulsado sete demônios. Ela foi anunciá-los àqueles que haviam estado em companhia dele e que estavam aflitos e choravam. Eles, ouvindo que ele estava vivo e que fora visto por ela, não creram.

Para Sebastiani (1992), existe uma confusão na vida de Maria de Magdala ou Maria Madalena, como a primeira prostituta relatada no evangelho. É a mulher mais importante no Novo Testamento, mais até que Maria, mãe de Jesus, por ter sido citada 12 vezes nos evangelhos oficiais (sem contar todas as repetições). Manteve com o “mestre” uma relação discipular, além de ter sido a primeira a ter visto o “Cristo Ressuscitado”, segundo as escrituras (João; 20: 18). No entanto, a religião católica, mesmo tendo considerado-a como mulher santa, manteve-a em pequeno destaque, assim como veta a ascensão de mulheres dentro da hierarquia da própria Igreja.

Sebastiani (1992) considera que o estigma perpassou à sua história pelo fato de ter sido uma mulher importante. Se perguntássemos hoje quem foi Maria Madalena, a maioria das pessoas responderia: a “prostituta arrependida”, e não a primeira testemunha ocular do Cristo Ressuscitado, aquela escolhida que se igualou aos outros apóstolos. Somente após o século XI seu culto teve importante crescimento, em especial durante as Cruzadas.

No Cristianismo medieval, a figura da mulher foi sempre relegada e transformada no “*mal*”. As práticas milenares de magia, presentes em todas as culturas das quais se tem conhecimento, pertencentes à ritualística pagã, não a associavam necessariamente à figura do pacto com o Diabo, segundo Souza (1987).

No início da Idade Moderna, as inúmeras representações sobre o demônio atingiram o clímax, sempre associadas ao medo pelo feminino. Assim, o imaginário

da bruxaria atingiu seu ápice e foi mantido pela Igreja - o *íncubo*⁸ -, dicotomizando o bem e o mal, e passaram a ser classificados como atos demoníacos todos os rituais agrários, imputando-lhes a bruxaria, eliminando, assim, todos aqueles que fossem considerados heréticos.

O livro *Malleus Maleficarum* (*Martelo das Feiticeiras*), verdadeiro tratado de caça às bruxas, escrito em 1484, pelos inquisidores dominicanos Kramer e Sprenger (2000), da diocese alemã de Colônia, propõe como inerente à verdadeira fé católica a ação contra os espíritos imundos. A adesão a esse poder maligno é considerada herética. O livro descreve o grau de atrocidades a que eram submetidas as mulheres que fossem consideradas liberais e ousassem sair do código proposto entre os séculos XIV e XVII.

Qualquer manifestação humana que se aproximasse do discurso sensacional, paranormal, era tida como uma afronta aos cânones da Igreja, e a pessoa poderia ser passível de condenação e queimada na fogueira para poder salvar a alma do inferno.

Os autores referem:

Qualquer pessoa, de qualquer classe, posição ou condição social, sob acusação dessa natureza, pode ser submetida à tortura, e a que for considerada culpada, mesmo tendo confessado seu crime, há de ser supliciada, há de sofrer todas as outras torturas prescritas pela lei, a fim de que lhe seja punida na proporção de suas ofensas. (Kramer & Sprenger, 2000, p.51)

⁸ Íncubo: sua origem é datada do século XIV. Refere-se a um pesadelo que, segundo a crença popular, seria provocado por um demônio que assumiria a forma masculina e se apoderava de mulheres adormecidas, levando-as ao pecado da carne. Etimologicamente vem do latim: *incubus*, pesadelo, sufocação durante o sono; conexo com o v. lat. *'incubāre'* estar deitado sobre. *Súcubo* seria o contrário de *Íncubo*, um demônio feminino que se apoderaria de homens. Essa crença foi reforçada pelo livro *Malleus Maleficarum* e foi utilizada como motivação para inúmeros quadros. Ver quadro de Johann Heinrich Füssli, – “*O pesadelo*” ref 42.

O “*mal*” sempre esteve associado à mulher e, na Idade Moderna, mesmo um fenômeno considerado comum, como os êxtases e os estigmas de monjas e santas, acentuados pela estética barroca, eram vistos com muita ressalva (Nunes A, 2005).

As acusações de bruxaria e atos do mal, com consequente expiação e morte na fogueira, sempre recaíram sobre a mulher – a “feminina”, que significava para os autores do *Malleus Maleficarum*: “*fe + minus*”, ou seja, aquelas que tinham *menos fé*.

Para Rudge (2005), citando Meyer (1932)⁹, o *Malleus Maleficarum*, apesar de sua intolerância e crueldade contra mulheres de determinada época, é considerado por Ernest Jones como uma fonte inestimável para estudo dos motivos do medo à mulher. Para esses autores, tanto a teoria do diabo como a do materialismo médico que a substituiu para dar conta dos pesadelos são expressões de resistência dos homens ao reconhecer os processos psíquicos ligados ao complexo de Édipo e ao inconsciente. Assim, a verdade só chegou a ser descoberta pela psicanálise no início do século XX.

No final do século XVI, a primeira visitação do Santo Ofício a terras brasileiras levou os filhos e netos de Branca Dias presos, sob a acusação de reconversão ao judaísmo, e enviados a Lisboa, para serem queimados no *Rossio* em auto-de-fé. O mesmo ocorreu com a matriarca Branca Dias¹⁰, que viveu no Minho – Portugal e chegou ao Brasil com filhos pequenos, tendo ainda mais quatro filhos em Olinda (Assis, 2002; Real, 2005), sendo acusada de cristão novo por sua irmã e mãe e presa em Lisboa quando as visitava.

⁹ Meyer MA. Nightmare, Witches and Devils. *Psychoan Quart.* 1932;1: 171-6.

¹⁰ Branca Dias é considerada a primeira mulher no Brasil a praticar a *esnoga* (sinagoga em português medieval) e mestre laica de meninas.

Portanto, no Brasil Imperial como em todas as partes, reinavam os valores da época vitoriana, cuja repressão à sexualidade imperava, reafirmando o lugar de cada um e, especialmente, o das mulheres que continuavam a ser divididas em mulheres de família, com um repertório rígido a ser seguido por aquelas que eram “de bem” e aptas para o casamento, e as outras, consideradas impuras e da rua.

Desde a Antiguidade até a prostituição na atualidade, esse percurso perpassou pelo lugar reservado às mulheres, com os arranjos históricos de cada sociedade.

No Brasil, da *Belle Époque* carioca e paulista, Rago (1991, p.24) faz uma releitura histórica da prostituição até o período áureo do café na cidade de São Paulo, no início do século passado e ressalta que a hipocrisia sobre os ‘*assuntos do sexo*’ ainda se mantinha e perpetuava-se a divisão das mulheres, ou seja, a identificação da mulher como impura, cheia de ardis, sobretudo as que adentravam “*essa vida*”. Essas mulheres assim o faziam em decorrência de uma patologia mental ou, pior, por serem consideradas como pessoas imorais e atentar aos bons costumes presentes no discurso dos higienistas da época:

Construído no século XX a partir de uma referência médico-policial, o conceito de prostituição (...), inscreve-se numa economia específica do desejo, característica de uma sociedade em que predominam as relações de troca, e em todo o sistema de codificação moral, que valoriza a união sexual monogâmica, a família nuclear, a virgindade, a fidelidade feminina, destina um lugar específico às sexualidades insubmissas. Como tal, o conceito é saturado de conotações de sujeira, do esgoto, da podridão; Em suma, daquilo que constitui uma dimensão rejeitável na sociedade. Condenando e estigmatizando a prostituição, quer-se eliminá-la como uma parte cancerosa. Vale lembrar a constância com que a metáfora orgânica de “cancro social” é utilizada para designar o comércio amoroso.

A mudança dos valores só ocorreu com o advento de outros processos históricos, ainda que se mantivessem nas raízes culturais muitos desses valores patriarcais introjetados pelo imaginário popular a respeito do lugar da mulher e do *corpo feminino*.

Assim, o caminho da representação do corpo humano em um enfoque histórico é um trajeto que necessariamente deve ser focado, dentro da evolução histórica, ainda que os diferentes discursos filosóficos que o abordaram e a própria ciência tenham sido vistos como segmentalizados.

Para Courtine (2008), no século XX houve a invenção teórica sobre o corpo. O autor cita que o olhar sobre o corpo sofreu uma mutação que pode ser apontada pelas mudanças dentro do que podemos dizer – *as mentalidades*.

Para o autor, o caminho inicia-se com Freud que, em 1885, ao se desviar do estudo da neurologia para a psicologia, observou o corpo das jovens que estavam em Salpêtrière e decifrou os hieróglifos da histeria de conversão. Assim, constituiu o enunciado que seria sucessivamente, através do tempo, reflexionado: *o inconsciente fala através do corpo*, podendo iniciar a compreensão da histeria de conversão, própria àquelas jovens da época até as somatizações do “*eu-pele*”. Criou-se o entendimento sobre as vicissitudes do inconsciente com a criação do corpo erógeno.

O segundo passo teria sido dado por Husserl ao definir o corpo como “*berço*” de toda a significação e depois com Merleau-Ponty (1960)¹¹ com o lugar de “*corpo animado*”.

Nosso século apagou a linha divisória do “corpo” e do “espírito” e encara a vida humana como espiritual e corpórea de ponta a ponta, sempre apoiada no corpo [...]. Para muitos pensadores, no final do século XIX, o corpo era um pedaço

¹¹ Merleau-Ponty M. *Signes*. Paris: Gallimard; 1960, p.287.

de matéria, um feixe de mecanismos. O século XX restaurou e aprofundou a questão da carne, isto é: *do corpo animado*.

A contribuição seguinte seria dada pela antropologia, passo dado por Mauss¹² quando observou o que soldados poderiam fazer durante a Primeira Guerra: “*a técnica corporal*”. Courtine (2008, p.8), citando o autor: “*as maneiras como os homens, sociedade por sociedade, de maneira tradicional sabem servir-se do seu corpo*”.

Depois, como o corpo passou a ser visto e *encarnado* pela minoria de mulheres do Movimento da Libertação Feminina (MLF, 1990)¹³ que lutou contra a exclusão de minorias e a favor do aborto, conforme o enunciado: “*o nosso corpo nos pertence*”, este enunciado seria utilizado por outros grupos, especialmente os homossexuais na luta contra o preconceito, dando assim o impulso necessário para uma nova época – a dos *direitos do corpo*.

É, portanto, no século XX, segundo Courtine (2008), que os direitos do homem à saúde foram estabelecidos. *Corpo este* que ainda estava recalcado e duramente submetido ao poder, na década de 1970, pelo discurso moderno do mestre contemporâneo.

Para o autor (2008, p.10), foi necessário que esse grito fosse postulado para que os efeitos do poder sobre “*as carnes*” fossem visualizados, inscritos no horizonte histórico da sexualidade, ao longo da humanidade e postulados por Foucault (1994).

Na atualidade, no Brasil houve uma mudança no discurso sobre a prostituição, diferente de outros países, pelo menos na esfera legal, depois de muita luta, em especial dos movimentos feministas brasileiros e das entidades e associações

¹² Mauss M. *Les techniques du corps*. Sociologie et anthropologie. Paris: PUF, 1950[1934]. p.365.

¹³ MLF (Mouvement de Libération des Femmes). Femmes en mouvement: hier, aujourd'hui, demain. *LeDébat*. 1990;59:126.

organizadas pelas próprias trabalhadoras do sexo a partir da década de 1980. A esta última fase pode-se chamar de período abolicionista, pois a mulher que exerce que essa atividade tornou-se livre para praticá-la como trabalhadora ou profissional do sexo – MPS.

A partir de 2005, a atividade passou a ser regulamentada, pelo Ministério do Trabalho, na Classificação Brasileira de Ocupações - CBO, sob o código de número 5198-05¹⁴, ainda que os projetos de leis ainda encontrem muita resistência para sua regulamentação complementar pelo Congresso.

¹⁴ Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação Brasileira de Ocupações - CBO 2002. Portaria nº 397 de 09 de Outubro de 2002. Dispõe sobre ocupações. Código de nº5198-05. O termo: Profissional do sexo (PS): Garota de programa, garoto de programa, meretriz, messalina, michê, mulher da vida, prostituta, puta, quenga, rapariga, trabalhador (a) do sexo.

*Código de Hamurabi*¹⁵

**“Os sacrifícios sucediam-se em Uruk,
Os jovens deleitavam-se (...)
Para Gilgamesh¹⁶, como para um Deus,
É apresentada uma companheira
Para a Deusa Ishhara,
Uma cama é preparada
Para que Gilgamesh, com uma jovem,
Se unisse essa noite”**

¹⁵ O Código de Hamurabi (cerca de 1780 a.C.) é uma estela cilíndrica de Diorito, com uma inscrição cuneiforme. É um conjunto de leis da Mesopotâmia e foi encontrado em 1901, por Jacques de Morgan, na cidade de Susa (atual Irã). Está em exposição no Departamento de Antiguidades Orientais do Museu do Louvre- Paris.

¹⁶ A célebre epopeia de *Gilgamesh*, do povo sumério, é um dos textos mais antigos conhecidos (cerca de 2600 a.C.). Nela há um trecho que revela a ritualização sexual entre o monarca, *Gilgamesh*, seus guerreiros e as prostitutas sagradas de um templo para a Deusa *Ishara*.

1.3 A Saúde Pública

A epidemia aids na Saúde Pública é uma das várias doenças que flagelam a humanidade e trazem muitos desafios para sua superação. Levantar algumas questões sobre a epidemia quando outros fenômenos estão associados torna-se mais complexo, sobretudo quando ela incide em outros campos que também trazem a marca da complexidade, que é a sexualidade humana e uma população específica: adolescentes e jovens.

A tarefa desdobra-se ainda mais quando se vê que ela se intensifica com outras situações como, por exemplo, o empobrecimento e a exclusão social dessa população.

Assim, faz-se importante conceituar a própria epidemia e a vulnerabilidade às Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST e sua relação com o uso e abuso de substâncias psicoativas, a gravidez precoce e a violência doméstica, acrescidas de todas as questões subjetivas que levam a uma escolha sexual e à construção de uma identidade.

Este caminho será iniciado pela própria conceitualização da vulnerabilidade à aids, levantando alguns aspectos epidemiológicos, a questão da adolescência e a da prostituição, para que depois sejam introduzidos os conceitos sobre o sujeito e o sintoma pela Psicanálise que subsidiaram a leitura das histórias narradas pelas jovens.

1.3.1 A aids, a vulnerabilidade e o caminho da epidemia

Desde o início, a aids era encarada como uma doença circunscrita a determinados grupos, aqueles considerados promíscuos e, portanto, de comportamento de risco, como homens que faziam sexo com outros homens (HSH) ou usuários de drogas, especialmente das injetáveis (UD/UDI).

Verificou-se que conceitos como “grupos de risco” e “comportamentos de risco” eram válidos para alguns grupos, como HSH. No entanto, os grupos afetados de homens brancos homossexuais nos Estados Unidos da América, na Europa e Austrália organizaram-se rapidamente para se defenderem não só do vírus, mas também do preconceito da *peste gay*. Coube a eles chamar a atenção para a amplitude do problema e, conseqüentemente, para criação de estratégias de maior abrangência. Isso ocorreu porque vinham de um longo percurso de militância em defesa dos direitos humanos, e a aids foi mais uma dessas “bandeiras” de luta, diferente das outras minorias atingidas que eram antes envolvidas por outras causas e que não puderam se defender (Tarantola, 2001).

Para os organismos internacionais, ficou evidente que as medidas preventivas adotadas até então não eram suficientes para contenção da epidemia, tendo sido considerada, a partir de 1990, fora de controle em diversos países (Tarantola, 2001) e vista como uma emergência global (Farmer, 2003).

Assistiu-se, assim, ao crescimento da epidemia nessas minorias empobrecidas, sobretudo nos países em desenvolvimento ou nos bolsões de pobreza nas periferias das cidades ou nas áreas de desertificação urbana - *inner city* -, onde se observava a

falta de equipamentos mínimos, como: saúde, escola, bombeiros, entre outros, inclusive em países desenvolvidos (Parker&Camargo, 2000; Wallace & Wallace, 1995, 1997).

Esta forma de conceituação acrescida ao preconceito que se tinha das pessoas que eram consideradas marginais contribuiu para a feminilização da epidemia, pois as medidas preventivas eram dirigidas somente a esses grupos (Paiva, 1999).

A partir de 1992, com a publicação de *Aids in the world*¹⁷, surgiu a conceituação de vulnerabilidade global, proposta por Mann e diversos colaboradores internacionais que juntos formaram a coalizão global de políticas contra a aids com pressupostos em defesa dos direitos à saúde.

Os autores citados propuseram uma escala para a avaliação global, e os países poderiam ser classificados em alta, média ou baixa vulnerabilidade por intermédio da avaliação do somatório de critérios, como: o acesso à informação, despesas com a saúde, acesso ao tratamento, mortalidade antes do cinco anos, condições das mulheres, índice de liberdade humana, relação entre despesas militares, gastos com a saúde e educação e o índice de desenvolvimento humano.

Iniciou-se uma mudança do paradigma conceitual pela compreensão do fenômeno, com a introdução do termo *vulnerabilidade* (Tarantola, 2000).

O conceito de vulnerabilidade pode guiar adequadamente as políticas de saúde para melhor atenção frente a essa pandemia (Ayres et al., 1999), tornando possível, por meio da consistência e da extensão desse conceito, ultrapassar a visão de que um

¹⁷ *Aids in the World* foi publicado em 1992 e no Brasil, em 1993, com o título: *Aids no mundo*.

comportamento seguro em relação à saúde e ao contágio pelo HIV dependa exclusivamente das ações das próprias pessoas.

É necessário que várias frentes de confronto sejam aplicadas, mas isto só será possível com a compreensão do conceito de vulnerabilidade aplicado à saúde. Para Ayres et al. (2003a), as análises de vulnerabilidade devem envolver a avaliação articulada de três eixos interligados, para que sejam mais elucidativos, pois a vulnerabilidade em seu componente individual é a mais evidenciada, o que infelizmente é uma atitude errônea. Assim, atribui-se ao indivíduo, à sua vontade, o seu comportamento sexual de risco, como se ele não pudesse ser em parte culturalmente determinado, respondendo a processos históricos e socioeconômicos.

Em decorrência desse viés, as medidas preventivas e assistenciais desenvolvidas acabam respondendo, em sua maioria, por um nível comportamental e informativo, eliminando grande parte do necessário protagonismo, para que mudanças culturais importantes sejam realizadas.

A opção pelo termo “*vulnerabilidade*” não é simplesmente uma tentativa de aderir a um conceito, mas, pelo contrário, um esforço para identificar a rota de disseminação da aids e adequar estratégias de prevenção e tratamento, imprescindíveis nos dias de hoje, sobretudo às populações que não têm acesso direto aos avanços que a medicina já conquistou a respeito da aids (Tarantola, 2000).

Segundo Ayres¹⁸ et al. (2003a), verifica-se a necessidade de se estabelecer intervenções para diminuir a suscetibilidade das pessoas à epidemia, resultante da

¹⁸ Segundo os autores, para melhor contrastar a diferença entre as diversas práticas de intervenção, o seguinte modelo esquemático pode ser proposto:

Conceito	Problema-alvo	Resultado esperado
Grupo de risco	Contato entre infectado e suscetível	Barreira à transmissão
Comportamento de risco	Exposição ao vírus	Práticas seguras
Vulnerabilidade	Suscetibilidades populacionais	Resposta social

conjunção dos mais diversos fatores envolvidos que ocorrem de forma sinérgica, sincrônica e que podem ou são, na maioria das vezes, “naturalizados”, como a pobreza e as questões relacionadas ao gênero.

A necessidade de estratégias voltadas à questão da vulnerabilidade deve ser um compromisso universal, entre todos os atores que articulam os meios para a particularização das áreas e modos de operar a resposta social.

O Brasil foi um dos primeiros países em desenvolvimento a garantir o acesso universal e gratuito aos medicamentos antirretrovirais no Sistema Único de Saúde (SUS), a partir de 1996 e, com ações preventivas, tem garantido conquistas frente à epidemia (Dourado *et al*, 2006).

No País, a epidemia revelou suas múltiplas dimensões, refletindo as profundas desigualdades sociais, econômicas e demográficas vivenciadas nas diferentes populações dentro do território e da sociedade brasileira afetada pela transmissão do HIV (Parker & Camargo Jr., 2000). Para os autores, “estas diferentes características conformariam populações diferentes, com importantes variações quanto à probabilidade de seus componentes infectarem-se pelo HIV, configurando, portanto, diferentes 'vulnerabilidades' à AIDS” (Parker & Camargo Jr., 2000, p. 90).

No Brasil, segundo os boletins referentes aos anos de 2005 a 2007, os dados relativos à epidemia apontam para o sucesso do enfrentamento, com uma prevalência baixa, porém o mesmo não se sucede em toda a população. Existe uma diferenciação segundo o nível socioeconômico, gênero, raça/cor. A diminuição da incidência verifica-se, sobretudo, em homens (H), aqueles que fazem sexo com outros homens (HSH), usuários de drogas injetáveis (UDI) e, relativamente à raça, à diminuição entre a raça branca em relação à parda.

Os dados dos casos notificados revelam a manutenção da “pauperização”, “feminilização” e “interiorização” da epidemia, já apontadas por outros autores em anos anteriores e que se mantêm (Bastos et al, 2000; Szwarcwald et al., 2000; Szwarcwald et al., 2001; Fonseca et al., 2002).

Em 2006, a prevalência de HIV/aids no Brasil foi de 0,6 % da população entre 14 e 45 anos, portanto, menor que 1%. Embora a incidência tenha diminuído do boletim de 2006 ao de 2007, ainda se mantém em patamares elevados.

Em 2005, a taxa foi de 19,5/100 mil e, em 2006, de 17,5/100 mil, e a razão entre homem e mulher vem diminuindo, passando de 15,1: 1 em 1986, para 1,5: 1 em 2005. As taxas de incidência continuam crescendo persistentemente entre as mulheres de 40 a 49 anos, passando de 17,9: 100.000 hab., em 1998, para 27,9: 100.000 hab., em 2003. Esse aumento entre as mulheres e em pessoas com raça parda continua, conforme é constatado no boletim epidemiológico de dezembro de 2007 (MS, 2007).

Entre as gestantes soropositivas, de 2000 até 11/2006, foram notificadas 31.921 gestantes soropositivas para o HIV. A distribuição dessas gestantes por raça/cor segue a mesma tendência dos casos de aids. Isto é, a tendência de declínio na proporção de notificações na raça/cor branca e de aumento proporcional de notificações na raça/cor parda. (MS, 2006).

Em relação aos jovens, segundo o Ministério da Saúde do Brasil (MS, 2005), a prevalência de adolescentes com o vírus do HIV, entre 13 e 19 anos, até o ano de 1997, era de 1:1, porém, em 2005, houve predomínio no gênero feminino de 1:1, 77.

Em ambos os sexos, observa-se uma importante redução dos casos entre usuários de drogas injetáveis (UDI) e a manutenção do aumento proporcional persistente da transmissão heterossexual.

Em relação aos usuários de drogas (UD), no início da epidemia, segundo Santos (1996), no Estado de São Paulo, na população heterossexual, era alto o índice de mulheres que referem parceria amorosa com UDI. Brito (2006) acredita que o aumento de casos entre UDI contribuiu para a heterossexualização da epidemia, especialmente nas localidades que faziam parte da rota utilizada pelo narcotráfico.

Em outro estudo, Santos et al. (2002) revelam que no Estado de São Paulo, segundo o boletim da vigilância epidemiológica, foi observado nas notificações de julho de 1992 que 34,6% das mulheres referiram como situação de risco principal a parceria sexual com homens UDI. Em 2001, esse valor elevou-se para 40,1%.

Conforme os autores, são encontradas situações semelhantes em outros estudos. Citam Giffin (1998)¹⁹, que aponta alguns fatores que contribuem para maior vulnerabilidade das mulheres: a escolaridade menor é um indicador da condição socioeconômica menos privilegiada, maior proporção de mulheres que apresenta como categoria de exposição para o HIV parceiros com múltiplas parceiras sexuais, denotando uma forte associação das relações de gênero nas sociedades com a vulnerabilidade das mulheres aumentada.

A epidemia hoje passa por uma transformação: mais que uma doença orgânica, também se torna uma manifestação no corpo e que carrega as marcas simbólicas expressas nas questões de gênero, raça, cor, classe ou origem que não podem ser apagadas (Courtine, 2008).

¹⁹ Giffin K. Beyond empowerment: heterosexualities and the prevention of AIDS. *Soc Sci Med* 1998; 46: 151-6.

Assim, um grande desafio desponta-se: como poder trabalhar com as mulheres mais vulneráveis, especialmente as mais pobres, as mais jovens, que vivem na prostituição, com todo esse universo representacional carregado de preconceitos e, sobretudo, a dificuldade de aceitação e visualização da vulnerabilidade à aids e da doença, como sempre sendo uma doença apenas do *outro*?

A percepção da epidemia que a população tem, em geral, a respeito da aids é que ela ainda é uma doença que atinge sempre o *outro* (Knauth, 1998; Knauth, 1999; Loyola, 1994), numa tentativa de autoexclusão e transferência dos riscos para fora, condizente com uma não preocupação com a prevenção.

Essa compreensão pode também ser observada em pesquisa com casais heterossexuais casados ou em união estável, população esta que é a mais afetada pela epidemia (Maia *et al.*, 2008). Os autores apontam para uma importante vulnerabilidade destes às DST/aids. Embora os entrevistados apresentassem um conhecimento satisfatório sobre as DST/aids, apenas 14% referiram uso de preservativos em suas parcerias amorosas, o que reflete as percepções que têm e que são, também, assujeitadas aos papéis de gênero, dentro de um processo de sua própria cultura, inviabilizando nesse grupo comportamentos preventivos, como o uso de preservativos.

Segundo esse estudo, as crenças e valores morais associados ao casamento foram os motivos que dificultaram a prevenção. Para esses autores, a concepção ocidental de parceria e o uso de preservativos entram em curto-circuito com a representação a respeito do amor, da fidelidade, do respeito, da confiança e da cumplicidade. Há o pressuposto de que, ao assumir tais valores na vida cotidiana, homens e mulheres estariam protegidos do risco de se infectarem. Os mesmos

achados foram realizados por Silva & Paiva (2006), que estudaram a representação de pessoas, entre 50 e 59 anos, revelando que os sujeitos pesquisados reconheceram o risco do “sexo desprotegido” na vulnerabilidade ao HIV/aids, porém não costumam usar o preservativo.

Dentre os entraves para seu uso estão o incômodo provocado no homem e na mulher, o amor, a paixão, a crença de que a relação sexual com a esposa não é tida como perigosa e, quando se tem parceiro(a) fixo(a), a responsabilidade de se proteger é do “outro”.

Os autores citados referem a respeito o estudo realizado por Costa & Lima (1998)²⁰, que aponta a confiança como a responsável pela percepção de invulnerabilidade à aids, sendo essa decorrente de um processo de intimidade entre os parceiros. Assim, quanto maior for a confiança no parceiro, menor será a percepção de vulnerabilidade à aids. Os autores enfatizam que quanto maior a paixão e o amor, maior será a sensação de segurança.

No Brasil, a trajetória da feminilização da epidemia levou à realização de vários estudos sobre esse fenômeno, além de diversos esforços e programas de informação, orientação e assistência, para que houvesse a adoção do *sexo seguro*, porém assistiu-se à demarcação do lugar das mulheres dentro da perspectiva de gênero, em razão de um processo de transformação das mensagens da mídia e do próprio discurso médico que são reinterpretados, segundo os padrões culturais e simbólicos vigentes na sociedade (Leal, 1995).

A feminilização da aids é um fenômeno complexo que foge da amplitude da medicina e, portanto, deve ser aportado pelas ciências sociais, a antropologia, a

²⁰ Costa C, Lima ML. O papel do amor na percepção de invulnerabilidade à SIDA. *Rev Psicol* (Portugal). 1998; 12: p.41- 62.

história, além da psicologia e da psicanálise, para que sejam elucidados alguns dentre os inúmeros pontos cegos que contribuem para o aumento da epidemia.

Os estudos sobre a mulher, desde o feminismo até as reflexões atuais, fizeram com que o conceito de gênero evoluísse desde sua primeira citação na década de 1960 até os dias de hoje e ajudaram no entendimento das dificuldades encontradas e nos desafios futuros.

Várias foram as contribuições para a evolução do conceito, segundo Roudinesco e Plon (1998). Os autores citam que o termo foi empregado pela primeira vez por Stoller (1964) ²¹ para distinguir o sexo, no sentido anatômico, da identidade, seja no sentido psíquico e/ou social. Para Davis (1976) ²², a utilização do termo era importante para buscar descobrir a extensão dos papéis sexuais e o simbolismo sexual nas diferentes sociedades e períodos históricos, ressaltado, até então, no ocultamento histórico da mulher.

Segundo os autores, na década de 1970, também, por meio da evolução do conceito pelo viés psicanalítico, acrescentou-se a importância da participação na construção cultural (um gênero), independente da diferença biológica ²³.

Para Saffioti (2003), o gênero é uma construção social e passa por um processo de “corporificação”. A autora acredita que muitas marcas foram impregnadas à vida das mulheres, causadas pela ideologia que mascara as desigualdades socialmente construídas no exercício do poder patriarcal, em especial,

²¹ Stoller R. A contribution about study gender identity. *Int J Psychoanal.* 1964; 45:220-6.

²² Davis NZ. Women history in transition. The European case. *Feminist Studies.* 1976; 3: 83-103.

²³ Segundo Roudinesco e Plon (1998, p.292), na década de 1990, Judith Butler apregooou o culto do *boderline*. Nessa perspectiva, o direito à diferença, mitificado, transmuda-se num desejo de fechamento, quer para defender uma não diferença (a fluidez transexual, o lesbianismo, a inversão homem/mulher no casal) quer para valorizar a cultura identitária do eu, em detrimento de qualquer sujeito universal.

Butler J. *Gender trouble-feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge; 1990.

o poder do homem em vitimizar fisicamente a mulher e ainda lhe atribuir o sentido incutido no dito popular: “*mulher gosta de apanhar*”.

Assim, para muitas mulheres, a aids passa despercebida por diversos motivos, desde a forma como a doença foi representada e incorporada nas primeiras décadas e, uma vez percebida e assimilada, pela maior facilidade que essa informação tem para aqueles mais suscetíveis. Para alguns grupos e classes sociais, a informação não garantiu a mudança de comportamento para a negociação entre os pares. O desafio na negociação do sexo seguro com o parceiro não problematiza as próprias relações hierárquicas de poder que se estabelecem entre as pessoas casadas ou que vivem segundo as regras de um regime mais tradicional.

Para a modificação desse padrão, é preciso uma mudança na percepção da doença por parte do homem, além da mulher e, também, no ideário construído sob essa relação: a fidelidade conjugal entre seus pilares.

Desta forma, o desafio é como abordar o ideário das mulheres e sua dificuldade nas relações que envolvem afetividade, como namorados, noivos e maridos. Como explicar a tolerância por parte das mulheres em relação a seus parceiros sabidamente positivos?

Carvalho (2003, p. 21), em seu estudo, fez uma aproximação teórica sobre essa importante vulnerabilidade. Para o autor, as relações de gênero e os ideais românticos amorosos impõem arranjos reforçadores da subordinação feminina que podem facilitar a exposição das mulheres ao HIV. Assim, é importante ressaltar como esses valores socialmente construídos são aderidos ao imaginário de cada um. O autor, citando Guimarães (1994)²⁴, aponta para a importante negligência que

²⁴ Guimarães CD. Mulheres, homens e AIDS: o visível e o invisível. In: Bastos C, Galvão J, Parker R organizadores. *A AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: Relumê – Dumará/ABIA/IMS, UERJ; 1994.

houve nos aspectos subjetivos da construção sociopolítica da sexualidade feminina, sobretudo ao creditar um elo bissexual à heterossexualização da epidemia.

O autor citado refere ser importante ressaltar, citando Dumont (1993)²⁵, a relação inseparável entre homem e cultura e as sucessivas modificações dos indivíduos frente às mudanças culturais contemporâneas, nas quais se convive com uma maior liberdade sexual, a maternidade fora do casamento e as relações homoeróticas aceitas no cotidiano, próprias a uma posição mais *individual e igualitária*, convivendo com outras construções em uma posição mais *holista* em que se perpetua a hierarquia entre os sexos vinculada a posições de poder.

O autor (2003, p.28) considera ser importante avaliar a dominação masculina sob a ótica de Bourdieu (1995)²⁶, na qual a divisão masculino/feminino vai além das características e papéis sexuais e está implicada em uma verdadeira forma de visualizar o mundo – uma violência simbólica que se fundamenta no fato de que a dominação masculina não se reduz a uma simples relação de coerção e submissão entre homens e mulheres.

Desse modo, a relação é complexa e deve ser entendida na dialética entre o dominador e o dominado, pois o segundo autoriza o primeiro, porque não dispõe para pensar e se pensar a não ser os instrumentos que tem em comum com ele – a incorporação da dominação.

Para Carvalho (2003, p.29), no que diz respeito às perspectivas amorosas da atualidade, assistimos tanto a mudanças como a permanências atreladas aos ideais do romantismo rosseauniano, apresentadas por Blom (1996)²⁷:

²⁵ Dumont L. O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco; 1993.

²⁶ Bourdieu P. A dominação masculina. *Educ Realidade*. 1995; 20:133-84

²⁷ Bloom A. *Amor e amizade*. São Paulo: Mandarim; 1996.

As características da educação das mulheres são os traços definidores da condição feminina e o desdobramento disso na manutenção dos papéis sociais. As tendências naturais, tão caras às concepções rosseaunianas, deram suporte para a solidificação dos ideais de condutas, educação e constituição da identidade da mulher... A relevância da família que é a base para a organização da sociedade e o papel feminino, inclusive no desempenho e função junto à prole.

Pelas reflexões sobre as relações de gênero, é possível ver que os processos culturalmente determinados que atingem a todos ainda são negligenciados e pouco explorados (Gonçalves & Varandas, 2005). Desde o início da epidemia, a mídia foi omissa, sobretudo em relação ao fato de estar afetando mais as mulheres pela via heterossexual. O fato também pode ser observado mesmo nas políticas públicas, apesar das evidências apresentadas nos boletins sobre a maior via de transmissão (Guimarães, 1996; Parker & Galvão, 1996).

A pesquisa de Meyer et al. (2004) sobre as campanhas preventivas realizadas pelo Ministério da Saúde e a visão dos agentes de saúde sobre o uso de preservativos para se evitar as DST/aids avaliou que os resultados são reflexos do discurso presente na sociedade e que, infelizmente, penalizam o indivíduo. Observou-se que, muitas vezes, campanhas publicitárias, matérias jornalísticas e projetos reproduziram valores e crenças, imputando às mulheres a responsabilidade de se protegerem, além de não responsabilizarem os homens durante o relacionamento afetivo e / ou sexual.

Meyer et al. (2004) analisaram os anúncios sobre as campanhas realizadas pelo Ministério da Saúde, sob a ótica de agentes de saúde. O discurso apresentado resultou novamente na temática: “mulher sem vergonha e traidor responsável”.

Assim, vários estereótipos foram criados na mídia, desde por escrito, sobre drogas, destinado ao grande público (Ribeiro, 1998), como sobre a prevenção das

DST/aids que contribuíram para a construção de uma imagem estigmatizadora que ainda permanece até os dias atuais e interfere na prevenção e controle da epidemia (Rocha, 1999; Nascimento et al., 2005).

Para Paiva (2000), é importante discutir as questões que aumentam a vulnerabilidade feminina à infecção pelo HIV e que requerem atenção, em especial, à marginalidade e à baixa escolaridade das mulheres.

Segundo Jodelet ²⁸ (1998) as “falsas crenças”, embora tenham caráter mutável, proveem de vários sistemas de referência e estão condicionadas a fatores imaginários ou vividos na realidade. Segundo essa autora, para apreender o processo da assimilação das informações referentes à aids, faz-se necessário considerar os sistemas de noções, valores, modelos de pensamento e de conduta que fundamentam a maneira como cada indivíduo, ancorado em suas representações, posiciona-se frente a novos objetos e acontecimentos.

²⁸ Para Jodelet (1998), a representação social é uma forma de conhecimento social que se generaliza como senso comum, que forma um saber geral e funcional para as pessoas, servindo para que a atividade mental de grupos e indivíduos possa relacionar-se com as situações, acontecimentos, objetos e comunicações que lhes dizem respeito. A mediação que faz com que isso aconteça se dá pelo contexto concreto no qual estas pessoas e grupos vivem, e, também, da cultura adquirida através da história, além dos valores, códigos e das ideias respectivas de um determinado grupo social.

1.3.2 A adolescência

A adolescência, faixa etária compreendida entre 10 e 19 anos, segundo a Organização Mundial da Saúde (WHO/OMS, 1989) caracteriza-se por mudanças, transformações e experimentações que vinculam essa fase da vida à vulnerabilidade.

Trata-se de uma etapa da vida caracterizada por um complexo processo de desenvolvimento biológico, psicológico e social. Assim, um conjunto de experiências na vida das adolescentes marcará seu desenvolvimento, autoconhecimento e introjeção ou questionamento dos valores dos pais e das leis que regem a sociedade. Nessa etapa, iniciam-se o exercício da sexualidade, a expressão do desenvolvimento da maturação física e a percepção do início da potencialidade de procriação (Ruzany, 2000). Entretanto, esse processo ocorre de forma diferenciada, de acordo com a história de vida de cada adolescente e do grupo socioeconômico em que está inserido (Kahhale, 1998).

É um momento de descoberta do próprio corpo, de novos sentimentos e prazeres, mas é uma fase em que se manifestam as grandes preocupações da atualidade, como a gravidez na adolescência, as DST/aids, o início da experimentação e o abuso de drogas lícitas e ilícitas (Beker, 2003).

Os estudos demográficos têm demonstrado que no Brasil, entre 1970 e 2000, houve um aumento da taxa específica de fecundidade e uma elevação relativa de nascimentos em mulheres de 15 a 19 anos, em contraste com a tendência de diminuição apresentada em outros grupos etários, conforme os dados da tabela a seguir (MS, 2004, p.73).

Tabela 1 : Taxa de fecundidade (por mil mulheres) por grupos de idade e variação porcentual.

Brasil, 1970 a 2000

Grupos de idade	1970	Ano 1980	1991	2000	Variação (%) 1970 a 2000
15-19	74,8	79,8	76,9	85,1	+14
20-24	254,6	213,1	163,7	145,8	-43
25-29	295,0	226,0	148,2	117,6	-60
30-34	242,9	173,1	93,9	69,8	-71
35-39	131,2	117,0	47,3	34,4	-74
40-44	35,0	53,7	17,2	10,6	-70
45 e +	22,3	10,8	3,1	1,5	-93

Fonte: IBGE e SVS/MS

No campo da saúde, esta temática assume grande relevância social, de um lado pela vulnerabilidade em temas biológicos e das condições de sobrevivência das mães e das crianças provenientes de gestação em mulheres muito jovens. De outro lado, a manutenção dessa nova família é preocupante (Leal & Saito, 2001).

Alguns estudos apontam que a adolescência está associada a um imaginário que a caracteriza como uma fase de instabilidade e estilo de vida efêmeros, contribuindo para uma construção negativa dessa fase da vida (Guimarães, 2001).

Outros autores avaliam que, apesar da gravidez precoce atingir às classes sociais mais desfavorecidas, como as crianças e adolescentes em situação de risco social, para elas mesmas podem ter outros significados associados, podendo colaborar para a estruturação da identidade, sobretudo a de meninas que se tornam mães e ressignificam suas vidas com suporte assistencial (Pantoja, 2003; Gontijo & Medeiros, 2008; Gontijo & Medeiros, 2004).

Assim, tanto a prevenção à gravidez precoce e às DST/aids, além da maternidade na adolescência, são temas na saúde pública que devem ser de interesse também a outros estudiosos, para que sejam adequadamente entendidos, além da intervenção correta, tanto individual como social. É fundamental, portanto, que a assistência a essa faixa etária inclua o enfoque de prevenção, e a educação sexual seja vista como um processo do qual a orientação anticoncepcional é parte relevante, incluindo-se nesta a contracepção em situações de emergência (Saito & Leal, 2007), além da discussão sobre os papéis de gênero e identidade sexual.

O uso de preservativos no primeiro intercurso sexual cresceu de 10%, em 1986, para mais de 60%, em 2003 (MS, 2005). Mas a diferença de nível socioeconômico é um importante fator na disseminação das DST/aids, pois, segundo Moura et al (2003), os adolescentes que não estão inseridos nas escolas são mais suscetíveis, pois detêm mais mitos em relação à infecção pelo HIV/aids, além da dificuldade de mudar suas crenças pela informação reduzida ou deturpada sobre a mesma.

Os adolescentes que vivem em situação de pobreza tornam-se mais vulneráveis às doenças sexualmente transmissíveis - DST/aids por vários fatores, como relações sexuais desprotegidas pela dificuldade de aquisição dos preservativos, pela exploração sexual e uso e abuso de drogas (lícitas ou ilícitas), entre outros (Raffaelli et al., 1993, Noto et al., 1997, Maciel et al., 1998; Bailey et al., 1998; Ribeiro, 2003, Noto et al., 2004; De Carvalho et al., 2006).

O convívio grupal com familiares com conflitos graves, além de amigos com uso ou dependência de drogas, pode contribuir para facilitar a iniciação e a continuidade do uso de drogas, além do despertar precoce da sexualidade, levando a

um alto índice de gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis (Nogueira & Bellini, 2006).

Outros autores (Aptekar, 1996; Aptekar, 1989; Torres et al., 1999; Anjos, 2005; Monteiro et al., 2007) citam que, em uma tentativa de escapar dos conflitos familiares e da violência doméstica, muitas adolescentes podem “casar-se” precipitadamente ou simplesmente ir viver com namorados ou amigos e, às vezes, até mesmo fugir de casa e ir morar na rua.

Nesse prisma, existem forças centrífugas que as impelem para fora da família, em especial em famílias conflituosas ou quando um dos pais é emocionalmente perturbado ou usuário ou dependente de substâncias ilícitas.

Em relação à questão das drogas, observa-se que muitos estudos são realizados para avaliar o perfil das crianças e adolescentes que fazem uso ou abuso delas. Segundo Benetti et al. (2007), na maioria dos estudos revistos sobre a adolescência e a droga, o foco de interesse centrou-se na identificação dos grupos vulneráveis e nas características de uso de drogas.

Assim, para os autores, as análises interpretativas basearam-se em fatores intrapessoais para o entendimento do abuso de substâncias, além de aspectos interpessoais e contextuais, tais como problemas escolares, relações familiares, sexo, classe socioeconômica, maus tratos, vitimização por assaltos, presença de familiar usuário de drogas. Apesar do aumento sensível de estudos para essa faixa etária, a maioria dos trabalhos está voltada à identificação do problema e, em menor número, ao desenvolvimento de estratégias de intervenção e prevenção.

Um levantamento nacional sobre o uso de drogas lícitas e ilícitas, em 27 capitais brasileiras, realizado com 2.087 crianças e adolescentes em situação de rua,

apontou a necessidade de medidas efetivas, pois há associação entre consumo de álcool, uso de drogas ilícitas e sexo sem preservativos e que, na região Sudeste, o padrão de consumo encontrado no último ano foi de 40,1% para maconha, 39,9% para solventes, 38,4% para álcool e 26,2 % para cocaína e seus derivados. Na capital paulista, foram entrevistadas 42 crianças e adolescentes e 92,9% revelaram que não moravam com a família, 90,5% destes faziam uso diário (20 dias ou mais), sendo 54,8 % para solventes, 47,6 % para maconha, 9,5 % para cocaína e seus derivados e 7,1% para álcool (Noto et al., 2004).

Nas últimas décadas, houve também um aumento considerável da incidência de violência e suicídio na faixa etária entre 15 e 24 anos, especialmente entre adolescentes e jovens com problemas relacionados ao uso de drogas. Observou-se que a disfunção familiar estaria relacionada ao risco de suicídio, intermediada pela ocorrência de perdas interpessoais, transtornos psiquiátricos e abuso de drogas (Marcondes Filho et al, 2002). Essa associação também foi constatada, sendo observada uma relação importante entre aqueles cujo envolvimento com drogas era mais intenso (Mezzich et al.,1997; Bochner, 2006).

Marcondes Filho et al. (2002) realizaram um estudo retrospectivo em Londrina que apontou para essa questão. Na amostra de 70 casos, de 12-24 anos, levantados entre os adolescentes que tentaram suicídio, as tentativas foram mais frequentes em mulheres (80,0%), brancos (61,4%), solteiros (85,7%), de 16-19 anos (45,7%) e estudantes (38,6%). Elas ocorreram nas residências (87,3%), com o uso de medicamentos (70,4%) e praguicidas (18,3%), sendo os motivos associados às perdas interpessoais. Dez adolescentes (14,1%) e 25 familiares (35,2%) citaram histórias prévias de tentativas e 67,1% dos entrevistados apresentaram triagem positiva para

depressão. Seis adolescentes do sexo feminino relataram abuso/violência sexual na infância.

Desse modo, o perfil da amostra estudada demonstrou que as tentativas ocorreram, com maior frequência, na população jovem do sexo feminino, nas residências e com uso de medicamentos, o que demonstra a facilidade de acesso a essas substâncias. As perdas interpessoais, a depressão e o abuso de drogas foram identificados como os principais motivos das tentativas, o que sugere a necessidade de diagnóstico e prevenção pelo pediatra e hebiatra dos conflitos que levam à tentativa de suicídio e à importância da educação em saúde sobre produtos químicos ao alcance de adolescentes e jovens com conflitos emocionais e familiares.

No estudo realizado com 161 crianças e adolescentes em situação de rua, na cidade de Porto Alegre, atendidas em instituições consideradas “abertas”, por permitir a permanência nas instituições conforme o desejo dos interessados e não exigir a saída da rua ou a obrigatoriedade de abandonar o uso de drogas, o padrão de consumo referido no último ano foi de 83,8% para álcool, 34,2% para maconha, 31,7% para solventes, 19,9% para cocaína ou *crack* e 1,2% para cocaína injetável (De Carvalho et al., 2006).

Para os autores citados, a existência de uma rede de oferta de serviços preparados para as necessidades desse público, como alimentação, educação, esporte, atividades artísticas, assistência à saúde e abrigo podem colaborar para uma maior aderência, diminuindo, assim, o tempo de exposição nas ruas e a vulnerabilidade às DST/aids.

Vários estudos apontam essa fragilidade na adolescência e a difícil inclusão dos mesmos em programas de atenção. Miranda et al. (2002) constataram em seu

estudo uma importante vulnerabilidade dos adolescentes às DST/aids e à prostituição na amostra estudada. Avaliaram o padrão de comportamento de adolescentes do sexo feminino, de 15 a 19 anos, relacionado às práticas sexuais e uso de drogas, residentes na região de Maruípe em Vitória, Brasil, que eram assistidas pelo Programa Saúde da Família – PSF, implantado pela prefeitura local.

Carvalho et al. (2006) entrevistaram 464 adolescentes e 69,0% das adolescentes já tinham iniciado vida sexual; 12,8% relataram história de DST; 14,0%, o uso de alguma droga ilícita na vida e 3,7%, história de prostituição. Somente 23,4% relataram uso regular de preservativos, apesar de mais de 90,0% terem citado acesso às informações sobre riscos e prevenção de DST/aids. A história de gravidez foi relatada por 31,6% das adolescentes e a realização prévia do teste HIV foi citada por 17,0%.

Embora tenham conhecimento das formas de transmissão das DST/aids, as adolescentes não se previnem adequadamente, como também foi notado nessa amostra. Para os autores, os resultados mostram a necessidade de ações preventivas, incluindo testes de rotina para detecção de DST/aids e programas de redução de riscos e danos ao uso de drogas (RD) para aquela população.

O número de jovens envolvidos com uso de álcool e acidentes de trânsito necessita ser melhor estudado, aponta o Ministério da Saúde (2008). Segundo a pesquisa telefônica realizada, Vigitel/IBGE, em 2007, a associação de álcool e direção é mais frequente entre homens (4%) do que entre mulheres (0,3%). A porcentagem geral de pessoas pesquisadas que referiram o consumo (cinco doses para homens e quatro para mulheres em uma mesma ocasião), para a maioria das capitais brasileiras, foi de 2%. A pesquisa indica que o consumo de álcool aumentou,

sendo que em 2006 foi de 16,6% e, em 2007, de 17,5%. Em São Paulo, foi de 13,4%, no Distrito Federal 18,6% e, em São Luís, 23%. Em todo o País, a população com maior índice entre homens foi a de Teresina (PI), com 9,5% e, entre mulheres, foi a do Distrito Federal, com 1,8%.

Assim, pode-se ver que as estimativas e levantamentos apontam a necessidade de se discutir ações preventivas e abrangentes para todos os fenômenos envolvidos e que em um somatório aumentam a vulnerabilidade tanto à aids como ao uso de SPA e a avaliação da relação entre o investimento atual e o custo das sequelas advindas das incapacitações, por exemplo, o trânsito (relação montante multa/acidente com vítima/uso de SPA) ou da perda de vida entre jovens.

1.3.3 A Prostituição Infanto – Juvenil

O conceito de prostituição infantil é construído baseado em duas vertentes: uma que se entrecruza com a ideia de exploração econômica e outra que diz respeito à obtenção de prazer, com prejuízo da saúde mental de quem está sendo explorado (Saffioti, 1989).

Essa conceituação relaciona-se às crianças e adolescentes que, mesmo não tendo ainda consciência de seu corpo e de sua sexualidade, são levadas a se prostituírem, por diversos motivos.

No Brasil, o tema tem sido estudado por alguns autores, embora eles reconheçam que o assunto é ainda tabu e, por isso, é pouco explorado em relação à proporção do fenômeno (Azevedo & Guerra, 1993; Gomes et al., 1999).

Assim Azevedo & Guerra (1993) propõem a prostituição juvenil como decorrência da violência doméstica – VD²⁹, sendo, portanto, fundamental a denúncia de sua origem, pois, assim, a criança ou a adolescente vive relações confusas e instáveis dentro da própria casa, submetida a um poder, muitas vezes, despótico, o que pode comprometer a construção e o estabelecimento da própria identidade.

A prostituição infanto-juvenil é um fenômeno que atinge o mundo inteiro, como revela o relatório da Organização Mundial de Saúde - OMS/WHO (2000). A prática de sexo por dinheiro, *survival sex*, é comum entre adolescentes que estão

²⁹ Violência doméstica, na definição das autoras, é todo ato ou jogo sexual, relação heterossexual ou homossexual entre uma ou mais pessoas adultas, de origem cossanguínea, parentes ou por afinidade, responsáveis, e uma criança menor de 18 anos, tendo por finalidade estimular sexualmente a fim de obter uma estimulação sexual incestuosa com a sua pessoa ou outra pessoa.

empobrecidos e, em geral, vítimas de abuso sexual na infância ou com antecedentes de uso de drogas na família (Greene et al., 1999; Miles, 2000).

Na atualidade, segundo vários autores (Azevedo Guerra, 1993; Gomes & Minayo, 1999), a violência doméstica poderia ser um dos caminhos que levaria as jovens a entrar na prostituição, em um processo psicodinâmico que conectaria incesto, violência e prostituição, pela ausência de um desenvolvimento seguro da identidade pessoal dentro de uma família ou assistência que dê condições para que isso ocorra.

Segundo Miles (2000), em um estudo realizado no Sri Lanka, em áreas de turismo sexual com práticas pedófilas, cerca de 10% das adolescentes de 13 a 17 anos relataram que não faziam sexo por prazer com adultos e que foram persuadidas a praticá-lo. Cerca de 6% diziam que praticavam sexo por dinheiro em razão de sua situação socioeconômica e de suas famílias.

O estudo de Bagley (1999) corrobora com esta tese e relata que a prostituição nas Filipinas é motivada pelo mesmo problema, porém lá existe um sistema de controle mais rígido, inclusive por parte das donas de bordéis “*mama-san*” que, além de administrarem as adolescentes (com mais de 14 anos), impedem que elas se envolvam com uso de álcool ou outras drogas, pois, quando isso acontece, as jovens são expulsas dos mesmos. Elas levam uma vida bem simples e tolerada por suas famílias que são pobres e aceitam viver dessa renda.

No estudo, o autor também cita o problema da violência doméstica e compara duas populações, a do Canadá, com ex-profissionais do sexo e um grupo controle, oriundo de uma pesquisa nacional sobre abuso sexual na infância, sem envolvimento com a prostituição. Concluiu que o grupo de ex-prostitutas relatou

maior abuso na infância, por tempo mais prolongado, ter estudado menos, vivido mais com familiares com problema de drogas e permanecido mais tempo na rua. O autor elaborou um sumário sobre o destino da maioria das jovens canadenses vistas em suas pesquisas:

Muitas vezes somos levados a um péssimo cenário: por exemplo, uma menina de 11 ou 12 anos conta ao professor que sofre abuso sexual em casa. O serviço de proteção à criança é chamado e o pai ou padrasto nega o abuso. A mãe falha no suporte e na proteção da filha que acaba saindo de casa e é facilmente recrutada por outras adolescentes mais velhas. Em poucas semanas sua vida faz parte de festas, álcool e drogas. Sua vida começa a ser conduzida por um intermediário, e ela acaba ficando dependente de drogas e com medo de sofrer agressão física por parte do “cafetão”. Sua virgindade é vendida várias vezes, passando a servir até 20 homens por noite. Depois é vendida em outra cidade. Com 15 anos, seu espírito está totalmente quebrado e agora ela é transferida para a rua para enganar outras crianças. Aos 17, morre por overdose, por suicídio ou é assassinada.

Azevedo & Guerra (1993) observam que a violência doméstica não ocorre em uma única classe social, sendo mais visível nas classes mais pobres da sociedade. O poder de camuflagem dessas classes sociais é mais baixo e, por serem dependentes de serviços públicos de saúde e assistência social, acabam sendo mais facilmente descobertas. Assim, as autoras argumentam que a prostituição de que se tem notícia é a de adolescentes pobres. Aquelas que estão engajadas nessas atividades, mas pertencem a outras camadas sociais, não são tão visíveis.

Na Colômbia, embora se mantenham na rua, as crianças e adolescentes revelaram mais saúde emocional do que seus irmãos que permaneceram com a família de origem, segundo estudos de Aptekar (1989). Segundo o autor (1996), em uma revisão da literatura a respeito das razões da existência desse fenômeno em alguns países e em determinadas culturas, as crianças e adolescentes acreditam que

suas condições de vida nas ruas são, frequentemente, melhores que as encontradas em casa. Outros estudos revelaram que os que estão ou que já estiveram em situação de rua apresentam maior risco de depressão e ansiedade do que aqueles que nunca vivenciaram essa experiência (Menke & Wagner, 1998).

Gomes & Minayo (1999), em um estudo sobre as representações sociais da prostituição infantil e juvenil, sobre a Comissão Parlamentar de Inquérito - CPI da prostituição, realizada entre maio de 1993 e março de 1994, relatam que, na região Sudeste e em outras regiões, o imaginário a respeito das jovens envolvidas com a prostituição gira em torno de adjetivações do tipo “vagabundas”, “perdidas” e, por isso, devem ser merecedoras de maus tratos, espancamentos e intimidações por parte do aparato policial e descaso das políticas públicas sociais e de saúde.

Segundo os autores, esse dado demonstra o imaginário, revela a importante tarefa dos gestores públicos de desenvolverem protocolos e políticas que não sejam apenas assistenciais, pois é necessário, além dos gestores e aqueles que estudam esses fenômenos, que o assunto seja discutido com maior urgência com as próprias envolvidas, para que se possa adequar as políticas públicas a esse grupo geralmente marginalizado e, portanto, mais vulnerável (Paiva, 1996; Ayres et al., 2003b; Ayres et al., 2004).

A prostituição infanto-juvenil é uma prática amplamente divulgada pela mídia. O tema tem aparecido mais visivelmente nos últimos anos na imprensa local, por exemplo, no Jornal Diário do Grande ABC (Angrimani, 2003; Ribeiro, 2008), em películas-documentário como a de Lagemann (2006) - *Anjos do Sol*³⁰ ou em denúncias jornalísticas como o livro-documentário de Gilberto Dimeinstein (1992).

³⁰ Lagemann R. *Anjos do Sol*. 2006 [filme]. Brasil; 2006. 92 min. color. son. 16mm. O filme é um documentário e revela a situação de meninas que são vendidas pela família para a prostituição no garimpo.

Outro documentário, feito por Briski e Kauffman (2004) sobre adolescentes descendentes de MPS na Índia³¹, também ilustra essa vulnerabilidade acrescida às condições socioculturais que excluem crianças pobres, em especial, a menina.

Do ponto de vista psicossocial, existem vários trabalhos que tentam enfocar as causas e os fatores que, sozinhos e/ou interligados, poderiam interagir e levar à prostituição. A identificação dos principais fatores ou causas que poderiam predispor a entrada para o universo da prostituição pode ser distribuída em três categorias: a disfunção no contexto familiar e no desenvolvimento de crianças e adolescentes, os fatores situacionais e as possíveis escolhas pessoais, segundo Simon, citando Seng³² (1985) e Shaw e Butler³³ (1998):

O contexto familiar compreenderia situações onde haveria conflitos entre familiares em função da educação autoritária dos pais, ou ainda a total alienação e ausência dos pais frente aos filhos... Essas relações facilitariam a criança e o adolescente a abandonar o que deveria para ele ser o lar, que passam a encontrá-lo nas ruas, longe dos pais um espaço para ser, pois a rua não é vista como algo ruim e sim um ambiente agradável, onde pode explorar a sua sexualidade que está a flor da pele, como todo adolescente. Pode assim nela obter, por meio da prostituição, a gratificação sexual, o amor, o carinho, a atenção e a proteção não recebidos dos pais. No entanto, o abuso físico, sexual e emocional, a negligência, bem como o incesto e as relações sexuais precoces experimentados pelas crianças têm sido apontados como os principais fatores desencadeantes para a entrada na prostituição. (Simon,1999, p.8)

Para os autores, existem dois modelos que explicariam a natureza da relação entre abuso e prostituição:

³¹ Briski Z, Kauffman R. *Born Into Brothels: Calcutta's Red Light Kids* [filme]. Índia/EUA; 2004. 85min. color.son. 16 mm. O documentário versa sobre as crianças filhas das mulheres profissionais do sexo de Calcutá.

³² Seng MJ. Child sexual abuse and a adolescent prostitution: a comparative analysis. *Adolesc.* 1989; 24 : 665-75.

³³ Shaw I, Butler I. Understanding young people and a prostitution: a foundation for practice? *Br J Social Wk.*1998; 28:177-196.

No primeiro modelo, denominado direto, a experiência de abuso produziria uma baixa auto-estima, marcada pela indiferença com que é tratado o adulto, levando a buscar na prostituição relações de proteção e gratificação. Para outros autores, há indícios de que nas famílias incestuosas, a mãe, freqüentemente, é ausente do lar, seja por estar doente ou deprimida ou por ter que sair para trabalhar e a filha assumiria o lugar da mãe e seu papel, dessa forma poderia passar a ser abusada sexualmente (...) , uma forma de obter aquilo que necessita, a afeição e o carinho parental.

Segundo relata Simon (1999), o abuso pode ser considerado um elemento precursor da prostituição, ainda que venha sendo questionada por diversos autores a ênfase exagerada e centralizada em um único fator.

A segunda categoria de fatores apontada na literatura compreenderia, segundo cita Simon (1999), os fatores situacionais, como: as condições socioeconômicas familiares, a pobreza, o desemprego, a situação de rua da criança e do adolescente e o descaso das políticas públicas.

Quanto à terceira categoria, a de escolha pessoal, acredita-se que a adolescente ou jovem é capaz de decidir sobre entrar ou não nesse universo, mesmo que essa escolha seja permeada por pressões pessoais e econômicas presentes no contexto em que a jovem está inserida e que, portanto, estariam contribuindo para sua decisão (Simon et al., 2002).

Para Gomes (1996), essa decisão não é tão simples assim, pois segundo sua pesquisa, as adolescentes fazem questão de diferenciar a prostituição da venda do corpo para sobrevivência e acredita que não se poderia reduzir esse fenômeno, simplesmente, como a escolha individual, sobretudo, denotando um cunho moral, pelo fato de que as crianças e até mesmo as adolescentes estão ainda em processo de desenvolvimento psíquico, além da evidente mudança corporal.

Silva et al. (1998) afirmaram que, sob uma ótica histórico-crítica, há uma ótica histórico-interacionista, a organização da sociedade realizada pelos homens, em dado contexto histórico, é importante e é relevante refletir em termos filosóficos. Apontam que se deve pensar nos pressupostos propostos por Foucault³⁴, dos quais não se podem afastar as relações entre as classes sociais e os diversos papéis e representações dentro do contexto das estruturas de poder. Para os autores, as adolescentes e jovens têm condições na relação com os clientes de tornar sua relação simétrica, ou seja, obter poder por meio do dinheiro, mesmo estando em uma situação social assimétrica.

Segundo Montenegro (2003), essa escolha é reforçada no prisma da análise da resistência, pois são identificadas, nos grupos que sofrem discriminação em geral, formas dialéticas de acomodação e resistência às situações sociais. A autora cita Anyon³⁵, que tem se dedicado à aplicação desse paradigma às relações de gênero:

O grande número de mulheres [e meninas] nem aceita, nem rejeita totalmente os imperativos da “feminilidade”. Preferencialmente, a maioria das mulheres opta (consciente tanto quanto inconscientemente) por tentativas cotidianas de resistir à degradação psicológica e à baixa auto-estima que resultaria da aplicação exclusiva e total das ideologias correntes de feminilidade enquanto submissão, dependência, domesticidade e passividade.

Para a autora, as tentativas de resistir significam que as mulheres podem, de maneira isolada ou concomitante, adaptar a feminilidade a seus próprios objetivos, resistir a ela por meios sutis ou mesmo usá-la para evitar consequências negativas de sua prescrição. Contrariando o senso comum, a decantada passividade das mulheres passa a ser questionada, sendo substituída pela proposição de que as mulheres

³⁴ Foucault M. Nietzsche, a Genealogia e a História. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal; 1978. p.28.

³⁵ Anyon J. Interseções de gênero e classe: acomodação e resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sexuais. *Cad Pesquisa*.1990;78:13-25.

empenhar-se-iam em uma negociação ativa e, de certa forma velada, para superar os conflitos decorrentes de modelos prevalentes de feminilidade.

1.3.4 A prostituição adulta

Na atualidade, percebe-se que as desigualdades econômico-sociais podem fomentar a exploração e o comércio do sexo - a prostituição -, porém observa-se que as mulheres envolvidas apresentam-se de formas diferentes, dependendo da classe social (Versiani dos Anjos Jr., 1980; Wolf, 1998; Moraes, 1996; Castro, 2004; Silva&Blanchette, 2005).

Assim, nota-se que o universo da indústria do sexo não é homogêneo, ainda que se mova sob uma estética: a da satisfação do desejo sexual de uma clientela, ou seja, a de homens em sua grande maioria.

A prostituição tem sido exaustivamente mostrada na mídia em agências de promoção de “encontros”, nos anúncios de garotas de programa, acompanhantes, entre outras (Gaspar, 1988; Moraes, 1996, Lopes et al, 2007).

Apesar da heterogeneidade dos diversos campos, a diferença entre as mulheres profissionais do sexo consideradas “prostitutas de luxo” e as que estão no “baixo meretrício” não é tão grande (Moraes, 1996, Carvalho, 2000; Lopes et al, 2007). Diz respeito à classe social dos clientes envolvidos, como por exemplo: executivos, turistas, profissionais liberais e o valor pago pelo serviço sexual ofertado.

As mulheres, tanto as de “luxo” como as “outras”, diferem, em parte, pelo maior poder de compra ou por se encontrarem em classes sociais mais favorecidas, mas acabam vivendo sob o mesmo imaginário publicitário que hoje atinge todas as mulheres – o ideal de beleza ditado pela moda consumista.

Hoje em dia, vive-se a ditadura da moda, segundo Priore (2000, p.94):

O fim do século XX inventou um narcisismo coletivo (...), uma estética insólita do amor de si. A beleza institui-se como

prática corrente, pior, ela consagrou-se como condição fundamental para as relações sociais. Banalizada, estereotipada invade o cotidiano através da televisão, do cinema, da mídia, explodindo num todo – o corpo nu, na maioria das vezes – ou em pedaços, pernas, costas, seios e nádegas. Nas praias, nas ruas, nos estádios ou nas salas de ginástica, a beleza exerce uma ditadura permanente, humilhando e afetando os que não se dobram a seu império (Del Priore, 2000, p.94).

Assim, para as mulheres da prostituição dita “de luxo”, o importante é usar marcas e roupas de grife, fazer ginástica para manter o corpo bonito e jovem, cobrar caro e, em especial, não fazer alarde do que se está fazendo, aparentar que são amigas ou namoradas quando estão acompanhando homens importantes, como executivos e deputados (Guimarães & Merchan-Hamanann, 2005; Lopes et al, 2007). Esse imaginário é muito explorado: homens que precisam afirmar para a sociedade que são homens e que têm poder e talvez *uma linda mulher*³⁶, como salienta Silva e Blanchette (2005) ao citar Lévi-Strauss³⁷, em *Os Elementos Básicos de Parentesco*, em que muitos homens consideram as mulheres como objetos de status, cabíveis de serem intercambiados.

No geral, elas não se veem como “prostitutas” e acreditam que a prostituição será apenas uma etapa da vida. Os motivos diferem, dependendo da classe social e da época histórica. Atualmente, vai desde a necessidade para pagar a faculdade, comprar roupas de grife ou qualquer outro motivo. A diferença é apenas simbólica ou no máximo financeira, haja vista que muitas se prostituem para a sobrevivência, desde os áureos períodos da seringueira (Santos, 2005) ou na *Belle*

³⁶ Marshall G. *Pretty Woman* [filme]. EUA; 1990.119min. color. son.16mm. É um filme que explora essa temática –a prostituição de luxo, e também usa outro tema, o do amor de um homem para a salvação de uma garota de programa, garantindo-se um final feliz como em um conto de fada. Uma cena interessante do filme é a Ópera a que os dois protagonistas assistem: *La Traviatta*, de Giuseppe Verdi, que trata do mesmo tema: o amor entre uma jovem prostituta e um homem rico.

³⁷ Lévi-Strauss C. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes; 1982

Époque carioca (Rago, 1991). Os motivos variam desde ser aquela que cuida de toda a família, filhos, além de ser explorada por cafetões ou, simplesmente, para manutenção do consumo desenfreado de alguma substância psicoativa (Gaspar, 1988; Wolf, 1992; Nappo, 2004; Lopes et al., 2007).

As mulheres que vivenciam a prostituição de rua, diferentemente, assumem em público a identidade de “prostituta” e podem ser com mais facilidade identificadas pelos clientes, ainda que muitas vezes não adotem uma imagem corporal e vestimenta em sintonia com o imaginário popular.

As representações sociais relacionadas à prostituição e à “prostituta”, no senso comum de nossa sociedade, encontram-se vinculadas à imagem da mulher que está presente em um espaço marginal reservado à continência dos desejos sexuais masculinos, livrando as moças de “boa família” da voraz realização das necessidades biológicas dos homens (Guimarães, 1996).

Durante muitos anos, a tolerância da prostituição como um “mal necessário” determinou a forma pela qual as mulheres que se prostituíam eram conhecidas no campo social. Nesse sentido, a imagem predominante era aquela mulher que vendia seu corpo no intuito de satisfazer as luxúrias masculinas que não podiam ser realizadas no espaço da relação conjugal ou mesmo antes do casamento.

Guimarães e Merchan-Hamanann (2005), em relação à epidemia de aids, consideram que as mulheres profissionais do sexo (MPS) foram também consideradas dentro desse grupo, ainda que não se justificasse no todo. Os autores acreditam que a associação entre prostituição e transmissão de HIV processa-se de forma muito mais metafórica. Para Rago (1991), isso é decorrente da própria visão

higienista da medicina que propagou a necessidade do controle social, sobretudo relacionado às doenças venéreas que têm se perpetuado no imaginário popular.

Acredita-se que, em parte, deve-se ao entendimento que os meios de comunicação têm, pois estes também são afetados pelos valores culturais e incluíram as trabalhadoras do sexo, a partir da constatação da situação de alguns países críticos, como a África (Brijnath, 2007), onde a situação da prostituição e da aids são alarmantes.

A vulnerabilidade às DST, especialmente ao HIV, relacionada ao uso de drogas e à prostituição como forma de subsistência está bem estabelecida, segundo vários estudos (Bagley, 1999; Weber et al, 2002; EUROHIV, 2003) ou da situação de mulheres vítimas do tráfico de pessoas ou as MPS imigrantes, encontradas entre os quatrocentos projetos que hoje estão interligados em uma coalizão de redes europeias que trabalham com esse tema (EUROPAP/TAMPEP, 1998; EUROPAP, 2000), além do manual proposto pela Organização Mundial de Saúde (WHO/OMS, 2005).

Vários estudos enfocam essa característica, como a pesquisa de Martin (2003) que, ao estudar a população de MPS da cidade de Santos, por meio de um olhar antropológico e etnográfico, avaliou que o risco de contágio pelo HIV/aids é realmente muito significativo e que algumas intervenções, por essas razões, esbarraram quase sempre em questões de ordem cultural, sendo algumas delas intransponíveis para a autora.

Em seu estudo, Martin verificou ser muito complexa a tarefa de mudança na sociedade pesquisada. Ainda mais se for observado que o risco sempre está presente,

alguns deles da ordem do real, como, por exemplo, a camisinha que pode estourar, a agressividade do cliente que quer sexo sem proteção, entre outros.

Muitas das intervenções atuam em uma lógica diferente das garotas de programas ou profissionais do sexo, que é a da permissividade, tornando os cuidados com a saúde muito precários ou inexistentes (Martin, 2003). Esses dados encontrados assemelham-se com a pesquisa de Baker et al. (2003), ao constatarem que, entre as 75 mulheres em situação de prostituição entrevistadas, as queixas eram gerais e nenhuma mencionou a questão da aids.

Em outro estudo realizado com 75 mulheres envolvidas com a prostituição em São Paulo e São José do Rio Preto, 23% possuíam menos de 20 anos, foi observado que as envolvidas com o uso de drogas ilícitas, em especial o *crack*, estavam em situação de maior vulnerabilidade e apresentavam maior dificuldade em se proteger das DST/aids, por meio do uso de preservativos, comparadas às que não estavam envolvidas (Nappo et al., 2004).

Em um estudo feito em Ribeirão Preto com 13 jovens envolvidas com a prostituição, Simon (1999) relata que, embora as jovens demonstrassem conhecimento sobre as práticas preventivas para HIV/aids, não as praticavam. Acreditavam na predestinação como fator determinante para a infecção pelo HIV/aids, além de buscarem afetividade nos relacionamentos.

Em um estudo multicêntrico realizado no Brasil com UDIs, constatou-se que, de uma amostra de 701 usuários de drogas injetáveis, 38% relataram ter atividades sexuais na prostituição e, dessa amostra, 34% dos sujeitos tinham menos de 25 anos (Mesquita & Seibel, 2000). Pode-se pensar que as adolescentes e jovens envolvidas com a prostituição também apresentam uma vulnerabilidade acrescida frente ao

HIV/aids, em razão do fato de que muitos de seus clientes são UD/UDI, população esta que tem sido identificada por uma alta prevalência para HIV/aids.

O perfil da epidemia requer novas abordagens em relação à prevenção e ao controle, além de ações diferenciadas para cada público em que ela se desenvolve de forma mais pronunciada (Brito et al., 2000, Marques et al., 2000).

A literatura até o presente momento tem demonstrado como todos esses fatores são importantes para aumentar a vulnerabilidade às DST e ao HIV/aids, porém eles têm sido, muitas vezes, estudados em separado para uma adequada análise probabilística sem que políticas públicas amplas sejam incrementadas (Delor&Hubert; 2000).

Observa-se também que, apesar de toda a informação, existe ainda uma grande dificuldade para os homens, sobretudo os mais velhos, em realizar o “sexo protegido”, em especial com suas mulheres e as “trabalhadoras do sexo” (Ministério da Saúde/MS; 2005).

Ressalta-se que a dificuldade também existe quando estão em uso de substâncias psicoativas ou “namoram” um cliente fixo ou pela simples oferta de dinheiro (Simon, 1999; Paiva et al., 2002; Nappo et al., 2004; Oltramari & Camargo, 2004).

Outro ponto importante que merece ser salientado é o constatado por Esposito & Kahhale (2006), pois, geralmente, as mulheres que se dedicam a essas atividades assumem "diversas identidades" em uma tentativa de evitar a discriminação. Para os autores, essa cisão na identidade é vivida como um "mecanismo de defesa" em uma tentativa de preservar os outros espaços de sua vida, fazendo com que haja uma cisão entre trabalho e afetividade. Nesse sentido, para os

autores, o preservativo é visto como um "marco divisor" entre o trabalho e a afetividade e, assim, seu uso pode estar apenas associado ao trabalho, passando a ser dispensado no envolvimento amoroso.

Assim, abre-se aqui uma questão: como adequar as atividades educativas, geralmente realizadas pelos programas municipais de DST/aids e preconizadas pelo Ministério da Saúde, a todas as mulheres e para essa população específica, se muitas das mulheres profissionais do sexo – MPS - não se identificam como tal? Como apontam Guimarães & Merchan - Hamanann (2005), é importante que as questões de gênero sejam trabalhadas e quais mulheres estão submetidas, para que se avance na mudança do padrão de comportamento do que significa ser mulher, tanto no nível individual como no coletivo, seja para uma jovem, uma mulher monogâmica e casada, seja para MPS.

Ainda há muito que caminhar na discussão sobre a legalização da profissão e as implicações socioculturais para um adequado enfrentamento da epidemia.

O preconceito expresso nas barreiras culturais reveladas pelas marcas de gênero parece ser o principal desafio a ser enfrentado, apesar dos esforços de muitos, em especial dos que defendem os direitos humanos, uma vez que eles são continuamente reeditados em nossa sociedade.

É importante que se esteja atento para, além da tarefa de diminuir o estigma, facilitar a atenção em diversos equipamentos públicos e privados, sobretudo porque essa prática comporta ainda um “comércio de fantasias” que, por ser considerado ilegal devido à proximidade com o tráfico³⁸ de crianças e mulheres e a prostituição

³⁸Leal & Leal (2002, p.44-5) refere que para as normativas internacionais: “o tráfico de pessoas é o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou a recolha de pessoas, pela ameaça de recursos, à força ou a outras formas de coação, por rapto, por fraude, e engano, abuso de autoridade ou de uma situação de vulnerabilidade, ou através da oferta ou aceitação de pagamentos, ou de vantagens

infanto-juvenil, gera discrepâncias e impulsiona ainda muitas mulheres para a clandestinidade, mantendo assim a exploração das mesmas (Leal & Leal, 2002).

Deve-se ressaltar a militância e a organização de várias mulheres em ONGs, como os grupos de MPS ³⁹, o Grupo DaVida ⁴⁰, a Associação dos Moradores do Condomínio e Amigos da Vila Mimosa (AMOCAVIM) relatada por Pasini (2005), entre outras mulheres incógnitas.

Nas palavras de Leite (1992, p. 166), em sua biografia, entre tantas passagens importantes para o entendimento do assunto, ditas por alguém que vivenciou a prostituição, a autora revela:

Há mil questões envolvidas num fato como esse, além da pobreza e do mercado. As fantasias sexuais do homem também são uma questão importante. Mas há um elemento decisivo nessa história toda que é a clandestinidade da prostituição. Exatamente por ser um negócio tão encoberto, por ser contravenção é que ocorrem práticas como o tráfico de meninas.

Deve-se ser crítico quando se aborda o assunto de forma a considerar a complexidade do fenômeno que, por si só, como o universo representacional comporta inúmeras visões (Carvalho, 2000), além de que não se pode deixar de considerar, como cita a autora ao referir-se à Espinheira (1984) ⁴¹, que muitas mulheres constroem suas singularidades na prostituição, dentro do complexo meio

para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração”, segundo os termos do protocolo de Palermo, art. 2º bis, alínea a.

³⁹ Em 1989, foi criada a Rede Nacional de Profissionais do Sexo (RNPS), congregando as associações de classe de todo o País. Esse momento é considerado um marco histórico do movimento por ter introduzido a discussão sobre a prevenção das DST/HIV/aids entre os (as) PS.

⁴⁰ A ONG *Davida* foi fundada por Gabriela Leite e Flavio Lens e criou o jornal “O beijo da Rua” e a grife de roupas “*Daspu*”.

⁴¹ Espinheira G. Conformismo e Divergência. In: *Divergência e Prostituição: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel*. RJ, Tempo Brasileiro, Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; 1984.

em que sobrevivem e que estas reflexões devem ultrapassar as perspectivas da patologia, do desvio da norma ou do “mal necessário” à sociedade familiar burguesa.

Henry Füssli. O pesadelo - 1781 ⁴²

⁴² Füssli JH. The nightmare. 1871. [cited 2008 Mai 18].Available at:
<http://www.tate.org.uk/britain/exhibitions/gothicnightmares/default.shtm>

1.4 Algumas considerações sobre o sintoma segundo a perspectiva psicanalítica

A leitura que se pode fazer dos discursos, em especial daqueles encadeados por meio de associação livre, ajuda a elucidar alguns aspectos de um dos princípios da psicanálise, o que diz respeito à estrutura do inconsciente como linguagem. Assim, é importante como a conceitualização do termo inconsciente é concebida na psicanálise desde o início com Freud e sua releitura por Lacan.

O conceito pode se apresentar na primeira tópica, como acentuam Roudinesco & Plon (1998, p.375):

O inconsciente é um lugar desconhecido pela consciência, uma “outra cena”. Na primeira tópica de Freud, trata-se de uma instância ou um sistema (Ics) constituído por conteúdos recalçados que escapam a outras instâncias, o pré consciente e o consciente (Pcs-Cs). Na segunda tópica. Deixa de ser uma instância passando a servir para qualificar o *isso* e, em grande parte, o *eu* e o *supereu*.

Conforme os autores, na segunda tópica Freud, entre os anos de 1920 a 1923, afirma que o inconsciente perdeu sua qualidade de substantivo, passando a utilizar o termo para qualificar o *isso*, o *eu* e o *supereu*.

Para Roudinesco & Plon (1998, p.376), Freud introduziu o conceito na famosa carta de 6 de dezembro de 1896. Em outra carta, datada de 7 de julho de 1898, dá uma definição divertida, descrita a seguir e depois retomada na *Interpretação dos Sonhos*:

(...) Meu trabalho foi me inteiramente ditado pelo inconsciente, segundo a célebre frase de Itzig, o cavaleiro amador: Para onde está indo Itzig? Não tenho a menor idéia. Pergunte a meu cavalo!

Segundo Dor (1989), os primeiros conceitos lacanianos que sustentam a hipótese do *inconsciente estruturado como uma linguagem* podem ser observados com a releitura da teoria freudiana sobre os sonhos.

Para o autor, Freud descobre que o trabalho do sonho recorre a dois mecanismos: o deslocamento e a condensação. Em seu texto de 1900, *A interpretação dos Sonhos*, Freud defrontou-se com o sonho, o conteúdo manifesto relatado pelos sonhadores e o grande volume do conteúdo latente, presentes em razão da exigência do disfarce de sentido, trazidos à cena pelo método empregado na psicanálise – *a associação livre*.

Dor (1989) pontua que inevitavelmente somos convocados por Freud e sua referência a elementos significantes análogos à linguagem, pois, como nos adverte o autor, é a cadeia de associações do sonhador que trará a elucidação da mensagem condensada contida no mesmo. Assim, fica perdida a ilusão de que pudesse haver uma “chave dos sonhos” para o deciframento onírico.

O autor, ao citar Freud (1900)⁴³, refere:

Somos assim conduzidos a pensar que no trabalho do sonho, manifesta-se um poder psíquico que, de um lado, graças à sobre determinação, dá um valor maior a elementos de menor importância, de modo que estes podem penetrar no sonho. Pode-se, desde então, compreender a diferença entre o texto do conteúdo do sonho, transferência e deslocamento das intensidades psíquicas dos diferentes elementos. Esse processo é parte essencial do sonho. Ele pode ser chamado de deslocamento.

Roudinesco & Plon (1998) citam que Lacan, em 1953⁴⁴, em sua conferência sobre o simbólico, o imaginário e o real e, também, na obra *Função do campo da*

⁴³ Freud S. A interpretação dos Sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago; 1974 (1900). v. IV-V. p.270-6.

⁴⁴ Lacan J. Le Symbolique, l’imaginaire et le réel. *Bulletin de l’Association Freudienne*. 1982; 1: 4-13.

fala e da linguagem em psicanálise (1998), desenvolveu uma concepção diferente do inconsciente, apoiado em sua teoria do significante. Definiu o discurso do sujeito como o discurso do *outro* e, mais tarde, como o do *grande outro* (Outro), lugar de um significante puro onde se marca a clivagem ou a divisão do sujeito.

A respeito da célebre frase de Freud: *Onde era isso eu devo advir*, enunciada em 1933, nas Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, segundo os autores, Lacan dá uma nova interpretação, tornando a colocar o inconsciente como ponto central da psicanálise, fazendo emergir na trilha do *isso*, o sujeito do inconsciente (*je*), colocando em um segundo plano o eu (*moi*).

Esse último seria o produto de infinitas identificações sobrepostas e funcionaria como a maneira que o sujeito dispõe para se apresentar ao *Outro*. Assim, para os autores, Lacan quis restituir o inconsciente para o lugar central na obra freudiana, retirando o privilégio concedido ao Eu - Ego - por algumas correntes da psicanálise (annafreudismo) e da *Ego Psychology* norte-americana, que interpretaram a segunda tópica em um sentido redutor, dando maior ênfase à parte consciente do eu, atribuindo-lhe um maior poder de autonomia.

A ideia lacaniana de primazia da linguagem – e, portanto, do significante⁴⁵ - repousa no dado primordial de que o indivíduo não aprende a falar, mas é construído como sujeito pela linguagem. A criança, portanto, é sujeitada logo de início a uma ordem terceira, a ordem simbólica, amarrada pela função do Nome-do-Pai, ou seja, à

⁴⁵ Segundo Roudinesco & Plon (1988, p.708), o termo “significante” foi introduzido por Ferdinand de Saussure (1853-1913), no quadro de sua teoria estrutural da língua, para designar a parte do signo linguístico que remete à representação psíquica do som (ou imagem acústica), em oposição à outra parte, ou significado, que remete ao conceito. Retomado por Jacques Lacan como um conceito central em seu sistema de pensamento, o significante transformou-se, em psicanálise, no elemento significativo do discurso (consciente ou inconsciente) que determina os atos, as palavras e o destino do sujeito, à sua revelia, e à maneira de uma nomeação simbólica.

metáfora paterna. Por ser captada em um universo significativo, a criança começa a falar muito antes de saber conscientemente o que sua fala diz.

Como aponta Dor (1989, p. 77), em relação à função fálica e ao complexo de castração: “O operador que irá negociar esta articulação será o significante Nome-do-Pai que irá balizar e estruturar toda a trajetória edipiana.”

Para o autor, a importância para a criança se dá, portanto, não no papel concreto do pai dentro da constelação familiar, se ele é presente ou carente, mas sim se a sua função simbólica como terceiro na relação pode ser estabelecida, intervindo na separação da criança e sua mãe, possibilitando a renúncia desse primeiro objeto de gozo, ascendendo assim a dialética do desejo, proposta esta apresentada por Lacan em 1936⁴⁶, quando ressalta a importância dessa conceitualização, desde a proposta de Freud⁴⁷: o Estádio do Espelho.

Lacan propõe que a criança, a partir dos 6 meses, pode antever, antes de sua maturação neurológica, a imagem de seu corpo, ordenando-se assim a experiência fundamental de identificação. A identificação primordial da criança com esta imagem promove a estruturação do *eu*⁴⁸, encerrando-se a vivência de um corpo despedaçado. Antes do estágio do espelho, a criança não experimenta seu corpo como uma unidade, mas sim como algo disperso. O primeiro tempo dessa fase é de uma confusão entre a criança e o outro, assujeitando-se ao registro do imaginário.

⁴⁶ Lacan propõe uma conceitualização sobre essa teoria, em uma conferência, no XIV Congresso Internacional de Psicanálise, quando introduz o conceito através do Estádio do Espelho. Em 1949, treze anos após ter apresentado essa conceitualização, retoma esse mesmo tema.

⁴⁷ Segundo Kauffmann (1996), Freud desde 1905 conceitualizou o termo “gozo” ou “*Genuss*”, em alemão e, em 1920, em “*Mais Além do princípio de prazer*” quando fundamenta a **repetição** inconsciente: “o gozo é visado num esforço de reencontro, mas, pela virtude do signo, alguma outra coisa ocorre em seu lugar, um rasgo, uma marca e nessa falha resvala o objeto sempre já perdido”. p. 221.

⁴⁸ O eu, segundo a tradução do francês se trata do [jê] – o sujeito do inconsciente.

Dor (1989, p. 81) refere que o primeiro tempo é aquele em que a criança se relaciona com o falo, este entendido como o desejo da mãe. Nesse estágio, o desejo da criança está assujeitado totalmente ao desejo da mãe, citando Lacan (1958)⁴⁹:

O que a criança busca é fazer-se desejo de desejo, poder satisfazer o desejo da mãe, quer dizer: *to be or not to be* o objeto do desejo da mãe (...). Para agradar a mãe (...) é preciso ser o falo.

No segundo tempo, a criança é introduzida no registro da castração. É nesse momento que a mediação paterna poderá ou não desempenhar um papel na configuração mãe-criança-falo. Para Dor (1989, p.82), é nesse momento que o pai intervém como agente de privação.

Conforme o autor, citando Lacan (1958):

A experiência nos prova que o pai, considerado como aquele que priva a mãe desse objeto, essencialmente do objeto fálico de seu desejo, desempenha um papel absolutamente essencial em (...) todo o transcurso, seja ele o mais fácil, o mais normal, do complexo de Édipo.

A criança só chega a essa interrogação pessoal, *ser ou não ser o falo da mãe*, na medida em que o pai privador faz pressentir que a mãe o reconhece e, assim, inaugura um campo para a criança de que o desejo da mãe não é a criança. Como diz Dor (1989, p. 86), citando Lacan (1958):

Alguma coisa que desenlaça o sujeito de sua identificação e o enlaça ao mesmo tempo à primeira aparição da lei sob a forma desse fato, que aí a mãe é dependente de um objeto, de um objeto que não mais simplesmente o objeto de seu desejo, mas um objeto que outro tem ou não tem.

Superado esse momento, seria possível dizer que a criança descobre que o outro do espelho não é um outro real, mas uma imagem, distinguindo assim a imagem do outro da realidade do outro.

⁴⁹ Lacan J (1958). *Les Formations de L'Inconscient*. Seminário de 22 de janeiro de 1958.

Conforme Dor (1989, p. 88), o terceiro tempo é exatamente o tempo do declínio do Complexo de Édipo, quando se põe fim à rivalidade fálica em torno da mãe. Citando Lacan (1958), escreve:

É na medida em que intervém no terceiro tempo, como aquele que tem o falo, e não aquele que o é, que pode produzir algo que reinstaura a instância do falo como objeto desejado pela mãe e não apenas como o objeto do qual o pai pode privá-la.

Ainda segundo o autor (1989, p. 88), essa etapa é marcada pela simbolização da lei e pela dialética do ter que convoca o jogo das identificações:

Segundo o sexo, a criança se inscreverá diferentemente na lógica identificatória mobilizada pelo jogo fálico. O menino, que renuncia a ser o falo materno, engaja na dialética do ter, identificando-se com o pai que supostamente tem o falo. A menina pode igualmente subtrair-se à posição de objeto do desejo da mãe e deparar-se com a dialética do ter sob a forma do não ter. Ela encontra, assim, uma identificação possível com a mãe, pois como ela sabe onde está, ela sabe onde deve ir buscá-lo, ao lado do pai, junto daquele que o tem.

A criança pode reconhecer que a imagem do espelho é a dela, recuperando a dispersão do corpo despedaçado em uma totalidade unificada - representação do próprio corpo. A imagem do corpo torna-se estruturante para a identidade do sujeito, pela dimensão imaginária, eu ideal, e pela sustentação simbólica, ideal do eu.

Assim, essa etapa atesta a passagem do ser ao ter, prova de que a metáfora paterna foi eficaz e que propiciou o recalque originário.

Lacan (1988) menciona que, para dar entrada ao inconsciente, torna-se necessário, portanto, a separação do sujeito e do Outro, e este é o lugar onde a cadeia do significante que comanda o desenrolar temporal situa-se, isto é, no discurso do Outro como a cultura, a lei e, também, no funcionamento da língua, e é nisso que vai poder presentificar-se o sujeito.

Pautado na elaboração do complexo de Édipo, pode-se supor que a criança passa a ser um sujeito, e a “ter” um inconsciente e poder falar, ainda que esteja alienada na linguagem. Assim, a mesma o introduz na cultura e faz laço na sociedade, porém o aliena de seu desejo originário, agora recalcado, fazendo com que ele esteja sempre em busca desse falo - o objeto perdido – *objeto a*.

Como salienta Dor (1989, p. 94):

O desejo de ser, recalcado em prol do desejo de ter, impõe à criança que engaje a partir de então seu desejo no terreno dos objetos substitutivos do objeto perdido. Para tanto, o desejo não tem outra saída a não ser fazer-se palavra, desdobrando-se numa demanda. Mas ao se fazer demanda, o desejo se perde cada vez mais na cadeia de significantes do discurso. Com efeito pode-se dizer, de um objeto a outro, o desejo remete sempre a uma sequência indefinida de substitutos e, ao mesmo tempo, a uma sequência indefinida de significantes que simbolizam esses objetos substitutos, persistindo assim em designar, à revelia do sujeito, seu desejo original. O desejo permanece, portanto, sempre insatisfeito, pela necessidade em que se encontrou de se fazer linguagem.

De Freud a Lacan, pode-se vislumbrar onde o inconsciente se encena: no corpo e na fala, encenação essa que o sujeito experimenta, mais ou menos intensamente, como mal-estar, inscrita sob o significante.

Para Melman (1998), a sorte de Freud foi ter-se defrontado com o sintoma, pois ao encontrar as histéricas, deparou-se com aquilo que não ia bem e teve de propor uma prática em ação.

A partir da escuta das mulheres que adentravam em seu consultório, Freud pôde construir sua teoria sobre o sintoma e criar seu método – “*talking cure*” (Lacan, 1998, p. 255).

Com base no caso de Ana Ó, que lhe fora passado por um outro colega psiquiatra – Breuer -, percebeu que o sintoma não era para ser observado, e sim para

ser escutado e, no caso Dora, Freud (1905, p. 79) atentou-se para o sintoma, a tosse, que queria dizer:

Sou filha de meu pai, tenho um catarro, exatamente como ele. Ele me fez ficar doente, como fez também a mamãe. É por causa dele que tenho essas paixões selvagens que são punidas com a doença.

Para Freud, essa não era a única dimensão possível. O sintoma seria também um signo de um trauma originário, assim como o índice de uma satisfação disfarçada de pulsões reprimidas, constituindo-se em uma *solução de compromisso*, ou seja, um lugar paradoxal onde o sujeito, sem que ele o saiba, tem sua satisfação sexual e, também, seu sofrimento.

A satisfação real, reconhecida como sofrimento, é apontada por Lacan como a referência freudiana na teoria do sintoma, ao real traumático, inapreensível, que escapa à decifração total do sintoma e cujos indícios podem ser encontrados na fantasia.

No discurso de Roma, em 1953, Lacan aponta o caráter de mensagem, constitutivo de sintoma:

O sintoma é a palavra dirigida ao outro, enigma em busca do seu deciframento, hieróglifo à procura de um sujeito suposto saber ouvi-lo e dar-lhe a interpretação. E ainda mais, o sintoma fala mesmo àqueles que não sabem ou que não querem ouvi-lo, ele não diz tudo, mais ainda, esconde o fundo do seu pensamento, mesmo àqueles que queiram lhe dar ouvidos. (Lacan, 1998, p. 238)

O autor refere também que:

O sintoma se resolve por inteiro numa análise linguageira, por ser ele mesmo estruturado como uma linguagem, por ser a linguagem cuja fala deve ser libertada. (Lacan, 1998, p. 270)

Para a psicanálise, o sintoma não é um signo de uma disfunção orgânica. É um signo de um significante recalcado, ao mesmo tempo em que um significante de

um significado – o trauma -, que diz respeito não apenas a um momento marcante temporal e espacialmente, mas sim à forma que cada sujeito precisa acomodar-se à função humana.

Nesse sentido, o trauma propriamente dito diz respeito aos requintes e às sutilezas da relação com o outro; não condensado em uma situação, mas cronificado, em todos os aspectos da relação inicial do sujeito com os outros. O sintoma só pode ser falado e interpretado por meio da linguagem, pois é antes de tudo um fenômeno de linguagem.

Em “A relação de objeto”, Lacan em 1957 (1995, p.149) observou, a propósito de Dora:

Em suma, é na medida em que Dora se interroga sobre o que é ser mulher que ela exprime como o faz, por seus sintomas. E sintomas são elementos significantes, mas na medida em que, sob eles, corre um significado perpetuamente móvel, que é a maneira com que Dora aí se implica e se interessa. É como metafórica que neurose de Dora assume seu sentido e pode ser desatada.

O sintoma devido ao seu caráter metafórico e, portanto, enigmático instiga a criação de sentidos sempre novos, “*ad infinitum*”. Aqui introduz um outro campo fundamental para a teoria psicanalítica, aquele do Real. O deslocamento interminável, de significante em significante, no qual o sentido sempre escapa, invoca um impossível de ser dito, ou seja, um resto impossível de ser nomeado.

Lacan, em 1957 ⁵⁰, em “As formações do Inconsciente”, assinala que o real incide no sintoma de várias formas. Além da metáfora que vai no surgimento de sentidos sempre novos, o real apresenta-se como pura opacidade, e afirma que o desenvolvimento da compulsão à repetição traduz a dimensão impossível do Real,

⁵⁰ Lacan J. Aula de 13/11/57

pois o sintoma se repete. Na aula sobre os “problemas cruciais”, proferida em 9/06/65, o autor refere que o sintoma é aquilo que sutura a abertura entre o Sujeito e o Saber.

Dias, retomando a construção do conceito de sintoma no pensamento psicanalítico, escreve:

No sintoma, assim como nas demais formações do inconsciente, há uma satisfação do desejo, mas essa satisfação é uma “satisfação às avessas” (Lacan, 1957-1958/1999, p.331) e, conforme Freud, uma satisfação real (Freud, 1917/1980, p. 421) ⁵¹, para além do princípio do prazer e vinculada à pulsão de morte, demonstrando a aporia do desejo (Dias, 2006a, p. 404).

Nesta citação, a autora condensa os aspectos fundamentais da noção de sintoma, tal qual entende a teoria psicanalítica. Devem ser destacadas as seguintes ideias: formação do inconsciente, satisfação do desejo e pulsão de morte. Como formação do inconsciente, o sintoma situa-se no universo da linguagem.

Jacques-Alain Miller assim define o sintoma:

Uma formação do inconsciente que tem estrutura de linguagem, que supõe uma substituição, a qual chamamos de metáfora, em linguagem de retórica, e que, por aí, fica aberta ao deslocamento retroativo por reformulação, e uma modificação pelo fato da emergência de efeitos de verdade. (Miller, 1990, p. 87)

Relativamente à ideia de satisfação de desejo, o sintoma marca um ponto de basta ao deslocamento infundável do desejo ao longo da cadeia significante. Em algum ponto da cadeia, o resto que escapa à significação e que se impõe como vazio, como sem sentido, é absorvido por uma significação plena. A suspensão, ou melhor,

⁵¹ Lacan J. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1999.
Freud S. Os caminhos da formação dos sintomas. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*; 1980. v. 16: 419-40.

o velamento do vazio irá custar sofrimento ao sujeito. Engendra-se nessa lógica uma dimensão daquilo que a psicanálise nomeia de gozo, ou seja, o estancamento do desejo.

Por fim, o último elemento de destaque da citação da autora é a pulsão de morte que foi caracterizada por Freud justamente como empuxo que leva o sujeito à repetição, impossibilitando-o, por meio da ilusão de obturação da falta de sentido que marca os pontos nodais da existência humana (o outro, a sexualidade, a morte), de exercitar a capacidade de criação e inovação. A adesão do sujeito ao gozo, à ilusão do encontro pleno com aquilo que crê que o Outro lhe demanda produz angústia.

Assim, o conceito de sintoma no campo psicanalítico conjuga os elementos simbólicos com os quais cada sujeito insere-se no universo humano (e, nesse sentido, sofre uma determinação a partir daquilo de ele encontra disponível no âmbito ideológico e cultural correspondente ao contexto histórico temporal de sua existência no mundo) com os elementos intrínsecos próprios da condição humana que permitem torná-la aparentemente suportável, seja pelo estancamento em significações parciais e em sentidos relativos, seja pelo desfrute de uma posição ilusória e, portanto, dolorosa frente a si mesmo, frente ao semelhante e frente ao Outro.

1.4.1 Disponibilidades sociais e encenação sintomática

Segundo Freud (1929), em o *Mal-Estar na Cultura e Civilização*, o mundo moderno impõe um preço para o homem viver na sociedade: a renúncia a uma parte da satisfação pulsional, portanto, há um gozo interditado, impossível. A lei fundante é a da interdição do incesto, que proíbe o acesso à mãe e tem no pai seu representante. A lei, assim pensada como uma interdição, impõe uma renúncia e instaura, ao mesmo tempo, a cultura e o sujeito.

Nesse sentido, pode-se identificar o imperativo social com o imperativo do pai: *não podes gozar de tudo*. O objeto perdido é assimilado ao objeto interditado pelo pai e torna-se o objeto incestuoso (a mãe). *O mal-estar*, ou seja, os sintomas do sujeito são efeitos do retorno dessa parte da satisfação pulsional recalcada sobre si próprio.

Transpor o pensamento de Freud, neste sentido, para a realidade contemporânea requer uma reflexão sustentada em dois pilares: o primeiro diz respeito à questão do pai, ou seja, a referência que assegura a realidade social embasada na família na qual o pai nomeia e organiza as diversas funções ou diversos papéis, e o segundo concerne à questão da ordem capitalista que norteia a ideologia do mundo ocidental.

Em relação ao primeiro pilar, cabe questionar o quanto, no mundo ocidental contemporâneo, a função paterna mantém o seu vigor. Lacan fornece um operador que permite pensar nessa função a partir daquilo que ele chama de “discurso do

mestre”⁵². Discurso aqui é entendido como uma possibilidade de laço social. O autor postula que, no “discurso do mestre”, existe uma relação de impossibilidade entre o sujeito e a causa de seu desejo, isto é, pela própria estrutura da linguagem o objeto de desejo está impossibilitado.

Nesse entendimento e utilizando a aproximação da noção de discurso de Lacan (1992) com a do dispositivo de Foucault (1994), pode-se dizer que a modernidade apresenta ainda vestígios do discurso do mestre. Apesar da estrutura social igualitária, nas famílias ainda resta uma estrutura hierárquica, a partir do poder do pai.

Segundo Jacques Lacan (1992), o discurso do mestre sofre um redimensionamento na sociedade moderna: o capitalismo demonstra seu triunfo por meio da produção de bens de consumo que rapidamente cobrem os mercados internacionais, mais além das nacionalidades, línguas e ideologias.

O discurso capitalista é diverso do discurso do mestre e do discurso universitário. A junção desses dois discursos opera de forma que esse sujeito fique impossibilitado de conseguir seu saber, aliado de um possível gozo de sentido.

Nesse sentido, o mal-estar moderno, como foi visto, trata-se de como o sujeito vai lidar com a parte da satisfação pulsional a que teve de renunciar para se inscrever sob a lei do pai.

⁵² Lacan J. *O Seminário livro 20*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1985. p.27

Discurso da Histérica	Discurso do Analista	$\frac{\text{agente}}{\text{verdade}} \rightarrow \frac{\text{outro}}{\text{produção}}$
$\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S1}{S2}$	$\frac{a}{S2} \rightarrow \frac{\$}{S1}$	$//$
Discurso do Mestre	Discurso Universitário	
$\frac{S1}{\$} \rightarrow \frac{S2}{a}$	$\frac{S2}{S1} \rightarrow \frac{a}{\$}$	

Os termos são: S1 - o significante mestre, S2 - o saber, \$ - o sujeito barrado, *a* - o objeto mais de gozar

O discurso capitalista indicado por Lacan (1992) evidencia um estado de alerta sobre uma variação produzida em relação com o gozo.

Se no discurso do mestre existe uma relação de impossibilidade entre o sujeito e a causa de seu desejo ($\$ // a$); no discurso capitalista essa impossibilidade se desvanece. Existe relação possível, então, entre o sujeito e a causa de seu desejo? Isso é o que o autor reforça: o capitalismo produz cada vez mais objetos que dentro desse discurso podem ser consumidos.

Coelho dos Santos (2001) considera que a ciência contemporânea, pensada como tecnologia, não objetiva conhecer, mas produzir algo onde antes não havia nada, ou seja, inventa, produz objetos para serem utilizados, consumidos. Sob a égide do capitalismo instaura-se um novo imperativo na cultura. Não se trata mais de proibir. O novo mandamento superegoico é que o sujeito pode e deve gozar de tudo: consuma.

Segundo a autora, pode-se fazer um paralelo com o que propõe Foucault (1994) sobre o dispositivo de sexualidade. Neste dispositivo, o corpo vivo é o elemento sobre o qual incide o poder disciplinar. Assim, a modalidade de poder não inibe ou reprime o sexo, mas faz proliferar o gozo no corpo onde uma das decorrências é a multiplicidade de sexualidades diversificadas, cujos encontros sexuais não são mais regulados pelas leis do casamento (dispositivo de aliança), mas pela erotização dos corpos.

Para a autora, o discurso da ciência aliado ao capitalismo representa o mestre contemporâneo no qual ocorre a radicalização dos efeitos do dispositivo de sexualidade tratado por Foucault (1994), produzindo-se o imperativo: ***deve-se gozar de teu corpo.***

A resposta dos sujeitos a esse imperativo é o que se chama das novas formas de mal-estar, que se caracterizam por exibir um caráter compulsivo, excessivo, de uma satisfação pulsional incontornável, que arrasta o sujeito, muitas vezes, à própria destruição. Segundo Coelho dos Santos (2001), esses sintomas exibem a face do objeto pulsional da constituição subjetiva que, nos sintomas modernos ou freudianos, estariam recalcados.

O sintoma freudiano clássico apresentava-se como enigma, como uma mensagem a ser decifrada. É uma formação substitutiva na qual o recalcado retorna irreconhecível por meio da metáfora e da metonímia. Dessa forma, o sintoma convoca à interpretação, à decifração. Isso se sustenta na suposição de que há um saber inconsciente a ser traduzido e é essa suposição de saber que instaura o dispositivo analítico na relação do analisando com o *suposto saber* do analista.

A contrapartida da suposição de saber é um sujeito que deseja saber, um sujeito científico, que se supõe privado de algo a ser recuperado pela via do saber. O seu sintoma torna-se, então, uma questão. Ele se apresenta dividido, querendo recuperar o que lhe falta para ser. Engajado no dispositivo analítico, esse sujeito rememora, constrói narrativas e busca preencher as lacunas no seu não saber.

No *mal-estar* contemporâneo, como apontam vários autores (Birman, 1999; Coelho dos Santos, 2001; Santiago, 2001; Coelho dos Santos, 2002; Quinet, 2002), em outras constelações de sintomas são apresentadas a anorexia, a bulimia, a toxicomania, a obesidade mórbida, entre outras.

Para Coelho dos Santos (2002, p.157), os sujeitos contemporâneos não se apresentam divididos ao analista, não acreditam na interpretação nem requerem um saber sobre seu inconsciente:

As novas maneiras de usufruir do próprio corpo e dos laços sociais caminham lado a lado com a tendência geral ao declínio da atividade reflexiva, narrativa, representacional. O ser falante hoje não pena, mas usufrui de seu corpo. São sujeitos que não se apresentam divididos, que não acreditam tanto na interpretação, nem requerem um saber sobre a dimensão inconsciente de seu sintoma. O paciente típico hoje é um tanto desabonado do inconsciente. Ele não quer mudar, nem aspira, conforma-se com uma subjetividade ideal. Não se queixa de desadaptação a um padrão social coletivo. Seu problema é de conter a pulsão de morte, a angústia traumática, a devastação sintomática, regular o gozo em excesso e, quando muito, ele quer “saber-fazer”, isto é, se virar com seu corpo e sua maneira de viver.

Assim não se trata de sujeitos que querem saber, mas muito mais que “querem fazer alguma coisa com isso”, são sujeitos cuja questão principal é o gozo paradoxal no corpo. Assim, para a autora, citando Miller (2000), o corpo torna-se seu parceiro-sintoma⁵³. Ou seja, o corpo como o parceiro sintomático do sujeito que exhibe uma satisfação pulsional – a sua face de objeto – e busca uma análise para “saber fazer” algo menos devastador para si próprio.

Coelho dos Santos (2002) refere que o sintoma, nessa nova conceitualização, aponta que no lugar da clivagem significante-corpo surge a formulação de uma parceria entre o sujeito falante e seu corpo. Nessa nova tecitura, o corpo é o Outro do ser falante. Ele é o sintoma do ser falante, seu meio de gozo. Assim, para a autora, nessa nova modalidade, a condução da análise deverá ser guiada pelo sintoma, e pelo *sinthoma*, que é o sintoma que não separa a fantasia ou o sintoma mais o caráter.

O sintoma, portanto, ancora-se na linguagem, mas ao mesmo tempo a extrapola, na medida que insiste absurdamente a ponto de cristalizar-se em um estilo de vida.

⁵³ Miller, JA. Os circuitos do desejo na vida e na análise. Rio de Janeiro: Contra Capa; 2000. p.168

Na conferência de 16 de junho de 1975, Lacan (2007, p. 163), no Simpósio Internacional sobre James Joyce, profere sobre o *sinthoma*:

O pai, como nome e como aquele que nomeia não é o mesmo. O pai é esse quarto elemento... esse quarto elemento sem o qual nada é possível no nó do simbólico, do imaginário e do real. Mas há outro modo de chamá-lo. É nisso que o que diz respeito ao Nome-do-Pai, no grau em que Joyce testemunha isso, eu o revisto hoje com o que é conveniente chamar de *sinthoma*. Na medida em que o inconsciente se enoda ao *sinthoma*, que é o que há de mais singular em cada indivíduo.

Lacan (2007), na aula de 11 de maio de 1975, propõe que o *sinthoma*, ao referir-se ao escritor Joyce, é o que é de mais criativo que o sujeito pode fazer com o seu sintoma. A escrita para ele pode fazer o papel de suplência para a carência paterna, na ânsia de ter um nome:

Eis o que se passa, e onde encarno o ego como corrigindo a relação faltante, ou seja, o que no caso de Joyce, não enoda borromeamente o imaginário ao que faz cadeia com o real e o inconsciente. Por esse artifício de escrita, recompõe-se o nó borromeano⁵⁴.

⁵⁴ Na teoria lacaniana a referência ao nó borromeano consiste em uma certa maneira de nodular elos importada do brasão da família Borromeu. Segundo Roudinesco & Plon (1998, p.54): “As armas dessa dinastia milanese, compunham-se de três anéis em forma de trevo, simbolizando uma tríplice aliança. Se um dos anéis se retirasse, os outros dois ficariam soltos, e cada um remetia ao poder de um dos três ramos da família”. Lacan introduziu essa expressão, em 1972, para designar as figuras topológicas (ou nós trançados) destinados a traduzir a trilogia do simbólico, imaginário e do real, repensada em termos do real/simbólico/imaginário (RSI) e, portanto, em função da primazia do real em relação aos dois outros elementos. p. 541.

Lacan apresenta o nó mais detalhadamente em suas intervenções. A terceira. *Association Freudienne Internationale - Lettres de l'École*. 1974;16:178-203. Acesso 01 de março de 2008. Disponível em: http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url_article=jlacan031105_2.

Fig. 6

Lacan (1975/1986, p.303) inclui, assim, o corpo em seu esquema mental, afirmando que o discurso de que se trata na pesquisa psicanalítica da verdade do sujeito não se dá somente pelo verbo, mas também pelo corpo:

Somos, pois, levados pela descoberta freudiana a escutar no discurso essa palavra que se manifesta através, ou mesmo apesar, do sujeito. Pelo seu corpo mesmo, o sujeito emite uma palavra que é, como tal, palavra da verdade, uma palavra que ele nem mesmo sabe que emite como significante. É que ele diz sempre mais do que quer dizer, sempre mais do que sabe dizer (p. 303).

Lacan (1976) considera que o sintoma é aquilo *que as pessoas têm de mais real*⁵⁵. A psicanálise aponta, assim, aquilo que é próprio da linguagem e aquilo que está fora do campo dela, ou seja, o real. Nem tudo do sujeito pode ser significantizado, abrindo espaço para a constituição do sintoma que pertence em parte ao simbólico e, em parte, ao real. O sintoma pode ser transformado em *sinthoma*, que para o autor é um dos nomes do pai.

Para Dias (2006b), Lacan utiliza-se do nó para propor a especificidade do *sinthoma* que, segundo o autor, é o que permite ao simbólico, ao imaginário e ao real ficarem juntos, graças a dois erros, dois pontos de falha estrutural que se produzem no enlaçamento do imaginário e do simbólico: o ponto do lapso, do equívoco fundamental, do não-senso, onde se localiza o sintoma-metáfora e o ponto da falta primordial, onde se situa o *sinthoma*, em sua função de gozo e de suplência da falta.

⁵⁵ Lacan J. Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines. *Scilicet*, 6/7. Paris: Seuil, 1976, p. 5-63.

1.4.2 A drogadição e o ato analítico

Desde seus primeiros escritos de 1887, já se notava em Freud questionamentos do que se fazer com os heroínômanos:

O emprego da cocaína para alívio da abstinência da morfina resultou na má utilização da cocaína e deu aos médicos a oportunidade de observarem o novo quadro clínico da dependência crônica da cocaína.

Para Freud (1927)⁵⁶, “*se há escolha da droga, é porque esta aparece como um bem em condições de anestesiar o impossível a suportar da civilização*”.

Freud (1929, p. 95), em *O mal-estar na civilização*, evidenciou o elemento trágico que circunda a existência humana. É universal, para os seres falantes, a experiência de um estado no qual as garantias sobre a manutenção da própria vida ficam reduzidas às simples condições do acaso:

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução (...); do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens.

Em última análise, uma das possibilidades de atenuar essa condição de profundo desamparo citada pelo autor diz respeito à intoxicação química. Ainda que seja uma forma grosseira, revela-se relativamente eficaz no sentido de amortecer as preocupações da vida, que sempre tem como pano de fundo a consciência sobre o estado de abandono à própria sorte, que constitui o elemento mais concreto da experiência humana:

⁵⁶ Freud S. O futuro de uma ilusão. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974 (1927), v.XXI .p.16.

Os veículos intoxicantes usados na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça são tão altamente apreciados como um benefício, que tanto indivíduos quanto povos lhes concederam um lugar permanente na economia de sua libido. (p. 97).

O distanciamento do sujeito social do animal seria sua inserção no mundo por meio da ordem simbólica. Esta só está para o sujeito por intermédio do pai. Sua função é relevante para que o sujeito possa renunciar à satisfação pulsional e adentrar a civilização.

Assim, para os autores, citando Freud ⁵⁷, a toxicomania poderia ser uma forma de narcose da neurose (1927, p.182), ou seja, como apontam Alberti et al. (2003, p.38), citando Grossi (2000) ⁵⁸:

Ao invés de haver o caminho na formação do sintoma que faria um laço, vamos chamar, simbólico, através, por exemplo, de uma fobia, como no caso Hans, o sujeito faz o curto-circuito da droga.

Para vários autores (Melman, 1992; Santiago, 2001; Alberti et al., 2003), a toxicomania poderia substituir o sintoma.

Santiago (2001, p.154) acentua que “o recurso da droga instala-se como uma espécie de construção substantiva e auxiliar do sintoma, considerada na sua acepção mais clássica de retorno do recalçado”.

Para o autor, o discurso da ciência em nossa época questiona o lugar do pai e, por isso, hoje, cada um escolhe a sua forma de obter uma satisfação pulsional:

O que comanda para o toxicômano, o recurso à droga é seu apego à suposta função preventiva contra as exigências imperiosas do Outro sobre ele próprio. Trata-se na verdade, do valor de remédio que toma, para ele, esse produto da

⁵⁷ Freud S. Conferência XXIII - O caminho da formação dos sintomas. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974 (1916-7), v XVI, p. 419-40.

⁵⁸ Grossi FT, Nogueira SP. O social e as novas formas de sintoma: as toxicomanias. In Bentes L, & Gomes RF (org). *O brilho da infelicidade*. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria, 1998. p 91-8.

ciência, ainda que possa ser um veneno para outros.
(Santiago, 2001, p.187)

Alberti et al. (2003) consideram que nada impede que a toxicomania ande com a neurose. Ressaltam a possibilidade de que droga esteja relacionada ao pai, associando a religião com a toxicomania, como à estimulação, à droga e outros meios de satisfação de prazer.

Destacam a importância da droga na atualidade, referindo a Paskvan ⁵⁹ (1994: 69): “o toxicômano pode ser um objetor ao gozo universalizado da civilização” e citam, também, nessa mesma linha, Melman ⁶⁰ (1992, p.135): “Ele não goza da droga, mas do fato de desligar-se do gozo do Outro”.

Vários autores (Melman, 1992; Birman, 1999; Nogueira Filho, 1999; Santiago, 2001; Conte, 2003a; Alberti et al., 2003) têm apontado a importância da abordagem psicanalítica dos sujeitos afetados pelo uso compulsivo de substâncias psicoativas, desde o álcool até as drogas consideradas ilegais, como a maconha, a cocaína, o *crack*, entre outras.

Apesar das diferenças de conceitualização, na qual a toxicomania ora é considerada uma outra estrutura além das apontadas, como a psicose, a neurose e a perversão (Birman, 1999), ora um fenômeno que atinge a todas essas estruturas (Melman, 1992; Nogueira Filho, 1999; Santiago, 2001; Conte, 2003a; Alberti et al., 2003), todos são unânimes, com base nos pressupostos psicanalíticos, em apontar a importância de se resgatar o sujeito do inconsciente, em cada pessoa afetada, utilizando-se, assim, do ato analítico e da transferência para que um novo laço possa se estabelecer além daquele que ocorre com a droga.

⁵⁹ Paskvan E. *De la monotonía a la diversidad*. In *Pharmakon* no.2. Buenos Aires; 1994.

⁶⁰ Melman C. *Alcoholismo, delinquência, toxicomania: uma outra forma de gozar*. São Paulo: Escuta; 1992.

Santiago (2001) ressalta ser importante destacar que, ao final da castração, mediada pelo Nome-do-Pai, o sujeito possa ascender ao gozo fálico e, assim, por intermédio dessa função, possa “recortar” essa parte do corpo, como fonte de intensa satisfação. Dependente do desempenho dessa função que, no mundo contemporâneo, está em declínio, o sujeito vai poder ou não contrair um casamento com o gozo fálico em seu corpo.

Santiago (2001, p. 190) considera que, em torno dessa função, situa-se o real do corpo, muito presente nos sujeitos toxicômanos, a partir da adolescência, quando culmina a gestação do parceiro sexual que, via de regra, é adiada:

No centro da consideração lacaniana sobre a droga encontra-se esse impasse do casamento do homem com o falo. Com efeito o que suscita não é tanto Outro do significante, mas o Outro do outro sexo. O recurso imperioso ao produto é só um pretexto para fazer prevalecer a vontade de infidelidade diante dessa acomodação necessária ao gozo fálico, que o incomoda de modo especial, na medida em que não crê que esse possa agir, separando o gozo do corpo.

Conforme o autor citado, é muito importante o reconhecimento da relação da construção do parceiro sexual e a droga, segundo o sexo. Para os homens, a droga de escolha é utilizada para facilitar os encontros, e às mulheres tem uma função mais consoladora:

A fenomenologia clínica mostra a diferença aparente entre a impotência que afeta os primeiros e a multiplicação das aventuras das segundas. Investimento fálico em uma mulher, exercido pelo homem que atinge, nesse contexto, seu valor de gozo libidinal, é algo que o alcoolista não realiza. Avalia-se que nessas situações, o alcoolista não apenas inibe, mas também exclui a possibilidade de tal investimento, ou seja, se coloca mais aquém da função do desejo. A mulher, por sua vez, recusa-se a receber, do homem, esse investimento de valor fálico. Nos casos mais graves, seu corpo perde a condição de fonte de investimentos narcísicos, com que se personifica posição de ser o falo, e, muito antes disso torna-se algo que se entrega, algo sem valor, que qualquer um pode

pegar e, no momento seguinte deixar para lá. Em suma, a promiscuidade de uma equivale à impotência do outro. (Santiago, 2001, p. 192)

Por que alguns a usam até a exaustão, entregam-se nesse objeto droga, realizando um matrimônio feliz, segregando-se do todo? Se existe um casamento com qualquer que seja a droga de escolha, como engajá-lo na renúncia de sua forma particular de gozo? Como se pode fazê-lo entrar em contato com a castração e a angústia? Essas perguntas são levantadas pelo autor.

Kaufmann (1996) refere que o discurso da ciência sobre a toxicomania propiciou uma doença do corpo, interiorizada em uma base bioquímica, em um corpo fragmentado – o fígado, o cérebro, o coração, entre outros ligados à composição danosa da substância tóxica, seja ela alucinógena, estimulante, depressiva.

Para Santiago, trata-se de estratégias que visam apenas a fortalecer o ego, em que se busca uma terapêutica objetivando uma saída identificatória. Tal identificação é, por assim dizer, facilitada pelo eco presente no discurso científico sobre as substâncias estupefacientes:

O termo toxicomania foi forjado pelo mestre, mestre que personifica na figura do médico alienista do século XIX. Para a psicanálise esse termo tem um valor identificatório. Com efeito, esse significante pode tornar-se, para certos sujeitos, objetos de uma escolha. Ser toxicômano consiste, então, num recurso diante do impasse de uma neurose, ou, mesmo de uma psicose. (Santiago, 2001, p. 185)

Como lidar com esse sujeito que usa, abusa e vive um imperativo – *consume*?

Como tratar cada um como único, se o discurso sobre a toxicomania apresentado pela ciência insiste em tratá-lo da mesma maneira, a partir do referencial da droga? Ou pior, dentro de uma ótica que mantém a segregação – o conjunto dos que são dependentes químicos.

Dobon & Hurtado (1995, p. 167) acreditam que essas questões devem ser consideradas à luz da Psicanálise e apresentadas como uma importante diretriz para o engajamento ao tratamento não só dessas pessoas que se identificam a este significante em uma identificação massiva – *sou alcoólatra, sou drogado* ou *sou toxicômano* – como daqueles que se colocam fora, segregados pelo próprio discurso que os engendrou. Os autores citam Miller⁶¹, para qual o sujeito fica identificado a um significante, em posição de objeto e não de objeto causa, no intuito de dar consistência ao Outro, em uma modalidade particular de recuperação de gozo.

Segundo Nogueira Filho (1999), é preciso que, na abordagem da toxicomania, caminhe-se para desfazer a fantasmagoria que assombra o sujeito. O autor considera que o sujeito do desejo, mesmo submetido ao gozo da droga, é tratável pela palavra, por uma única razão: seja qual for a estrutura prévia – neurótica, psicótica ou perversa, seja qual for o índice de submissão à experiência toxicomaniaca, a estrutura desejante não está totalmente desmantelada. Para o autor, poderíamos vislumbrar a construção toxicomaniaca sobrepondo a construção borromeana do sujeito, proposta por Lacan anteriormente, conforme a seguinte esquematização:

⁶¹ Miller JA. Para una investigación sobre el goce autoerótico. In: *Sujeto, Goce y Modernidad: Fundamentos de la clínica, Toxicomanía y Alcoholismo*. Instituto del Campo Freudiano - Atuel. Buenos Aires: TyA; 1993.

Para o autor, esta construção topológica proposta, busca representar graficamente o estado de coisas que se passam na estrutura do sujeito. A formação à sua esquerda – reunindo o Real (R) e o Imaginário (I) – é a fantasmagoria resultante do encontro do corpo com a droga, deixando o sujeito do desejo à mercê do gozo da droga.

Nogueira Filho (1999) cita que essa fantasmagoria exhibe a mesma consistência do Imaginário (I) no que tange ao poder da certeza e do enunciado “*não quero saber nada disso*”. Com o adendo de que esta novidade nada deve ao Simbólico (S) e não leva em conta este, qualquer que seja a natureza de sua intermediação, na relação que o ser trava com o outro. O impulso, produto da droga, é acéfalo.

A formação à direita corresponde à estrutura, por assim dizer, original do sujeito proposta por Lacan (1975) em seu seminário sobre o RSI ⁶². O autor propõe que essa configuração não é, propriamente, desmantelada pela adição à droga, seja qual ela for, permanece obscurecida, enquanto o ser encontra-se submetido à repetição da experiência tóxica.

Isso significa que o papel deletério da droga não é irrestrito e que o sujeito do desejo está lá, pronto a falar, mas impossibilitado pela fantasmagoria discursiva que oblitera a subjetividade. Esta é uma perspectiva que permite pensar na diferença entre a proposta psicanalítica e as outras estratégias terapêuticas que visam à toxicomania na qual o sujeito é abolido e, assim, fica aderido a esse traço – ser toxicômano, como aludem Dobon & Hurtado (1995).

⁶²Lacan J. *O Seminário, livro 22: RSI*. Tradução não publicada; 1974[1975].

A abordagem de Redução de Danos - RD, dentro de uma ótica psicanalítica, ou seja, a Psicanálise Aplicada à Saúde Pública, em especial ao uso de drogas e à prevenção às DST/aids, poderia responder a essa particular questão.

Como lidar com a segregação dos abusadores ou crônicos que não querem nada com isso, que tomam uma posição de não querer saber de outros objetos ou de outro gozo que não seja este, o cínico? Acredita-se que, a partir da possibilidade de busca ativa desses sujeitos, onde eles estão, cria-se a possibilidade de engajá-los na transferência, por meio de um discurso onde o saber sobre a droga ou também sobre a prostituição, por exemplo, não seja evocado ou referendado.

Esse seria o desafio e um dos trabalhos mais árduos, tanto da clínica psicanalítica como daquelas instituições que se dispõem a atendê-los, conseguir um laço transferencial, dentro dos pressupostos psicanalíticos, em dispositivos de RD (Dobon & Hurtado, 1995, p. 259).

Abordar uma clínica da toxicomania com outros pressupostos, regidos por princípios éticos, como os propostos pela psicanálise (Dobon & Hurtado, 1995; Moutian, 2002) e, também, pelo PRD (Silveira, 2001; Conte, 2003b), nos quais a clínica promoveria um laço social para aqueles “usuários de drogas” marginalizados e que podem ser escutados, como sujeitos detentores de direito à saúde (Brasil, 2006), fugindo-se do discurso no qual o ser de referência é o indivíduo “enfermo”, dessubjetivado, em que a droga é o agente causador da doença ou o ser de referência é da ordem jurídica, e o indivíduo é um “delinquente” que necessita de dispositivos de atendimento por ter praticado um delito em vigência do uso.

O PRD estende-se desde as intervenções que enfocam o sujeito que faz uso contínuo, episódico, o não uso (abstinência) ou o uso excessivo (overdose) de drogas

ou substância psicoativas (SPA) e tem como objetivo minorar os efeitos negativos decorrentes do uso de droga, buscando mudanças que devem ser estabelecidas entre o sujeito e seu objeto de consumo.

Para Silveira (2001), implantar o programa de troca de seringas (PTS) para UDIs pode ser estendido à clínica psicanalítica. O PRD é a única proposta na área da toxicomania que tem trabalhado com essa população marginalizada, pois, além da possibilidade de se fazer um laço, lá onde as estratégias convencionais não chegam, propõe uma modulação do gozo oriundo do ato em si.

Deslandes et al. (2002) enfatizam a importância de ações positivas, como a criação de laços, entre os UDI e os profissionais de saúde, pela promoção de “*uma interlocução face a face, que traz a informação encompassada de afeto*”.

Fonseca et al. (2007) estudaram 45 dos 143 PRD existentes no País e revelam que, apesar de carências estruturais (falta de insumos e capacitação, fragilidade e descontinuidade dos programas governamentais/SUS, entre outros), constataram uma importante aderência dos UDI aos PTS, e consequente mudança no padrão da epidemia entre esse público.

Conforme Silveira (2001), essa modalidade de ação atinge diretamente a questão que, muitas vezes, é relegada, ou seja, o modo particular de gozo, pelo viés do sujeito que precisa decidir se a seringa vai ou não ser trocada, precisa decidir se vai ou não cuidar de si. Enfim, decidir por um ato, início de uma nova série de identificações. A autora cita Viganò⁶³ que aponta a necessidade de sistematizar um dos passos mais importantes para o PRD: “*colocar o sujeito a trabalho, registrar seus movimentos, recolher as passagens subjetivas que contam, para que o analista*

⁶³ Viganò C. A construção do caso clínico. *Curinga*. 1999; 13: 50-59.

esteja disposto a ouvir a palavra, quando esta vier” (1999, p. 56). O caso será construído *a posteriori*, quando poderemos, depois do ato, saber se uma intervenção foi ou não bem empregada.

Ao oferecer a possibilidade de troca entre a seringa "suja" pela "limpa", algo mais se estabelece que uma simples troca de objetos, há um apontamento claro sobre uma mudança no comportamento do sujeito, mudança esta que não é discutida e não o demove de sua práxis, mas que é uma proposta em ato. Para a autora, notar essa mudança e apontá-la pode, entre outros atos, promover o laço entre a equipe, os redutores e usuários e trazer efeitos simbólicos para o sujeito.

Para uma abordagem psicanalítica, seria necessária uma retificação subjetiva para poder propiciar uma nova relação do sujeito com sua satisfação. Para que isso ocorra, um primeiro passo seria fazer vacilar, retificar algo desta “culpa genérica”, silenciosa, coberta pela nomeação *"sou toxicômano"*, fazendo emergir o sujeito que está recoberto por essa identificação.

Na busca de descompletar o sentido, por meio do ato e da linguagem poderia advir o desejo, assim como ser vislumbrada a estrutura envolvida em sua toxicomania e em sua relação com o Outro na transferência com o terapeuta e equipe.

Para Pacheco (2007, p.55), pensar na questão da mulher e da toxicomania ajuda a elucidar o lugar da droga para as mulheres, que pode ter uma função diferente do homem. Ela pode ser usada no sentido de ajudar a realizar o casamento com o falo, pela via da mascarada ou da histérica:

Nos casos de utilização de drogas para emagrecer, moldando-se ao falo magro, supostamente desejado pelo homem ou nos casos em que a mulher "vai no embalo" do parceiro usuário para não decepcioná-lo. (...) aquele em que o uso da droga aparece como suplência ao divórcio com o falo, gerado pela queda da máscara, do lugar que se supunha ocupar para o

Outro. A perda do amor, o abandono, a identificação com "alguma coisa ausente" parece se revelar naquilo que se apresenta nas pesquisas como tentativa de anular a dor, nem que seja pela via da morte.

A autora relata um caso sobre uma jovem que havia se tornado prostituta, cumprindo *“o destino oracular que a demanda materna e o zelo paterno anunciavam: deitar-se com qualquer homem em troca de dinheiro”*. Essa jovem colocava-se em outras situações complexas, onde o uso abusivo de inúmeras drogas, até mesmo em uma tentativa de suicídio, explicitava a relação com o Outro e o sintoma - devastação.

Pacheco nos remete à questão proposta por Lacan, sobre o que é um sintoma para uma mulher, algo pior que uma devastação, também apontada por Coelho dos Santos (2002) e Soler (2005).

Para Soler:

A devastação propriamente dita me parece bem distinta da simples reivindicação fálica. Não a exclui, aliás, e pode também combinar-se com ela, mas é diferente. É notável que Lacan, empregue o mesmo termo, devastação, para qualificar a relação mãe-filha. Freud, por sua vez, havia reconhecido a ladainha de censuras que a filha é capaz de endereçar à mãe e que lhe pareciam muito enigmáticas, antes de ele as reunir todas, finalmente, na simples idéia de inveja do pênis. Mas, além dessa dimensão reivindicatória, não haverá nisso a solicitação de que a mãe revel o segredo supremo? Não apenas do ágalma feminino, sempre fálico, mas do gozo que ex-site, mas que o Outro não conhece, e, pelo qual, portanto, consequentemente a mulher apela para o Outro?(...) Coube a Lacan havê-la completado com o termo “devastação”, que designa, essencialmente, fenômenos de outro tipo: nada além dos efeitos pantemáticos que o gozo outro introduz no sujeito, e que se desdobram e se dividem entre a abolição subjetiva e absolutização correlativa do Outro. (Soler, 2005, p.186)

Coelho dos Santos (2002, p.163) afirma que a clínica também se diferencia em relação ao modo de gozo, que é “*consequência de uma estrutura opositiva: ter ou não ter*”:

Do ponto de vista do homem, a mulher é incompleta, não-toda, inferior, não confiável, privada, insatisfeita e volúvel. Ela costuma marcar-se de todas as insígnias de insuficiência, como se portá-las tivesse a virtude de intensificar o caráter da feminilidade. A mulher verdadeira é a mulher pobre. Exaltada pelos traços de falta, seu contrário, não tem valor senão pelo excesso, muito rica, muito inflexível, muito potente. A mulher excessiva é sem identidade. Ela vai sempre muito longe, não encontra a sua unidade senão por meio do homem, seu parceiro-sintoma. Essa oposição se traduz no plano do caráter. O sexo masculino se identifica com os traços de completude, equilíbrio, unidade, uniformidade. Ele é agressor e protetor. O sexo masculino é dominado pela racionalidade e pelo idealismo.

Essa estrutura impõe que ao nível de objeto, uma mulher seja para um homem um objeto fetiche. Nesse mesmo nível um homem é para uma mulher um objeto erotômato. Ele visa um elemento fixo, que pelo seu caráter de unidade, de permanência, de uniformidade, pode ser encontrado no corpo de diferentes mulheres. Ela visa o ser, mais além de ter ou não ter. O amor feminino é louco, sem limites, intrépido. Ela é para ele, um parceiro-sintoma finito. Ele é para ela, um sintoma-parceiro devastador.

Na devastação podem ser exemplificados os casos famosos de histéricas cujo gozo era modulado pelo amor que, uma vez perdido, resulta em uma sintomatologia clássica, como a de Camille Claudel e a da tragédia de Medeia. A primeira, que se entrega a um homem, em especial, Rodin e, depois, ao ser por ele rejeitada, desengancha sua vida artística e destrói todas as suas obras de arte, vindo a se intoxicar e morrer em um asilo para loucos. E a segunda, após a separação, e, como revela a tragédia, mata os seus filhos, na tentativa de excluir o que ainda a ata a Jasão e feri-lo naquilo que representa para ele o objeto *a*.

Para Brunner (2008, p.89), a devastação, de acordo com Miller (1998) ⁶⁴, a metáfora paterna – por meio da qual Lacan transcreveu o complexo de Édipo freudiano –, não significa apenas que o Nome-do-Pai deve reprimir o desejo materno, “submetendo-o ao cabresto da lei”. Ela remete, também, “a uma divisão do desejo a qual impõe, nessa ordem do desejo, que o objeto criança não seja tudo para o sujeito materno”, o que significa a existência de uma condição de não-tudo, que o desejo materno deve ser orientado para um homem e ser por ele atraído. É a partir desse viés, que impõe essa divisão do desejo, no caso, levada ao extremo e certamente pelo horror, que o autor recorre à tragédia de Medeia para ilustrar que o amor materno “não se sustenta na reverência à pura lei do desejo, ou que só se sustenta nele se uma mulher, enquanto mãe, permanecer para um homem, a causa de seu desejo”; assim é que quando Jasão vai embora, Medeia deixa de estar em tal posição.

Para Tarrab (2001), na vida da mulher, a devastação só poderá ser resgatada pela via do semblante, do amor, aquela que visa ao sujeito. A saída para a toxicomania na mulher seria pelo amor; e para o homem, a do sintoma.

Esta é a aposta da proposta para aquelas que se colocam como falo, sem sê-lo, as mascaradas. É importante que o sintoma, visto pela vertente do Real, assim como propõe Lacan (2007), um *sinthoma*, possa dentro da clínica ser ressituated, ser vislumbrado como aquele que se apresenta como o quarto anel do nó borromeano e que pode, assim, enodar os três campos: Real, Simbólico e Imaginário (RSI), propiciando uma nova amarração sintomática. Na contemporaneidade, necessitaria ter o analista no lugar de um parceiro desse *sinthoma* e introduzir um novo sentido,

⁶⁴ Miller JA. A criança entre a mulher e a mãe. *Opção Lacaniana*. 1998; 2: 7-12.

não pelo sentido da decifração como proposto por Freud, mas na aposta do que não tem de sentido (Tarrab, 2004).

Para o autor, é preciso produzir um corte em seu funcionamento para que, aquilo que se realiza como gozo, enrede-se nos poucos fiapos de gozo-sentido, oferecendo uma nova orientação a este gozo opaco presente tanto na anorexia, na intoxicação, na síndrome do pânico ou na síndrome de *Otaku*.

Não há deciframento do sentido inconsciente da boca fechada, do vômito ou da operação toxicômana. É preciso alterar seu funcionamento numa operação que está mais próxima do Pai traumático que do Pai simbólico. A partir disso, o gozo deslizará por uma metonímia que o fará tomar outro sentido. Não o sentido-significação, mas o sentido enquanto uma nova orientação para este gozo. Não se trata de fazer um elogio ao *jouis'sens*, nem de restaurar o Pai. Trata-se de alguns de seus usos possíveis.

O autor cita Lacan (2003) ⁶⁵, em *Televisão*, para apontar a necessidade de abarcar no discurso do sujeito o lugar que ocupa o Outro, como ponto de apoio para a relação de limitação do descompasso: "No desatino de nosso gozo só há o Outro para situá-lo [...]"

⁶⁵ Lacan J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2003. p. 533.

1.4.3 A psicanálise e a aplicabilidade na clínica psicossocial e na Saúde Pública:

Quinet (2005) refere que, para além da histeria como patologia, Freud identificou a histeria como uma arquitetura, aproximando-a do dito “normal”. Para o autor, Lacan compara o sujeito histérico à bela alma hegeliana que se queixa da desordem do mundo, como se não tivesse nada com isso e faz da histeria uma maneira especial de desejar:

O histérico é o que mais demonstra que o desejo inconsciente é o desejo do Outro, pois não deseja sem desejar o desejo do Outro no qual o próprio desejo está amarrado, moldado e dirigido... Estabelece aquilo que seria a pergunta histérica por excelência: O que é ser mulher? Sou capaz de procriar? Sou homem ou mulher? Eis o histérico: um sujeito dividido em relação ao sexo. Quanto ao gênero, propõe que o histérico, seja homem ou mulher, “*banca o homem*”, a mulher histérica, em sua versão do pênis (*Penisneid*) goza da privação. A respeito do Édipo, Lacan afirma que o arcabouço do inconsciente do sujeito histérico é “*seu amor por seu pai*”. (Quinet, 2005, p. 105)

Para o autor, a grande contribuição de Lacan para o conceito sobre a histeria é “considerá-la uma das formas de relacionamento humano, ou seja, um tipo de laço social, um discurso que ele designa como fazer desejar, a ser colocado ao lado de outros como governar e psicanalizar”.

Assim, pode-se pensar, a despeito das tentativas de se patologizar essa característica de “mascarada”, relacionada à prostituição, o que se encontra são jovens em busca de seu lugar na sociedade, da forma como elas puderam conceber, nos moldes do desejo do Outro.

São jovens que buscam uma identidade e essa atividade lhes garante o necessário, nessas trajetórias marcadas por seu “destino”, o de provedoras de suas famílias e filhos.

Assim, pensar na proposta de aplicar a psicanálise à Saúde Pública passa por fazer com que essas jovens mulheres possam ressignificar essa trajetória, livres do estigma que seus “sintomas” lhes atribuíram e poder ressituar esse “obscuro desejo” do Outro.

O desafio é poder não decifrá-los em seus meandros, mas respeitar as marcas impostas pelos mesmos, em seu estilo de ser no mundo. Os sintomas apresentados fazem ou fizeram laços que não devem ser tidos como empecilhos, como a comercialização do corpo ou o consumo de drogas.

A feminilidade e sua sintomatologia histérica andam juntas, e a própria condição de ser mãe responde esta transformação na adolescência.

Pode-se pensar que, essas jovens, terão de equacionar criativamente esse enigma, pela via do ser mãe e ter que fazer algo para sustentar os filhos, do que pela a via do “ser garota de programa” ou “ser alcoólatra” ou “ser drogada”.

Assim, é possível pensar que, antes de mais nada, é importante restituir a dimensão do sujeito da fala, ainda mais da fala do sujeito que se engendra como mulher.

Não se pode deixar de ressaltar que a mulher, na figura da histérica, assim como o sujeito do inconsciente, foi abolido do discurso presente em nossa sociedade, até mesmo dos próprios discursos *Psi* que não reconhecem mais a sintomatologia da Histeria hoje e a função desse discurso que faz laço – o discurso do próprio

inconsciente. Para Quinet (2005, p. 107), são discursos aderidos ao enunciado: *“Histeria nunca mais”*.

Para o autor, essa transformação é um processo que pode ser localizado desde a criação do DSM (Diagnostic and Statistic Manual of Mental Disorders), em 1952, pela Associação Psiquiátrica norte-americana, até a sua terceira revisão, em 1980, quando houve uma reclassificação que deixou a parte todas as considerações sobre a “causação” psíquica, visando a uma leitura ateórica, apolítica, a-histórica e adoutrinária.

Assim, a partir de 1992, a classificação internacional das doenças (CID-10) e o DSM-IV, em 1994, aboliram o termo neurose e histeria. Para o autor, isso decorre do aumento das pesquisas organicistas e das influências dos laboratórios de medicamentos dentro do discurso médico. Desse modo, conforme o autor, só os termos “transtornos dissociativos e somatoformes” são listados, erradicando-se não só a histeria como a própria subjetividade. Para o autor, a maior descoberta poética do fim do século XIX foi substituída hoje por especulações empíricas de pseudo-transtornos do corpo.

O entendimento da histeria como um laço social da sociedade atual foi forcluído do discurso científico, prejudicando a melhor visibilidade das novas sintomatologias e, conseqüentemente, sua escuta e manejo transferencial.

Scliar (2000) salienta o importante hiato que existe entre os diversos discursos que buscam o entendimento sobre o homem e que têm afastado o médico e todos os envolvidos de outras possibilidades discursivas – discursos presentes e presos entre duas culturas. Ele se baseia nos pressupostos de Charles Peirce Snow

(1959) ⁶⁶ sobre o conceito de duas culturas, na linha tênue entre saúde e doença do corpo.

Para o sujeito clivado, como postula a abordagem psicanalítica, o dizer, a fala, é o ponto de ancoragem para a ressignificação de fatos imaginados e sentidos, do real que está fora da linguagem, uma vez dito, pode ser vivido com um outro vetor de gozo, além do gozo fálico, além do próprio sintoma.

Ao propor a apresentação de histórias, buscando o exercício da linguagem, abriu-se a possibilidade de que cada uma pudesse construir, com base nos *insights*, o gozo do sentido, podendo, assim, nessa experiência singular, construir-se novamente, buscando outras identificações mais criativas a fim de transformar um pouco o sintoma - gozo do Outro -, em algo menos expresso no corpo, como o gozo fálico (linguagem e relação transferencial).

A possibilidade de fazer com que a cadeia significante flua, sob transferência, pode restituir ao sujeito do inconsciente a dimensão do seu desejo – outras possibilidades de anteparo ao gozo mortífero repetitivo, como no mito de Sísifo.

Como pontua Miller (2005), estamos vivenciando uma época de importantes transformações e muita velocidade. A clínica, do segundo Lacan, é aquela dos efeitos terapêuticos rápidos. O analista deve, antes de tudo, estar preparado para se colocar como o quarto elo, como o próprio sintoma, atando os três campos (RSI) apresentados pelo sujeito em sua linguagem, tanto corporal como escrita ou falada.

⁶⁶ Snow CP. *The Two Cultures and a Second Look*. London: Cambridge University Press; 1982. Segundo Scliar, Charles Peirce Snow, ao discursar em Cambridge, em 1959, sobre o “conceito de duas culturas”, refere que entre a cultura científica e a cultura literária existe um “*abismo de mútua incompreensão*”: os cientistas não se interessam por literatura, os literatos não entendem princípios científicos básicos, (Snow, 1982, p.5).

Mas o que importa não é tanto a modificação do sintoma, porém a implicação do sujeito com sua causação psíquica.

É importante que os espaços públicos de atenção, para além dos consultórios, sejam investidos dentro de uma ética do sujeito e não do sintoma, para que não fiquem presos a “próteses identificatórias”.

Como salienta Valadares (1999), é importante:

Reconhecer o sujeito implicado na configuração de sua experiência, como um sujeito que sabe da verdade de seu sofrimento, pode criar a possibilidade deste sujeito, pelo suporte transferencial na relação com outro, movimentar circuitos cristalizados no sintoma produzindo novos sentidos para a sua história e abrindo novos territórios existenciais. Por outro lado, sem a possibilidade de examinar as referidas transferências e projeções, pode o sujeito passar ao ato e agir em protestos, manifestando suas "re-voltas".

Assim, quando se propõe a aplicabilidade da psicanálise aos PRD, por exemplo, pode-se por meio de uma clínica social, no próprio campo, apresentar essa oportunidade: ouvir o sujeito, que ao contar e recontar a própria história, pode se interrogar e construir outros arranjos discursivos, na busca do seu próprio desejo, transformando seu *sinthoma*.

Seria possível propor, como sugere Guimarães (2005), em seu texto “a máscara da feminilidade”, que aqueles que as escutem possam, pelo manejo da transferência, sobretudo com aquelas que ainda estão decididas a viverem *essa vida* e, portanto, como histéricas, decididas em sua neurose, calcular uma certa “neutralidade”, ocupar o lugar do analista – *objeto a*. Mesmo nas situações em que se demande uma interpretação, o importante é manter a abstinência, ou seja, não decifrar o enigma proposto.

Assim, é possível que aquele que está encarnado no lugar do *sujeito suposto saber*, possa se colocar mais amistosamente e não encarnar a figura obscena do supereu. A autora aponta o texto de Lacan “*Subversão do sujeito*”⁶⁷, no qual afirma que uma “vacilação calculada” vale mais do que qualquer interpretação. Assim, é possível reduzir a potência do Outro que a transferência, em sua vertente imaginária, tende a fazer consistir, preservando para o Outro a dimensão imaginária de sua não dominação, de sua imperfeição necessária. Assim seria possível a escuta transformada em um ato analítico, produzindo um salto que possibilite à mulher a extração do gozo mortífero, para que, ao final da análise, possa aceder ao campo das paixões, não mais movida pela “*força compulsiva de um imperativo devastador, mas pelo desejo de fazer-se objeto causa do desejo masculino*”.

Assim, além da abordagem pelo PRD sob enfoque preventivo às DST/aids, o mesmo poderia ser aplicado para o abuso de drogas que costuma acompanhar, pela ótica da construção do feminino.

Conte (2003a, p.146), também, propõe, em relação à toxicomania, essa mesma tarefa analítica fundamental. A não exigência de abstinência, pela equipe, seja do uso de múltiplas drogas pelo UD, seja de sexo pelo profissional do sexo – PS, poderia garantir uma outra montagem transferencial, em que todos (os sujeitos e a equipe) estariam implicados no interior de uma destinação. Segundo o autor: “no lugar de puro gozo, introduzir uma referência ao outro e ao Outro, convidando o paciente a um compromisso no qual fica impedido simbolicamente de gozar livremente”.

⁶⁷ Lacan J. Subversão do Sujeito. In: Lacan J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1998.

A autora, em sua pesquisa, admite que, para que a clínica possa ser realizada, mesmo em espaços institucionalizados, onde vários atores são chamados, é necessário que exista um compromisso da análise dos impasses que cotidianamente implicam os movimentos resistenciais, tanto da equipe como dos próprios pacientes. Ela aponta algumas diretrizes importantes que devem ser norteadoras do trabalho em equipe:

Localizar na transferência, qual a posição que cada membro da equipe de referência ocupa na relação com o paciente;

Que a direção do tratamento seja definida a partir de um programa terapêutico individualizado, o que exige um trabalho intenso com a equipe de referência, pois cada evolução de caso deve ser discutida frequentemente, no contexto dos principais aspectos a serem trabalhados com cada paciente;

Ter noção dos efeitos implicados na transferência em relação à produção de resistência e como intervir em ambas;

Articular a teoria da relação de objeto, sem produzir engessamentos de sentidos, que cristalizam ofertas de objetos ou de substituições, que obturem a falta novamente com alguma promessa de objeto único e exclusivo;

A análise pessoal de cada membro da equipe também é um requisito que se mostrou indispensável para sustentar as relações transferenciais com os pacientes e tornar viável um trabalho em equipe interdisciplinar. (Conte, 2003a, p.146-7)

Para que essa mudança estrutural ocorra, é necessário gerar novas práticas de saúde, nas quais haja maior integração das ações clínicas e de saúde coletiva. Mas a fim de que exista a organização de sistemas de saúde que conduzam à realização de novas práticas, é necessário, de forma concomitante, que se invista em uma nova política de formação e capacitação dos recursos humanos. Como salienta a proposta técnica da Secretaria de Políticas Públicas de Saúde (2000), um dos principais objetivos atuais para a Saúde Coletiva e Saúde Pública é refazer as estratégias e

mesmo a estrutura da assistência hoje praticada no Brasil, que é assistencialista, hospitalocêntrica e centrada no indivíduo e sua doença.

É importante que as equipes de suporte, sejam elas de saúde primária (PSF/PAC) ou outras que os atendam nos ambulatórios de especialidades, hospitais ou instituições assistenciais, valorizem a relação de trabalho multi e interdisciplinar e que, a partir dessa nova postura, possam buscar uma abordagem que estimulem uma permanente comunicação horizontal entre os saberes da equipe. A horizontalidade poderá contribuir para uma adequada avaliação das estruturas de atendimento prestadas e para que o próprio sujeito, amparado em uma escuta analítica, possa ser muito mais que um caso clínico e nortear seu projeto terapêutico dentro dos programas de prevenção, tratamento e reabilitação psicossocial como propostos na Lei Paulo Delgado (Brasil, 2001), nas regulamentações do Programa Nacional de DST/aids para os PRD (Brasil, 2001b), nas diretrizes para os serviços CAPS-AD (Brasil, 2004) e nas metas da UNGASS (2008).

Picasso ⁶⁸. *Les Femmes d'Alger (O. K. G.)*. 1907.

⁶⁸ Picasso P. *Les Femmes d'Alger*. 1907. New York. MOMA. Available from : <http://www.moma.org/collection/conservation/demoiselles/index.html>

2 – Objetivos

2.1 Objetivo Geral:

Pautado na escuta da experiência de vida de jovens que estão na prostituição, levantar pontos de reflexão que sirvam de base na criação de estratégias terapêuticas no âmbito da Saúde Pública e da Psicanálise que atendam eficazmente às suas necessidades.

2.2 Específicos:

Compreender o âmbito sociocultural que envolve essas jovens.

Especular as relações entre o contexto sociofamiliar e a escolha pela prostituição.

3– Metodologia

3.1 Abordagem Teórico – Metodológica

A pesquisa foi planejada para utilizar-se da metodologia qualitativa. Buscou-se como referência as indicações dadas por Minayo (1994), que propõe a pesquisa estratégica como ponto de ancoragem, sobretudo, para pesquisas dentro do contexto das ciências sociais aplicadas à saúde.

A autora ressalta a importância de se procurar um conhecimento mais profundo e reflexivo que possa oferecer pressupostos que auxiliem a construção de estratégias de intervenção condizentes com a realidade vivida:

A pesquisa estratégica baseia-se na teoria das ciências sociais, mas orienta-se por problemas que surgem na sociedade, ainda que não preveja soluções práticas para esses problemas. Ela tem a finalidade de lançar luz sobre determinados aspectos da realidade. Seus instrumentos são os da pesquisa básica, tanto em termos teóricos como metodológicos, mas sua finalidade é a ação. Essa modalidade é a mais apropriada para o conhecimento e avaliação de políticas e, segundo nosso ponto de vista, particularmente adequado para pesquisa em saúde.

Optou-se, assim, desde o início, em buscar as experiências de vida, ou seja, a *história oral de vida* das pessoas afetadas, para que estas pudessem orientar as estratégias que poderiam ser aplicadas.

Para Alberti, a história oral de vida é:

...um método de pesquisa histórica, antropológica, sociológica (...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos. (Alberti, 1989, p.52)

Assim, procurou-se privilegiar o acontecimento ⁶⁹, o momento da entrevista vivenciado, como um encontro singular e único entre a entrevistada e a pesquisadora, abrindo espaço para o discurso do sujeito, suportando as lacunas, as falhas de linguagem, os silêncios e as mudanças de assunto, podendo averiguar como esse determinado grupo de jovens interpretava sua experiência de vida e as relações que fazia com sua saúde e seu sofrimento.

Para Meihy (2000, p.62):

O sujeito primordial desse tipo de história oral é o depoente que tem maior liberdade para dissertar o mais livre possível sobre sua experiência pessoal. Nesse caso, deve se dado ao depoente espaço para que sua história seja encadeada segundo sua vontade. A experiência deve, desde logo, ser o alvo principal das histórias orais de vida, pois não se busca a verdade e sim a versão sobre a moral existencial.

Nessa proposta de pesquisa, entende-se que o centro do interesse é o próprio indivíduo e o encadeamento dos discursos na apresentação de sua história de vida.

O uso crescente da metodologia da história oral realiza-se sob a perspectiva de que, conhecendo a história do sujeito, contada por ele mesmo, será possível entender os significados que atribuiu ao processo de adoecimento e suas implicações na esfera da saúde, assim como outras questões pertinentes à pesquisa (Reinaldo et al., 2003).

Nessas circunstâncias, a pesquisa levou em conta três tipos de pressupostos:

1) O enfoque qualitativo, cujo objetivo fundamental é compreender a realidade humana vivida socialmente, com base no contexto do significado, que é

⁶⁹ Charaudeau P, Maingueneau D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto; 2006.

O termo **acontecimento discursivo**: Para os autores, o conceito apresentou-se em um texto datado de 1968, por Foucault, que assinalou ser conveniente, a partir de então, “restituir ao enunciado sua singularidade de acontecimento”, enunciado que não é mais simplesmente considerado como uma mobilização de uma estrutura lingüística (...), passando a ser tratado levando em conta a irrupção histórica.

dado e interpretado pelos próprios sujeitos, de seus valores e suas crenças, motivações e sentimentos, sendo, além disso, uma proposta que pode privilegiar aspectos como: a subjetividade, a relação do sujeito e o objeto da pesquisa;

2) A relação entre sujeito e pesquisador, a compreensão do contexto cultural, a relevância dos fenômenos, que é dada pelos significados que eles têm para o sujeito, balizada pelos pressupostos teóricos da psicanálise;

3) A busca, por meio da pesquisa, de uma aplicação prática à realidade encontrada, de modo a propor estratégias que visem a transformar a realidade em que se vive (Spink, 2000).

Com base nisso, a pesquisadora tornou-se parte integrante da pesquisa nos termos discutidos por Minayo (1994):

Ninguém hoje ousa negar a evidência de que toda a ciência é comprometida. Ela veicula interesses e visões de mundo historicamente construídas e se submete e resiste aos limites dados pelos esquemas de dominação vigente, portanto a visão de mundo do pesquisador e dos atores sociais que estão implicados em todo o processo de conhecimento desde a concepção do objeto até o resultado do trabalho. É uma condição de pesquisa que uma vez conhecida, assumida, pode ter como fruto a tentativa de objetivação do conhecimento.

Spink (2000, p.89) afirma que:

A reflexividade pessoal implica a reflexão sobre quem sou eu-pesquisador e, como meus interesses e valores incidem sobre o delineamento da pesquisa e sobre minhas interpretações. A *reflexividade funcional* volta-se para a comunidade e para a maneira como “quem somos” influi no processo de pesquisa e seus resultados.

Passou-se, assim, a buscar apreender o universo trazido pelas jovens, com base na própria vivência, como pesquisadora que tem seu referencial e prática profissional sustentados pela psicanálise e, por ser munícipe da cidade de Santo André-SP e funcionária pública na área da saúde pública, ter vivenciado desde cedo

momentos que contribuíram para a mudança de alguns paradigmas em relação ao enfrentamento das DST/aids, pela introdução da política de drogas e implantação do projeto de redução de danos – PRD, em 2002.

Pesquisar é um processo complexo, no qual o eu (do pesquisador) e de vários outros (as jovens, os colaboradores, entre outros) estão intimamente implicados, todos afetados pelo contexto social, político e cultural do meio onde todos estão inseridos.

Segundo Cruz Neto (1994, p.54):

Partindo da construção teórica do objeto de estudo, o campo torna-se um palco de manifestações de intersubjetividades e interações entre pesquisador e grupos estudados, propiciando a criação de novos conhecimentos.

Assim, a pesquisa pautou-se pelo referencial proposto por Spink (2000, p.91):

São três os cuidados éticos da pesquisa qualitativa: os consentimentos informados, a proteção do anonimato e o resguardo do uso abusivo do poder na relação entre pesquisador e participantes.

3.2 A amostra

Os sujeitos foram selecionados intencionalmente por deterem os atributos que o pesquisador pretendia investigar dentro do campo proposto.

A pesquisa iniciou-se sem um número prévio de casos, pois se buscou uma amostra que apresentasse casos suficientes para permitir a observação dos dados desejados e necessários, sem que fossem desprezadas as informações ímpares que também poderiam surgir e ser interpretadas.

Segundo Minayo (1994):

1. Os sujeitos devem ser selecionados intencionalmente por deterem os atributos que o pesquisador pretende investigar;
2. A amostra deve delinear o quadro empírico da pesquisa.

Os critérios para as entrevistas foram:

Ser do sexo feminino;

Ter entre 18 e 25 anos de idade;

Viver da prostituição em boates de Santo André;

Concordar em gravar a entrevista; e

Concordar e assinar o Termo de Esclarecimento Livre e Consentido - TCLE⁷⁰. (Anexo1)

Desse modo, dez jovens do sexo feminino, entre 19 e 25 anos, foram entrevistadas, oriundas de três boates diferentes e distantes entre si.

⁷⁰ Conforme a resolução nº 196 do Conselho Nacional de Saúde, de outubro de 1996, que regulamenta a pesquisa em saúde e os princípios éticos. Acesso em: 10 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://ensp.fiocruz.br/etica/Arq/resolu.htm>.

Eram casos que detinham muitas informações sobre o assunto e começaram a se tornar recorrentes, apontando para uma saturação da amostra. Quando o pesquisador, ao pré-avaliar as entrevistas, observa que as narrativas ou os testemunhos começam a se repetir e poucas novas informações são acrescentadas, conforme apontam Turato (2003) e Thompson (2002), as entrevistas podem ser interrompidas.

Segundo Fontanella et al. (2008), em se tratando de uma pesquisa qualitativa, em que se deseja saber a relação doença e saúde sob a perspectiva do sujeito, esse princípio da saturação também corresponderia à investigação da dinâmica transferencial entre um entrevistador/entrevistado.

Segundo os autores:

O fechamento da amostra resulta de um balanço que o pesquisador faz sobre valorizar, no conjunto das informações obtidas, as diferenças ou, em contraposição, o que se repete. Isso leva à reflexão sobre a relação indivíduo-grupo e sobre qual desses aspectos a abordagem teórica do pesquisador privilegia. (Fontanella et al., 2008, p. 23).

Levando em conta tanto os objetivos propostos como a própria construção das narrativas pelo entrevistado à entrevistadora, considerando os pressupostos da psicanálise, acredita-se que a amostra estudada está saturada e adequada para as inferências teóricas propostas.

3.3 A entrevista e o roteiro

A entrevista adotada respeitou a apresentação das questões das entrevistadas, inicialmente encadeadas por elas próprias, facilitando a compreensão do universo da prostituição sob o olhar que elas tinham de si (Castro, 2004).

Buscava-se conhecer a respeito da entrada na prostituição, a situação familiar, a possibilidade de violência doméstica, o uso atual ou pregresso de substâncias psicoativas, o cuidado com a saúde e o ideário sobre as DST/aids, porém desejava-se saber como essas questões seriam trazidas no encadeamento do discurso das entrevistadas. Assim, os temas seriam apenas parte de um roteiro que seria seguido, porém, antes, seria observado se emergiriam espontaneamente no discurso. Os temas do roteiro seriam propostos, em perguntas abertas, caso não houvessem aparecido na entrevista e se as entrevistadas concordassem em sua abordagem.

A entrevista realizada com essa metodologia buscava possibilitar a expressão das vivências pelo ponto de vista das entrevistadas, além de ser uma entrevista mais amistosa para as mesmas pela aproximação de uma conversa coloquial, a fim de facilitar a comunicação. Desejava-se que a entrevista, inicialmente, desse abertura para a construção de uma narrativa própria, após a primeira pergunta aberta na qual a jovem era convidada a contar sua vida, desde a infância até hoje e os aspectos que considerava importante relatar.

Assim, vislumbrava-se a possibilidade de que houvesse o transbordamento do inconsciente e a possibilidade de uma escuta mais apurada do encadeamento das ideias sobre suas vidas, abrindo a possibilidade de dizerem de si uma nova história,

implicando aí um rearranjo, tanto do imaginado como daquilo que já havia sido dito ou vivenciado. Depois que elas tivessem relatado sua vida ou interrompido a narrativa, seriam convidadas a falar a respeito dos aspectos que estavam ausentes nos temas do roteiro.

3.4. Início da pesquisa

A pesquisadora esteve como *observadora participante*, entre dezembro de 2005 e dezembro de 2006, em alguns momentos específicos na observação direta tanto da área de prostituição da cidade, onde existem inúmeras boates que funcionam como verdadeiros bordéis, como do mapeamento de mulheres jovens que transitavam pela rua.

As informações sobre o público-alvo foram levantadas por meio de contatos com mulheres que faziam programas na rua, nas imediações da Rua Coqueiros e da Av. D. Pedro II, em Santo André.

No entanto, havia muita dificuldade de estabelecer contato com essas mulheres pelas dificuldades inerentes à prostituição de rua, como a persecutoriedade e horário de atividades (noite). Decidiu-se procurar as jovens que viviam nas boates por meio de convite de pessoas que conviviam com elas, dentro e fora desses espaços.

As boates foram pesquisadas nas propagandas de jornais e sites na internet, pois algumas divulgavam suas atividades com frequência ⁷¹.

Optou-se por buscar pessoas que pudessem colaborar com a procura desse público em outros contextos e colaborar com o estudo do campo - *o informante-chave* (OMS/WHO, 1994).

Pela dificuldade de conseguir jovens que se prostituíam na rua dispostas a darem entrevistas, essas foram buscadas apenas dentro das boates da cidade, onde o

⁷¹ Nos sites de acompanhantes, há uma grande divulgação dessas boates que funcionam como fórum de homens. Disponível em: <http://www.gpguia.net/phpbb/phpbb2/index.php>

contato foi efetivado por meio das quatro informantes-chave: uma cabeleireira, uma psicóloga e duas gerentes.

No início, foi convidada uma cabeleireira que atuava em um salão próximo a uma das boates no centro da cidade para que participasse da pesquisa, pois essa referiu que muitas jovens buscavam seus serviços no salão de beleza. Assim, foi orientada para fazer contato com a pesquisadora logo que tivesse uma candidata que preenchesse os critérios selecionados e aceitasse participar da entrevista.

A segunda informante, moradora do Bairro Campestre, psicóloga que se interessava pelo problema e morava próximo à segunda boate, apresentou a primeira gerente, além de ter colaborado com o estudo do campo para a abordagem de outras mulheres jovens que estavam nas ruas onde, inicialmente, foi feito o mapeamento.

É importante frisar que, desde o começo, procurou-se encontrar na rua as jovens que faziam programa dentro e fora de boates e que transitavam pelas imediações das ruas principais de prostituição.

Acredita-se ser importante conhecer o contexto de vida dessas jovens e a memória que têm dos fatos, como proposto por Bosi (1994), que estudou a memória de velhos, porém, o contato foi muito precário e persecutório para elas. As jovens, geralmente, davam telefones errados (duas jovens) ou negavam a entrevista, quando era feito o contato telefônico (duas jovens).

Assim, a partir do convite feito para a primeira entrevistada (E1), esta apresentou outra jovem (E2), sendo assim entrevistadas duas jovens da primeira boate - B1 -, uma na Faculdade de Medicina do ABC e a outra em um shopping da cidade.

Depois do contato inicial realizado com a gerente da segunda boate, após visitas observacionais no Bairro Campestre, foi possível entrevistar a terceira jovem (E3) que indicou outra jovem (E4). As duas foram entrevistadas em local e horário previamente combinado com elas e com a gerente, na sede da boate, durante o dia, enquanto o estabelecimento estava fechado.

A gerente da segunda boate (B2) apresentou a gerente da terceira boate (B3), que já havia sido contatada meses antes e negado as entrevistas. Nesse local, foram entrevistadas seis jovens, seguindo o mesmo procedimento, em uma sala que era utilizada pela gerência, sem contato com o público e no início do horário de funcionamento, que era às 10 horas da manhã. Inicialmente, foi marcada uma entrevista com três jovens dessa casa, porém outras três jovens souberam que outras jovens estavam em entrevista e pediram para serem entrevistadas.

Todas foram previamente esclarecidas a respeito da pesquisa e da necessidade do consentimento e assinatura do documento intitulado “Termo de Esclarecimento Livre e Consentido”- TCLE (anexo A).

As entrevistas duraram de 30 a 80 minutos, foram gravadas em fita-cassete (E1, E2) e as demais em gravação digital. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas para depois serem analisadas. Para a análise, levaram-se em conta, também, as observações de campo realizadas pela pesquisadora e as informações obtidas com as informantes-chave e com as duas gerentes das boates.

3.5 Caracterização da população estudada

As jovens que trabalham na prostituição nas inúmeras boates da região fazem-no de maneira secreta. São pessoas diferenciadas das que vivem na rua, com maior nível de escolaridade e não desejam ser reconhecidas como profissionais do sexo, pois acreditam que, por estarem em espaços fechados, ficarão mais protegidas.

Em geral, acertam com os gerentes sua entrada e “trabalham” segundo as regras de cada casa, e estas podem ser mais ou menos flexíveis.

O fluxo de jovens dentro dessas boates é intenso, e dificilmente as mesmas jovens serão encontradas no local por longos períodos. Essa prática constitui-se em uma das estratégias para não serem reconhecidas e, também, pelo fato de que elas acabam não tolerando a exploração existente em muitas das casas que se destinam a esse fim. Em algumas delas, recebem pelo pagamento diretamente das mãos dos clientes, em dinheiro, porém, em outras, consideradas “mais rígidas”, recebem da mão do proprietário, quinzenalmente, após o desconto de alimentação, multas por atraso, faltas, entre outras sanções.

3.6 Caracterização do Campo de Estudo

A Prostituição na cidade de Santo André

As jovens entram na prostituição em diversas partes da cidade, podendo isso ocorrer de forma mais ou menos velada, mas, o que interessa, nesse momento, é o caminho até um ponto que é notório na comunidade – as imediações da Avenida Industrial.

A artéria, localizada no centro da cidade, está situada em um bolsão entre a prosperidade, visto que se acha próxima de dois bairros importantes da cidade (Bairro Campestre e Jardim). A prostituição, algo visível pelos moradores da cidade que se deslocam para São Caetano ou à Universidade do ABC (UNIABC), é amplamente noticiada em matérias do Jornal Diário do Grande ABC (Angrimani, 2003).

Nos últimos anos, todas as reportagens citadas pelo jornal local apontam, invariavelmente, para questões de criminalidade, prostituição, violência e morte prematura. Existem várias notícias específicas relativas às drogas, como porte, tráfico e morte entre trabalhadoras do sexo e travestis que vivem nessas imediações.

A Avenida Industrial ainda é um grande corredor de várias empresas falidas, em inventário, havendo nela muitos prédios totalmente abandonados que são ocupados por populações marginalizadas. É, portanto, uma zona de descontinuidade, onde havia barracos que eram frequentados ou serviam de moradia para adolescentes e adultos.

Nessa área, na última década, houve uma urbanização expressiva, pois era predominantemente industrial, com grandes empresas como, por exemplo, a Black & Decker - General Eletric – GE, que ficava na área central. Elas foram parcialmente substituídas por ampla área comercial e de prestação de serviços, transformando-se em um supermercado de um grande grupo – Extra, um shopping (ABC PLAZA), dois hotéis (Ibis/Mercury) e um parque público (Celso Daniel).

Após o êxodo das empresas da área industrial, o projeto de urbanização trouxe importante melhoria, sobretudo ao parque e adjacências da avenida Industrial, onde houve um importante empobrecimento local, em razão da descontinuidade da área pela venda ou invasão das empresas que ficaram abandonadas, em processo de falência, conseqüentes à mudança geral do perfil econômico da cidade.

O parque, ainda hoje, apesar de várias ações, como a reforma, abertura por 24 horas e uso de um sistema de monitoramento por rede de câmeras, é ainda utilizado, embora com menos frequência, por adolescentes e adultos jovens para programas ou por qualquer outro interessado no consumo de drogas. A prostituição ocorre em diversos bairros (Campestre e Jardim), onde se encontra um polo de serviços, como: boates, clínicas clandestinas e bares, além da oferta de programas nas imediações da rodoviária, rua dos Coqueiros, até a rua das Figueiras, onde se realiza o “*footing*” da cidade.

Assim, a avenida Industrial e a avenida D. Pedro, que margeiam esses bairros, unem-se até onde, em outras décadas, era realizada a prostituição de rua, na região central. Hoje, ali, funcionam as três boates pesquisadas. Entre essas avenidas, há um longo corredor de fluxo de carros, com vários “paredões”, com muitos “*drive-in*”, sendo os locais preferidos por travestis e transexuais, como as imediações da

Cooperativa do ABC/Campestre. Até alguns anos atrás, a prostituição estava mais próxima à estação de trem de Santo André, cuja área estava mais deteriorada e com pouca iluminação. Durante o trabalho de campo para as entrevistas, o “*trottoir*”⁷² não se encontrava mais no começo da avenida, mas no seu final, e estava sendo paulatinamente distribuído pelas ruas que interligam essa avenida à avenida D. Pedro II, à rua Marina, à rua Coqueiros.

Os moradores dos bairros Campestre e Jardim, de classe média, começaram a se organizar para a retirada da prostituição do local, porém ainda há muita gente que circula em todas as horas do dia, especialmente depois das 16 horas, quando o movimento fica mais expressivo nesses locais.

O aumento do fluxo de carros é visível mesmo depois de passada a hora do “*rush*”, evidentemente, nas imediações da Avenida Industrial e outras, iniciando-se, assim, as “atividades da noite” – que não têm hora para começar e acabar — nos inúmeros bares e boates, onde se concentra um maior número de trabalhadores do sexo, travestis, adultos e, por vezes, adolescentes. Desse modo, desconhece-se o número oficial das pessoas envolvidas com o comércio sexual.

Desde o início da implantação do PRD, em 2002, através do trabalho inicializado em parceria com a União Europeia, implantado em 2002⁷³, várias

⁷² Ferreira ABH. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira;1988. *Trottoir/Trotuar* - É uma palavra francesa que pode ser traduzida como uma modalidade de prostituição feita na rua, na qual as mulheres ficam circulando, em busca de aliciar fregueses.

⁷³ Foi aprovado em 1998 um projeto, pela prefeitura local, em parceria com a União Européia. URB-AL, de autoria da pesquisadora, dentro da rede 1 - Drogas e cidade/URB-AL. Sub Projeto: R1-P12-98. *Redução de Danos em mulheres dependentes e seus familiares 1998-2004*. Acesso em: 18 maio 2006. Disponível em: http://base.centrourbal.com/urbal/documentos/r1p798aifspa_20062201547_r1p798aifpor.doc.

notícias foram apresentadas, sendo a mais recente a da “cracolândia”, conforme informações do serviço público ⁷⁴ (Ribeiro, 2008).

Em relação ao horário de funcionamento das casas onde foi feita a pesquisa, as atividades iniciavam-se, na primeira boate, às 14 horas e seguiam abertas até às 5 horas da manhã, tendo os domingos livres. Nas segunda e terceira boates, começavam às 10 horas e terminavam às 2 horas da manhã, de terça a domingo. As mulheres poderiam comparecer em turnos de 6 até 8 horas diárias, e em duas delas ficavam à disposição, para que as jovens, inclusive, vivessem nelas, não necessitando regressar para suas casas.

Como existe um número expressivo de estabelecimentos, alguns sem qualquer identificação, a amplitude de horário pode ser compactuada com qualquer horário comercial e que atenda ao chamado da satisfação, ao contrário do que muita gente imagina, ou seja, que se trata de uma atividade exclusivamente noturna.

A região, em especial nas áreas próximas à Av. D. Pedro II, possui uma variedade enorme de estabelecimentos dirigidos a essa clientela, como casas de massagem, bares e pequenos hotéis “de virada”, que também são frequentados por adolescentes, embora isso se constitua crime. Dentro dessa constelação que é de difícil acesso, vê-se, portanto, a prostituição, sobretudo na transição dessa área para outras da vasta divisa que a região possui com algumas cidades, em especial alguns corredores de tráfego, como os de São Caetano do Sul e São Bernardo do Campo.

⁷⁴ O PRD local, segundo a coordenação de DST/aids municipal, vacinou cerca de 1200 profissionais do sexo contra a hepatite B.

4 - Análise de Dados

4.1 Procedimento para análise dos dados

As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, e a análise da história de cada sujeito foi feita em separado, dentro do universo temático, para que fosse possível ter acesso às diferenças singulares de cada uma, e para que todas juntas pudessem dar existência a um sentido, a história da prostituição dessas jovens, recorte de memórias, bem como adentrar no campo da Saúde Pública e das necessidades de todas essas jovens mulheres, sobretudo, no que diz respeito à dificuldade para com o corpo, advinda dessa vida secreta.

Para alcançar tal objetivo, primeiro utilizou-se uma leitura flutuante, intuitiva e exploratória, como propõe Bardin (1977). Em seguida, passou-se à leitura das transcrições no sentido de buscar a identificação dos temas emergentes que pudessem ter algum significado relevante às hipóteses que surgiram, desmembrando e organizando as questões, conforme os temas escolhidos.

Ao longo do processo, foram selecionadas algumas formações discursivas consideradas mais relevantes à investigação que formaram o *corpus*⁷⁵, servindo, como exemplo: o discurso que tinha de si e dos outros, do pai e da mãe, da violência, da prostituição e do uso de SPA.

A análise de conteúdo temática adquire seu valor na medida em que se apoia em determinado referencial teórico. Nesta pesquisa, o referencial baseou-se, além dos trabalhos existentes na Saúde Pública, no corpo teórico da Psicanálise.

⁷⁵ O *corpus* está apresentado no anexo B.

No levantamento de determinadas questões mais relevantes à pesquisa, surgiram algumas hipóteses sobre a estruturação da subjetividade de cada uma das jovens mulheres e a tomada de posição de cada uma perante seu corpo e si mesma e no que todas as histórias podem levar a refletir sobre a necessidade de uma estratégia de prevenção às DST/aids, a atenção à violência doméstica na infância/adolescência e abuso de drogas lícitas e ilícitas - SPA.

Pela riqueza tanto do contato transferencial como da produção de um discurso que em algumas partes assemelha-se à *associação livre*, buscou-se chegar mais perto do sujeito do inconsciente em uma análise temática e, também, do próprio discurso - a enunciação, como observa Bardin.

A análise temática é transversal, isto é, recorta o conjunto das entrevistas através de uma grelha de categorias projetada sobre os conteúdos. Não se tem em conta a dinâmica e a organização mas a frequência dos temas extraídos do conjunto dos discursos, considerados como dados segmentáveis e comparáveis. (Bardin, 1977, p.168.).

A importância da proposta advinda da *história oral de vida* encontra-se na abertura de um espaço de interlocução que, por si só, já se configura como uma interpretação, ou seja, na proposta de que cada um, ao contar sua história para alguém, tivesse uma chance de recontá-la e reinscrevê-la para *outro*, de outra forma. Como refere Teixeira (2005), o discurso dentro de um *acontecimento* pode criar uma motivação que o mova em busca do entendimento de sua própria história pessoal.

Thompson (2002, p.210) aponta que várias pesquisas foram conduzidas dentro da história oral, na busca do relato de vida contado pelo próprio entrevistado e, também, sobre a relação posterior obtida com os mesmos. Além de outras pesquisas que puderam ser realizadas subsidiando a criação de histórias de vida, como biografia ou, pela técnica das reminiscências, através das histórias lembradas

por pessoas idosas, a rememoração de lembranças passadas, desenvolvida por vários autores ligados à Associação Psiquiátrica Americana, entre eles Robert Butler, foram muito importante para os entrevistados⁷⁶.

O campo da história oral, empregado por diversas outras áreas como a de ciências sociais, da educação, da enfermagem, além da própria psicanálise, solidificou um campo de estudo, buscando-se assim, o uso dessa metodologia para fortalecer a comunicação e o emprego da linguagem como ferramenta de transformação pessoal.

Na metodologia história de vida, entre outros autores, Alberti (1989) e Meihy (2000) apontam que, muitas vezes, a apresentação, pelo pesquisado, de sua própria história de vida, abre-se uma possibilidade do “eu”, aqui entendido como aquele que pode contar suas memórias, um processo contínuo de negociação com a realidade, no qual a negociação identitária, entre os vários discursos presentes, entre a alteridade e o eu, na presença de uma testemunha ocular da cena o pesquisador, um alocutário⁷⁷, pode ser transformador.

A partir do encontro com profissionais que possam ouvir a apresentação encadeada pelo narrador (o pesquisado), o pesquisador que tenha o controle da técnica, pode conduzir os encontros e entrevistas com perguntas abertas sobre a temática, além de poder dar devolutivas que não interfiram na forma e conteúdo da história, buscando-se, assim, uma narrativa que seja a mais espontânea possível.

⁷⁶ Butler RN. The life review: an interpretation of reminiscence in the aged. *Psychiatry*. 1963;26:65-76.

⁷⁷ Alocutário: Destinatário da mensagem no discurso. É importante refletir a quem a mensagem se dirige. Designa-se uma posição simétrica ao enunciador, como parceiro no ato da troca verbal, ou aquele que se encontra no interior do processo de enunciação, co-enunciador. Várias propostas de distinção são feitas por diversos autores, de acordo com o ponto de vista teórico metodológico que defendem (Charaudeau & Maingueneau, 2006, p.155).

Assim, dentro dessa proposta, buscou-se casos que pudessem satisfazer ao que atribuímos o conceito de saturação, segundo Thompson (2000), buscou-se relatar o que uma parcela da população escolhida pudesse mostrar à reflexão sobre determinado tema.

A busca de como cada uma apreendeu e reproduziu em sua vida *o discurso de si* e do Outro, aqui entendido como representante do social, mas que, ao mesmo tempo, é uma função simbólica que produziu essas mesmas marcas, e se elas lhes causam dor, ou um sintoma a que o próprio Lacan (2005) chama de cadeias infinitas de significação ou *marcas do destino*.

Toda atividade de linguagem é um processo marcado pela inscrição do sujeito cuja fala é produzida por meio de um dado lugar social e tempo histórico. Nesse sentido, o sujeito situa seus discursos em relação aos discursos do outro - o destinatário, para o qual planeja e ajusta sua fala para *um outro*, por meio dos outros discursos já constituídos historicamente dos quais se apossa ou diante dos quais se posiciona contrariamente.

A “prostituição”, como uma palavra presa das diferentes significações, torna-se, assim, inevitavelmente, um assunto interdisciplinar, apontando para o grande desafio discursivo. É impossível falar desse assunto sem fazer referência aos vários campos ou perspectivas dos quais o podem abordar: religião, costume, moral, cultura, história, psicanálise, arte, entre outros.

Como refere Teixeira (2006), citando Bakhtin e Volochinov (1929)⁷⁸, a linguagem não abarca toda a verdade, ou seja, não pode ser dita toda:

⁷⁸ Para a autora, concordando com Bakhtin, em todo enunciado as palavras proferidas possuem duas faces: é determinada pelo fato de que procede de alguém e que se dirige para alguém, constituindo uma espécie de ponte entre locutor e interlocutor. Bakhtin M, Volochinov V. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec; 1929/1997.

(...) não há corte entre o *aqui e agora* (presente) e o *antes em outro lugar* (passado), eles estão entrelaçados no discurso, um impossível estando aí implicado, o que institui o *dito* e o *já-dito* numa incompletude que palavra nenhuma é capaz de deter (Teixeira, 2006, p. 184).

A palavra, portanto, é polissêmica, multifuncional, ressonante e capaz de instaurar uma outra realidade: “atrás do que diz um discurso, há o que ele quer dizer, e, atrás do que ele quer dizer, há ainda outro querer-dizer, e nada será nunca esgotado”, conforme salienta Lacan:

Há relações essenciais que nenhum discurso pode exprimir suficientemente, senão no que eu chamava há pouco de entrelinhas (...) O material significante, quer seja fonemático, hieroglífico etc., é constituído de formas destituídas do seu próprio sentido e retomadas numa organização nova através da qual um outro sentido encontra como se exprimir.

(Lacan, 1986, p.275)

Hoje assistimos a um deslocamento da existência do outro na história, de modo que a interpretação já faz parte da identificação e das transferências que organizam as relações sociais em redes significativas dentro da sociedade atual. Para Teixeira (2006), o enunciado é suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, deslocando-se discursivamente de seu sentido para derivar para outro.

A partir das entrevistas e do diário de campo, foi possível entrar em contato com outros universos além da investigação, não só das entrevistadas, mas de todas as diversas personalidades encontradas “*nessa vida*” tida como “*fácil*”, como aquelas que gerenciavam os locais, as garotas da rua, e o *feminino* também expresso nas marcas da prostituição das jovens e daqueles de sexo masculino, além de travestis e transexuais.

A análise dos discursos das entrevistadas, com cada singularidade, foi um exercício que diz respeito ao modo de se apresentar o feminino para cada uma, trajetória relatada para “*tornar-se mulher*”.

Cada ângulo desse universo remete a questão proposta por Lacan (1985), no seminário *Mais Ainda*, cuja construção da identidade apresentada pelas jovens não deve ser buscada, calcada no sexo biológico, mas no entendimento da forma de gozo assumida pelo sujeito, dentro da partilha sexual, conforme o quadro lógico proposto pelo autor, no qual se buscou responder à célebre questão, aberta por Freud: “o que quer uma mulher?”

5 – RESULTADOS

A partir da história que cada uma quis contar para a pesquisadora, as narrativas foram transcritas e compôs-se o *corpus* (Anexo B).

Os resultados foram apresentados em três partes. Na primeira parte, os que sintetizam o perfil socioeconômico das jovens entrevistadas, apresentados nos dados da Tabela 1. Na segunda parte, a síntese das histórias de vida. Na terceira parte, as categorias selecionadas para a análise, segundo a proposta de análise de conteúdo temática de Bardin (1977).

As categorias foram estabelecidas com base nos princípios de *repetição* e *relevância*, conforme preconizados por Turato:

Impõe-se, neste momento, segundo o critério de **repetição**, a investigação daquilo que cada um deles tem em comum com os outros, ou seja, constitui-se na atividade de distinguir, no caso pondo em destaque as colocações reincidentes, considerando todas as emergentes no discurso da pessoa. O outro critério, o da **relevância**, fugindo de uma certa ortodoxia da clássica análise de conteúdo, trata-se de considerar em destaque um ponto falado sem que necessariamente apresente certa repetição no conjunto do material coletado, mas que, na ótica do pesquisador, constitui-se de uma fala rica em conteúdo a confirmar ou refutar hipóteses iniciais da investigação (Turato, 2003,p.446).

O quadro de categorias criado foi apresentado, observando alguns cuidados, conforme cita Turato (2003), ao apontar o desenvolvimento de poucas categorias para a inferência nas hipóteses levantadas.

Orlandi (2003, p. 33) refere que: “Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência de dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos”.

Charaudeau e Maingueneau (2006, p.179) observam que o sentido de um texto, qualquer que seja, não está, pois, jamais pronto, uma vez que foi produzido em situações dialógicas ilimitadas entre o locutor e a pesquisadora – a ouvinte, entre o leitor e os anteriores. Por sua vez, o discurso escrito para cada leitor pode constituir-se em outras leituras possíveis, conforme as próprias representações e os percursos de vida de cada um historicamente determinado pelo *acontecimento*, constituindo, assim, uma proposta de “leitura plural” para os textos, ainda mais aqueles que são declarados como *depoimentos* ou sob *transferência*.

As categorias apresentadas não são fixas e podem em outro momento servir para novas reflexões e estudos sob outras perspectivas. Assim, acredita-se que, dentro da proposta da história oral de vida, nosso relato e inferências sejam apresentações para melhor ilustrar o texto aplicado às finalidades propostas dentro dos objetivos propostos (psicanálise aplicada à saúde pública), porém, sob a ótica das mesmas, exige-se uma leitura que leve em conta a própria “transcrição” feita pela pesquisadora que tem um olhar psicanalítico.

Pode-se pensar que o texto será revisitado por outros leitores e possíveis autores interessados no tema, e serem observados outros aspectos igualmente relevantes, sem que se esgote a amplitude da relação do texto com os outros sistemas de discursos existentes.

Os enunciados que foram formulados pelas próprias jovens serão citados como vinhetas dessas narrativas e estão presentes no *corpus* (Anexo B).

5.1 Dados sociodemográficos

Participaram das entrevistas dez jovens com idade média de 21,5 anos. As quatro mais jovens tinham 19 anos e começaram a se prostituir na adolescência, entre 16 e 18 anos. A escolaridade apresentada foi entre 8ª série do ensino fundamental e o 3º ano do ensino médio.

Elas mencionaram ter iniciado a vida sexual por volta dos 13-15 anos de idade, sendo que oito delas viveram maritalmente desde essa mesma época. A média de filhos foi de 1,2. Duas delas não tiveram filhos, embora uma tenha referido um aborto aos 15 anos. A renda mensal alegada foi de R\$ 1.000,00 a R\$ 2.000,00, e apenas uma citou outra atividade atual (doceira) para complementar a renda. Elas disseram ter procurado emprego em outras áreas, inclusive seis estavam desempregadas, mencionaram ter trabalhado como balconistas (2), operária de indústria (1), garçonete (1) e vendedoras (4). Duas negaram ter trabalhado anteriormente.

Nove delas fizeram exames para HIV em passado recente (negativos), porém não souberam se foram coletadas amostras para sorologia de outras DST, como a sífilis, as hepatites B e C. Todas citaram que farão novos exames: quatro delas apresentaram dúvidas sobre o status sorológico em razão de vários motivos: uma jovem teve relação sexual com rompimento do preservativo e três revelaram que mantiveram relação sexual sem preservativo. Duas afirmaram terem sido “enganadas” por causa da retirada do preservativo no intercuro sexual e uma delas afirmou ter sido “forçada” por um cliente HIV+.

Duas delas faziam uso abusivo de álcool, uma negou seu uso, porém depois confidenciou que usava cerca de três a quatro doses/dia, cinco revelaram abuso de drogas lícitas e ilícitas pregressa, uma fazia uso de tabaco e somente uma nunca usou drogas lícitas ou ilícitas. Negaram terem sido abordadas por programas de saúde ou de prevenção às DST/aids. Apenas uma sabia que o PRD levava preservativo para a boate onde desenvolvia a atividade. A gerente da segunda boate refere que nunca recebeu a visita do PRD, e a gerente da terceira boate disse que havia recebido uma visita há seis meses. Todas as entrevistadas falaram que não foram vacinadas contra a hepatite B.

Com as dez entrevistadas foram obtidos, assim, casos que detinham muitas informações recorrentes que mostraram a saturação da amostra, além de serem oriundas de três redes diferentes de prostituição.

A seguir, serão apresentados dois quadros: um com os dados particularizados das jovens do estudo e o outro com o resumo das histórias de suas vidas.

Quadro 1-Dados sociodemográficos das dez jovens atendidas entre dez 2006-julho 2007

Nomes⁷⁹	Idade	Escolaridade	Filhos	Estado civil referido⁸⁰	Exame referido⁸¹	Casa
Madalena	24	8ª série do ensino fundamental	1	Separada	(-)	1
Tais	19	3ª série do ensino médio	0	Separada	(-)	1
Melissa	22	8ª série do ensino fundamental	1	Casada	D	2
Lais	23	8ª série do ensino fundamental	2	Separada	(-)	2
Diana	19	8ª série do ensino fundamental	0	Separada	(-)	3
Helena	21	1ª série do ensino médio	1	Separada	(-)	3
Afra	24	3ª série do ensino médio	2	Casada	(-)	3
Selene	25	3ª série do ensino médio	1	Solteira	(-)	3
Margarida	19	8ª série do ensino fundamental	2	Casada	(-)	3
Bia	19	2ª série do ensino médio	1	Separada	(-)	3

Fonte: Elaborado pela pesquisadora/2008

⁷⁹ Todos os nomes foram trocados para proteger a identidade das entrevistadas e suas famílias.

⁸⁰ As jovens referiram casamento, porém não casaram no civil ou no religioso.

⁸¹ Exames laboratoriais referidos para o HIV.

D - Dúvida sobre a condição sorológica

5.2 Sinopses das Histórias de Vida

Quadro 2 - Sinopse das histórias de vida das dez jovens entrevistadas dez 2006-jul 2007

Nomes		
Madalena	24	Nasceu no Nordeste. É moradora de Santo André durante a semana e nos fins de semana dorme na casa de uma amiga na Grande São Paulo. Foi entregue à avó materna, ainda bebê, porque a mãe havia engravidado logo após seu nascimento. Foi com quase 15 anos viver com seu namorado após ter engravidado. Refere ter abortado espontaneamente, porém continuou “casada”, engravidando aos 16 anos. Separou-se do parceiro aos 20 anos. Veio para São Paulo com 21 anos trabalhar como babá e cuidar do irmão. Trouxe seu filho para São Paulo, porém mandou-o de volta para ser cuidado pela ex-sogra após brigar com o irmão. Morou com amigos da família após o fato, vindo a perder o emprego. Procurou emprego, atendendo a um anúncio para uma vaga de garçomete, descobriu, ao chegar, que se tratava de uma boate. Trabalhou uma semana como garçomete, porém “optou” por ser MPS e enuncia: <i>Eu sou garota de programa</i> . Está na atividade há oito meses e já passou por três casas. A família ignora sua atividade. Não refere durante a entrevista gravada uso de álcool, mesmo após ser perguntada. Mas no fim, confidencia que começou a usar bebidas alcoólicas diariamente na atividade e que não falou porque acha que não é problemático o uso, pois não tem necessidade de beber nas folgas e fins de semana. Acha que usa cerca de quatro doses/dia entre cerveja e bebidas destiladas porque são ofertadas pelos clientes. Refere ter conhecimento das medidas preventivas das DST/aids, porém não consegue aplicá-las com os namorados ou clientes fixos. Diz não ter nenhum namorado atualmente. Mantém contato com o filho apesar de não o ter visto mais e manda o dinheiro para sua criação. Quer voltar para a cidade natal para construir uma casa no terreno da avó. Diz querer voltar a estudar e trabalhar como enfermeira para cuidar de pessoas.
Tais	19	Nasceu no interior paulista e mora alguns dias em Santo André e alguns dias com a família no interior paulista. Conta que apanhava muito de seu pai e da mãe. Tinha mais brigas com a mãe e com 15 anos resolveu viver com o namorado. Teve um aborto com quase 16 anos. Abandonou o parceiro com 17 anos devido a brigas e uso de <i>crack</i> frequente. Diz que sua mãe havia afirmado antes que ele era usuário de drogas mas que ela tinha negado totalmente. Voltou a morar com a mãe depois que o irmão a ajudou a voltar para casa e passou a ser pressionada por ela para arranjar um emprego. Ouvia o enunciado materno quando saía com as amigas: “ <i>Ou está dando ou usando droga!</i> ” Está na atividade há seis meses. Diz que quer sair “ <i>dessa vida</i> ”, porém precisa pagar uma dívida de mil reais por mês, contraída para realizar “um sonho”: uma cirurgia plástica. Colocou prótese de silicone nos seios. A família ignora sua atividade. Conta em pormenores que começou a beber regularmente aos 14 anos. Seu pai era alcoólatra e ficava “ <i>bêbdo</i> ”, e ela também ficava “ <i>bêbda</i> ” depois. Veio para Santo André procurar a irmã mais velha que, segundo ela era: garota de programa. Ficou na “casa” onde a irmã havia trabalhado e que tinha o mesmo nome da irmã, coincidentemente. Refere que tinha sido cuidada mais pelo pai e por essa mesma irmã. Conta que depois que essa irmã ingressou nessa vida, teve dois filhos e entregou para sua mãe

Taís		Cont. quando tinha 9 anos. Usa bebidas diariamente e acredita ter problemas, tanto físicos como sentimentais. Acredita que vai conseguir diminuir o uso porque está mudando para uma outra “casa” que exige sobriedade. Teve uma irmã que morreu de aids. Tem medo da aids mas não adota medidas preventivas com seus namorados. Acha que vai sair dessa vida porque agora está com um cliente fixo que é médico e que prometeu que vai ajudá-la, principalmente se ela estudar enfermagem. Quer ser agente de penitenciária e está estudando para o concurso.
Melissa	22	É moradora de Santo André. Ignora sua origem porque foi adotada por seu pai que quis manter uma aliança com sua mãe que não podia engravidar. Após um ano de vida, sua mãe ficou grávida e sente que foi deixada de lado. Sua mãe trabalhava muito em um hospital e a deixava com a avó materna. Era quieta e retraída e com a morte do pai sofreu muito. Acha que é “a ovelha negra da família” e aos 10 anos começou a usar <i>crack</i> . Apesar de se desentender com a mãe, era ela que lhe dava dinheiro para comprar drogas, cem reais por dia. Aos 15 anos foi viver com seu namorado com a renda deixada pela pensão do pai. Engravidou aos 17 anos e teve uma filha, porém perdeu a guarda para a mãe porque em vigência da abstinência teve uma crise de depressão pós-parto, vindo a agredir a criança. Usou <i>crack</i> dos 10 aos 21 anos e parou depois de ter alta de uma internação. Usa bebidas diariamente. Vive ainda com o primeiro parceiro, apesar de manter um vínculo sem sexo após o início da atividade. Refere que está na atividade há um ano depois que perdeu a renda. Se intitula: <i>eu sou alcoólatra</i> , porém revela que está guardando dinheiro e quer trabalhar, como auxiliar de enfermagem, como a mãe, e que depois quer fazer faculdade de direito. Conhece as medidas preventivas para DST/aids mas diz que duvida de sua situação de saúde porque os exames não são recentes, fez sexo sem proteção quando estava alcoolizada, além de uma relação com rompimento de preservativo. Diz que quer estudar enfermagem ou direito e que está guardando um pouco de dinheiro para isso.
Lais	23	Nasceu no Nordeste. Sua mãe era adolescente quando engravidou e depois foi trabalhar como empregada doméstica em outro país e deu para a irmã que tinha boas condições de vida. Veio para São Paulo com sete anos morar com sua prima, após o falecimento da tia que a tratava como filha. Diz que aos 12 anos começou a ser espionada pelo marido da prima que depois começou a falar para ela coisas e tentar tocá-la enquanto dormia. Começou a beber logo depois e aos 14 anos teve uma grave embriaguez. Nesse dia, precisou ser socorrida e depois foi levada para casa pelos amigos. Nesse dia, refere ter sido estuprada. Fugiu de casa e foi viver na casa de amigos. Após pedido da irmã, voltou para casa mas que depois de quatro meses começaram novamente as agressões. Engravidou porque quis e foi viver com o namorado aos 16 anos. Separou-se do primeiro parceiro que apesar de ter condições financeiras era violento e a agredia. Passou a viver em uma família que a acolheu, onde conheceu seu novo parceiro com quem viveu cerca de dois anos e teve outra criança aos 19 anos. Refere ter usado maconha e <i>crack</i> . Trabalhou no tráfico e parou depois que foi presa e liberada sem ter sido fichada na delegacia. Conseguiu trabalhar como balconista após ter se separado do segundo parceiro. Está na atividade há quase dois anos. A família ignora sua atividade. Não usa atualmente SPA e não quer ter parceiro por temer que ele faça com seus filhos aquilo que sofreu na infância. Complementa a renda como doceira e quer ganhar dinheiro para estudar cinema.
Diana	19	É moradora de Santo André. Conta que seu pai era muito violento e a agredia muito na infância. Com 14 anos resolveu sair de casa porque o pai disse que ela era: <i>vagabunda</i> . Foi viver com 14 anos com o filho de

Diana		<p>Cont.</p> <p>sua madrinha que era UD (múltiplas drogas) e seu primeiro namorado era oito anos mais velho. Começou a beber e a usar maconha diariamente na mesma época. Ainda era virgem e somente teve relação sexual após um ano. Sentia-se criança. Quis voltar para casa, porém não teve coragem.</p> <p>Começou a usar droga com o namorado (maconha e álcool diariamente). Trabalhou como vendedora em bicos de lojas. Resolveu entrar na noite após uma conversa com a irmã, através de um anúncio de jornal, ainda enquanto estava casada devido a brigas do casal por causa de dinheiro. Após brigar com o companheiro que a chamou de <i>vagabunda</i>, saiu de casa e foi morar nessa mesma boate onde foi entrevistada.</p> <p>Diz querer juntar dinheiro para poder estudar, porém não pensou ainda seriamente nisso e afirma gastar todo o dinheiro conseguido com besteira. Refere que bebe esporadicamente e que parou com o uso diário de maconha. Conta que vai ficar uma semana na casa da mãe para poder pensar um pouco, porque está se sentindo mal, pressionada pela madrasta que suplica para que ela volte para cuidar do ex-companheiro que está internado. Diz que está tudo “<i>macetado</i>” por dentro depois dessa visita. Após outro encontro casual na boate, diz que começou a beber e no dia que íamos fazer o terceiro encontro, diz que está presa na boate (oito horas da manhã) e não tem como sair ou me receber. Conta por telefone que agora está namorando o filho do dono da boate e que acha que vai mudar de vida.</p>
Helena	21	<p>É moradora de outra cidade do ABC paulista. Refere ter sido abusada pelo padrasto com, aproximadamente, 12 anos. Revela que sua mãe era muito agressiva e batia muito nela e em sua irmã, desde criança e que não percebia o abuso que ocorria com as duas. Foi necessária a intervenção da avó materna. Saiu de casa para viver com o namorado depois de descobrir que estava grávida com 16 anos e não contou o fato a princípio para sua mãe. Quando ela soube, não aceitou a gravidez e dizia que queria que ela perdesse o bebê. Separou do companheiro com 20 anos e foi viver com a mãe que continuou a atormentá-la devido à situação financeira, pois ela recebia apenas uma pensão do filho. Está na prostituição há menos de um ano para poder pagar suas dívidas e pela vontade de realizar um batizado para seu filho. Refere ter usado cocaína depois que começou nessa atividade e revela que em uma ocasião precisou ser atendida pelo resgate e quase teve uma overdose. Parou de usar porque o dono da casa exigiu sua abstinência para a permanência. Revela que contou para sua mãe antes de entrar nessa atividade e que ela concordou. Ela sustenta toda a família e se sente explorada e exposta pela mãe que contou para a avó e tias. Quer sair da prostituição para casar com o namorado atual, porém acredita que a mãe desaprova porque não quer perder a renda e que já atrapalhou no passado.</p>
Afra	24	<p>É moradora de outra cidade do ABC paulista. Refere que sempre apanhou muito do seu pai quando criança. Seu irmão mais velho é dependente de cocaína e <i>crack</i>. Fala que sua mãe o acobertava muito e não cuidava dela. Aos 16 anos ficou grávida e perdeu seu primeiro emprego. Acha que todo seu problema é devido à “gravidez precoce”. Teve vários empregos. Trabalhou em uma fábrica e gostava muito de beber e sair em “baladas” após o expediente que terminava às 22 horas. Refere ter ficado grávida novamente aos 19 anos e logo depois perdeu o emprego. Entrou para a prostituição depois de conversar com uma colega que estava “nessa vida” para o sustento dos filhos. Está na prostituição desde os 20 anos. A família ignora sua atividade. Com 22 anos, foi viver com o pai do seu segundo filho que ignora sua atividade.</p>

Afra		<p>Cont.</p> <p>Conhece as medidas sobre DST/aids, mas não usa preservativo com o companheiro que é “ex-usuário” de cocaína. Nega problemas atuais como o álcool e outras drogas, embora beba bastante cerveja esporadicamente.</p> <p>Quer juntar dinheiro por um ano para sair definitivamente quando arranjar um emprego fixo em qualquer área, apesar de ter trabalho em empresas como ajudante geral, Está procurando há mais de um ano. Acredita que com quinhentos reais poderá sustentar a família.</p>
Selene	25	<p>É moradora de São Paulo. Refere ter sofrido um estupro por desconhecido, aos 16 anos, quando estava bêbada, após a saída de uma festa. Não relatou o fato à família por temer não poder sair mais. Ficou um ano em casa sem sair para festas, indo somente para a escola. Entrou para a prostituição aos 19 anos, alegando <i>curiosidade</i> porque uma amiga que estava na atividade referia que ganhava muito <i>dinheiro</i>. Acha que os problemas financeiros depois da separação dos pais a estimularam a ficar. Já entrou e saiu da prostituição mais de dez vezes e acha que essa vida “vicia”, porque dá bastante dinheiro. Tem um filho pequeno de oito meses e está muito apreensiva porque diz que foi forçada a fazer sexo sem preservativo por um cliente HIV+. Descobriu que o cliente era HIV + no dia da entrevista. Conhece as medidas preventivas, usa preservativo com os clientes, porém não usava com o namorado e por este motivo engravidou recentemente. Refere ter ficado muito deprimida com o término do relacionamento quando estava grávida de seis meses. Voltou para a prostituição, após o nascimento do filho devido a dificuldades financeiras para o seu sustento e o de seu filho, pois tem sua casa, em dois cômodos nos fundos da casa do pai. A família ignora a sua atividade. Mantém correspondência (<i>Orkut</i>) com um namorado que foi trabalhar no Japão e diz que conta muita coisa da sua vida (exceto a prostituição) para ele e diz que talvez possa ir viver com ele quando voltar.</p>
Margarida	19	<p>É moradora de uma cidade do ABC Paulista. Refere ter passado sempre por muitas dificuldades financeiras desde criança, começando a trabalhar com cerca de nove anos em um mercadinho, como ajudante de cozinha. Trabalhou vários anos e em várias atividades chegando a ser gerente. Saiu quando o mercadinho fechou. Nega violência da mãe apesar de não se entender muito com ela. Não conheceu o pai que abandonou a família quando era pequena. Teve um filho com 16 anos e começou logo depois a sair com um homem dez anos mais velho, mediante pagamento, apresentado por uma amiga, para ajudar na compra de <i>leite</i> especial para seu filho que nasceu prematuro. Neste período, foi viver com um conhecido que gostava dela, porém ele também estava desempregado. Engravidou dele logo depois e atribui isso ao desejo dele, pois conta que ele trazia camisinhas que estouravam fácil. Continuou a sair com o “amigo” mesmo estando “casada” devido à dificuldade financeira. Resolveu se prostituir há apenas um mês, em boate, porque acredita ser mais seguro e discreto e para evitar que o companheiro atual, “ex-usuário”, por falta de dinheiro, faça uma “besteira”. A família ignora a sua atividade. Está aguardando ser chamada em qualquer dos empregos que fez entrevistas para poder sair rapidamente desta situação.</p>
Bia	19	<p>É moradora de São Paulo. Vive da prostituição há três anos. Conta que foi procurar um emprego de recepcionista e lhe ofereceram uma vaga de “<i>garota de programa</i>”. Contou para a sua mãe e alega que ela a estimulou a entrar porque a família passava por dificuldades financeiras devido à separação dos pais. É ela quem sustenta a casa. Alega muito problema de relacionamento com a mãe porque ela expõe para todos</p>

Bia	<p style="text-align: right;">Cont.</p> <p>sobre a sua atividade. Diz que dá todo o dinheiro ganho para pagar as despesas da casa e dos outros irmãos. Teve um filho que está com menos de um ano e o deixa com a mãe para poder trabalhar. Revela que saiu de casa há uma semana, após brigar com ela pelo fato da mãe dizer na frente dos vizinhos que ela era “puta”.</p> <p>Revela que mesmo assim tem mandado metade do dinheiro ganho para o sustento do filho e da família, através do irmão. Acha que a mãe é má para ela e compete seduzindo os seus namorados e pondo eles contra ela. Porém acha que ela cuida muito bem do seu filho e não confia em ninguém além dela porque gosta muito dela. Conta que já a defendeu do pai em uma briga, vindo a ser esfaqueada nas costas. Diz querer voltar a viver com a família devido a saudades do filho e espera que o atual namorado que a conheceu “nessa vida” a assuma para poder sair dessa situação o mais rápido possível.</p>
-----	--

5.3 Apresentação das Categorias

As categorias ou classes são agrupamentos de assuntos que aparecem por relevância ou repetição dos temas (Turato, 2003, p.449).

Foram formuladas baseadas na análise de conteúdo do *corpus* transcrito, sendo listadas seis categorias que poderão subsidiar as reflexões propostas.

No entanto, ressalto que esta categorização final não esgotou a totalidade dos achados nem tem a pretensão de ser a única possível, especialmente, em função da riqueza do material.

Considera-se que a análise de conteúdo temática para esse fenômeno está aberta para novas revisões e aperfeiçoamentos, uma vez que depende de como cada um pode apreender o que foi narrado a partir da singularidade de cada história.

Como refere Turato (2003):

Legitimando o uso de técnicas de agrupamento, podemos considerar que, embora todas as situações humanas, sejam sempre originais e únicas, isto não impede a identificação de elementos ali ocorrentes que guardem um grau de homogeneidade ente si e que se repetem com mais freqüência, pois o *individual não exclui o geral, nem a possibilidade de introduzir a abstração e categorias de análise*⁸² (Turato, 2003, p. 442)

Cabe ainda considerar aqui o aspecto relativo às circunstâncias da produção do material da pesquisa, ou seja, o encontro entre a pesquisadora e entrevistada⁸³.

⁸² Bleger J. *Temas de psicologia: entrevista e grupos*. 2a. ed. São Paulo: Martins Fontes; 1998. p. 17.

⁸³ Segundo Roudinesco & Plon (1998, p.766-9), o conceito de transferência foi progressivamente introduzido por Freud e Sandor Ferenczi (entre 1900 e 1909). Para designar um processo constitutivo do tratamento psicanalítico mediante o qual os desejos inconscientes do analisando concernentes a objetos externos passam a se repetir, no âmbito da relação analítica, na pessoa do analista, colocado na posição desses diversos objetos. Para Ferenczi (1909), a transferência existia em todas as relações humanas: professor e aluno, médico e paciente, etc. Mas ele notou que, na análise, o paciente colocava inconscientemente o terapeuta em uma posição parental. Vários autores discorreram sobre esse conceito central na teoria psicanalítica. Lacan (1954-1955) inscreveu a transferência numa relação

Certamente, o fato de uma pessoa com interesse acadêmico procurá-las e solicitar-lhes a narração de suas vidas marcou os relatos de maneira determinante.

Nessas condições, as próprias histórias recriadas têm características específicas. Parece haver aí uma reversão relativa ao próprio descrédito que a condição de prostituta carrega no pensamento popular. Agora, são convidadas a falar, a construir e expor um saber sobre si mesmas, valorizado pelo desejo da pesquisadora. Da condição de clandestinas e desqualificadas, passam à condição de porta-voz de um saber que pode interessar e que se contrapõe ao amordaçamento moral, carregado de representações ideológicas milenares.

O tom dramático imposto às narrativas, as justificativas enfatizadas sobre o recurso a esse tipo de atividade tão polêmica e estigmatizada, o caráter transitório de permanência “nessa vida”, a dificuldade em abrir mão dessas “facilidades” e do “conforto econômico” que a prostituição propicia, a busca de um relacionamento afetivo e a maternidade como ancoramento para a mudança de papel, a droga como anestésico dos conflitos internos decorrentes do exercício da atividade, a ambiguidade em relação à prevenção das doenças, entre outros, aparecem como temas que habitam o conteúdo das narrativas e não podem deixar de serem pensados como respostas às demandas atribuídas ao interlocutor.

entre o eu do paciente e a posição do grande outro (Outro) e, em 1964, fez da transferência um dos quatro pilares da psicanálise, ao lado do inconsciente, da repetição e da pulsão. Definiu-a como a encenação, através da experiência analítica, da realidade do inconsciente.

Categorias elencadas:

- 1-Violência familiar
- 2-Dinheiro Fácil
- 3-Identidades Conflituosas
- 4-Função ambígua da maternidade
- 5- Uso (e Abuso) de Drogas
- 6-Aids e prevenção

André Dignimont. Bar (1943) ⁸⁴

*“Estou no começo do meu desespero...
E só vejo duas saídas:
Ou viro Doida ou viro Santa
Como abrir a janela senão for Doida?
Como fechá-la senão for Santa*

Dona Doida - Adélia Prado

⁸⁴ Dignimont A. Bar (1943). Aquarela em papel. Museu de Arte Moderna- Centro Georges Pompidou, Paris.

6 - DISCUSSÃO

A prostituição juvenil, da maneira como é abordada neste estudo, apresenta-se como um fenômeno extremamente complexo. Evoca aspectos relativos à constituição e ao exercício da feminilidade, como possibilidade subjetiva, que se ligam intrinsecamente a um contexto sociocultural marcado pela carência, entendida em seu sentido mais abrangente e pela violência física e psíquica.

O fenômeno põe em movimento uma realidade discursiva na qual se evidencia uma relação de exaustão com o próprio corpo, não só no que diz respeito à prostituição propriamente dita, mas também ao excessivo consumo de drogas que, via de regra, a acompanha, além da vivência da violência, seja ela física ou emocional, entendendo-se esta última como uma experiência de linguagem na qual o sujeito é enredado em palavras que o marcam inexoravelmente e serão determinantes na encenação de seu drama existencial.

Há uma pluralidade de sentidos no discurso das entrevistadas. As diversas concepções historicamente construídas e socialmente compartilhadas de modo muitas vezes fantasioso constroem um contexto para a prostituição, “a profissão mais antiga do mundo”, refletem na consolidação da autoimagem e, conseqüentemente, no modo de agir e de se identificar das envolvidas, o que é observado por diversos autores (Brigagão, 1998; Castro, 2004; Esposito & Kahhale, 2005; Pacheco, 2007).

Dez jovens entrevistadas relataram, com mais frequência, duas razões para a entrada na prostituição: a busca por melhores condições socioeconômicas para si e suas famílias. Saíram da casa dos pais depois de uma gravidez precoce ou para fugir da violência a qual estavam submetidas. Nove entre elas tentaram organizar a vida

por meio de uma parceria amorosa, geralmente com os primeiros namorados. Parcerias essas que não atenderam às suas expectativas; ao contrário, resultando na geração de filhos para cuidar.

Aparentemente, o que move essas jovens é a busca de uma nova chance, para reunirem condições para sobreviverem e criarem seus filhos. Dessa forma, cada uma buscou na prostituição, nesse “trabalho” marginal, uma nova oportunidade. O sentido dessa “escolha” envolve aspectos para além da questão objetiva da sobrevivência; carrega as marcas e os significados de cada constituição subjetiva e de sua trajetória.

1-Violência Doméstica

Na primeira referência de Taís sobre a relação com a mãe, engendra-se um enunciado devastador, oráculo de um futuro que ela se sente incapaz de modificar:

Você quer saber como eu entrei *nessa vida*? Teve um dia que eu discuti com a minha mãe, né? Aí entrei. Foi mais assim por raiva, assim. Você quer saber como eu entrei *nessa vida*? Teve um dia que eu discuti com a minha mãe, né? Porque ela estava “recramando” muito. Ela estava uns 2 anos “recramando”: “ah, que você não para em casa, você quer saber só de sair”.(...)

Quando eu saí a minha mãe xingava: “*Ah, ou está usando droga, ou está... fazendo... ou dando para o namorado*”. Ela falava isso. Eu falei: mãe, eu não estou fazendo nada disso! Eu fui sair com as amigas! E ela falava muito isso: “ah, por que não vai procurar emprego logo cedo?” Eu falei assim: mãe, mas depois que eu fui mandada da loja, eles me mandaram embora do emprego que eu trabalhei... A loja fechou, eu não fui mandada embora; eu não consegui arrumar mais. Ela ficava ali: “ah, não vai arrumar emprego? Pra sair é bom”, e não sei o quê...

Teve um dia que eu injuriei. De vez de eu parar em São Caetano para ir na casa da minha irmã, eu vim até Santo André. Foi aí que eu lembrei da minha outra irmã, né? Aí eu vim até Santo André, passei na frente dessa casa e resolvi entrar. Aí entrei. Foi mais assim por raiva, assim. Aí eu entrei e é isso aí. E agora eu quero passar para outra.

Para Taís, há uma adesão àquilo que acredita ser o *desejo do Outro*. Empresta seu corpo ao oráculo: “*Ah, ou está usando droga, ou está... fazendo... ou dando para o namorado*”.

Conta que saiu de casa porque tanto sua mãe como seu pai brigavam muito com ela e um dia eles bateram muito nela. Resolveu sair e ir morar com o namorado, o mesmo que a mãe afirmara que era usuário e que ela negava veementemente.

Com Melissa, a forma sintomática apresentada, em relação à mãe, é ainda mais trágica. Ela não é filha legítima, foi adotada pelo pai que a buscou para que sua mãe a criasse. Acredita que a mãe não a ama: “*Você não é minha filha!*” Ainda mais porque logo engravidou e teve uma filha que ela adora.

Percebe que essa distância foi sempre muito clara. Apesar da vida financeira tranquila pelo fato de seu pai ser juiz, ela foi sempre criada pela avó materna até a saída de casa. O pai morreu quando estava com dez anos e ela saiu de casa. O discurso é apresentado de forma ambígua, pois não é claro se ela saiu por decisão própria ou se sua mãe a mandou embora.

Resumindo um pouco, o que mais marcou na minha vida foi assim... Ainda nova eu me envolvi com drogas, aos meus dez anos. Aí foi onde começou muitos problemas na minha família, eu com a minha mãe, no caso... Meu pai já era falecido. Aí, no caso, peguei e sai de casa. Minha mãe me tirou de casa. Aos 15 anos, fui morar sozinha, com a mesma pessoa que mora comigo até hoje, no caso (...)

Consegue se sustentar porque recebeu uma pensão do pai até os 21 anos. Mas responsabiliza a mãe por todos os seus problemas, em especial, em relação ao uso de droga – o *crack*. Revela que fazia uso desde a morte do pai e implica sua mãe nesse uso, porque era ela quem saía e comprava:

Ele sabe que eu trabalho aqui. Minha família também sabe o que eu faço. Não escondo isso de ninguém. A minha família

acha normal, assim como sempre achou normal eu ser usuária de droga ou a vida que eu levava. Minha mãe sempre aceitou, na boa... Algumas coisas que estejam certas ou erradas, ela sempre permitiu. Isso. Foi onde eu comecei a me envolver com companhias erradas e foi indo. Inclusive a minha mãe comprava pra mim, também, drogas.

À figura da mãe está atribuída a ausência de limites, a mãe é a consumação da filha nas drogas, que parece ser a única possibilidade de reconhecimento ainda que às avessas:

Mas a minha família inteira não é envolvida com nada disso: ninguém bebe, ninguém fuma. No caso só... só, eu mesmo, que *ainda sou*, vamos dizer, *a ovelha negra*. (Melissa)

Com Helena e Bia, a queixa em relação à mãe vai mais além. As duas referem que é a própria mãe quem reforça sua permanência na prostituição por dependerem financeiramente delas, apesar do desejo manifesto de saírem. Ambas referem que a mãe interfere nos relacionamentos supostos que poderiam tirá-las dessa vida.

Helena foi casada dos 14 aos 20 anos, mas ao voltar à casa da mãe, não tolera depender dela e como não arranja emprego, só tem a pensão do filho. Encontrou como solução para a sobrevivência a entrada na prostituição. Sua mãe sabe, consente e exige o dinheiro para pagar as contas. Conta que sofreu muito: a violência da mãe e o abuso sexual do padrasto:

Na minha adolescência, quem apanhou mais foi eu e minha irmã, né? Minha mãe batia demais na gente. Deixava a gente tudo roxa, quebrava o braço da minha irmã. A gente não apanhava assim de cinto. Era pedaço de pau. Pedaço de pau. Não, porque o meu padrasto só me deu um tapa na cara uma vez, que foi porque eu não quis dar não sei o que lá pra minha irmã. Ele foi e me deu um tapa. Daí, a minha mãe, assim... ela é uma pessoa assim. Eu não quero falar [chora]. É porque tipo assim... Eu e minha irmã mais velha, a gente nunca teve assim, sabe, o amor da minha mãe. A minha mãe nunca falou assim: Eu te amo, filha. (...) Eu gosto da minha mãe pra

“caramba”, eu faço de um tudo por ela, mas sempre ela quer mais, mais e mais, porque eles sabem o que eu faço, né? Às vezes, eu acho que a minha mãe se aproveita de mim por eu trabalhar onde eu trabalho, entendeu?(...) Então, eu falei pra ela que eu ia sair. Ela começou a me xingar quando eu falei que eu ia sair. Você vê, é a minha mãe! Eu falo pras minhas tias: Porra, é a minha mãe! A minha mãe faz isso.

A irmã de Helena foi também abusada pelo padrasto. A irmã contou para a avó materna que depois contou à mãe. A mãe, segundo Helena, desconfiava do fato e, após um comentário sobre um crime na região, perto do padrasto, este, no dia seguinte, foi embora sem dar maiores explicações.

Aos meus 12 anos de idade, quando a minha mãe era casada... Eu tinha 12 ou era 11 anos de idade. Daí, a minha mãe saía pra trabalhar às 5 horas e ele só saía às 6. Daí, nesse intervalo de uma hora, ele começava a mexer comigo e com a minha irmã: ficava passando a mão e isso e aquilo. Só que eu nunca contei pra minha mãe. Por quê? Porque ela nunca acreditou em mim e na minha irmã. Ela sempre ficava contra nós, e ia a favor dele. Então, a gente não contou pra ela. O que a minha irmã fez? A minha irmã foi e falou pra minha avó. E a minha avó falou pra ela. Aí, minha avó pegou e... Daí, teve um dia que a minha avó chegou e falou assim: Enia – que é o nome da minha mãe... Daí foi que a minha mãe quase pegou, só que ela não pegou. Quase pegou. Daí, ela já ficou meio desconfiada. Daí, nesse tempo, lá no Parque, lá onde eu moro, teve o caso da menina que o padrasto “*estrupou*”. Era uma menina novinha. Aí, estava passando na televisão. Aí, a minha mãe falou assim: Ah, se um desgraçado faz isso com uma das minhas filhas, eu mato ele. E ele estava deitado na cama. Minha mãe só falou isso pra ele. Quando foi no dia seguinte, ele arrumou as coisas dele e foi embora sem dar explicação, sem nada.

Por sua vez, Bia, aos 16 anos, procurou emprego como recepcionista e o endereço a leva a uma casa de massagem. Aceita a função para deixar de ouvir as reclamações da mãe:

Olha... Eu estou nessa vida já vai fazer 3 anos. Eu comecei... Eu ia procurar como recepcionista. Aí eu cheguei, eu comecei numa *privê*, fui lá para vaga de recepcionista. Só que, chegando lá não era vaga de recepcionista e sim para garota.

Eu estava precisando bastante de trabalhar, tudo. Fui até a casa, escutei a proposta do dono da casa, tudo, mas aí eu não aceitei. Daí, eu dei o meu telefone para ele, tudo e fui pra minha casa. Depois de dois meses, ele me ligou perguntando se eu não tinha certeza, se eu não queria ficar lá como garota, porque compensava mais para mim ser garota do que ser recepcionista. E estava apertado, porque meu pai tinha se separado da minha mãe já tinha 4 anos. Procurei trabalho em tudo quando é lugar e não consegui. A minha mãe jogava na minha cara que eu não ajudava em casa, nada. Então, eu falei: o jeito é trabalhar! Aí eu fui, dei um tempo e aceitei a proposta dele. Aí eu comecei. No começo, foi difícil, tudo. Fiquei quase 2 anos trabalhando pra ele e todo o dinheiro que eu pegava era direto na mão da minha mãe. Não ficava com nada pra mim, entendeu? Se eu não chegasse com o dinheiro, eu ouvia crítica e ela me xingava de tudo que é nome, sabendo o que eu estava fazendo e tudo.

A convivência da mãe é clara em todos esses relatos. As coisas se passam como se fosse atribuído à mãe o fator determinante dessa escolha de vida. É preciso ter valor o dinheiro entregue na mão da mãe, valor aferido pelo corpo.

O cumprimento do imperativo materno tem um intervalo de tempo, se não definido, mas claramente estabelecido em termos de um fim. Estão “*nessa vida*” apenas o tempo necessário para conseguirem alcançar “o sonho”, como Taís, ou apenas o emprego tão esperado para a estabilização da sobrevivência.

Lais (23 anos), que está na prostituição há quase 3 anos, e Madalena, foram adotadas dentro das próprias famílias. Suas mães, ainda adolescentes, não puderam criá-las, seja pela pobreza seja por terem filhos consecutivos.

“Eu sou filha adotiva (...) Eu sou a única que vim parar no fundo do poço, porque pra mim é...[pausa]”. (Lais)

Ela faz uso de uma pausa aqui, marcando aquilo que ela não consegue de nem pode falar, fato reconhecido por ela:

Não é nem preconceito, entendeu, porque *eu sou uma...* [pausa] Mas eu acho que é uma coisa que a gente faz que vai chegar...[pausa] Imagina, com 39, 40 anos, eu não vou mais

poder ganhar dinheiro dessa forma. Muitas não pensam que tudo vai passar, um ano... O outro ano. Eu não quero falar disso, entendeu? (Lais)

“*Eu sou uma...*” O que quer dizer essa pausa? A falha no dizer esboça-se.

Ela vai dizer e não diz o que queria, seu discurso é interrompido.

As jovens Lais, Diana, Helena referem uma nomeação vinda da família, porém, em contextos diferentes.

Diana conta que saiu de casa aos 14 anos porque não tolerou ser chamada de “*mulher vagabunda*” por seu pai que era muito violento e a agredia fisicamente, na infância:

Aí ele falou assim: Ah é? Então tá! Já que você não quer nada da sua vida, você fica tirando uma com a cara do seu pai, então eu quero que você sai fora. Ele falou bem assim, sabe? Ele fez só isso, mas deu a entender – por isso que eu estou te falando – deu a entender que ele falou: “eu quero que você saia fora daqui, eu não quero mais você aqui dentro, ***mulher vagabunda*** não fica aqui dentro da minha casa. Foi o que eu entendi. Entendeu? Então, foi aí que eu tomei essa atitude. Então, falei: Ah, já que é assim, eu não vou ficar num lugar onde as pessoas não me querem e que eu esteja incomodando ou atrapalhando alguma coisa, por mais que seja meu pai. Sabe, todo mundo achou que eu estava sendo errada, de fazer aquilo, de sair de casa, porque meu pai mandou.

Posteriormente, revela que saiu da casa de seu companheiro, quando ele assim a nomeia como vagabunda:

Aí, ele me chamando de ***vagabunda*** e eu pensando na minha cabeça: Meu, ***eu posso ser puta, mas vagabunda não me chame***. Eu tenho o meu dinheiro, sabe, e eu posso me sustentar. Eu pensei assim comigo. E aí foi isso. Eu tenho um cortezinho – esse aqui – que ele veio, mas não foi que nem dessa vez porque, que nem das outras vezes. Ele me agredia, mas ele podia vir pra cima de mim, me bater, me empurrar e tudo, mas não que nem dessa vez, porque, além de ele querer me agredir, ele me agredia com palavras. Eu acho que a pior coisa que existe é a pessoa te agredir com palavras, sabe! Te falar o que você não é. Sabe eu sei que eu não sou aquilo que ele me falou. Eu sei que eu não sou ***uma***

vagabunda, eu sei que eu não sou um monte de coisas que ele me falou. Sabe, que eu sou uma aberração aqui no mundo, que se eu morresse ali, naquele momento – foi o que ele falou pra mim.

Assediada pelo “cunhado”, Lais narra que foi tratada como uma *vagabunda*:

Aí eu cheguei e falei pra ela. Ela viu meu desespero. E ela acreditou em mim. Só que, tipo assim... Eu não queria interferir. É como se eu tivesse a culpa do que estava acontecendo. Mas não. Até com 13 anos, eu brincava de boneca, eu não queria saber de namorar, desses negócios assim. Eu era bem “criançona” mesmo. E eu esperei ela chegar e eu contei. Eu contei pra ela o que tinha acontecido e ela foi perguntar pra ele. Ele falou que era mentira. Ele falou que ia bater na minha cara, que eu estava ficando louca, que eu era uma *vagabunda*. E isso foi me traumatizando.

Por sua vez, Afra revela que seu pai a aterrorizava por conta de sua gravidez, confirmação do exercício da vagabundagem:

Era no calor. Aí, nós descia pra casa, ele trancava tudo e ficava com um facão desse tamanho do lado dele. E nós: Ele vai matar nós, vai se matar, vai matar todo mundo! Minha mãe chorava! Era todo dia minha mãe chorando, indo para o hospital tomar calmante. Ele chamava ela de *vagabunda*, me chamava de *vagabunda*, que eu tinha engravidado por causa dela...”

Helena revela um fato entre ela e a mãe:

Daí, ela pediu pra eu ir lá em cima com ela. Daí, eu falei assim: Oh, mãe, eu vou lá em casa trocar de roupa, depois eu volto. Daí, quando eu cheguei em casa, o meu filho estava com a minha avó. A minha avó ia sair e não podia levar meu filho. Eu fiquei em casa com o meu filho e não fui encontrar ela. Daí, eu acabei dormindo à tarde. Eu acordei com ela xingando: *Você é uma vagabunda que não presta*, e isso, e aquilo. Sabe, por quê? Porque eu não fui encontrar com ela e nem porque eu fui trabalhar. Tudo isso. Meu, eu fico revoltada porque eu penso: É minha mãe! Se fosse outra pessoa, até que não, mas é minha mãe! Minha mãe, ela quer se aproveitar de mim, porque pra mim isso é se aproveitar. A senhora concorda?

Em relação à Bia, o mesmo acontecia quando ela não tinha dinheiro por ter parado após o parto:

Eu saí de casa por briga porque minha mãe, ela nunca entende nada. Só ela que está com razão, entendeu? Eu falo alguma coisa pra ela, e ela: Não! Ela nunca está errada e eu estou errada em tudo. E ela não é de conversar como a gente está conversando, nada. Ela é de fazer escândalo no meio da rua, de xingar de tudo que é nome, sabendo o que você faz. Ela grita: *Vai, vai lá pro puteiro, não sei o quê... (Sua puta...)* Ela fala desse jeito. Ela quer o que? Que todos os vizinhos escutem? Nossa! Eu vou ficar num lugar que todo mundo sabe o que eu faço? E eu falei no começo: Eu vou entrar, mas eu confio em você pra você não falar pra ninguém. Porque eu sabia como ela era. Só que aí não adiantou nada. Até o meu irmão de 18 anos sabe por causa dela, de tanto ela ficar falando.

2-Dinheiro Fácil

Margarida afirma que essa não é sua profissão, apenas uma saída para poder dar conta de sua vida e evitar o pior:

Eu estou esperando me chamar. Já me chamaram, eu fiz teste. Aí, foi isso que eu falei para você, que eu não pretendo ficar aqui. É como se tipo eu... Vai... Se me ligar hoje, hoje eu estou saindo daqui. Então, não é aquele negócio: Ah, eu vou ficar aqui pro resto da vida porque isso não é vida, entendeu? A vida de prostituição é uma coisa assim... Se eu falar pra você assim: Ah, eu gosto de sair, porque eu gosto de fazer sexo... Não! Isso eu não tenho... Eu não sinto falta. Não sinto falta, entendeu? Tipo... Se eu estou aqui hoje é pra tentar não deixar faltar as coisas para os meus filhos, entendeu? Como ele nunca faltou, então, agora que eu estou desempregada, o meu marido está desempregado, eu pago aluguel, é água, é luz, é despesa. Então, eu quero que continue assim. Como eu já tive aquela experiência de ter saído com o amigo de uma amiga minha e eu vi como que era. Daí eu optei por essa opção, entendeu? Hoje, eu estou aqui, tudo, mas eu pretendo não ficar muito tempo.

Mas, por outro lado, elas acabam dizendo que sair é bem difícil. Torna-se um “vício”. O “*dinheiro fácil*” torna-se um atalho a mais para as necessidades impostas pela vida, sob uma ótica claramente “barganhista”. A voz de Selene, a que tem mais tempo *nessa vida*, revela uma trajetória de 5 anos de experiência nesse “*ganho fácil*”, anunciado pela amiga que era “*garota de programa*”, e a necessidade, após a separação dos pais:

Uma *menina* da minha rua que falou: ó, eu estou trabalhando aqui! É legal, dá ‘mór’ dinheiro! Eu falei: Ah, então eu quero ir, né? Conhecer. Aí, eu fui em uma clínica em São Paulo. Aí eu gostei, achei bonito lá. Aí fiquei. Elas foram embora, e eu fiquei *trabalhando*. Eu *trabalhei* lá durante uns 8 meses. Aí saí e fiquei um tempo em casa. Aí, depois eu arranjei um outro emprego de *vendedora*. Aí trabalhei 1 ano. Aí, parei, voltei de novo para a mesma clínica que eu falei. Depois, fui pra outra, fiquei uns 2 meses só e saí. Aí, fiquei uns 2, 3 anos... não. 2... 2 anos em casa, mais ou menos. Aí eu voltei trabalhar; só parei mesmo quando eu fiquei grávida.(...) Sempre fui muito ligada à família; sempre fui muito família. Tive uma infância boa, uma adolescência rebelde. Tipo... eu saía, não avisava a minha mãe. Só falava: estou saindo. Saía na sexta e voltava no sábado de manhã, no domingo. Eu só fui criar um pouquinho de juízo quando os meus pais se separaram, porque aí meu mundo caiu, né? Minha mãe e meu pai se separaram, e eu comecei a ficar mais com a minha mãe. (...) Eu entrei nessa vida assim mais por curiosidade também... E por precisão, também. Mas foi mais por curiosidade do que por precisão, na verdade! Só que, assim... acaba viciando, porque assim, tipo... Sabe, a gente trabalha assim, aí sai um tempo. Aí, arranja outro serviço. Só que, na primeira dificuldade que tem, já volta para a vida de prostituição. Então, é uma profissão que nunca ninguém abandona. Nenhuma menina. Pode passar 1 ano, 2 anos, fora, mas sempre volta. Sempre volta.

Diana questiona-se sobre a “facilidade com que consegue dinheiro:

É assim, que nem dizem: É um *dinheiro fácil*! Não é um *dinheiro fácil*. Não é fácil você entrar no quarto com uma pessoa que você não conhece, que você nunca viu na vida, um homem porco, um homem nojento que, muitas vezes, tem isso e, sabe, você tem que fazer o cara sentir prazer, sendo que você não está sentindo nada. Você está sentindo nojo!

Pelo menos, eu sou assim. Mas só que, sabe, querendo ou não, você sempre está com dinheiro. Sempre tem dinheiro na sua mão, todo dia você tem dinheiro. Você quer uma coisa, você tem vontade de uma coisa, você pode ter, é muito estranho. Eu tento colocar na minha cabeça assim que isso não vai ser pra sempre pra mim, só que eu não consigo. Eu não consigo ir atrás de outras coisas, eu não consigo ir atrás de cursos. É só isso, sabe? Ainda mais agora, que eu estou morando aqui dentro, a minha vida é só aqui dentro. Eu não saio, eu não vejo gente, nada. Sabe... A minha vida é aqui dentro só.

Bia refere que todos dizem que o *dinheiro é fácil*, mas reitera a dureza:

É um dinheiro fácil, como todo mundo acha, como todas as mulheres criticam. Até homens falam que as mulheres: Ah, está ganhando dinheiro fácil. Mas não sabem o que a gente passa pra ganhar esse dinheiro. Não é fácil. Tem que aturar vários tipos de homens que você nunca viu na sua vida, deixar ele fazerem o que querem com você, te tratarem como um boneco.

A fala de Madalena também salienta essa dificuldade:

A noite vira uma obsessão se você não se empenhar mesmo em dizer: não, eu não quero isso! Tem que bater o pé firme e dizer: Eu não vou mais trabalhar na noite e vou me virar com o que tenho. Se não for assim, você não consegue sair da noite. Por mais que você não tenha ambição, o que você ganha lá... Duzentos reais em uma noite... Você pensa: mas eu ganho duzentos reais! Em uma noite só, eu ganho duzentos reais! Vou ficar aqui, ganhando quatrocentos reais por mês? Se não for compensar uma coisa assim, você volta para a noite.

O estigma está esboçado nessa atividade, e uma das formas de atenuar essa vivência é associá-la a um “trabalho” que é mais bem remunerado que outros. Engendra-se, assim, um tom de esperteza e de sagacidade do qual elas se orgulham.

Nomeiam insistentemente sua atividade como trabalho e lhe atribuem a possibilidade de modificação de suas vidas. Revelam o valor positivo do trabalho, assim, como salienta Castro (2004, p.176), e acabam incorporando os valores

dominantes a respeito do trabalho, ainda que sejam esses mesmos valores que as excluíram da sociedade.

Todo mundo tem o seu lado bom e precisa. Eu acho que quase todo mundo que está na noite não está porque gosta porque se eu gostasse não faria isso lá; faria fora. Fora do meu trabalho, sou totalmente outra pessoa. Não tenho nada a ver com o que eu sou lá dentro. Às vezes, eu falo isso para os meus clientes. Quando eles perguntam, eu falo: não, aqui é meu serviço e lá fora eu não trabalho. Lá fora é outra história.
(Madalena, 24 anos)

3-Conflito de Identidades:

Consideremos a escolha de outro nome, que não o próprio, e a consequente criação de uma “dupla identidade”. Tal escolha não foi feita de forma aleatória, mas sim tendo como referência uma rede simbólica presa a vários significantes que se imprimiram em cada uma ao longo de suas próprias histórias.

Em razão do sigilo proposto pelo TCLE, para a proteção da identidade das envolvidas, não serão abordados os nomes um a um em detalhes, ainda que, em alguns casos, fossem esclarecedores para indicar a estrutura e a amarração simbólica nas quais se sustenta a escolha do “*nome de guerra*”. Abre-se, assim, a possibilidade de serem especulados certos significados relativos à imersão “*nessa vida*” clandestina.

Uma delas, por exemplo, usava o nome do pai. Dizia que era a Paula, seu “*nome de guerra*”, em alusão ao nome do próprio pai que era Paulo. A identificação do nome do pai, nesse caso, poder-nos-ia levar a pensar na possibilidade de um deciframento parcial relativo aos significados envolvidos na opção por esse tipo de vida e pelos desdobramentos sintomáticos, por assim dizer, que lhe eram específicos.

Por que escolhi o mesmo nome do meu pai? O instigamento que essa questão pode suscitar no sujeito pode significar a abertura de uma nova criação de significados relativos à sua vida e, portanto, apontam para novas possibilidades.

As palavras e, nesse sentido, a escolha de outro nome, fortalecem a consistência do registro imaginário, marcam o corpo inscrito no universo simbólico, com regras já pré-estabelecidas de antemão, engendram um padrão a ser seguido, ao mesmo tempo em que apontam para a relatividade desses papéis.

Assim, tais fatores constituem-se como determinantes na escolha de determinado “estilo de vida”: a trama familiar, as ofertas da sociedade e o posicionamento do próprio sujeito.

Cada uma, para formar sua identidade, buscou um suporte, um apoio, em referências. Percebeu-se, por exemplo, que os enunciados, tanto da mãe como do pai ou daqueles investidos nesses mesmos lugares, iniciaram uma série identificatória. Cada qual buscou a saída que lhe parecia possível.

Ele fez só isso, mas deu a entender – por isso, que eu estou te falando – deu a entender que ele falou: “eu quero que você saia fora daqui, eu não quero mais você aqui dentro: **mulher vagabunda** não fica aqui dentro da minha casa. Foi o que eu entendi. Entendeu? Então, foi aí que eu tomei essa atitude.
(Diana, 19 anos)

Diferenciar a si próprias em relação ao verdadeiro nome⁸⁵ parece ser o exercício de uma *solução de compromisso* na qual existe o esforço de distanciamento das personagens vividas por elas na atividade da prostituição, salvaguardando-se,

⁸⁵ O nome é a marca do sujeito. Sclair (2000) alude a isso e cita a importância dele em certas culturas, nas quais o nome de uma pessoa tem um transcendente significado psicológico e cultural como os *Inuit* do Canadá, onde o ser humano é o resultado de uma associação entre corpo, alma e nome. Cita Martins (1991, p.43): “... o nome próprio individualiza o sujeito, identifica-o e o personaliza. O conjunto de signos que forma o nome próprio, além de servir de marca formal designativa do indivíduo para os outros, para a sociedade, constitui-se como um referencial único para o sujeito: ele o vive como sendo ele mesmo.” (Martins, 1991:43).
Martins F. *O Nome Próprio*. Brasília: Universidade de Brasília Ed.; 1991.

assim, sob a égide do próprio nome como um espaço sustentado na esperança de fazer emergir um destino menos sombrio, ao mesmo tempo em que, sob a força do “*nome de guerra*”, sentem-se totalmente à vontade na entrega ao excesso para qual se sentem convocadas a partir das marcas discursivas constitutivas, segundo elas próprias, a partir dos oráculos familiares.

Castro (2004), ao propor a distinção entre o "mundo de dentro" e o "mundo de fora" da prostituição, propõe que a “divisão dos mundos” apresenta-se de uma forma que delimita territórios simbólicos de conduta moral. Cita Goffman⁸⁶ (1987, p.20): “Desenvolvem-se dois mundos sociais e culturais diferentes que caminham juntos com pontos de contato oficial, mas com pouca interpenetração”.

Castro considera que a necessidade de delimitar esses espaços, também, é da sociedade e acaba sendo uma forma de acentuar a segregação das pessoas consideradas marginais. O autor cita Guattari⁸⁷ (1986), em alusão a essa perspectiva:

Na linguagem habitual, podemos dizer que as pessoas as margens (marginais) são as vítimas de uma segregação cada vez mais controladas, vigiadas, assistidas nas sociedades (...) No fundo tudo que não entra nas normas dominantes é enquadrado, classificado em pequena prateleiras, em espaços particulares, que podem até mesmo ter uma ideologia teórica particular. (Castro, 2004, p.122)

Para as jovens, essa camuflagem da própria identidade é vital. Viver na sociedade assumindo o estigma que a mesma aplica às pessoas marginais é intolerável, porém, viver com uma dupla identidade, para Castro (2004), implica ter dois comportamentos diferentes: a mulher da prostituição e a mulher da família. Implica viver sob dois códigos diferentes, o da “mulher devassa” e o da “santa”, e, sob este último, segundo a constituição do imaginário social, ela deve fazer o que

⁸⁶ Goffman E. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva; 1987. p. 20.

⁸⁷ Guattari F. *Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes; 1986, p. 122.

indica o homem, em outras palavras, deve-se colocar no lugar de objeto dos desejos masculinos.

Esse lugar “mulher de família” estudado por Carvalho (2003), também, contrapõe-se ao exercício do sexo desprotegido com os parceiros HIV positivos, mesmo depois da constatação da doença ou depois da morte destes. Do lugar de mulher “santa” passam facilmente ao de “mulher guerreira” e “salvadora da pátria”, como salientam Aguiar & Barbosa (2006).

Para esses autores, os modelos de feminilidade podem ser encontrados no discurso de mulheres portadoras de HIV. Segundo eles, mesmo sendo sorologicamente positivas, as mulheres entrevistadas puderam inverter essa lógica, saindo do papel de mãe-vítima, acomodando-se ao papel da mulher, “a nova mulher”:

A maioria delas são mães, esposas, donas de casa e trabalhadoras que se autodenominam "guerreiras" por resistirem a toda sorte de dificuldades, às quais a aids vem se somar. Entendemos que, no contexto do tratamento de AIDS, essa imagem de "guerreira" pode servir para as pacientes como uma estratégia de resistência à vitimização socialmente imputada à mulher HIV+ infectada por seu parceiro e uma forma de resistir aos impactos físicos, psicológicos e sociais causados pela doença, uma vez que se representar como guerreira fortalece a auto-estima e instiga a crença de que a doença não usurpará suas identidades de mãe, esposa e trabalhadora. Ao mesmo tempo, essa imagem da "mulher guerreira" que assume quase todas as responsabilidades, permanece naturalizada e pode estar atuando como estratégia de acomodação às demandas sociais impostas por este ideal de "nova mulher", justificando e perpetuando uma situação de dominação e exploração das mulheres, particularmente, as da classe trabalhadora. (Aguiar & Barbosa, 2006, p. 2122).

As jovens nomeiam-se, direta ou indiretamente, como “*garotas de programa*”, sendo frequente o uso do termo “*menina*”, tanto para si mesmas como para outras colegas.

A expressão “*essa vida*” refere-se à imersão na prostituição. É muito comum atribuírem ao lugar em que “ficam” o nome “a casa”. Esses termos coincidem, ou melhor, equivalem aos achados em outras pesquisas e, em especial, com a realizada entre “*dançarinas*”, nos Estados Unidos da América, por Meihy. O autor, ao indagar sobre o fato de utilizarem a palavra “meninas”, obteve como resposta uma série de sentidos:

É melhor a gente evitar a identificação pessoal, então chamamos meninas quando queremos dizer todas...
Menina por que é carinhosa e aproxima as pessoas...
Porque não somos velhas...
Menina é legal porque não ofende e faz a gente se sentir mais protegida, mais criança...

(Meihy, 2003, p.191)

Os termos “meninas” e “casa”, usados largamente por todas, parecem ser utilizados como estratégia para minimizar o peso do estigma, ou seja, uma forma de falar menos pejorativa, podem, também, como refere o autor, indicar que nesses lugares de convívio entre elas há espaço para afinidades.

O discurso apresentado por Madalena é bem ilustrativo. Ela utiliza com frequência os termos “*meninas*” e “*garota*”:

As meninas sempre falavam: Ah, como garçonne você não vai ganhar nada! Pensei: se eu já entrei aqui, então, vamos ao que interessa. Optei por ser garota. Tem oito meses, já que *eu sou garota de programa*.

Nomeia a si própria “garota de programa”, após ter dito que “precisou” optar por “essa vida”, única opção de trabalho, decorrente de sua trajetória de

abandono, de migração do Nordeste, de desemprego: “*Tem oito meses já que eu sou garota de programa.*”

A seguir, relativiza:

Sou muito sincera, muito, franca, então, ainda não achei minha profissão. Isso não é nem a minha profissão, ainda porque eu ainda não encontrei.

Procura embasamento para sua identidade conflituosa nos discursos alheios:

Não falando porque *sou*, mas todo mundo fala que eu sou séria. (...) Uma hora, outro fala que eu sou metida e que não sei o quê. Não, eu sou uma pessoa simples, humilde. Sou uma pessoa muito simples. *Não sou uma pessoa de luxo*, de coisa assim, não. Já trabalhei em casa de família, já trabalhei em várias coisas. Desde os 8 anos, que eu sempre tomei conta da casa da minha avó – porque eu cuidava dos meus avós. Então, é uma experiência boa.

Em sua história, revela todas as suas inquietações desse conflito e o sentimento vivido de estar “*nessa vida*”, tratando-se como uma “coisa”, um corpo, um objeto de troca.

Diana não diz textualmente *eu sou* garota de programa, porém afirma que este é um trabalho e que decidiu entrar nele sozinha, apesar da nomeação paterna, deslocada no discurso atribuído à irmã:

A gente sempre ia fazer caminhada, cedinho, né? Aí, começou a surgir esse assunto de *garota de programa*, de trabalhar como garota de programa. E ela falava pra mim: *tal dia, eu passei na frente de tal lugar e tinha umas meninas lá... Nossa! As meninas chegam com cada carrão*, e que não sei o que e, comentando isso, né? Aí, eu peguei e falei assim, eu falei: caramba, meu! Será que se eu entrasse num lugar desse e tentasse, será que eu ia conseguir? Será que eu seria mulher o suficiente pra conseguir isso pra mim?

É interessante notar como ela constrói um discurso em que fala de sua decisão, mas antes empresta sua voz para a irmã que a lançou no desafio que atribui a si mesma.

Se a participação da irmã foi ou não efetiva, não é disso que se trata aqui, porém é como ela diz e acredita: “seria mulher o suficiente” para ter um carrão igual ao visto pela irmã?

Ela diz que trabalha como “*garota de programa*” e é uma “*menina*”, assumindo que está “se prostituindo”, nos exemplos a seguir:

Eu falei: Nossa! O que que eu fiz, né? Pronto, ele descobriu que eu trabalho como *garota de programa*. Porque ele descobriu que eu trabalho. Ferrou (...) Mas se eu pudesse voltar atrás, eu voltaria para a casa dos meus pais e seria tudo diferente. Eu acho que, agora, eu nem estaria aqui me prostituindo, assim, pra mim conseguir dinheiro.

Fala em referência às outras garotas de programa, cinco vezes, nomeando-as de “*menina*”, podemos ver na primeira referência, quando está dialogando com a irmã, acima citada, e quando saiu do primeiro local:

Eu saí, porque assim: a menina, quando fica muito tempo num lugar, ela fica “manjada”, né? Então, os homens já conhecem, já saiu com todos os homens dali. Então, eles meio que enjoam, né? Eles partem pras meninas novas que entraram.

O seu discurso é marcado pela mudança de pessoas, que empresta sua voz ora à mãe, ora à irmã, ora às meninas, por exemplo: minha irmã disse, meu pai disse e apresenta assim o que está pensando por meio dessas pessoas.

É importante ressaltar o efeito que revelar sua história causou, ocasionando um *insight*, ou melhor, uma possibilidade de implicação, expresso nas expressões “estranho”, “branco na cabeça”:

É que pra mim é difícil! Porque eu não estou vivendo uma situação dessa, em que eu tenho que contar, então tipo assim, você pergunta e eu respondo. Porque é, tipo assim, sabe quando te dá um branco na cabeça e você se pergunta, puta, o que eu fiz da minha vida? Não sei! É estranho. Então, por isso que eu queria que você me perguntasse, porque senão...

Esse parece ser um ponto imponderável. A emoção é posta em cena: entre o que se sente e o que se diz, há uma lacuna. Como aponta a psicanálise, nem tudo pode ser dito, mas em alguns momentos da fala é possível que se experimente o *insight* ou “gozo do sentido”, dois campos se encontram, o real e o imaginário, ou seja, ao indizível parece se colar alguma consistência. A questão de como se extrair efeito terapêutico disso se coloca.

4-Função ambígua da maternidade

Na amostra estudada, cinco jovens tiveram filhos com 16 anos e duas com 18 anos. A gravidez na adolescência, logo após o início da atividade sexual, em geral, com os primeiros namorados, levou-as a assumir outra posição dentro de suas famílias. Algumas, após o conhecimento da gravidez, precipitaram a saída da casa dos pais, indo morar com os companheiros. Seis delas intitulam-se “separadas”, mesmo não tendo formalmente casado no civil ou religioso.

É o caso de Madalena, aos 15 anos, fruto de um namoro oficial.

Minha primeira relação foi com 13 anos. Eu tinha acabado de completar 13 anos. Aí eu fiquei dos 13 até os 14, e aos 15 anos eu tive a minha primeira gravidez. Eu não tinha condições, era muito criança, então, eu tive um aborto espontâneo, um aborto natural. Dessa primeira gravidez não veio. Eu já estava junto com o pai do meu filho, aí eu tive o meu filho, que hoje tem 8 anos. Toda a minha família soube sobre isso. A partir do tempo em que aconteceu isso, eu já fui morar junto com o pai do meu filho.

Em algumas situações, a gravidez ocorreu em contextos violentos.

Lais desejava um filho para sair de casa e pôr um fim ao abuso sexual do marido da prima, a quem trata por cunhado, indo para um relacionamento, também, conturbado.

E eu, naquela situação, me envolvi com um rapaz e engravidei. Nisso, eu tinha 16 anos. Mas eu engravidei porque eu quis. Porque eu queria sair. Não sei! Foi uma coisa louca que eu não faço nunca mais, né? Mas assim... Voltando a esse ponto aí, eu engravidei pra sair. Parecia que tudo ia ficar como se fosse outro tormento, ele usava droga.

A mesma solução é encontrada por outras jovens que engravidam na adolescência. Madalena engravidou aos 15 anos, Melissa, aos 17 anos. Afra, aos 16 e aos 19 anos. Helena, aos 16 anos. Margarida, aos 15 e 17 anos. Bia com 18 anos. Tais teve um aborto e, como Diana, não teve filhos. Selene engravidou apenas com 24 anos.

Afra nomeia seu “problema”: a gravidez precoce.

Engravidei cedo. O meu problema foi *gravidez precoce*. Comecei a namorar, comecei a namorar e tal. Aí, nunca tinha ido no ginecologista, nunca tinha nem tirado sangue, depois de “grandona”; só quando era neném, quando era criança, que a minha mãe ia levar pra fazer algum exame. Aí, eu comecei a namorar dois anos com um cara e tal. Ele conhecia toda minha família e eu conhecia a família inteira dele, aí engravidei. Ele tinha 17 pra fazer 18, e eu tinha 16 pra 17. Era assim. Aí, engravidei, aí, nossa! Eu sofri muito cedo porque eu engravidei...

Na maioria das vezes, referem que a necessidade de estar nessa profissão advém da falta de emprego e condições para o sustento e a alimentação dos filhos.

Em suas narrativas, observa-se a tentativa de situarem o *outro* como testemunha do anseio de serem boas mães, o que fica evidente na fala de Margarida (19 anos): “*Eu não tive leite e meu filho precisava tomar leite e era muito caro pra mim, entendeu?*” .

Nos relatos, percebe-se que existe a vinculação da maternidade com a adesão à atividade da prostituição:

É uma coisa assim que eu fico muito contente, de ver que eles não estão passando necessidades, sabe? Então, eu já fico mais tranquila. Então, para mim, isso é o ideal; é o principal. Meus filhos estando bem, para mim está ótimo, entendeu? Eu me viro do jeito que eu posso. (Margarida, 19 anos)

Enquanto a maternidade é apresentada como uma justificativa intransponível ou inquestionável para o fato de se prostituir, na medida em que foi a única forma de conseguir subsídios financeiros para sustentar a prole, ela é também, em um sentido, por assim “romântico”, a força motriz para o desancoramento desse estilo de vida, reconhecidamente marginal pelas próprias protagonistas.

Bia (19 anos):

Como eu disse: eu quero arrumar um trabalho digno, dar um futuro melhor para o meu filho, sair dessa vida porque não é vida pra ninguém. Me ajudou bastante, mas não é vida pra ninguém.

Afra (24 anos):

Eu quero ficar até dezembro, juntar um dinheiro. Eu quero ficar, te juro, uns dois meses sem trabalhar em lugar nenhum. Ficar em casa pra curtir meus filhos, sem aquela correria. Aí sim, entendeu? Aí, eu vou mandando currículo. O que eu achar pra mim está ótimo. Mesmo se for pra ganhar, quinhentos, seiscentos reais. Pra mim tá ótimo.

Para poder salvaguardar a sobrevivência dos filhos, uma mulher é capaz de fazer qualquer coisa, até a mais degradante. Isto confere a elas um caráter quase heroico, que não é atribuído aos homens.

Elas, do lugar de vítimas de um passado traumático, eram as chefes de família, em posição muitas vezes superior àquela dos homens de casa, como Melissa, Afra e Margarida. Elas, como diz Afra, “*bancam o homem da casa*”, pagam o aluguel da casa, sustentam os filhos, pais e irmãos. Sempre colocam em evidência a

fragilidade desses homens que estão, via de regra, desempregados, marcando a insuficiência deles para proverem o sustento delas ou de seus filhos.

Para ele está tudo bom. Aí ele fica assim: nesses tempos ele está fazendo um bico, está ajudando um pouco, mas vira e mexe ele está desempregado, desde quando ele perdeu o comércio dele. (Melissa, 22anos)

Ou no caso de Afra (24), isso se torna mais evidente ainda:

Mas eu tenho culpa? Eu não tenho culpa! Se eu estivesse deixando de pagar o aluguel, pagar as contas, deixar de comer pra gastar comigo, tudo bem. Mas eu gasto comigo e com os meus filhos e *banco o homem e as coisas da casa*. Não deixo faltar nada. Muitas vezes, eu deixo pra ele se virar, entendeu?

Margarida (19 anos) também revela essa questão:

Se eu estou aqui hoje é pra tentar não deixar faltar as coisas para os meus filhos, entendeu? Como nunca faltou, então agora que eu estou desempregada, o meu marido está desempregado, eu pago aluguel, é água, é luz, é despesa, então, eu quero que continue assim.

Neste momento da discussão, faz-se necessária uma breve digressão teórica sobre algumas questões relativas ao conceito de feminilidade tal como é proposto pelo pensamento psicanalítico que serão amarradas com a categoria na próxima discussão, intitulado “uso e (abuso) de drogas”.

Freud (1933, p. 155), em suas considerações sobre a feminilidade, sustenta, a partir do complexo de castração, três possibilidades para uma menina:

A descoberta de que é castrada representa um marco decisivo no crescimento da menina. Daí, partem três linhas de desenvolvimento possíveis: uma conduz à inibição sexual ou à neurose; outra, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade, a terceira, finalmente, à feminilidade normal.

O autor entende que a *feminilidade normal* diz respeito a uma equivalência simbólica entre o desejo de ter um pênis e o de ter um bebê do pai.

O desejo que leva a menina a voltar-se para o seu pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter do pai. No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica. (Freud, 1933, p. 158-9).

O desejo de ter um bebê de um parceiro equipara-se à busca de um atributo fálico, e uma das formas que poderia levá-las a um apaziguamento concernente à própria relação com a feminilidade seria a vontade de ter um filho.

O que quer uma mulher? Freud, ao fazer essa pergunta, aponta para o reconhecimento sobre a pouca compreensão da feminilidade ou da consistência de uma identidade propriamente feminina. Escreve o autor:

Deve-se admitir, contudo, que nossa compreensão interna desses processos de desenvolvimento em meninas em geral é insatisfatório, incompleto e vago. (Freud, 1924, p.224)

A ideia de que a identidade feminina sustenta-se na maternidade é reconhecida por Freud como insuficiente e revelou-se como um “incômodo” divergente para a psicanálise até a reversão proposta por Lacan, que consiste em abordar o feminino não pela ideia de uma identidade propriamente dita mas sim pelos meandros do gozo.

Para André (1998), o que uma mulher demanda é subjetivar essa parte insubjetivável de si própria que representa seu corpo. Na busca desesperada de significação para o seu ser e ser submetida à ordem fálica, a mulher quer *ser o falo*, ser o objeto que realiza o desejo do Outro, que preenche a falta do Outro, em uma eterna demanda de amor. Elas querem ser sujeitos lá onde o significante as abandona:

Não é de admirar que as mulheres questionem sistematicamente o amor, nem que elas o demandem de seu

interlocutor. É preciso amá-las e lhes dizer isto, menos por uma exigência narcísica do que por causa dessa defecção subjetiva pela qual elas são marcadas enquanto mulheres. Se querem ser amadas, não é porque esse anseio tenha a ver com uma passividade natural, como acreditava Freud, mas porque querem ser feitas sujeitos lá onde o significante as abandona.

(André, 1998, p.256)

Em 1973, Lacan propõe as fórmulas quânticas da sexualização⁸⁸, nas quais apresenta o lado homem e o lado mulher, ou seja, as posições masculina ou feminina, a partir da castração e da articulação com o gozo fálico. Assim, abre-se para o sujeito a possibilidade de escolha relativa a uma ou a outra posição predominante, não necessariamente imposta pela condição biológica e anatômica (Lacan, 1992, p.105-9).

O autor aponta para o fato de que o sujeito que assume a posição masculina faz conjunto em torno do gozo fálico e demanda de sua “parceira” um papel específico em sua estrutura fantasmática, ou seja, toma-a por objeto (a), atribui a ela a “substância” do falo (o homem tem o falo sem sê-lo e a uma mulher é o falo sem tê-lo). Aqueles que se colocam nessa parceria, nessa estratégia de gozo, podem fazê-lo apenas em parte, isto é, podem emprestarem-se como objeto da fantasia do outro,

⁸⁸ Foi apresentado por Lacan em 1975. Lacan J. *O Seminário, livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1992. p.103.

Fórmulas Quânticas de Sexualização

" $\overline{\exists x} \quad \overline{\Phi x}$ ": que indica a não existência de seres falantes que se posicionem deste lado que não estejam submetidos à ordem fálica, ou seja, não existe mulher que não esteja submetida à castração;

" $\overline{\forall x} \quad \Phi x$ ": não toda mulher está inscrita na ordem fálica;

" $\overline{La}$ " matema que representa ~~A~~ Mulher (~~La~~ Femme)

porém, não totalmente. É o campo daqueles que se inscrevem na lógica do *não-todo* fálico. Uma parte de seu gozo perde-se no inominável, volta-se para si mesmo: assim, as mulheres, aquelas que se colocam a maioria das vezes como objetos, gozam dos parceiros e de si mesmas.

Independente da anatomia sexual, a economia e a escolha objetal, vão posicionar o sujeito de um ou de outro lado predominantemente.

Para Quinet uma mulher inscreve-se no ato sexual como parceira do desejo masculino. Aprendeu a arte de seduzir os homens e a fazer com que eles acreditem que podem atingir o tão almejado gozo fálico. Desta ideia, a prostituição é uma ilustração extrema. Aquelas que encarnam essa posição consentem em *ser o falo*, sem se manifestarem em ser como sujeitos desejantes e clamar o amor do parceiro.

É para ser o falo, ou seja, o significante do desejo do Outro, que a mulher vai rejeitar uma parte essencial da feminilidade, concretamente todos os seus atributos na mascarada.

(Quinet, 1991, p. 98)

Para uma mulher existe um clamor para essa posição de “mascarada”, que a inscreve no universo simbólico. É a dinâmica a partir da qual é capaz de se reconhecer seu lugar como filha, esposa, eventualmente, mãe, ou no caso, em questão, como uma profissional do sexo.

Grant (1998), ao citar Lacan (1975)⁸⁹, postula que se a libido é masculina, a mulher estará reduzida a se posicionar do lado *homem* e isto porque é com esta estrutura que se pode falar da existência de um inconsciente, de conteúdos recalçados

⁸⁹ Lacan J. *Le séminaire XX: encore*. Paris: Seuil; 1975.

“se a libido é apenas masculina, a querida mulher, não é senão de lá onde ela é toda, quer dizer, lá de onde o homem a vê, não é senão de lá que a querida mulher pode ter um inconsciente. E de que lhe serve isto? (...) para fazer falar o ser falante, aqui reduzido ao homem, quer dizer- não sei se vocês chegaram a notar na teoria analítica- a só existir como mãe”. (Lacan, 1975, p. 233).

que buscam se fazer, dizer e dar uma consistência e uma noção de identidade ao sujeito.

Nesse sentido, para a autora, a tão velha identidade ligada ao ser mãe pode localizar um sujeito, oferecer-lhe uma consistência de ser, porém, ocorre que "ser mãe" coloca-se como uma resposta de ordem fálica, que não obtura a questão radical sobre o que é ser uma mulher.

Uma mulher, como ser falante, está cindida da feminilidade que a encarna. Se valorizar sua identidade e seu nome (registro fálico) perderá o que lhe é próprio, ou seja, o enigma de ser mulher e sua alusão ao vazio, ao campo de um Outro gozo.

Soler refere que Lacan propõe que enquanto posicionada como "*a mulher*", o sujeito feminino reconhece:

... um desejo bem alheio a qualquer busca do ter e tampouco é a aspiração a ser que é demanda do amor. Ela se define como o equivalente, se não de uma vontade, pelo menos de uma visada do gozo. (Soler, 2005, p. 36)

A prostituição enraíza-se no campo fálico, como qualquer outra "profissão", e talvez um estatuto semelhante à maternidade ⁹⁰. Resta ainda saber como será possível o deslocamento parcial dessa posição para que se abra a possibilidade de ocupar o lugar legítimo dentro de uma parceria amorosa, qual seja, aquele de objeto do qual ela demanda ser algo para alguém.

Se a identidade marca sua posição do lado do homem (*todo fálico*), a prostituição seria uma expressão marcante do campo fálico, uma vez que o ato sexual mediado pelo "dinheiro" exclui o pedido de amor endereçado ao homem, ainda que, aparentemente, ao se colocar a si mesma como mercadoria de troca, o sujeito pareça

⁹⁰ Roudinesco & Plon (1998, p.224), citando Lacan, em 1975, no Seminário "*RSI*" e no seminário "*Mais ainda*", alude ao fato de que o filho pode ser o objeto *a* para uma mulher. O filho tem a função de "rolha de gozo".

ocupar o lugar de objeto na fantasia do parceiro. Ela busca o objeto fálico, no caso o próprio pagamento, como qualquer outra profissão, a despeito da ética moral imposta pela sociedade para essa práxis.

4-Uso (abuso) de drogas

Nos casos aqui apresentados, como articular a captação monetária do gozo fálico com o abuso das drogas, além do emparelhamento exclusivamente capitalista? Poder-se-ia pensar que essa articulação expressaria mais uma vez a divisão relativa ao gozo no sujeito feminino? Assim, o gozo envolvido sustentar-se-ia no pênis-moeda do cliente e desdobrar-se-ia no uso da droga que esse pênis-moeda propiciaria. É interessante pensar que a maneira “escolhida” para conseguir o dinheiro para a “sobrevivência” ou o consumo de coisas, ou de drogas, seja a venda do próprio corpo, ou melhor, de partes do corpo.

A mediação do dinheiro exclui o desejo pelo homem, tanto no sentido em que o que importa é o pagamento e não o ato em si mesmo, como no sentido em que a “fatura” de pênis destitui o órgão de um encantamento próprio daquilo que pode faltar.

Há um enfraquecimento da parceria com o homem; a verdadeira parceria se estabelece, em primeiro lugar, com o dinheiro e, posteriormente, com o artefato - a droga. O significante do próprio desejo buscado no homem desloca-se do corpo para o bolso, destaca-se, ela pode concretamente apropriar-se dele. Terminado o “serviço”, ele vai e ela fica com dinheiro. Não se trata, então, propriamente da busca

de um significante que tenha o poder de *conectá-la* ao universo fálico, mas sim de um objeto (dinheiro) que ela subtrai do parceiro-cliente.

Lacan, em *Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina*, aborda a divisão feminina em relação ao desejo e ao amor: há um componente velado na parceria sexual, para o qual se dirige o amor:

De fato por que não admitir que, se não há virilidade que a castração não consagre, é um amante castrado ou um homem morto (ou os dois em um) que, para a mulher, oculta-se por trás do véu para ali invocar sua adoração...

(Lacan, 1998, p. 742)

Para Quinet, citando Lacan, o desejo da mulher dirige-se ao órgão masculino, tomado como significante de um desejo que a deseja, e o amor visa ao parceiro morto ou castrado, atrás do véu:

situa o gozo em algum ponto deste trajeto, que vai do Nome-do-Pai (ou pai do gozo) ao pênis fetichizado. (...) o gozo, ou a adoração, situa-se mais para o lado do amor e o desejo, para o lado do pênis do parceiro

(Quinet, 1995, p. 20)

Lançando mão dessa construção teórica, seria possível articular a parceria, sob o véu, da mulher com seu amante castrado, com o pai do gozo, com a parceria que essas jovens fazem com o dinheiro e com a droga?

No caso da droga, nesse sentido, cria-se um circuito que vai da droga (objeto de adoração) ao dinheiro, insígnia de pertença ao universo fálico, ou seja, na desesperança de encontrar um parceiro que a nomeie como sua mulher, o dinheiro funcionaria como uma suplência consistente dessa ausência de nomeação, ao mesmo tempo em que abre a possibilidade de acesso ao gozo supremo concretizado na droga ou no consumismo exacerbado de coisas – “*vício da noite*”.

É interessante notar que, para elas, como é expresso nas falas sobre “a difícil saída *dessa vida*”, a prostituição também pode “*viciar*”, pois o dinheiro abre as

portas para o consumismo, desde as coisas para o corpo até as mais fúteis, gerando dívidas que as mantêm nesse ciclo que se repete, ainda que sempre justificadas pela necessidade de sobrevivência.

Na crença da impossibilidade de qualquer homem fornecer o significante que definiria o ser mulher, ela, concretamente, tira o dinheiro do homem e utiliza-o para ascender a uma modalidade de gozo que a dispensa da parceria amorosa. Assim, o cliente, para essas jovens, funciona como o “trampolim” para a vivência plena do gozo que dispensa uma confrontação significativa com sua própria condição feminina.

Resolver a questão da impossibilidade do homem (pai) significantizar a mulher como tal, por meio do pedido de uma oferta monetária concreta (o pagamento pelos favores femininos), é uma saída muito pouco eficaz, visto que retira do universo onírico o gozo com o *íncubo* e o traz para a vida concreta, levando a consumação do sujeito em sua oferta incondicional à compulsão, seja ela a droga ou a prostituição.

Uma questão que deve ser também apontada é a que diz respeito à ideia de valor. O corpo e os favores femininos têm um valor objetivamente quantificado – o preço, barato, como expressão de desespero, da falta de escolha ou o preço valorizado, no qual o sujeito superestima suas expectativas e possibilidades.

Preço, este sim, otimizado da porção da droga, seja *crack*, cocaína ou mesmo o álcool. Isto configura um campo de relação de troca. Consumo e satisfação andam de mãos dadas e, nesse sentido, consumo de pênis, consumo de droga, consumo de objetos dos mais variáveis, assim como consumo de preservativo, como,

neste último caso, enfatizam os programas de orientação à saúde e o *bem-viver*, sem contar o consumo veloz do corpo e da própria vida.

Uma vez na prostituição, o uso de drogas pode apresentar-se como a nova referência, ou melhor, como um enunciado que caracteriza as relações nesse novo ambiente. O uso de drogas e a comercialização do próprio corpo estão estreitamente ligados, conforme o primeiro termo possibilita a entrega do corpo como mercadoria, isentando o sujeito de um aprofundamento reflexivo relativo àquilo que está entregando ao pagador. No entanto, para que possa desfrutar desse eficaz anestésico, necessita do pagamento que esse ato de comércio envolve, engendrando-se, assim, um ciclo que se retroalimenta.

O entendimento do lugar que ocupa a toxicomania na ideologia contemporânea é ponto-chave para o eixo de reflexão aqui construído ou pelo menos esquematizado.

O declínio da imagem paterna aponta para o galopante esvanecimento do Outro. O toxicômano consente com o mandamento universal do gozo: *consuma*; preconizado em sua devoção à satisfação incondicional da droga, satisfazendo-se em uma parceria cínica, com sua própria forma de gozo solitário, à margem.

Para Lacan (1969, p.153), esse é um sintoma do homem moderno, imerso no discurso capitalista, que faz com que cada um escolha a sua forma particular de obter a satisfação – o gozo, massificada pela indústria de consumo e acessível em qualquer vitrine – *as latusas*.

Segundo Santiago (2001, p.188), o sucesso da droga concerne à sua função de anteparo. Reside aí o fascínio da droga sentida pelo *toxicômano*. Ela proporciona-lhe um atalho que reduz sua angústia frente ao real e ao corpo do Outro. O autor ressalta

que, em nossos dias, na civilização da ciência, novos sintomas apresentam-se, sendo a toxicomania uma solução *não fálica* para separar o gozo e o corpo.

Este é um ponto bem presente na vida das jovens entrevistadas. Somente uma refere que nunca fez uso de drogas lícitas e ilícitas (Bia). As outras citam, pelo menos, o uso de álcool e tabaco, ainda que por vezes não se tenha a dimensão do uso pelo processo de negação do mesmo, como o salientado no caso de Madalena. Elas também referiram relação com usuários ou ex-usuários de droga lícita ou ilícita que foram seus pais, irmãos e parceiros amorosos (Tais, Diana, Helena, Lais, Afra) ou ainda estavam em uma parceria amorosa com ex UD/UDI (Melissa, Helena, Margarida).

Taís (19 anos) marca a adolescência com o uso coletivo de bebida na escola:

Ah, eu comecei na bebida assim. As meninas faltavam na escola e os meninos falavam que... toda vez que a gente ficava, bebia. Aí, eu falei assim: Ah, não, não quero... Aí, teve uma vez que teve uma festa na casa da amiga minha – a mãe dela tinha ido viajar. Aí, ela convidou eu e mais algumas amiga minha e um monte de rapaz. Aí, eu bebi um copo de vinho nesse dia. Eu tinha o que? Uns 14 anos. Bebi um copo de vinho e comecei beber. Bebi, bebi... Bebi até encher a cara. Aí, eu ia embora no outro dia porque tinha que esperar o efeito da bebida passar. Porque se eu chegasse em casa e minha mãe “vêsse” ela não ia gostar, ela ia brigar.

Compara-se ao próprio pai, ao ficar sempre muito “bêbda” atualmente:

Às vez eu não quero beber, mas se eu bebo um copo, eu já quero beber o segundo, o terceiro, o quarto... até ficar “bêbda” mesmo, “bêbda” mesmo.

Lais associa o uso de bebida ao abuso sexual sofrido pelo cunhado.

Eu saí da escola uma vez e fui beber com uns amigos meus. Eu chamei uns amigos pra tomar, pra **beber lá no cemitério**. E nisso, eu cheguei em casa... né? Do hospital, eu cheguei já... foram os meninos que me levaram. Nisso, quando eu estava alcoolizada, ele tentou me violentar novamente... então, era uma situação muito chata.

Conta que depois usou cocaína, na época em que trabalhou como “mula”. Resolveu sair do tráfico porque foi presa pela polícia e, depois de “liberada”, teve muito medo de perder a liberdade e os filhos:

Antes disso tudo acontecer, eu trabalhei com o tráfico, me envolvi com drog... Pra dizer que eu nunca fiz nada por causa de droga. Eu nunca comprei, pra falar a verdade. Eu sempre ganhei a droga. Eu usava porque eu ganhava, porque se eu tivesse que comprar eu não comprava. Mas eu não fiquei. Era mais para sustentar a minha casa e manter o que eu tinha. Não era muito, mas eu tinha que manter. Eu não tinha que perder tudo aquilo. Perdia a dignidade, mas não perdia as coisas... materiais. Então, me envolvi com tráfico, fiquei trabalhando com drogas. O pai do meu filho também se envolveu, mas não era para ele aquilo e graças a Deus ele saiu ileso! Porque, quando você entra é difícil você sair. Eu também não tenho do que reclamar. Eu cheguei e falei: parei, não dá mais. O dia que eu fui presa, que eu vi os policiais comentando certos tipos de coisa, foi passando um monte de coisa pela minha cabeça e eu pensei: Não, eu prefiro passar fome do que ter dinheiro e perder... Eu fiquei pensando nos meus filhos.

Diana fazia uso de maconha desde os 14 anos, cerca de três baseados por dia, e de álcool. Seu companheiro era usuário também de maconha, cocaína e álcool. Diz que parou com a maconha. Mas em uma segunda conversa, com o gravador desligado, diz que ainda bebe alguns dias até em demasia, justificando ter chegado de ressaca na casa, enquanto eu esperava outra jovem para entrevista.

Já, já usei já. Foi com ele, inclusive. Eu fumava maconha junto com ele. Nunca cheguei a cheirar, nada assim... Eu bebia muito. Comecei a beber com ele. Então, foi na faixa de 14 anos, assim. Então, acho que foi com 14 anos a primeira vez que eu coloquei álcool na minha boca. Sabe, bebendo vinho, essas coisas assim. Era tudo na brincadeira, né? Aí, teve até um tempo que a gente... Esse negócio de fumar maconha, a gente estava morando junto já e tal, e assim: ou a gente tinha que fumar maconha todos os dias. Era assim: a gente acordava de manhã e estava com maconha na boca; estava com baseado na boca. Aí ele saía pra trabalhar, aí ele voltava, e eu estava com outro baseado na boca. Chegava do serviço à noite, 7 horas da noite, fumando outro. E aquela

coisa assim, a gente colocou como se fosse uma rotina na nossa vida, como que se a gente precisasse. Era a mesma coisa de se alimentar. A gente come três vezes por dia e, três vezes por dia eu tenho que estar com isso na minha boca. Tem que estar o dia inteiro louco. Se não era a droga, era a bebida. Todo dia a gente tinha que beber. E isso foi muito ruim, muito ruim. Até que, nessa época, quando a gente estava usando droga, a gente não brigava tanto. A maior parte do tempo a gente passava dando risada e brincando um com o outro, sabe. Até que a gente... eu tava sentindo que eu tava mal, que eu tava viciando naquilo, sabe uma coisa boba – agora eu falo, né? Uma coisa boba que eu nunca precisei disso e aí a gente parou de usar assim. Eu parei de usar droga, parei de beber. Só fumar cigarro que eu fumo. Faz quantos anos? Pausa demorada. Que eu parei com isso? Então, foi com 16, 17 anos, então dos 14 até quase os 17 anos eu estava usando ainda.

Afra revela que bebia quando saía e que seu maior vício eram as “baladas”.

Conta que, depois que teve sua primeira filha aos 16 anos, deixava-a com a mãe e saía:

Eu reconheço que eu estava errada, totalmente errada... De nem ligar mais pra criança? Chegou a um ponto que eu nem pedia mais – pra você ver, eu não era viciada em droga, mas fiquei viciada em balada.

Seu irmão é usuário de cocaína e que seu pai fazia uso de álcool. Conta que seu parceiro atual é ex-usuário de cocaína, mas não tem muita certeza da abstinência dele.

Selene, aos 16 anos, saía muito, ia sempre para as “baladas”. Voltava embriagada. Em um determinado dia, resolveu aceitar uma carona, quando foi estuprada por uma pessoa desconhecida que estava com alguns colegas de seu bairro. Refere ter parado de beber. Novamente verifica-se a associação entre embriaguez e estupro.

Foi um dia que eu tinha ido pra uma festa e eu comecei a beber. Aí, bebi demais e voltei pra casa. Nessa volta pra casa, de madrugada, que eu estava bêbada, tinha um grupinho

numa pracinha, lá perto da minha casa. Um grupinho de moleques lá. Aí, veio um e falou pra mim: “quer uma carona? Eu te dou! Eu falei: Quero. Aí, nessa carona, desviou o caminho e aconteceu. Foi um estupro, porque ele era bem mais velho e mais forte do que eu. Com uma mão dele só, ele segurou assim e foi. Aí, eu não contei pra minha mãe não. Eu contei pra uma amiga só, minha. Aí, ela falou que era pra mim ir no hospital e ir na delegacia denunciar. Só que eu fiquei com medo porque a minha mãe não ia deixar eu sair de casa nunca mais.

Margarida revela que raramente usa bebida alcoólica, porém fuma bastante.

Não, bebida... Eu não sou de beber. Depende, assim, do local. Se eu estou num lugar com o pessoal, amigos, assim, um barzinho, eu tomo uma coisinha leve. Não sou de beber cerveja; odeio cerveja. Se eu bebo, é coisinha mais leve, mais doce e bem tranquila. Nossa... Eu comecei a fumar cedo. Comecei a fumar cedo, com uns 10 anos. A minha mãe foi descobrir que eu fumo com 17 anos.

Cita que seu atual companheiro é ex-usuário de cocaína:

Aí, ele começou a passar droga. Começou a passar droga, começou a usar droga, também, a consumir. Ele usava cocaína. Cocaína. Aí, depois ele saiu... Aí, procurou uma das melhores clínicas. Aí, ele pegou e foi. Não. Foi para uma chácara. Nisso, ele virou pastor... Aí, foi nessa casa de recuperação que eu conheci ele. Sei que ele estava limpo. Hoje faz 3 anos que eu estou com ele e ele nunca teve recaída, pelo que eu vejo. Eu nunca vi ele ter uma recaída. Ele não é de beber, não bebe cerveja, não bebe nada.

Revela que quando fuma esquece as agruras dos programas na boate:

Ah, tipo assim... são... é... é... a gente vê de tudo aqui dentro, né? A gente vê de tudo. Eu, ontem, eu tive três; três programas mas foi com pessoas jovens, da minha idade, assim, já mais... né? Então, já foi uma coisa mais tranquila para mim. A gente conversava bastante. Foi como se eu estivesse saindo de um barzinho, de um lugar assim... Conhecesse um cara e fosse ficar. Para mim foi tranquilo. Eu tento controlar bastante, assim, a minha auto-estima, a minha... é... ansiedade, vontade, tudo. Eu tento... eu fumo um cigarro, já era! Pronto.

Bia menciona que nunca usou nenhum tipo de droga, mas refere que o pai usava e a agredia. Acha que não é uma “*menina viciada*” porque teve “*cabeça*”:

Nunca usei drogas. Nem cigarro. Não suporto nem cheiro de cigarro. Se as meninas estão fumando perto de mim eu não fico. Nem bebida eu bebo. (...) Meu pai é decorador, só que ele mexe com cola e a cola subia pra cabeça dele. Então, ele já chegava doido em casa. Aí ele queria descontar na minha mãe, só que aí eu não queria ver ele bater na minha mãe e não deixava. Então, ele ia e descontava em nós...”Faz um bom tempo que eu não vejo meu pai, mas mesmo quando eu ia nas festinhas da escola, ia com meus irmãos nas festinhas que tinha, quermesse, assim, era confusão. Eu não podia conversar com uma amiga minha que ele já achava que era outra coisa, né? Isso me deu mais revolta porque meu pai sabia que eu não estava fazendo nada e então...

Olha, se eu fosse... *Eu seria uma pessoa revoltada*. Que nem, eu conversei com um grande amigo meu e ele falou pra mim assim que, por tudo que eu passei, se eu quisesse ser uma menina viciada e fazer tudo que as outras meninas fazem, era pra eu ter entrado numa fria. Eu que não entrei porque eu tive minha cabeça... Eu penso em mim, penso no meu filho, penso nos meus irmãos...

A droga impõe-se pelo seu efeito medicamentoso: *poder aguentar* os imperativos que determinam de forma não só violenta, mas também trágica da vida da prostituição, sustentada pelo consumo do próprio corpo.

Melissa (22 anos) relata:

Ah, pra mim, eu sou alcoólatra! A pessoa que bebe todo dia é alcoólatra. (...) Eu gosto de tomar assim, pra ficar legal, pra conseguir dormir – porque eu não consigo dormir. É. Porque eu fico muito preocupada. Então, eu vou bebendo. Aí, chega aqui, eu... Antes de chegar aqui eu bebo. Tem dia que eu chego caído. É que, para mim, está muito difícil aqui. Eu não me conformo.

Helena diz que, após ter entrado para a prostituição, fez uso por quatro vezes, sendo que em uma delas quase morreu de overdose:

Usei depois que eu passei a vir trabalhar aqui. Usei quatro vezes, só que nessas quatro vezes eu me ferrei, porque me deu overdose. Eu quase morri. Usei cocaína. Cheirei. E

depois eu fumei maconha. Nossa, foi horrível. Foi uma sensação que eu não quero nunca mais na minha vida. Porque, tipo assim, eu fiquei branca, minha língua querendo enrolar, a minha unha estava enorme, e eu fiquei segurando a minha língua, assim, ó... sabe? Horrível! Eu não sabia se eu chorava, eu não conseguia falar... eu só ficava com o pensamento em Deus: Me ajuda, pelo amor de Deus! Nessas horas que a gente pensa que Deus existe. Sabe, mas eu sei, eu sempre tive certeza que Deus existe. Sempre, sempre, sempre, entendeu? Nessa situação a gente pensa na mãe, pensa no filho, pensa em todo mundo. Porque eu quase morri. Eu fiz o eletro, tudo (...) Só usei umas quatro vezes, mas na quarta vez foi que me deu *overdose*. Foi, porque eu fiquei usando desde à meia-noite até de manhã. Foi em Mauá, na casa de um colega. Daí, eles chamaram a SAMU, a SAMU veio. Daí eu falei, né? Tem que falar a verdade, porque e se eles me derem algum remédio, né? Daí eu fui, fiz eletro, tudo aí o médico falou que quase deu enfarto. Por pouco não deu enfarto. Foi horrível. Horrível, horrível, horrível, horrível. Horrível essa sensação. Daí, nunca mais.

Freud (1929), em *O mal-estar na civilização*, evidenciou o elemento trágico que circunda a existência humana. É universal, para os seres falantes, a experiência de um estado no qual as garantias sobre a manutenção da própria vida ficam reduzidas às simples condições do acaso.

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução (...); do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens.

(Freud, 1929, p. 95)

Uma das possibilidades de atenuar esta condição, em última análise, de profundo desamparo, citada pelo autor, diz respeito à intoxicação química. Ainda que seja uma forma grosseira, revela-se relativamente eficaz no sentido de amortecer as preocupações da vida que sempre têm como pano de fundo a consciência sobre o estado de abandono à própria sorte, que constitui o elemento mais concreto da experiência humana:

Os veículos intoxicantes usados na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça são tão altamente apreciados como um benefício, que tanto indivíduos quanto povos lhes concederam um lugar permanente na economia de sua libido. (Freud, 1929, p. 97).

A precariedade da estrutura e das relações familiares, a dificuldade de acesso às ofertas que a cultura e a sociedade propõem como forma de construir confortável e dignamente a própria vida e o confronto com uma realidade que cruamente tolhe o consolo do sonho e da ilusão a que essas jovens referem-se com frequência, são fatores que talvez confirmem à experiência de abandono e de desamparo, constituinte da condição humana, uma presença esmagadora para elas.

Nesse sentido, a dinâmica na qual elas se envolvem para driblar essa sombra constante leva-as a um confronto ainda mais inexorável com sofrimento. O desamparo experimentado em relação à própria família fica concretamente potencializado na vida agora “escolhida”.

Aquilo do qual elas tentam se desvencilhar retorna de maneira mais impiedosa, levando-as à consumação concreta do corpo.

Em alguns relatos, pode-se ver a presença das marcas da *novela* familiar, construída e interpretada por elas na encenação de suas próprias vidas, e o quanto essas marcas são tomadas como referência no papel que estão desempenhando.

Diana, em sua revolta contra o pai, sai de casa após ele nomeá-la de *vagabunda*, aos 14 anos. Vai viver com seu namorado, 8 anos mais velho, na casa da madrinha, e começa a usar com o parceiro que a submete a vários episódios de violência e, para sair dessa condição de “dependente” (do marido e das drogas), utiliza-se de outra prótese identificatória.

Relativamente à sua história, percebe-se de maneira clara e imediata a marca da nomeação paterna sob a égide do significante *vagabunda*. Comparada pelo companheiro à *vagabunda*, toma emprestado esse lugar de prostituta e efetiva-se nele.

As marcas significantes, oriundas dos discursos da mãe e do pai, inauguram a trajetória subjetiva de apropriação do corpo. É no corpo humano que o simbólico toma corpo, pois o corpo, segundo Lacan (2003, 407), “*a ser levado a sério, é, primeiramente, aquilo que pode trazer a marca para ser colocado em uma seqüência de significantes*”.

Em se tratando dos tipos de fenômenos aqui abordados (prostituição, abuso de drogas), a apropriação do corpo assume contornos específicos, na medida em que o mesmo é superutilizado, ou melhor, superfaturado. É, ao mesmo tempo, meio para ofertar prazer ao outro, recurso de sobrevivência e instrumento para proporcionar uma experiência *transcendental*, uma vez que é pelo corpo que a droga penetra no sujeito.

Uma questão aqui evidenciada é aquela própria da sintomatologia na mulher. Brunner (2008) alerta para essa modalidade na adolescência, em especial, a relação das adolescentes, ao redor dos 13 anos, nessa peculiar relação com suas mães, quando a sexualidade se apresenta.

A autora destaca o percurso da sexualidade feminina marcada pela passagem da mãe ao pai como objeto de amor; quando isso, por algum motivo, não acontece, a menina permanece cativa dos estragos maternos, evocando a mãe como a Outra mulher que encarna o enigma da feminilidade e, para a autora, sempre convoca

a questão da devastação que, geralmente, ocorre, e poderia até ser discutido à medida que se apresenta em diversos graus.

A história do uso de drogas dessas jovens, sobretudo na adolescência, é uma questão a ser vislumbrada. Esse sintoma, a devastação, ocorre com Melissa no caso da adoção ou, com Tais, pela violência verbal e física da mãe, ou mais tragicamente no caso de Helena e Bia, que se sentem exploradas financeiramente pela mãe. A devastação, sintoma observado na relação entre elas e suas mães, marcando e sucestibilizando-as profundamente.

Essa vivência é observada quando estabelecem suas parcerias amorosas que são tão danosas quanto as imaginariamente ou concretamente vividas com a mãe, com parceiros que são usuários de drogas, ou violentos ou ambos e, depois, concretamente vividos no próprio corpo pelo sintoma – a prostituição e o abuso de drogas.

Melissa ainda revela o lugar que ocupa no desejo do Outro – a ovelha negra, esboçado como a que vale menos que sua irmã, filha legítima de uma mãe enlutada, que lhe transmite seu sintoma, o luto de um filho anterior e por ser a amante de juiz.

Melissa encontra a solução de compromisso e responde ao desejo do Outro, expresso por ela na entrega às drogas desde os 10 anos compradas pela própria mãe e, depois, na continuidade de seu abuso de bebidas alcoólicas atual.

Por outro lado, percebe-se que ela revive a gestação de sua filha como uma perda, em uma situação de extrema violência, quando, após o parto, perde o pátrio-poder para sua mãe adotiva:

É assim: a minha filha, eu não vejo ela como minha filha. Porque eu não vejo ela. Ela não me chama de mãe. Ela... raramente... eu nunca dei nada para ela, nunca... Aí, enfim, eu sei que, do jeito que eu estava, eu comecei a bater nela.

Não sei... Eu fiquei agressiva. Eu não queria nem... ela, eu não queria nada com ela. Aí, minha mãe mostrou ela lá no conselho que eu estava batendo nela, que ela estava toda roxa, aí, tomou ela de mim. Aí, desde então eu não procurei saber; não queria mais. Porque realmente eu, se fosse pra mim ficar com ela, eu não ia ter tempo pra ela, ia ser ausente, assim como eu sou ausente até para todo mundo que está à minha volta. Eu não... não consigo ter um amor por ela. Não sei o que acontece, mas... mas eu não consigo. Então, eu vejo ela como... Como ela me chama de tia, então eu vejo ela como minha sobrinha. *Eu não vejo ela como filha*. É muito difícil. Eu não procuro saber e nem ver ela. Minha mãe também não deixa, então... ela chama a minha mãe de mãe. A mãe dela é a minha mãe.

Dessa forma, o uso de drogas, que “tempera” a atividade de se prostituir, mantém anestesiados os sinais da devastação do Outro no próprio corpo. É como se esses oráculos atribuídos ao Outro fechassem a carne, e fosse usado para a cura dos ferimentos o bálsamo da droga, nada eficaz, diga-se de passagem, pois seu efeito colateral é pôr em movimento ainda mais intensamente a lógica da devastação.

Na ação com essas jovens, centrada com base nas ações concretas, sobretudo no ato analítico em relação à toxicomania, é importante que seja coordenada a própria questão apresentada por essas jovens: o que é ser mulher, calcada no saber delas mesmas.

Como apontam os pressupostos psicanalíticos pelos diversos autores listados sobre a toxicomania, deve-se supor que o suporte para jovens mais vulneráveis, como as MPS, seja implementado, para que o manejo clínico seja assegurado para essas adolescentes e jovens, nos diversos dispositivos assistenciais como nos próprios equipamentos presentes na sociedade (CAPS AD, ambulatórios, clínicas, entre outros), com a garantia de ação dos PRD locais.

Observa-se que muitas cidades dispõem de equipamentos que prestam atenção dentro do próprio SUS ou verbas para a implantação dos mesmos, mas, que, além da

falta de implementação, apresentam diversos entraves à criação de ações integradas em redes (escola, creches, ambulatorios, conselhos, rede psicossocial), onde as jovens mais vulneráveis poderiam encontrar suporte, mas que, via de regra, não têm acesso.

Em razão de vários fatores, essas barreiras intransponíveis devem ser evidenciadas e sanadas para a efetivação de, ao menos, uma equipe mínima voltada a essa questão.

No entanto, observa-se que a implementação do PRD nos CAPS/NAPS, além de fazer-se necessária, esbarra em muita resistência, dificultando a atenção dessa população específica. As experiências encontradas nos PRD nacionais evidenciam que, além de ser possível, trazem resultados imediatos, tanto na prevenção às DST/AIDS como no aumento da atenção à saúde e inclusão social de todas as pessoas assistidas (Delbon et al., 2006).

Assim, os dispositivos assistenciais devem redobrar os cuidados com o manejo clínico do abuso de álcool e outras drogas e a atenção especializada, hoje regulamentada, como os NAPS-AD, que devem estar adequados à necessidade própria da adolescência (NAPS- AD de adolescente), por se tratar de uma fase de transição e organização da subjetividade, da criança para a de adulto e, portanto, uma transformação que vai além do próprio corpo do indivíduo (corpo este que adquire todos os caracteres sexuais e também inicia sua vida sexual), para o início da busca da emancipação, em que uma vez mais a toxicomania deva ser apreendida como uma formação sintomática secundária, ainda mais em uma mulher, presa a essa sintomatologia apresentada.

6. A aids e prevenção

A parceria amorosa e a utilização de preservativos com os chamados clientes fixos e / ou namorados são pontos que merecem ser discutidos, embora haja toda uma ênfase em torno da ideia de sexo protegido.

É evidente que tal dificuldade está intrinsecamente ligada aos pontos levantados acima, ou seja, da supremacia do corpo e sua satisfação em detrimento das aspirações subjetivas. No entanto, dessa negligência podem decorrer duas consequências significativas: a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana HIV, outros agentes de doenças sexualmente transmissíveis (DST), além da gravidez indesejada.

Em relação ao primeiro ponto, as dez jovens revelaram que tiveram falhas no uso ou não utilizam preservativos com clientes fixos ou seus atuais parceiros.

No discurso das jovens MPS sobre a atividade, estas referem ter informação a respeito das medidas preventivas. Inicialmente, relataram que se protegiam, porém disseram que ainda realizam sexo sem proteção com os clientes fixos e/ou suas parcerias amorosas.

Tal negligência, mencionada por todas em diferentes situações, como dificuldade de uso de preservativo com o namorado, marido ou cliente fixo, revela-se um fator importante para se refletir sobre as situações em que se colocam como mulheres enamoradas.

Dentre todas as jovens, Madalena é a que mais condiciona a prevenção à não-afetividade:

Não todos assim... Tem uns que você gosta mesmo. Assim, e você acaba não usando, né? Atualmente, eu não tenho namorado. Mas assim... Namorado assim, uma coisa que eu sempre fico assim, eu uso. Entendeu? À medida que eu pego

uma certa confiança, depois de muito tempo, aí não; aí eu já não uso. Mas logo... nos primeiro dia... Eu costumo usar. Não que isso venha segurar alguma coisa, porque o primeiro dia, o segundo dia... Não quer dizer nada... Mas mulher é sempre assim: depois que confia no homem, né? Aí é aquela coisa. É. A mulher confia no homem, né?[risos] Aí já era! Uma coisa é a Verônica falando dos clientes, outra coisa é a Vera falando do namorado, né? É, porque você acaba confiando no namorado...

O discurso é vacilante, entrecortado por pausas: no começo, diz que usa e, logo depois, abre uma série de possibilidades do não uso, apesar de dizer que “atualmente” ela não tem um. Apresenta diversas questões não desdobradas e que ela mesma, ao final, dá-se conta e percebe a dúvida, dirigindo à entrevistadora uma questão: “entendeu”? Ela, como garota de programa, afirma que usa, mas quando se vê no lugar de mulher, generaliza e diz que “mulher é sempre assim”, enfatizando que é “porque confia no homem”.

O que diferenciaria Verônica e Vera? Que representações de mulher encarnariam essas duas personagens?

Vera seria a mulher-objeto, que confia no homem e faz somente o que ele quer? E Verônica, por sua vez, seria aquela que, na segurança fálica do exercício da profissão, imporia suas condições e sua vontade? Esses desdobramentos da figura feminina estão consagrados, por exemplo, nas canções de Chico Buarque. Basta lembrar: *Mulheres de Atenas* e as outras como *Geni* ou *Ana*⁹¹.

Por sua vez, Afra, na prostituição há dois anos, revela que sustenta seus dois filhos e o marido e que decidiu entrar para a prostituição depois que ficou desempregada. Casou-se sem que ele soubesse de sua profissão. Revela sua decisão de não usar preservativo com ele e que tem dúvidas sobre a soropositividade:

⁹¹ *Mulheres de Atenas* (Chico Buarque & Augusto Boal, 1976). *Geni e o Zepellin* (Chico Buarque, 1978). *Ana de Amsterdam* (Chico Buarque & Ruy Guerra, 1973).

Tô gordíssima de tomar injeção. Não paro de tomar. Com ele, eu não uso preservativo. Aqui eu uso, com todos. Com ele, não. Não uso, mas eu tomo injeção há dois anos, a cada três meses. Vai fazer três anos que eu me trato já. A trimestral, né? Que é até mais difícil de engravidar. Você não menstrua, não tem hormônio. Eu não deixo de tomar. Não deixo. Eu achei que eu dei uma inchada. Todo mundo que me conheceu antes, todo mundo da minha vila fala: Como você engordou! Eu acho que foi por causa da injeção porque eu não como horrores assim. Que nem agora, eu engordei. Mas nem estou comendo besteira. Mas com o meu marido eu não uso preservativo, não. Porque a gente não gosta. Eu até falei pra ele que fiz exame, até mostrei, mas meus exames nunca deu nada. Mas ele nunca fez, nunca me mostrou. Até agora, nunca foi confirmado nada. Eu faço exames de prevenção, tudo. Esse ano eu vou até marcar lá no posto perto de casa, que é um horror pra marcar.

É interessante notar como ela afirma que usa com todos os clientes, porém ao referir-se à sua vida marital, depois da segunda gravidez, com um companheiro ex-usuário de cocaína e *crack*, não entra em contato com o risco, mesmo depois de afirmar que ele manteve múltiplas relações com outras mulheres. Ela é quem sustenta e alimenta os filhos, paga aluguel, banca o “homem da casa”, porém, na intimidade, entrega seus exames e não exige nada. E ainda deixa em seu discurso uma ponta de dúvida nos resultados: sobre o dela ou o dele?

Melissa (22 anos), também, revela a sua preocupação, mais com a gravidez do que com a doença, reconhecendo que não consegue se cuidar como devia:

Eu não quero isso para mim! Porque os riscos são muito grandes. Desde então, quando eu comecei a trabalhar aqui, eu não sabia nem colocar uma camisinha. E eu já passei por muitos problemas por isso: de estourar a camisinha, de achar que estava grávida... E eu nem sei que tipo de doença eu devo estar, que eu tenho, porque faz tempo que eu não faço exame. Eu fiz um convênio pra mim estar fazendo exames mais detalhados pra mim ver como que está, né? Os riscos são muito grandes, mas os homens não entendem. Eles não entendem isso. Não esquentam. Eles querem sem camisinha. Se você tem alguma doença tanto faz. Eles querem sem. A gente vê como o ser humano não tem medo de doença, assim

como tem medo de morrer. Então, se a gente não amar a gente, não cuidar da gente, a gente vai sendo junto com todo mundo. Eu já passei por más experiências por causa desses problemas de estourar a camisinha e entrar. Mas espero ter a sorte de... Se bem que eu já achei que estava grávida porque aconteceu outro problema... E eu penso que as meninas aqui se alcoolizam muito. Eu mesmo bebo. Bebo muito. Bebo sempre. Bebo de manhã, bebo de tarde e de noite. E as meninas fazem isso, bebem muito mesmo e acabam fazendo tudo sem camisinha, não se cuidam. E tem outras que estão nessa vida só pra sustentar o uso de drogas.

Ela tem consciência dos riscos hoje, porém ainda não se sente preparada para enfrentar os resultados. Na hora de explicitar os cuidados, vacila, e revela ter passado por uns problemas, usa a terceira pessoa “a gente”, demonstrando uma descontinuidade no discurso. Apesar de até pagar um convênio, não consegue cuidar de si, vai como disse que vai “sendo como todo mundo”.

Ela associa a falta de preservativo com a doença – a morte, para “os homens” e para o “ser humano”. Mas é interessante notar que para ela é uma defesa contra a gravidez, ou seja, a vida. Ela novamente coloca uma pausa nesse pensamento. Outro exemplo de vacilação é a crença na “sorte”, ou seja, uma crença em predestinação, contrária à capacidade de se autocuidar.

Bia (19 anos), que recentemente teve um bebê, confessa:

Com o meu namorado, eu não uso. O pior é isso. Eu não uso. O meu medo é de ficar grávida de novo, né? Olha, não sei. A gente não usa preservativo. Eu fiz os exames e eu não estou grávida. Ainda, só que, assim, eu tomo remédio. Eu tomo remédio Ciclo 21. Só que aí deu uma desregulada porque eu tomei dois meses direto para segurar a minha menstruação porque... Pra não descer, porque para o que a gente faz não pode, né? Aí desregulou, eu fiquei um tempo sem tomar. Aí, eu vou ter que voltar a tomar essa semana porque meu médico pediu para mim tomar. Mas não aconteceu, graças a Deus! Já pensou mais um? Aí que eu morro mesmo.

Deve-se aqui fazer menção a casos em que as jovens, mesmo tendo informação geral sobre a aids, são submetidas à violência e não podem evitá-la.

Selene conta:

Eu estava falando com a menina. A gente estava comentando que tem um cliente – pode falar isso? Tem um cliente aqui que ele tem HIV. Só que ele não conta. Ele contou para algumas meninas e para outras não. E ele tenta forçar, sabe, sem camisinha. Ele fez isso comigo. Aí, eu descobri agora que ele tem HIV. Só que eu não deixei. Mas penetrou um pouco porque ele segurou os meus braços e veio para cima, sabe? Aconteceu isso. Estou bastante preocupada. Ah, eu fiquei em... Não tem nenhum mês. Eu estou com esse medo agora. Ah, é uma profissão arriscada, né? Dá dinheiro, só que corre muito risco. Acho que nem vale a pena, se for pensar por esse lado. Estou muito preocupada com isso. [Chora]

O choro, antes de qualquer coisa, tem a função de mensagem, de demanda de cuidado talvez, nesse sentido, dirigido à interlocutora que ocupa o lugar de médica. Relativamente a esse lugar, ela pode construir seu discurso, tentar elaborar algumas passagens, ter alguém como testemunha e endereçar um pedido de ajuda. Isso ocorreu com todas as jovens em momentos diferenciados que podem ser encontrados em todas as narrativas, presentes no *corpus*.

Os exemplos mostram, mais do que uma problemática que atinge às “*garotas de programa*”, uma questão sobre a identidade feminina e seus diversos desdobramentos, alguns deles incompatíveis com a possibilidade de decisão sobre a própria vida em relação aos cuidados consigo mesmas, seja em relação às DST/aids, seja em relação à gravidez.

A identidade de garota de programa que trabalha e adota cuidados com o homem-cliente está em descompasso com a identidade de mulher, esposa, namorada, amante abnegada que, por amor ou por uma sensação de segurança e carinho, faz a entrega máxima - seu corpo.

Dentro de uma constelação de amor romântico, como ressalta Carvalho (2003), a mulher não se coloca como sujeito para o parceiro amoroso. Ela adota a posição de objeto, ainda que em outros momentos, dentro da relação, possa adotar outra posição. Mas, dentro do padrão do que é ser a mulher amada que ainda persiste no discurso amoroso na contemporaneidade, ela reiteradamente descarta a negociação com esse homem, pois dele espera algo, o amor, a nomeação...

A posição feminina marca-se com aquilo que falta ao parceiro amoroso e, assim, responde aos imperativos de seu desejo. Lacan fala desta característica da mulher em *Televisão*⁹²: "não há limites às concessões que cada uma faz por um homem: do seu corpo, da sua alma, dos seus bens."

Não há concessões que uma mulher não seja capaz de fazer em nome de seu amor. O amor é uma devastação na vida da mulher, mas, ao perder essa referência, precipita-se na relação com o Outro vivido na condição de usurpador; é o que revelam as entrevistas a partir do vínculo estabelecido entre a relação materna, concretamente vivida, e a adesão ao exercício da prostituição e às suas vicissitudes. Estabelece-se assim um grande impasse para o gênero feminino em relação à tomada de posse de uma posição genuinamente feminina.

Todos esses aspectos instigam a reflexão concernente à condição de se ter um corpo, tal como foi enfatizado por Lacan: "ter um corpo é poder fazer alguma coisa com" (2003, p. 562). Entre o sujeito e seu corpo impõe-se um intervalo (pois se tem um corpo, não se é um), e é em torno desse vazio que se pode construir uma relação única e própria com esse aparelho de carne.

⁹² Lacan J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 2003.p.538

Quais são os imperativos do corpo para que dele se possa extrair o maior gozo possível? Como atendê-lo em suas profundas e indecifráveis solicitações? Talvez seja possível pensar que as soluções encontradas para essas e outras questões que se apresentam para o sujeito relativamente a seu próprio corpo, no que diz respeito aos profissionais do sexo, aos usuários abusivos de drogas ou por aqueles que entregam o corpo à repetição, a violência e à exaustão, sustentam-se na tentativa de suturar a hiância estrutural entre sujeito e seu corpo. Isto faz com que aquele sucumba em nome deste. Suspende-se, assim, o efeito subjetivo apoiado no desejo marcado pela busca, pelo eterno não encontro, em favor de uma paralisante certeza gozosa que condena o corpo à exaustão, reproduzindo, dessa maneira, a dinâmica por meio da qual ele se coloca perante o Outro. Isto é, assim como ele se posiciona frente ao Outro, posiciona-se em relação ao próprio corpo: *te dou tudo, te entrego tudo*, invertendo o enunciado *tenho um corpo para um corpo me tem*.

6.1. Considerações finais

Observou-se no encadeamento dos discursos, no fugidio momento em que elas se dirigiam a um “outro”, interessado em escutá-las, uma importante profusão de falas sobre as suas vidas, expressa por meio de uma narrativa dramática, com pausas, choros, enfim, permeada pelo sofrimento. Não se pode considerar a produção desse material discursivo sem levar em conta o operador fundamental da eficácia clínica, que Freud nomeou como transferência.

Mais do que dar sentido, pelo viés do ouvinte, do leitor ou do redutor de danos, o acento deve ser dado na necessidade do próprio sujeito em buscar e encontrar um sentido no não sentido que seu discurso propõe.

Discorrer sobre as histórias relatadas, pincelando as falas mais proeminentes de um discurso marcado pela tragicidade, permite o reconhecimento de uma tentativa de unificação, mais ou menos, harmônica das diversas identidades, claramente contraditórias entre si, impressas no corpo por meio de construções subjetivas possíveis e disponíveis no contexto ideológico e cultural, tais como as marcas de gênero, a encenação sintomática e as marcas de gozo.

Os três registros nos quais se desenrola a experiência humana, segundo a proposta de Lacan, o real, o imaginário e o simbólico, recortam o corpo, dão consistência às atitudes e ao estilo próprio, relativizam a comunicação por meio de lapsos e dos atos falhos e, sobretudo, como instrumental teórico permitem aos

interessados pelos fenômenos genuinamente humanos pensá-los a partir da infinidade de combinações de elementos que essa “tripartição da realidade” engendra.

E como ainda ressalta o autor, para o psicanalista o desafio é entender o seu tempo e poder manejar as ferramentas de que dispõe, para apontar as saídas dentro da clínica.

A clínica contemporânea nos apresenta esse desafio. Poder visualizar os sintomas que aparecem e propiciar um campo para a sua transmutação, a partir da escuta, em um *sinthoma*, reordenando, dessa forma, o real, o simbólico e o imaginário e resgatando o sujeito, dono de sua vida, em busca do desejo e do amor.

É preciso dar assento, ainda que seja inicialmente, ao fato de que o que as move é o desejo de dar o melhor para seus filhos: o fato de que elas querem e são mães.

As jovens que foram entrevistadas estão envolvidas em uma modalidade de gozo, aparelhada no corpo, sob duas vertentes: a prostituição e o abuso de drogas, o que permite pensar na alienação sob uma ampla perspectiva, pelo menos naquilo que diz respeito ao uso (abuso) do corpo e as consequências disso nas possibilidades de ser e estar no mundo.

A possibilidade de um exercício subjetivo, por assim dizer, implicado só pode se dar quando o questionamento sobre essa particular forma de segregação e o sentido desse gozo no e do corpo, realmente, inquietar os aparelhos institucionais que poderão relançar o questionamento sobre suas condições de vida para elas mesmas. Dificilmente chegarão aos serviços sociais, educacionais e de saúde se não forem cativadas por eles, e é nesse recorte que a questão pela ótica da mulher deve estar embasada.

A sociedade, em sua dupla moral, nega a existência da exploração sexual em boates e bares regulamentados ou clandestinos e, assim, também nega a todos os envolvidos os seus direitos, principalmente à saúde.

Torna-se fundamental a isenção ideológica dos profissionais dos diversos serviços ditos da atenção psicossocial para lidar com a questão da mulher e suas diversas formas de exploração.

O estilo de vida e sofrimento decorrente rebelam-se a qualquer discurso classificatório, ainda que sustentado pelo “status” de científico.

A neutralidade poderia ser buscada, ainda que com ressalvas, pela supervisão institucional das ações propostas e realmente implementadas e, principalmente, pela própria análise pessoal, imprescindível para aqueles que atendem diretamente essa população.

O trabalho de campo, feito na rua por educadores sociais, agentes de saúde e, especialmente, por redutores de danos, deve ser uma estratégia que vá além das ações que visam o cuidado básico e a atenção aos transtornos mentais e comportamentais pelo uso de substância psicoativa (F10-F19), listados na décima revisão da Organização Mundial da Saúde, na décima revisão do Código Internacional de Doenças- CID-10.

É importante que haja a capacidade e a disponibilidade de sustentação do vínculo que surge a partir mesmo do trabalho de campo.

As políticas de saúde, voltadas à adolescência e juventude, sobretudo àqueles que estão em contextos de extrema vulnerabilidade às DST/aids e ao abuso de droga, devem ser concebidas e implantadas vislumbrando-se um lugar que está além da atenção básica, isto é, que visa a ideia de um lugar de sujeito, ainda que dividido pelo

inconsciente, seja capaz de implicar-se e responsabilizar-se por suas escolhas e pela construção de seu próprio destino.

As adolescentes, assim como toda a sociedade, respondem a um complexo rol de situações dadas pelo contexto sócio-histórico e pelo discurso médico-legal. É importante questionar o tratamento que muitos serviços lhes oferecem, onde a identificação e a aderência a inúmeros significantes massivos que são ofertados facilitaram a sua alienação. Tais discursos impõem-se quase como destino, como ilustra a fala de Melissa: “Eu sou alcoólatra” ou de Madalena: “Eu sou garota de programa”.

Os próprios programas oficiais, por melhores que sejam as intenções que os sustentam, estão carregados, mais ou menos intensamente, de significantes que fornecem próteses identificatórias para essas mulheres como: a trabalhadora do sexo - MPS -, a dependente química ou, como no dito delas mesmas, a “garota de programa”, como um status, de diagnóstico ou atividade preventiva para a abordagem inicial.

A adesão a esses significantes embaraça as possibilidades de reelaboração da própria identidade, pois elas estão, de certa forma, calcadas em uma estrutura fixa, seja sustentada por “a doença” ou pelo preconceito. A encenação do sintoma apresentado: o uso de um determinado objeto, a droga, ou a situação dada pelo trabalho, “garota de programa”, fica novamente fixada, pois não permite que, na ação terapêutica, apresente-se o sujeito do inconsciente e o seu desejo, justamente esse que pode limitar a força do gozo e iniciar a reorganização libidinal de empossamento de posse de seu *sinthoma*.

Se os dispositivos assistenciais não problematizam o lugar tanto das drogas e do seu consumo na economia psíquica de cada indivíduo e mesmo da função que a sociedade atribui a elas, enquanto oferta que insinua a posse de um bem estar quase pleno, dificilmente poderão auxiliá-las na construção de um outro estilo de ser no mundo, além daqueles impostos pelo discurso vigente, seja ele médico, moral ou cultural, como: “drogadas”, “alcoólatras”, dependentes químicas, “vítimas” ou delinquentes juvenis.

É preciso garantir ao ser, embora afetado, o *status* de sujeito e privilegiar sua escuta, o manejo do desejo e do amor em busca de um novo vínculo e laço social, livres do estigma inerente aos discursos vigentes e consagrados.

A psicanálise poderá contribuir com a Saúde Pública ao apontar a fragmentação que esses discursos impõem, sobretudo, à mulher e propor outra lógica e outro lugar.

No campo do enfrentamento da epidemia de HIV/aids, a psicanálise tem a dizer, portanto, que parte da vulnerabilidade feminina à infecção está relacionada com a própria constituição da feminilidade, ou seja, como cada uma delas ostenta a decifração do enigma do que é tornar-se uma mulher.

A possibilidade de questionamento sobre a forma como o sujeito construiu a sua sexualidade e, conseqüentemente, seu papel nas parcerias amorosas, a partir de ideais socialmente constituídos e, principalmente, a partir da forma como se posiciona em relação às suas mães, ao Outro e em relação ao desejo e a seu modo de gozo, torna-se uma condição necessária para o vislumbamento de outras escolhas para a vivência do drama que a existência humana impõe.

Assim, a assistência e a postura ética dos profissionais envolvidos, sobretudo daqueles que questionam o discurso e o lugar do analista na toxicomania e na ação com populações vulneráveis, no caso todos os trabalhadores sexuais, deveriam ser norteadas pela escuta da singularidade de cada sujeito, no contexto da produção sintomática contemporânea. É importante fazer que cada um dos envolvidos nesse fenômeno possa falar de si, mesmo que esse discurso passe mais pelo corpo do que pela boca, como no dito popular, sempre citado por Barreto (2005): “*Quando a boca cala, o corpo fala... Quando a boca fala, o corpo sara...*”

Dessa forma, as reflexões psicanalíticas sobre o problema aqui apresentado podem oferecer subsídios aos profissionais dos programas convencionais, no sentido de oferecer uma direção para a escuta dos casos. É importante ressaltar que aqui não se pretende oferecer pressupostos generalizáveis, mas sim uma perspectiva para os mesmos, enfatizando-se a necessidade do manejo transferencial a partir das marcas significantes de cada um, criando-se, assim, a possibilidade de serem construídas outras “histórias”, mais criativas, do que aquelas em que estão aprisionadas:

A dimensão do significante não é outra coisa, se quiserem, senão aquilo em que se vê aprisionado um animal à procura de seu objeto de tal modo que a busca desse objeto o conduz a um outro campo de rastros, no qual essa mesma busca perde seu valor introdutório e se transforma em seu próprio fim. A fantasia..., adquire o valor significante de entrada do sujeito na dimensão que o leva a cadeia infinita de significações a que se chama destino. (Lacan, 2005, p. 78).

6.2 Propostas de estudo a partir desta pesquisa

Não existem estudos significativos, qualitativos e/ou quantitativos dessa população, na cidade de Santo André.

Seria importante ser realizado um mapeamento da população total de jovens e, sobretudo, de adolescentes envolvidas com a comercialização do corpo, haja vista a maior vulnerabilidade às DST/aids.

Os casos de gravidez precoce também deveriam ser mapeados, além do acompanhamento psicossocial, principalmente naqueles em que se evidencie a desestruturação familiar e a dificuldade de emancipação e cuidado dos filhos.

A lacuna de informações sobre a população atual de trabalhadores do sexo, especialmente entre adolescentes e jovens de ambos os sexos, e o uso concomitante de drogas lícitas e ilícitas, deveria ser melhor elucidada para que medidas efetivas fossem adequadas para essa população que é muito heterogênea e mutante e se acomoda segundo a “indústria do sexo”.

A atenção poderia ocorrer entre a articulação de pesquisas acadêmicas das diversas entidades existentes na região (Faculdades, Universidades, cursos de especialização, entre outros) com a própria rede de assistência hoje implantada, nos diversos programas, como os de saúde primária (da mulher, da criança, do adolescente, entre outros), principalmente aqueles que atendem populações mais vulneráveis como o programa de saúde da família – PSF, o programa de agentes comunitários de saúde (PAC), as ONGs e aqueles gestados pelo Conselho de Direito das Crianças e dos Adolescentes – CMDCA.

As pesquisas e, sobretudo, as ações, necessariamente deveriam ser desenvolvidas até a juventude, alargando as questões de gênero e idade e socioeconômicas, pelo fato de que muitos jovens nessa peculiar época da vida ainda não conseguiram a sua emancipação.

7. CONCLUSÃO

Muitas adolescentes e jovens entraram na vida na prostituição levadas pela necessidade de sustento de sua família e marcadas pelo desejo de terem coisas, como qualquer outro jovem que vive em uma sociedade capitalista contemporânea.

Percebeu-se a ânsia das jovens por terem um espaço na sociedade, buscando, assim, um “trabalho”. Todas expressaram a dificuldade em encontrar um “serviço” que pudesse corresponder às suas expectativas e às de suas famílias, expressa muitas vezes na voz dos pais e, sobretudo, na das mães.

Infelizmente, o acesso ao primeiro emprego para adolescentes é vivenciado como uma grande dificuldade na atualidade brasileira. Vive-se em um mundo no qual se crê que não existe lugar para todos. Dentro de uma ótica capitalista, a marginalidade e, portanto, a segregação é algo inevitável e ronda a todos, transformando-os apenas em consumidores e competidores.

Desse modo, a população de jovens, particularmente a mais empobrecida, fica à mercê da própria sorte ou daquilo que podemos dizer “destino”: as marcas simbólicas impressas a partir do discurso da família ressoam e abrem caminhos no próprio campo social.

Segundo os relatos, entraram “nessa vida” devido à necessidade de sobrevivência e à falta de perspectivas. Tudo é vivenciado com muito sofrimento, ainda que acreditem que seja transitório. Driblam a sua dor e tratam suas próprias questões sob um enfoque estritamente objetivo.

A relatividade da escolha cede lugar ao absoluto de certeza de não ter outra escolha.

Esses eventos, além do importante prejuízo que causam à saúde mental dos que são afetados, demonstram o descaso existente, de uma forma geral, de políticas públicas voltadas a essa população, neste momento peculiar da vida, apesar da regulamentação do Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA (Brasil,1990), além das existentes no código civil e as do PRD/aids.

Deve-se ressaltar a importância de ações voltadas para a epidemia de aids que dizem respeito ao enfrentamento da feminilização e a necessidade de ações dirigidas às PS, seja naquilo que está relacionado ao exercício da profissão propriamente dita, seja no campo das relações afetivas vivenciadas nos espaços da vida íntima dessas mulheres.

Os pressupostos da psicanálise sobre o feminino e a toxicomania apontam para a necessidade de um ato efetivo, um laço próprio que só pode ser advindo de um encontro, no território, seja em pesquisa, atividade assistencial, legal e/ou preventiva (nas esferas primária, secundária e terciária), com essa população em especial, jovens mães, mulheres e seus filhos (as), para que se possam escutar as reais necessidades dos envolvidos, respeitando cada singularidade.

8. ANEXOS

8.1 Anexo A - TCLE

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FACULDADE DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**FACULDADE DE MEDICINA DO ABC- FMABC
DISCIPLINA DE PSIQUIATRIA**

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA OU RESPONSÁVEL LEGAL

1. NOME DO PACIENTE.....
DOCUMENTO DE IDENTIDADE Nº : SEXO :M () F ()
DATA NASCIMENTO:...../...../.....
ESCOLARIDADE:.....
ENDEREÇO Nº APTO:
BAIRRO:
CIDADE CEP:.....
TELEFONE:DDD(.....)

II. DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:

ADOLESCÊNCIA E CORPO: A PROSTITUIÇÃO E O ABUSO DE DROGA COMO SINTOMA

PESQUISADORES:

Dr. Arthur Guerra de Andrade
Médico Psiquiatra – CRM 33807
Prof. Titular da Faculdade
de Medicina do ABC

Dra. Eliane Lima Guerra Nunes
Médica Psicanalista – CRM 61456
Profa. Colaboradora da Faculdade
de Medicina do ABC

AValiação DO RISCO DA PESQUISA: SEM RISCO

DURAÇÃO DA PESQUISA: A pesquisa será realizada durante aproximadamente dois anos, sendo que cada adolescente pesquisada poderá ser trazida por alguma colega e entrevistada com um roteiro semi estruturado, em conversa livre e será gravada. Será possível haver várias entrevistas, individuais ou em grupo.

III - REGISTRO DAS EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PACIENTE OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA, CONSIGNANDO:

Está pesquisa visa:

1. Ampliar o conhecimento sobre a experiência de vida de adolescentes prostituídas para a criação e implantação de estratégias que atendam eficazmente as suas necessidades.
2. Conhecer as representações psíquicas dessas adolescentes sobre si mesmas, sobre o outro e a sociedade;
3. Compreender a constituição do imaginário de cada uma delas, relativamente às questões sobre sexualidade, aids e drogas;

A pesquisa será feita:

Através de uma entrevista semi dirigida, com questões abertas sobre a história de vida, respondidas pelas entrevistada e aplicada pela pesquisadora responsável.

Objetivo:

⌘ Ampliar o conhecimento sobre a experiência de vida de adolescentes prostituídas para a criação e implantação de estratégias que atendam eficazmente as suas necessidades.

Riscos:

⌘ Não há nenhum risco em se responder o questionário, pois as informações são sigilosas, sendo que a entrevistada poderá desistir de respondê-lo.

Benefícios:

Obter ajuda psicológica, médica e social nos serviços públicos que apóiam a pesquisa:

⌘ Núcleo de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas - NAPS AD - Rua Henrique Porchat, 44, tel.: 49923668

⌘ Unidade de Saúde de Vila Guiomar - Rua da Silveira s/n, tel.: 49940835 para seguimento de DSTs/aids

⌘ Ambulatório de Psiquiatria da Faculdade de Medicina do ABC - Av. Príncipe de Gales, 821, tel.:49935440.

IV - ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR

GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA:

Acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas.

Liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuidade da assistência. Salvaguardada da confidencialidade, sigilo e privacidade.

Disponibilidade de assistência gratuita no NAPS – AD, na Unidade de Saúde de Vila Guiomar/ARMI e Ambulatório de Psiquiatria da Faculdade de Medicina do ABC, para eventuais problemas referentes à saúde descobertos na pesquisa.

V - INFORMAÇÕES SOBRE A RESPONSÁVEL PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA

Responsável técnico: Dra. Eliane Lima Guerra Nunes - tel. 81874172

VI - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, eu consinto em participar da presente pesquisa.

Santo André, ____/____/____

assinatura do sujeito da pesquisa

assinatura do pesquisador

8.2 ANEXO B

HISTÓRIAS DE VIDA DAS DEZ JOVENS

Camille Claudel - O abandono, 1905⁹³

“O inconsciente é o capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser resgatada; na maioria das vezes, já está escrita em outro lugar. Qual seja:

- nos monumentos: e esse é meu corpo...***
- ...as lembranças de minha infância, tão impenetráveis quanto eles, quando não lhes conheço a procedência;***
- na evolução semântica: e isso corresponde ao estoque e às acepções do vocabulário que me é particular, bem como ao estilo de minha vida e a meu caráter;***
- ...nas lendas que sob forma heroicizada veiculam minha história;***
- nos vestígios, enfim, que conservam inevitavelmente as distorções exigidas pela reinserção do capítulo adulterado nos capítulos que o enquadram, e cujo sentido minha exegese restabelecerá”.***

(Jacques Lacan, 1956⁹⁴)

⁹³ Claudel C. *L'Abandon*. 1905. Acesso em 16 de jun 2008. Disponível em: <http://www.camilleclaudel.asso.fr/pageweb/sakountala.html>

⁹⁴ Lacan J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Lacan J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1998. p. 260

8.2.1 Madalena: a primeira entrevistada

Foi a mais longa das entrevistas (80 minutos), realizada na Faculdade de Medicina após várias tentativas de agendamento. No primeiro contato, ocorrido em um salão de beleza, conversamos por cerca de cinco minutos e marcamos um encontro em um shopping no centro, após a saída do cabeleireiro, para continuar a conversa e agendar sua primeira entrevista. Madalena queria mais informações a respeito da pesquisa e, desconfiada, disse que não tinha muito tempo nesse primeiro encontro. Apresentei o TCLE para ela levar e ler, após a explicação. Depois de alguns dias confirmo a entrevista e ela desmarca três vezes, até a sua ida definitiva, de taxi, até a FMABC. Aguardei na lanchonete e depois fomos para uma sala que estava reservada para essa entrevista.

Apresenta-se muito nervosa e tece um roteiro de vida desde sua saída de Alagoas até os dias de hoje sem muita interrupção. Ela fala bastante e a conversa flui muito bem.

Conta que era de uma família muito pobre de Alagoas. Sua mãe engravidou cedo, com 18 anos, e teve outro filho em seguida. Foi criada pela avó, na cidade, enquanto seus pais viviam na zona rural e, quando cresceu, passou a cuidar da casa e depois do seu irmão mais novo que ela um ano. Teve sua primeira relação sexual aos 13 anos, com um vizinho com o qual foi “casada” dos 15 aos 19 anos, após engravidar. Teve um primeiro aborto “espontâneo” e engravidou novamente com 16 anos. Após a separação, com 21 anos, ficou com a família. Na ocasião, sua mãe estava morando no fundo da casa de sua avó. Madalena, logo depois, mudou-se para São Paulo com seu irmão para trabalhar de babá. Trouxe seu filho, mas mandou-o de

volta para a casa da ex-sogra, após brigar com o irmão mais novo e ter perdido o emprego de babá. Passou a morar com “amigos”, que eram pais da ex-namorada do irmão.

Entrou para “a noite”, após ter respondido a um anúncio de emprego para a vaga de recepcionista.

Eu estava procurando emprego num jornalzinho amarelinho. Aí foi quando eu achei: tinha vários anúncios de casas noturnas e tudo mais. Eu não me interessei. Mas tinha anúncios de propagandas enganosas: “precisa-se de garçom”. Como eu já tinha trabalhado antes de garçom lá em Alagoas, já tinha trabalhado em restaurante, então eu vim até aqui, em Santo André. Peguei o endereço certinho e vim atrás dessa vaga. Cheguei aqui, não era o que eu estava esperando; era uma coisa totalmente contrária ao que eu esperava. Mas tudo bem. Entrei no ambiente, em uma casa noturna. Entrei, conversei com o gerente, ele me passou todos os dados, tudo. Como eu estava precisando, não estava com parente nenhum, estava morando com uma amiga, como até hoje eu estou morando, com uma colega, na casa dela. E eu não ia ficar, na casa dos outros, parada sem trabalhar. Então, eu tive que optar por este lado: preciso trabalhar, então, fiquei como garçom uma semana. Depois, eu vi que garçom era só conversa fiada, que não tinha nada.

Trabalhou uma semana na função de recepcionista e disse que optou ser “garota de programa”:

As meninas sempre falavam: *ah, como garçom você não vai ganhar nada!* Pensei: se eu já entrei aqui, então vamos ao que interessa. Optei por ser garota. Tem oito meses já que *eu sou garota de programa*.

Acredita que é um trabalho e que é outra mulher nos dias de folga. Trabalha de terça a sábado, diariamente, das 13 às 22 horas. Conta que dorme no local e que se sente presa. Mas afirma em outro momento que não é profissão, que é uma vida difícil:

Não é fácil a vida lá dentro! É uma coisa bem complicada. A noite é como você jogar na Sena, na Loto, porque a noite é

uma *caixinha de surpresas*. Você aprende muito também! Você aprende bastante com a noite, sabe dar valor à vida, sabe dar valor às pessoas, porque você conhece um lado bem negativo na noite. Tudo na vida tem seu lado positivo e seu lado negativo. Tem gente que fala assim: *garotas de programa* são todas ambiciosas. Eu falo por mim, não sei as outras: eu não sou ambiciosa e eu acho que eu nem nasci para isso, porque nem trabalhar eu não sei. Sou muito sincera, muito, franca, então, ainda não achei minha profissão.

Depois de ter realizado uma primeira pausa, conta como sentiu nojo na primeira vez e muita vergonha, banhando-se muito e chorou o tempo todo após o pagamento:

O primeiro programa que eu fiz... Nossa! O primeiro programa que eu fiz, fiquei com nojo de mim. Nojo! Nossa! Eu fui no banheiro, esfregava, lavava mais do que tudo assim, esfregava...Sabe assim? Eu ficava com nojo de mim mesma. Com nojo. Chorava, chorava, igual uma criança, desesperada pela mãe... Chorava muito... Várias noites eu já chorei! Já chorei assim, pelo cliente me tratar mal...

Embora tenha dito que consegue aguentar a situação, volta ao tema diversas vezes, não sustentando a afirmação, como uma frase que se repete durante a entrevista “fiquei mais acostumada já”.

Isso não é nem a minha profissão ainda porque eu ainda não encontrei. Eu até brinco com as meninas, falando assim: eu não sirvo nem para ser – no popular – não sirvo nem para ser puta – no popular, como todo mundo fala. Então, para mim é bem complicado. É uma coisa bem complicada porque você encontra caras, assim, legais, que sabem dar valor a você como mulher. Outros não, outros não veem você como uma mulher. Não olham você como um ser humano; pensam que você é uma boneca inflável, pensam que, por estarem pagando, querem do jeito deles, como eles querem e você não tem direito de optar em nada. Sempre os donos dessas casas dão razão aos clientes. Os clientes sempre têm razão, independente de onde seja. É complicado! É uma coisa muito chata, uma coisa que deixa você meio sem jeito. Também as pessoas do lado de fora ignoram. Vai, é uma profissão, mas é vista com maus olhos. É uma profissão que não é legal. Para mim, é meio constrangedor.

Logo no início, nossa! Eu ficava meio constrangida, até com clientes mesmo. Se alguém me visse saindo da... Eu ficava constrangida, ficava meio assim... Agora eu fiquei mais acostumada já, porque já tem oito meses, então...

Refere que tem muita vontade de voltar a estudar e fazer curso para auxiliar de enfermagem:

A vontade que eu tenho é de terminar de estudar, fazer enfermagem. Eu sempre tive vontade de fazer enfermagem. Não tive oportunidade nem de terminar os estudos – que eu ainda não terminei. Vou lutando porque eu tenho que me empenhar. Tenho que lutar por mim mesma porque se eu não lutar por mim mesma, ninguém vai fazer isso por mim. Eu tenho que querer, eu tenho que lutar para conseguir.

Cita que mesmo com estudo será também difícil arrumar emprego.

Quanta gente que tem terminado a escola. Tem curso e mais curso e nem por isso arruma emprego. Imagina para quem não tem nem o colégio? Fica mais difícil ainda. Mas eu vou levando a vida. Vou ver o que dá, porque enquanto há vida, há esperança.

Mas em outros momentos refere que para ela é um trabalho, e é a única coisa que ela pode fazer hoje para viver:

Cada um faz o que convém, o que acha melhor para si. É uma coisa que, por mais que as pessoas ignorem... Fazer o que? Nem todo mundo tem a mesma sorte. Se todo mundo fizesse o mesmo que eu faço, então não iria dar lucro, e se todo mundo fizesse o que você faz também, não ia dar lucro para você. Cada um tem seu destino, cada um tem sua vida e vive conforme pode. O mundo é desigual por inteiro.

Ganha cerca de cento e vinte e cinco reais por dia, alguns dias um pouco menos. A metade dos programas fica para a casa. Realiza em média cinco programas por noite. Não acredita que consegue arrumar um emprego com ganho equivalente (R\$2.000,00). Acredita que não está nessa vida porque deseja:

Alguns falam: ah você está nisso porque você quer. Você já procurou emprego lá fora?

Aí eu falo: se emprego fosse fácil não tinha um monte de gente na rua desempregado. E eu não estou roubando! Eu acho que pior seria se eu estivesse roubando. Mas também não crítico as pessoas que roubam.

Revela o conhecimento da aids e conhecer pessoas com a doença no local onde trabalha e que soube que houve uma visita da prefeitura, embora não estivesse presente. Acredita que sabia se cuidar antes de entrar na prostituição.

Não, assim... Eu sempre gostei muito de ciência. Sabe, assim... Eu sempre procurei, em termos de saúde assim, eu sempre... Ciência humana... Eu sempre fui curiosa. Sempre gostei assim... De estudar, de pesquisar essas coisas. Então, na escola sempre tinha essas coisa, “né”, debate... Eu assisti vários debates de teste de HIV, esse negócio de prevenção. Eu já assisti várias reunião. Então, bem antes de trabalhar na casa, sempre que tinha esse negócio na escola, eu sempre me empenhava a ir, porque eu sempre gostei de ciências. Então, eu já sabia, negócio de preservativo, até com namorado mesmo.

Conta que na casa não teve maiores informações nem das colegas. Conta que tem camisinhas na bolsa, porque a casa dá apenas uma a cada meia hora e ela teme que possa estourar ou quando é necessário para sexo oral.

Às vezes, eu compro. Eu sempre deixo na minha bolsa, sempre tenho camisinha. Sempre deixo na minha bolsa camisinha. Não dá para fazer um monte de coisa com uma camisinha só. Então a gente troca a camisinha para facilitar para nós também, para não ter problema. Às vezes, a camisinha rasga, às vezes enrola, não dá pra pôr; não serve mais depois que desenrola, não dá para pôr direito, então, não serve mais. Tem que pôr outra. Então, eu sempre tenho camisinha na minha bolsa que eu levo lá para cima. Sempre tenho. Porque lá, meia hora, é uma camisinha. Uma hora, eles dão duas camisinhas.

Ela diz que quase todo homem quer negociar o uso de preservativos, oferecendo mais dinheiro para conseguir ter uma relação sexual sem preservativo:

Eu me protejo nos dois, sexo oral e sexo vaginal. Tem cara que fala assim: Ah, porque você não faz oral sem camisinha?

Eu falo: não, isso para a minha segurança! E para a sua também. Eu falo: eu vou chupar você sem camisinha? Se eu for chupar você e outro e outro sem camisinha, eu não vou passar segurança para você... Você quer fazer isso em mim? Não é? Eu não vou passar segurança para ele se eu for fazer isso. Ele falou: então, você me deixou sem ação. Eu falei: Vocês homens são bem burro... Porque homem é um bicho burro. Você trabalhando na noite, você vê que homem é um bichinho bem burro em relação ao sexo; ele é bem burro. Porque eles são assim, olha... *Garota de programa* sempre tem uma doença “*contaminosa*”, na visão de todo mundo. Nossa! Ela sai com um monte de homem e aquele homem tem alguma coisa. Na visão de todo mundo, tem isso... Por que um homem vai para uma casa noturna ficar com uma menina... Uma garota, transar sem camisinha com uma mulher que tem vários homens em uma noite?

Mas em outro momento da entrevista conta que isso pode falhar quando o parceiro no meio da relação muda de ideia, ou porque está alcoolizado ou quando é resultado de um ato de violência, e revela sobre um episódio que ainda a tormenta:

Só uma vez, que um homem estava meio chapado assim, ele me deu um tapa aqui nas costas, mas ele estava chapado, tinha bebido muito e me deu um tapa nas costas. Mas não foi uma coisa assim: vou bater nela. Só me deu um tapa assim, mas eu não gostei, é claro. Eu fiquei meio assim, com medo dele. Depois, ele falou que ia me estuprar. Estava bêbado. Ele queria fazer anal e eu não faço anal. Ele falou assim: Ah, então, eu acho que eu vou ter que te estuprar! Aí ele pegou e tirou a camisinha... Eu não percebi... Ele falou: ah, eu tirei quando eu estava gozando. E a gente ficou discutindo lá. E falei: Se você não tem amor a sua vida, eu tenho amor a minha vida. Ele falou para mim que era um ex-presidiário, já tinha ido preso. Você olhando assim, não falava que era um ex-presidiário. Eu fiquei horrorizada... Depois disso eu já fiz um exame. Foi na outra casa. Já fiz um exame de HIV. Já fiz três testes de HIV e, graças a Deus, todos deram negativo.

Relata que apesar dos esforços para usar preservativos com os clientes, acha que com o namorado isso acaba falhando, “*como todas as outras mulheres*”, enfatiza:

Não todos assim... Tem uns que você gosta mesmo. Assim, e você acaba não usando, né? Atualmente, eu não tenho

namorado. Mas assim... Namorado assim, uma coisa que eu sempre fico assim, eu uso. Entendeu? À medida que eu pego uma certa confiança, depois de muito tempo, aí não; aí eu já não uso. Mas logo... Nos primeiro dia... Eu costumo usar. Não que isso venha segurar alguma coisa, porque o primeiro dia, o segundo dia... Não quer dizer nada... Mas mulher é sempre assim: depois que confia no homem, né? Aí é aquela coisa. É. A mulher confia no homem, né?[risos] Aí já era! Uma coisa é a Verônica falando dos clientes, outra coisa é a Vera falando do namorado, né? É, porque você acaba confiando no namorado...

No entanto, logo depois refere gostar de um cliente fixo e que tem outros que a tratam bem e tece uma comparação à figura de um pai:

Tem clientes que não trata você como ser humano. Tem outros que sim, que tratam você com carinho, que tratam você como mulher. Certo que para você não está sendo além de um program... Só mais um naquela noite ou na semana... É uma coisa assim que, por mais que ele passe carinho, é bom para você. Para a mulher, é bom que o homem passe isso para você, que te deixe segura na hora da relação, mesmo que seja programa, mesmo que seja uma pessoa desconhecida. Tem cliente que a gente pega esse carinho mesmo por ele. Não carinho de homem e mulher mesmo, mas por ele me tratar bem, então eu gosto dele por ele me ver como ser humano. Ele me respeita aqui dentro, na rua, então, a gente cria carinho mesmo por ele, um afeto. Quando ele chega, a gente se sente bem ao lado dele. Eu tenho um cliente que eu nem considero ele como cliente. Ele vai lá na casa, tudo, assim, sai comigo e eu considero muito ele. Tem outros clientes também que a gente conversa, que a gente considera, *vê como um pai para a gente*. Tem um deles que é muito bom.

Acredita que não tem vícios na primeira referência que faz sobre uso de drogas, porém, depois da entrevista, com o gravador desligado, revela que bebe durante o trabalho, “na noite”, duas doses mais ou menos por noite, pagas por clientes, e não vê nenhum problema em seu uso, porque não costuma beber nas folgas.

Se você não tiver uma boa cabeça você entra nas drogas e faz coisas que até você mesma duvida. Eu, graças a Deus, não

fumo. Eu não fumo e não tenho nenhum vício. Nenhum. Graças a Deus, não é? Eu agradeço a Deus por que... Apesar que eu tenho pouco tempo na noite, não é? Em vista de que muitas têm vários anos na noite, eu tenho pouco tempo na noite. Não pretendo ficar muito tempo, mas vou ficando até o dia que der, até o dia em que eu me estabilizar, arrumar um emprego, terminar a escola... Até o dia que der certo.

Mas refere achar que “essa vida” é um “vício”, pois muitas pessoas não conseguem sair:

A noite vira uma obsessão se você não se empenhar mesmo em dizer: não, eu não quero isso! Tem que bater o pé firme e dizer: Eu não vou mais trabalhar na noite e vou me virar com o que tenho! Se não for assim, você não consegue sair da noite. Por mais que você não tenha ambição, o que você ganha lá... Duzentos reais em uma noite... Você pensa: mas eu ganho duzentos reais! Em uma noite só, eu ganho duzentos reais! Vou ficar aqui, ganhando quatrocentos reais por mês? Se não for compensar uma coisa assim, você volta para a noite. Não volta? Porque dá dinheiro. Se não desse, não tinha tanta gente, porque tem mulheres que comprem carro, apartamento, casas, essas coisas assim. Sabendo usar ele você consegue, mas tem que trabalhar muito, tem que ter uma boa cabeça. A noite é bem complicada. Só estando nela mesmo para saber, realmente. Por mais que alguém conte, por mais que alguém... Mas nunca é você convivendo.

Cita que tem outra personalidade na rua e que, na noite, ela tem dois nomes agora, tinha um outro nome, porém mudou quando trocou de casa. Conta que também é comportada e prefere ser escolhida.

Todo mundo tem o seu lado bom e precisa. Eu acho que quase todo mundo que está na noite não está porque gosta porque se eu gostasse não faria isso lá; faria fora. Fora do meu trabalho, sou totalmente outra pessoa. Não tenho nada a ver com o que eu sou lá dentro. Às vezes, eu falo isso para os meus clientes. Quando eles perguntam, eu falo: não, aqui é meu serviço e lá fora eu não trabalho. Lá fora é outra história. Lá fora eu nem sou a Verônica, nem a Madalena... Porque me chamam de Madalena, agora. Sou totalmente diferente. Não falando porque *sou*, mas todo mundo fala que eu sou séria. (...) Uma hora, outro fala que *eu sou metida* e que não sei o quê. Não, eu sou uma pessoa simples, humilde. Sou uma pessoa muito simples. *Não sou uma pessoa de luxo*, de coisa

assim, não. Já trabalhei em casa de família, já trabalhei em várias coisas. Desde os 8 anos, que eu sempre tomei conta da casa da minha avó – porque eu cuidava dos meus avós. Então, é uma experiência boa.

Acha que vai conseguir sair dessa “vida fácil”. Mas diz que vive sem economizar, apesar dos seus esforços para guardar dinheiro, quer comprar tudo o que vê, quando sai para passear, no pouco tempo que vai ao comércio central.

Refere que faz tudo com pressa e que não vive e que o sistema de pagamento é massacrante e aprisiona “as meninas”. Enfatiza o grau de isolamento, as regras rígidas e a perda da vida com voz embargada:

Você está perdendo a sua vida lá dentro porque você fica presa, porque você dorme o dia todo... Isso não é uma vida normal... Você dorme o dia todo, o dia, à noite você trabalha, no outro dia de novo, a mesma coisa. (...) A gente não vive: a gente vegeta, a gente troca o dia pela noite, então a gente não vive. É uma vida bem corrida. Isto é, quando você consegue faz um dinheiro bom na noite, quando não, você tem o dia e a noite perdida. Às vezes, você não trabalha, não é uma noite boa, não tem lucro para todas as meninas, então, para quem não teve lucro, teve prejuízo, só perdeu o dia, a noite.

Afirma que não consegue dizer o que acredita que é a vida “de dentro” da boate e que, pelo estigma, o valor é nada:

Só nós lá dentro mesmo que passamos por estes obstáculos: outros xingam. Você nunca tem vez. Na noite, você nunca tem vez. Até para os donos da casa você não tem vez. Você dá lucro a eles, você dá dinheiro a eles mas você é tratada... Onde eu trabalho, os donos de lá são ótimas pessoas; eu até gostei. Mas antes, quando eu trabalhei em outras casas... Eu trabalhei em três casas de um dono só, nossa! Ele tratava as meninas como um nada.

Em cada momento, expressa uma religiosidade, embora não queira ir à igreja. Foi evangélica por cinco anos e acredita que isso é uma provação e que vai conseguir sair com a ajuda de Deus e dá conselhos para as amigas:

Um dia antes, eu tinha falado para ela, quando terminou a noite do final de semana, eu falei para ela: esse dinheiro é uma coisa que vai fácil. A gente está com esse dinheiro, mas quando a gente vier aqui na próxima semana não tem esse dinheiro mais. Ela disse: é mesmo. Eu falei: É o pouco com Deus é muito e o muito sem Deus é nada. Eu tenho muito comigo, assim, por eu ser do Norte, então, eu tenho uma cabeça sempre de pessoas mais velhas... Aí, quando ela foi para esse emprego, ela me ligou. Ela falou: ah, não sei se eu vou. Eu falei: lembra o que eu falei para você, que o pouco com Deus é muito e o muito sem Deus é nada? Eu jamais pensei em estar na noite, então é coisa que a gente nunca pode cuspir para cima, porque cai na testa e nem pode, porque as pessoas fazem alguma coisa, jogar pedra nelas. Quem somos nós para jogarmos pedra nas pessoas? Então, é uma coisa que a gente tem que encarar. É a vida. Nem todo mundo tem a mesma sorte.

Acredita que vai voltar a estudar e depois estudar enfermagem.

Vou voltar à escola estudar enfermagem. Tenho vontade de fazer enfermagem. Mas ainda vai levar um tempo. Eu quero fazer enfermagem. Eu gosto sempre de mexer... Eu gosto de ver sangue, esse tipo de coisa. Não que eu goste de ver; eu gosto de... de cuidar. Coisa assim: ah, ta sangrando, então, se feriu... Eu gosto sempre de estar limpando, ajeitando, né? Independente de quem seja. Assim... A minha profissão mesmo, assim... pra mim mesmo, é enfermagem. Que eu vá fazer e, até chegar lá, eu não tenho muito definido assim na cabeça assim não. Eu vou fazer isso, mas...

Ela não deseja que saibam que participou desta entrevista e dá o número da outra “menina”, para que eu ligue. Eu reencontro com ela mais uma vez, depois de três meses, no salão de beleza, e ela afirma ter conseguido vaga para voltar às aulas. Nesse breve encontro, revela que está bem melhor.

8.2.2 Tais: a segunda entrevistada

Tais foi encaminhada para a entrevista por Madalena, a primeira entrevistada. A entrevista durou cerca de 50 minutos. Faltou a três encontros pré-agendados na Faculdade de Medicina. Depois disse que não queria ir lá e sugeriu que nos encontrássemos em um shopping, em horário comercial.

Refere ter vindo para trabalhar mais alguns dias para poder receber e acertar as contas. Estava mudando de casa.

Tem 19 anos e é a caçula de seis irmãs e um irmão. Tem uma irmã mais velha que morreu de aids e outra que é *garota de programa* e desconhece seu paradeiro.

Na minha família, somos em seis mulheres e um homem; quatro são casadas e duas são solteiras. *Eu sou a mais nova*. Minha mãe e meu pai estão separados há 6 anos. Moro eu, minha mãe, dois sobrinhos meus de uma irmã minha, mais dois sobrinhos meus de uma outra irmã minha, que também é *garota de programa*.

Fala da época que era feliz na infância:

Da minha infância... A fase marcante que eu tenho da minha infância é quandi... O meu pai, assim, me ensinou a nadar, né? Porque ele trabalhou de bombeiro e lá perto da minha casa tem uma barragem, em Mairiporã, e a gente estava todo dia, todo dia, todo dia lá, porque minha mãe sempre trabalhou. Eu convivi mais com o meu pai. A parte que eu me lembro da minha infância eu convivi mais com o meu pai. A convivência com o meu pai? Ah, era inté pra acordar do lado dele, dormir do lado dele. Ele ia trabalhar e eu chorava, porque eu sou muito apegada com ele. Minha mãe não. Eu passei pouco tempo com a minha mãe; trabalhava demais. Foi uma irmã mais velha que me criou assim, porque minha mãe trabalhava demais e viajava muito.

Veio procurar essa segunda irmã, em Santo André, após brigar com a mãe:

Quando eu saí a minha mãe xingava: ah, ou está usando droga, ou está... fazendo... ou dando para o namorado. Ela falava isso. Eu falei: mãe, eu não estou fazendo nada disso! Eu fui sair com as amigas! E ela falava muito isso: ah, por que não vai procurar emprego logo cedo? Eu falei assim: mãe, mas depois que eu fui mandada da loja, eles me mandaram embora do emprego que eu trabalhei... A loja fechou, eu não fui mandada embora; eu não consegui arrumar mais. Ela ficava ali: ah, não vai arrumar emprego? Pra sair é bom, e não sei o quê... Teve um dia que eu injuriei. De vez de eu parar... Ir na casa da minha irmã, eu vim até Santo André. Foi aí que eu lembrei da minha outra irmã, né? Aí eu vim até Santo André, passei na frente dessa casa e resolvi entrar. Aí entrei. Foi mais assim por raiva, assim. Aí eu entrei e é isso aí.

Relata que foi até a primeira boate, onde a irmã havia trabalhado e não a encontrou.

Eu tinha muito assim... da minha irmã. Ela começou essa vida com 15 anos. Com 15 anos ela começou aqui em Santo André, na rua, com 15 anos. Aí, ela foi morar fora de casa, mas não parava com essa vida. Aí ela teve o meu sobrinho e jogou pra minha mãe criar. Aí, voltou de novo com essa vida. Aí ela foi presa. Ela ficou pouco tempo. Aí depois ela voltou, engravidou e deixou a Rafaela lá em casa – minha sobrinha. Depois ela voltou com as drogas. Aí ela foi presa de novo.

Conta que decidiu morar com seu primeiro namorado, após levar uma surra da mãe. Saiu fugida para a casa da irmã, porém foi morar com ele. Viveu com o namorado, maritalmente, dos 15 anos aos 17 anos:

Uma noite antes eu tinha levado uma surra. Meu pai e minha mãe tinha me dado uma surra porque eu tinha chegado atrasada em casa. Uma vez, eu cheguei atrasada em casa e levei uma surra grande. Nossa, fiquei toda roxa. Nossa! As pernas... Fiquei toda marcada. Aí, eu falei assim: vou inventar que eu vou desmaiar pra não apanhar mais. Aí, eu fingi que estava desmaiada e meu pai falou assim: você está bem? Ele falou pra minha mãe: você me falou que era pra mim bater na menina e olha como que a menina tá! Minha mãe falou: tá nada! Pode bater que ela tá fingindo! Aí, eu levantei e falei: para, para, para, para! Aí, minha mãe pegou e falou assim: agora você vai escolher: ou você vai ficar dentro de casa, ou você vai namorar com ele e vai ter que ir embora.

Aí, eu falei assim: eu vou. Minha mãe falou assim: porque se você não for, quem vai embora sou eu! Minha mãe colocou entre ela e eu pro meu pai, entendeu? Aí, meu pai falou: você vai? Não vai não! Eu falei: Não, pai, eu vou embora pra casa da Suzan. Não fui pra casa da Suzan. Peguei minhas coisas e fui pra casa do meu namorado. Eu fiquei uma semana, sem meu pai e minha mãe saber onde que eu tava. Aí, teve um dia que o meu pai descobriu, porque o meu irmão falou pra ele. Aí, ele chegou na casa do meu namorado “bêbdo”, “bêbdo”, “bêbdo”, “bêbdo”... Aí ele falou – ele fala caçula, né? Ele falou: minha caçulinha, volta pra casa, não sei o que... Eu falei: ah, pai, não vou voltar não. A mãe já tá passando dos limite, não sei o que... Volta pra casa! Aí ele separou da minha mãe. Desde o primeiro dia que eu saí de casa para morar sozinha com o meu namorado, ele mora sozinho. O casamento deles terminaram assim, entendeu? Um pouco, por causa de mim, porque ele era assim, entendeu? Ô pai, deixa eu sair? Ele deixava. *Só que ele falava: Ó, só não cai nas drogas, só não faz coisa errada.* Minha mãe não. Quando ele deixava eu sair, *ela falava assim: Ah, ela vai usar droga, ela vai fazer isso...* Sem eu fazer nada, ela falava que eu tava fazendo. Sempre falava que eu ia usar drogas... Sempre ficava falando isso. Eu falei: Mãe, a senhora revolta! Qualquer dia eu vou fazer isso e eu vou falar pra senhora: eu fiz! Porque eu não estou fazendo nada disso. Teve uma época que eu fiquei revoltada.

A mãe não aprovava seu namorado por ele ser UD e esse era o motivo para a briga:

Aí conheci o meu namorado que era usuário de drogas. Aí eu falei para a minha mãe que não era. A minha mãe: *É, eu conheço a família dele!* A minha irmã já estudou com ele. *É sim!* E falei: não é! Eu gosto dele e ele não é! Mas eu não via isso... Aí eu fui morar com ele. Fiquei um ano com ele não via isso. Depois eu fiquei sabendo que ele tinha voltado realmente com as drogas, porque ele chegava em casa e eu via a situação dele. Aí eu comecei a discutir com ele. Eu falei assim: eu vou separar de você! Eu vou voltar para casa de minha mãe! Aí, como ele gostava demais de mim, ele parou por um tempo; parou assim uns quatro, cinco meses, mas depois ele caiu de novo porque ele começou andar com pessoa errada. Aí a gente brigava muito. Eu via a cena. Ele falava assim: Ah, eu vou levar você embora para a casa da sua mãe. Você não está deixando eu fazer o que eu quero da minha vida.

Após a separação, volta para a casa da mãe:

Aí terminei e voltei para a casa de minha mãe. Depois, saí de casa com 18 anos e fui morar com a minha irmã. Agora estou entre a casa da minha irmã, entre o trabalho e na casa da minha mãe.

Revela como entrou “nessa vida” por estar revoltada com a sua mãe:

Teve um dia que eu discuti com a minha mãe, né? Porque ela estava “recramando” muito; ela estava uns dois anos “recramando”: “Ah, que você não para em casa, você quer saber só de sair”. Quando eu saí a minha mãe xingava: “**ah, ou está usando droga, ou está..., fazendo..., ou dando para o namorado.**” Ela falava isso. Eu falei: mãe, eu não estou fazendo nada disso! Eu fui sair com as amigas! E ela falava muito isso: ah, por que não vai procurar emprego logo cedo? Eu falei assim: mãe, mas depois que eu fui mandada da loja, eles me mandaram embora do emprego que eu trabalhei... A loja fechou, eu não fui mandada embora; eu não consegui arrumar mais. Ela ficava ali: ah, não vai arrumar emprego? Pra sair é bom, e não sei o quê... Teve um dia que eu injuriei. De vez de eu parar em São Caetano para ir na casa da minha irmã, eu vim até Santo André. Foi aí que eu lembrei da minha outra irmã, né? Aí eu vim até Santo André, passei na frente dessa casa e resolvi entrar. Aí entrei. Foi mais assim por raiva, assim. Aí eu entrei e é isso aí. Quando eu entrei era porque eu estava revoltada, mas agora que eu aprendi como que é essa vida que cruel! Quero pagar a minha dívida e sair o mais rápido possível.

Chora ao contar como foi o primeiro dia na casa:

Aí, eu passei ali na frente da casa ali, aí, eu vi o nome da casa e lembrei dela. Eu falei: vou entrar nessa casa pra ver se eu encontro ela, né? Aí não encontrei... Aí, o cara falou, ah, fica aí pra trabalhar. Eu fiz: ah. Aí, eu fiquei... fui lá... “inté”... Entrei... Até coloquei a roupa... coloquei a roupa chorando, mas eu coloquei a roupa... Na hora de subir pra um quarto eu subi chorando. O cara falou assim: “mas o que que foi? Eu falei: não é nada não. Ele perguntou pra mim: por que você está chorando? Eu falei: nada, normal. É coisa minha. Eu estou bem. Eu fico pensativa e começo a chorar. Aí ele desceu. Aí ele foi legal, muito legal. Me tratou bem, Aí desceram. Aí teve aquele negócio de nojo. O cara “tava” fedendo, não sei se tomou banho direito. Aí, eu saí correndo para o banheiro e comecei a chorar.

É. Aí depois fiquei uns... uns vinte dias sem aparecer na casa. Aí, vim pra casa, fiquei quieta, fiquei uma semana sem sair, nada... Aí, teve uma festa na casa de uma amiga minha. Eu falei: mãe, eu vou. Onze horas eu estou em casa; não vou chegar de madrugada. Mas eu acabei chegando meia-noite, meia-noite e pouco e aí minha mãe xingou, começou a xingar, falar “uma par”. Aí, eu falei: ah... Aí, segunda-feira... eu falei assim: ah, segunda-feira eu vou sair pra procurar emprego. Eu saí e não achei! Fui em várias lojas lá na cidade e não achei. Quer saber de uma coisa? Eu vou voltar pra lá. Aí voltei e não saí mais.

Refere que quer sair *dessa vida*, porém fez uma dívida para realizar um sonho:

Estou querendo sair, mas eu fiz uma dívida para realizar um sonho. Se não fosse essa dívida eu já tinha saído faz tempo. Porque eu conheci essa vida e não é uma vida boa que eu estou levando. Você se magoa muito, magoa muito. Não é todo mundo, não é todos, não é todo mundo que te trata bem. Uns te tratam com ignorância, uns te aconselham para ir para caminho melhor, para estudar, procurar emprego e outros tratam na ignorância assim, né? E essa dívida que eu fiz foi pra realizar esse sonho meu, que era colocar silicone, né? Aí coloquei. Eu estava querendo sair agora... Mas não pude sair porque o movimento não está bom. Aí eu tive que sair dessa e passar para outra para pagar minhas dívidas o mais rápido possível.

Conta que não tem uma boa relação com a mãe:

Mas eu tinha muita raiva dela. Muita mesmo. Não queria ficar perto dela, só queria ficar com a minha irmã: ah, me leva embora, não quero ficar perto da minha mãe. Tratava ela mal, xingava ela, falava que ela só me pôs no mundo pra sofrer, que ela não gostava de mim... Eu acabei magoando ela, demais. Quando ela começou a criar dois sobrinhos meus, o Paulo e a Rafaela, dessa irmã minha que é *garota de programa*, eu tinha nove anos. Eu falava assim: ah, a senhora nunca comprou essas coisas! Nunca comprou bolacha, nunca comprou danone pra mim e a senhora está comprando pra eles! Você esquece que eu sou filha? A senhora está criando eles! E eu? Sabe, eu ficava jogando na cara dela. E eu, que sou filha? A senhora trata mais eles, que é neto, do que eu, que sou filha, bem? Aí fiquei um pouco rebelde quando estava com meus 13, 14 anos.

Diz repetidas vezes que entrou por revolta contra sua mãe:

Eu fiquei revoltada, caí nessa vida, realizei um sonho, mas também eu não posso sair porque eu tenho que pagar as dívidas desse sonho. Estou esperando passar... Terminar de pagar pra mim sair [chora].

Depois do choro, conta como foi seu uso de bebidas alcoólicas na adolescência:

Ah, eu comecei na bebida assim. As meninas faltavam na escola e os meninos falavam que... Toda vez que a gente ficava, bebia. Aí, eu falei assim: ah, não, não quero... Aí, teve uma vez que teve uma festa na casa da amiga minha – a mãe dela tinha ido viajar. Aí, ela convidou eu e mais algumas amiga minha e um monte de rapaz. Aí, eu bebi um copo de vinho nesse dia... Eu tinha o que? Uns 14 anos -, bebi um como de vinho e comecei beber. Bebi, bebi... Bebi até encher a cara. Aí, eu ia embora no outro dia porque tinha que esperar o efeito da bebida passar. Porque se eu chegasse em casa e minha mãe “vêsse” ela não ia gostar, ela ia brigar. Aí, depois eu fiquei uns dois meses sem beber. Aí, depois eu comecei a fazer frequentemente: toda sexta-feira eu não entrava na escola. Beber sem saber também. Não era bebida... De vinho foi pra pinga “memo”. Os menino comprava aquelas garrafa de vinho, misturava com refrigerante aí, **queria beber, beber, beber, pra ficar contente, alegre.**

Revela o uso de bebida na primeira boate e na que está atualmente:

Às vez eu não quero beber, mas se eu bebo um copo, eu já quero beber o segundo, o terceiro, o quarto... Até ficar “bêbda” mesmo, “bêbda” mesmo... Ah, um copo... Porque lá tem em copo, né? Pequeno, médio e grande. Eu sempre bebo o maior. Uns cinco, seis. Sexta-feira é demais. Sábado também é demais. Tem dia assim que eu “tô”... Sexta-feira assim, que eu vou lá pra ver a minha mãe... Num sábado, domingo... Se eu vou ver a minha mãe eu tenho que ficar esperando... a bebida passar. Porque a casa fecha o que? Quatro horas da manhã, quatro e meia, né, aí eu tenho que esperar, porque esse horário eu já “tava” “bêbda”, eu não “tava” conseguindo pegar o ônibus, daí tinha que esperar. Acabava chegando uma hora, duas horas, esperando a bebida passar. Teve um tempo que eu parei, mas aí eu tive um “pobrema” com um namorado, aí eu ficava muito lembrando dele. Às vez ... Nem pagavam bebida pra mim, aí eu ia lá pro dono da casa e eu falava: Eu quero beber. Aí, ele falou: não

pode, não sei o que... Não, eu quero beber! Não vai deixar eu beber?! Eu quero beber! Aí, ia lá, ficava pedindo para as meninas: Ah, me dá um pouco? ***Porque eu queria ficar “bêbda”; não queria ficar lembrando “nele”, não queria ficar lembrando em nada.*** Nada.

Conta como foi sua decisão de beber, e o fato de sua mãe afirmar sempre que ela estava usando drogas:

Eu fui numa festa e na festa tinha vários usuários de drogas. Vários usuários de drogas. Aí, ofereceram. Aí, a minha amiga falou assim: “ah, vamos!” Eu falei assim: ah, não! Aí, eu desci lá pra ficar lá em baixo na sala e falei: sabe de uma coisa? Eu vou beber. ***Vou ficar doida de bebida, entendeu?*** Eu não vou cair nessa, eu não vou usar, porque os meus amigos falavam que quem entra não sai. Muitos entraram, falavam dessas histórias. Eu falei: não, não vou entrar. Mas dá uma vontade porque a minha mãe falava: Ah, ela está fazendo isso, ela está fazendo aquilo! Sendo coisa que eu não estava fazendo, entendeu?

Deu muita vontade, mas eu tinha prometido pra ele que... Eu falava pra ela assim: ó, eu não vou cair nessa vida por causa do meu pai, porque se eu não tivesse o meu pai eu já cairia nessa vida faz tempo, mãe. A senhora acusa muito, e eu gosto muito do meu pai. ***Se não fosse por causa do meu pai eu já tinha entrado nessa vida!***

Cita que está parando de ir nessa boate por causa das regras de trabalho:

Na casa que eu to agora não dá. Não bebo mais porque lá não pagam. Lá não é a mesma coisa assim que lá... Não pode. Não é a mesma coisa assim. Lá é uma sauna. Lá é uma sauna. Lá é só pra... Aqui, a entrada é fácil e o pessoal aqui vai mais pra beber. Lá não. Lá é uma sauna. São pessoas assim de mais... De classe melhor. Lá, eles pagam o que? Pagam pra entrar. Pagam caro. Vão pouco, mas paga caro. Vão mais pra sauna. Aí bebe... Porque lá você paga sessenta, e você tem direito a duas bebidas. A casa dá direito a duas bebidas. Lá é assim. Mulher não pode beber; a garota não pode ficar bêbada.

Revela o dia em que fez sexo sem proteção e chora também:

Nesse dia a gente subimos pro quarto e eu tinha bebido demais. Não estava nem vendo o que eu tava fazendo. Tinha bebido demais. Ele queria ver as menina bêbada. Aí ele quis à força, sem camisinha. Daí eu falei que não, que não sei o

que... Aí ele me deu uns tapas. Eu apertei o interfone e chamei o segurança. Daí o segurança, os dois segurança pegaram ele e deram uma surra tão grande nele! Eu sei que ele foi errado, mas não precisava tanta violência!

Fala sobre dormir na primeira boate e a percepção do risco de ter aids:

Dormia aqui e tudo! Aí, eu ia ficar na segunda com a minha mãe. Nós se cuida, mas o risco é grande também, né? Já estourou o que? Umas duas vez já... Eu se cuida. Eu não faço o que não devo fazer, mas já estourou umas duas vez! Foi logo no começo. Aí, nós fizemo... fiz exame, tudo, fiquei preocupada... Aí, eu deixei passar uns três “mês”, fiz o exame... Faz um mês que eu fiz o exame. Fui na Rua da Silveira. Fiz o exame, aí a menina falou assim: ó, não vai dar nada. Eu falei assim: ta! Fiz e não deu nada.

Acha que ficou muito perto da aids nessa casa:

Nessa casa que eu tava, eu tenho uma amiga minha que ela... Aí, teve um dia que eu estava aqui, e eu falei assim: ó Madalena, vou falar um negócio, não é querendo ser fofoqueira não! Eu entrei no quarto da Maria e vi a mesma injeção que a minha amiga toma. O mesmo “coiso” e tudo. Aí, ela falou assim: para com essas coisas! Eu falei assim: não! Aí, no outro dia eu fui pra casa e perguntei pra ela. Aí, o dono da casa pegou e tava comentando. Falou assim: ah, tem menina aqui que sobe pro quarto, sobe com uma camisinha e depois nós vai limpar e tão todas as camisinhas lá, entendeu?

Acredita que agora vai conseguir sair, porque na outra casa que mudou (vai duas vezes por semana), achou um cliente fixo que prometeu ajuda para pagar sua dívida, as duas últimas prestações da plástica de cerca de oitocentos reais:

Eu estou nesta outra casa e conheço um médico, né? Aí, ele pegou e falou assim: **Fia, não esquenta; sai dessa vida!** Faz esse curso porque, quando você terminar esse curso... Eu vou colocar, vou te arrumar esse emprego de enfermeira pra você... Auxiliar de enfermagem. Faz esse curso que eu te ajudo! Aí, ele falou: dia 26, quando eu voltar... Porque ele vai viajar, né? Ele falou que é pra mim sair dessa vida, que é pra mim fazer esse curso, que qualquer coisa ele me ajuda, mas ele não quer me ver nessa vida não, entendeu? Ele se preocupa muito comigo. Eu falei: Eu procuro uma pessoa assim para me ajudar. Ele falou: Ó, eu vou te ajudar, mas se for pra você viver nessa vida eu não quero mais conversar

com você, não quero, porque eu estou te dando uma oportunidade!

Ganha cerca de R\$150,00/dia. Seus ganhos poderiam chegar a R\$ 2000,00/mês. Agora diz que melhorou a renda com a ida para a nova casa.

Aqui, você tinha que fazer quatro, porque era vinte e cinco real que você ganhava. Lá não. Lá é um só. Você ficava um dia com um só, beleza! E você vai embora todos os dias, né? Aqui não... De sexta e sábado ele não liberava as meninas. Lá não tem essa. Se eu quiser faltar, por exemplo, se minha mãe vai no médico e eu quiser faltar eu vou poder faltar, porque lá não cobra. Não segura a menina, entendeu? Aqui não! Ele prendia demais, tinha que chegar no horário certo, sair no horário certo. Lá não, lá é melhor. Saí e fui pra uma casa melhor, porque eu estava vendo que o risco ali estava grande. Tava muito grande, aí eu fui pra uma casa melhor.

A família desconhece o que faz. Acha que é *vendedora*. Conta como acha que pode seguir no futuro:

E agora eu quero passar para outra. Fiz um no começo do ano para polícia militar, mas eu não passei na prova física porque eu estava com “pobrema” no coração e não poderia correr. Era um sonho meu também... Estudei! De cinquenta perguntas eu acertei 38! Eu fui bem na prova! Eu tinha certeza que eu ia passar, mas aí a prova... O exame... O médico não deixou eu fazer o exame físico. Aí eu vou tentar agora, fazer agente penitenciário. Já estou estudando porque realmente eu quero sair dessa vida. Quero mesmo!

8.2.3 Melissa: a terceira entrevistada

Entrevistei Melissa na segunda boate, em um dos quartos usados pelas “meninas” para guardar seus pertences. A entrevista durou cerca de 50 minutos. Ela estava muito nervosa e logo no início contou sobre o uso de drogas.

Resumindo um pouco, o que mais marcou na minha vida foi assim... Ainda nova eu me envolvi com drogas, aos meus dez anos. Aí foi onde começou muitos problemas na minha família, eu com a minha mãe, no caso... Meu pai já era falecido. Aí, no caso, peguei e sai de casa. Minha mãe me tirou de casa. Aos 15 anos, fui morar sozinha, com a mesma pessoa que mora comigo até hoje, no caso ... Tenho uma filha com essa pessoa, que é, no caso..., o meu marido. E... no caso, assim, eu nunca trabalhei. Ele já trabalhava, só que... Ele tinha um comércio, faliu esse comércio dele e desde então a gente está com dificuldades financeiras, tanto que até a minha filha não está comigo, devido a esses problemas todos que a gente viveu. E aí, foi onde eu comecei a procurar emprego e, como eu não tenho cursos nem nada, assim que me daria um currículo, no caso... Aí, foi onde eu comecei a trabalhar aqui. Já faz uns sete meses que eu estou trabalhando aqui. Aí foi onde eu procurei esse lugar porque pra mim foi onde eu vi a solução de alguns problemas financeiros e, para mim, está resolvendo. Então, esse é o resumo de como eu comecei a trabalhar aqui. No caso... Ele sabe que eu trabalho aqui. Minha família também sabe o que eu faço. Não escondo isso de ninguém. A minha família acha normal, assim como sempre achou normal eu ser usuária de droga ou a vida que eu levava. Minha mãe sempre aceitou, na boa... Algumas coisas que estejam certas ou erradas, ela sempre permitiu. Isso. Foi onde eu comecei a me envolver com companhias erradas e foi indo. Inclusive a minha mãe comprava pra mim também, drogas.

Conta detalhes da infância e da relação com a mãe. Acredita que a mãe era ausente e acha que ela também é:

Ela era muito ausente. Eu nunca a via. Ela trabalhava muito. Ficava de madrugada quando tinha plantão no hospital. Então, quase eu não a via. Era muito raro. Cheguei a ficar uma semana. Em casa era a minha avó, que morava junto com a gente na casa. A minha mãe morava com ela. É ela que

cuidou mesmo da gente. E ela que cuidou da gente. Cuidou de mim e da minha irmã também.

Depois dessas falas, solicitou que eu fizesse perguntas. Fica tímida e acha difícil contar sua vida. Eu pedi para que falasse sobre sua mãe e, nesse momento, ela conta sobre sua filha:

Inclusive ela é da saúde, ela é auxiliar de enfermagem, tudo. Aposentada hoje. Mas ela comprava pra mim drogas químicas, como cocaína, crack. Eu fazia na frente dela, normal. Mas a minha família inteira não é envolvida com nada disso: ninguém bebe, ninguém fuma. No caso só... ***Só eu mesmo que ainda sou, vamos dizer, a ovelha negra.*** Então... E... hoje ela sabe de tudo. Mas é ela que cuida da minha filha por causa desses problemas todos que aconteceu. Foi por causa de drogas mesmo que começou os problemas. Aí foi se agravando mais ainda e financeiramente também. Eu me tornei muito agressiva. Fiquei com trauma por depressão pós-parto, vamos dizer assim. Quem cuida da minha filha é a minha mãe. A minha filha agora está com 4 anos.

Pergunto como foi que aconteceu de ter passado o cuidado de sua filha para sua mãe:

A minha filha? É, eu já estava não querendo amamentar, não queria a minha filha de jeito nenhum, não queria ficar com ela. Foi assim, começou a surgir os problemas. Eu ficava muito agressiva, eu usava muita, muita droga, bebendo muito. Na gravidez inteira. Eu não estava bem. Parecia que eu estava desmaiada na cama. Desde que eu soube que estava grávida, eu já não... não... Eu já falava dentro de mim: eu não quero essa criança de jeito nenhum. Aí, quando nasceu, foi pior ainda. Aí que eu não queria mesmo. É que eu achava que eu não podia engravidar. Aí eu fazia tudo sem camisinha com o meu marido. Eu achava que não era possível. Pelos exames que eu tinha feito, o médico disse que era quase impossível ter, pelo meu útero e tudo. Ele examinou. Eu não entendo até hoje. Ou eu entendi errado. Mas a gente tentou. Dos meus 15 até 20 anos. E não engravidava. Até os 17, no caso. Eu tive a minha filha... Aí eu engravidei. Aí eu entrei em pânico. Isso. Dois mil e... dois mil e... três... Dois mil e quatro. Pra você ter uma noção não sei nem o dia que ela nasceu... Que eu me lembro é no dia dois de maio.

Depois revela como era seu sentimento em relação à filha:

É assim: a minha filha, eu não vejo ela como minha filha. Porque eu não vejo ela. Ela não me chama de mãe. Ela... raramente... eu nunca dei nada para ela, nunca... Aí, enfim, eu sei que, do jeito que eu estava, eu comecei a bater nela. Não sei... Eu fiquei agressiva. Eu não queria nem... Ela, eu não queria nada com ela. Aí, minha mãe mostrou ela lá no conselho que eu estava batendo nela, que ela estava toda roxa, aí, tomou ela de mim. Aí, desde então eu não procurei saber; não queria mais. Porque realmente eu, se fosse pra mim ficar com ela, eu não ia ter tempo pra ela, ia ser ausente, assim como eu sou ausente até para todo mundo que está a minha volta. Eu não... não consigo ter um amor por ela. Não sei o que acontece, mas... mas eu não consigo. Então, eu vejo ela como... Como ela me chama de tia, então eu vejo ela como minha sobrinha. ***Eu não vejo ela como filha.*** É muito difícil. Eu não procuro saber e nem ver ela. Minha mãe também não deixa, então... ela chama a minha mãe de mãe. A mãe dela é a minha mãe.

Refere que seu marido aceita o fato de ela estar na prostituição. Ele a acompanha aos programas, paga suas contas, vai ao banco e ajuda na casa. Não tem mais relacionamento sexual com ele, vendo-o apenas como um amigo:

Para ele está tudo bom. Aí ele fica assim: nesses tempo ele está fazendo um bico, está ajudando um pouco, mas vira e mexe ele está desempregado, desde quando ele perdeu o comércio dele. Aí, foi onde eu vejo que é a única saída. Às vezes, eu trabalho também de madrugada. Tem que ir pra boate pra conseguir dinheiro, porque aqui para mim está muito difícil conseguir dinheiro. Porque com ele, eu não tenho mais aquela coisa não! É mais amizade mesmo. Porque ele me leva nos lugares, faz as coisas por mim...

Revela que o dinheiro da prostituição é para pagar as suas dívidas:

E como isso aqui é uma ***vida fácil***, se consegue. Assim, parece fácil. Consegue dinheiro ali, na hora, mas é aquela coisa. Mas eu estava tirando; para mim, pelo menos, estava dando. Tem menina que tira muito mais que isso: mais que oitocentos reais por semana. Então, isso foi pagando um pouco das dívidas que eu tinha. Em quatro meses eu estava devendo mais de mil reais de aluguel, a água e luz estava cortando! Quase estava sendo despejada. Aí eu vi que a solução era isso: era um dinheiro rápido e fácil que eu ia

encontrar. Aí foi onde eu consegui, pelo menos, pagar uma boa parte das minhas dívidas.

Conta que tem sonhos de voltar a estudar e exercer a profissão de enfermagem, que é a mesma de sua mãe:

Porque eu tenho sonhos. Eu quero estudar, eu quero... E eu sei que a gente tem que ter estudo. Eu não tenho estudo completo, eu não tenho curso profissionalizante, então eu estou guardando dinheiro para mim poder estudar. Eu pensei em alguma forma em guardar dinheiro para mim estudar e para mim mudar porque, para o resto da vida isso não compensa. Tem mulher que, com quarenta ou mais idade e trabalham nisso e pra mim não dá!

Revela seu desconhecimento das DST/aids no início e o risco da atividade:

Eu não quero isso para mim! Porque os riscos são muito grandes. Desde então, quando eu comecei a trabalhar aqui, eu não sabia nem colocar uma camisinha. E eu já passei por muitos problemas por isso: de estourar a camisinha, de achar que estava grávida... E eu nem sei que tipo de doença eu devo estar, que eu tenho, porque faz tempo que eu não faço exame. Eu fiz um convênio pra mim estar fazendo exames mais detalhados pra mim ver como que está, né?

Afirma que os clientes preferem manter relação sem preservativo:

Os riscos são muito grandes, mas os homens não entendem. Eles não entendem isso. Não esquentam. ***Eles querem sem camisinha.*** Se você tem alguma doença, tanto faz. Eles querem sem. A gente vê como o ser humano não tem medo de doença, assim como tem medo de morrer. Então se a gente não amar a gente, não cuidar da gente, a gente vai sendo junto com todo mundo. Eu já passei por más experiências por causa desses problemas de estourar a camisinha e entrar. Mas espero ter a sorte de... Se bem que eu já achei que estava grávida porque aconteceu outro problema.

Em seguida, revela sobre o seu uso frequente de bebida alcoólica:

E eu penso que as meninas aqui se alcoolizam muito. Eu mesmo bebo. Bebo muito. Bebo sempre. Bebo de manhã, bebo de tarde e de noite. E as meninas fazem isso bebem muito mesmo e acabam fazendo tudo sem camisinha, não se cuidam. E tem outras que estão *nessa vida* só pra sustentar o uso de drogas.

Parou de usar crack há cerca de um ano:

Eu comecei a fumar [cigarro]. Depois foi maconha. Depois foi pra cocaína. E depois, comecei no crack. Aí, do crack, então, eu usei até os meus 21 anos. Faz menos de um ano que eu parei. Já bebi muito. Desde os 16. Mas as briga com a minha mãe foi por causa da droga. Foi onde eu fui perdendo, perdendo... Fui perdendo oportunidade, fui deixando de lado o estudo. Foi onde me prejudicou mais foi isso. Eu era normal. Sempre fui uma criança muito tímida. Não fazia amizade de jeito nenhum. Sentava num canto e ficava quieta. Até hoje eu sou assim, desse jeito. Eu nunca fui de brigar com ninguém na escola. Sempre fui a melhor da classe, até essa época.

Fala a respeito de sua internação para tratamento do uso de drogas no NAPS- AD de Santo André e no Hospital Bezerra de Menezes.

Cheguei a ir no NAPS. Aí eu vi que eles queriam que eu ficasse lá e aquilo me estressou. Foi que eu falei: ah, não vou fazer tratamento nenhum. Fiquei com raiva e não quis fazer, porque eu sabia que a pessoa, quando ela quer, desde que tenha vontade, ela larga. Eu cheguei a ir uma vez, aí eu conversei lá, falei que tinha parado. Sabe, eu... Parecia que era pior. Ah, foi uma psicóloga, depois foi uma enfermeira... Aí depois foi um médico, que falou que tinha que me internar, e isso, isso... Eu falei: Tá louco! Eu não sou... Internaram. Fiquei internada lá, depois me levaram pro Bezerra pra me internar lá. Aí falei: Ah, que isso? Eu não preciso disso! Aí, eu pensei: Eu não preciso de internação. Eu posso, por mim mesmo, parar. Que isso! E foi onde eu parei mesmo. Ah, eu vi aquela situação e falei: eu não preciso disso. Eu fiquei com raiva, e falei: ah é? Então eu vou provar pra todo mundo. E foi onde eu parei mesmo. Eu acho que depende da... Se você quer fazer, você para. Não acredito que alguém precisa de tratamento. Eu quis parar, me deu a vontade: eu não quero mais e acabou! E foi assim. Senti vontade, normal, né, mas assim, nada muito... aquela... loucura. Foi normal. Fui deixando passar os dias e... e passou. Eu acho que ninguém precisa de tratamento. Só se for uma pessoa muito... Muita fraca, não sei. Ah, depois que eu vi que era tão difícil, queriam me enfiar medicamento, queriam me internar, ficar tantos meses lá, oito meses. E tinha um grupo, tal, aí não gostei. Aí que eu fui pro Bezerra. Lá era chique e tudo. Eu achei chique! Cheio de frescura. Eu falei: Ah, eu não quero não! Que isso? Eu não preciso.

Conta sobre o uso de álcool e intitula-se “*alcoólatra*”:

Ah, eu bebo, bebo tudo. Ah, eu bebo... Se eu beber, um litro, quando eu chego à noite, em casa. Se tem cerveja, bebo cinco cerveja. Quando eu saio, também bebo. Normal, quando eu saio, eu bebo. Ah, tem dia que eu não bebo. Ontem eu não bebi. Não, ontem eu bebi. Antes de ontem eu não bebi. Depende de quanto eu quero, dependendo da minha raiva no dia, da minha vontade, do meus estresse, aí eu... Tem vez que eu bebo cerveja normal, tem vez que... então tudo depende. **Ah, pra mim eu sou alcoólatra.** A pessoa que bebe todo dia é alcoólatra. Aí eu já não gosto. Não, eu não bebo nada assim alcoólico muito forte, coisa assim, essas pinga... É, coisa mais barata. A marca tipo Smirnoff eu gosto. Mas eu bebo muito rápido... Vou acabar com uma garrafa em um dia? Então, eu procuro não comprar! **Eu gosto de tomar assim, pra ficar legal, pra conseguir dormir...** Porque eu não consigo dormir. Porque eu fico muito preocupada. Então eu vou bebendo. Aí, chega aqui, eu... Antes de chegar aqui eu bebo. **Tem dia que eu chego caindo. É que, para mim, está muito difícil aqui. Eu não me conformo.**

Mas, logo em seguida, diz que gosta do ambiente da casa e da gerente:

Aqui é mais sossegado. Eu gosto das pessoas daqui, estou acostumada com a dona. Ela é diferente; ela não trata a gente só como um objeto ou como um material, como nos outros lugares fazem. E também é muito arriscado por fora, como muitas vezes a gente sofre agressão, roubo, e outras coisas que causam problemas, como eu já passei. Eu já fiz por fora; mesmo trabalhando aqui eu já fiz por fora. Aí, eu passei por uma situação que aí, nunca mais fiz. Aí eu comecei a fazer de novo agora porque eu estou vendo que só de ficar aqui não vai... às vezes eu tiro cinquenta por dia, trinta reais por dia. Acho que, quando agente entra para uma vida dessa é para a gente ganhar dinheiro, não pra ganhar cem reais por semana.

Quer sair dessa casa, porém não consegue. Acha que a gerente “prende” as meninas:

E outras então, como no caso de algumas colegas aqui, que tem filho, tem casa, tem coisas pra... Responsabilidades grandes para estar trabalhando e mantendo o básico delas. Mas eu estou mesmo nisso pra conseguir ser alguém, não sei. Tentar alguma coisa diferente, porque eu vi que é uma forma rápida de ter dinheiro, por mais que ganhe pouco. Sabe, você fica presa no lugar. Você não pode nem ir pra frente, nem ir

pra trás. Tem que ficar naquele nível até esperar um milagre acontecer. E tem casas pior ainda que isso. Já cheguei a sair daqui uma vez e foi pior do que aqui. Em todo lugar está muito ruim isso. Não sei se é o meio mais fácil de ganhar dinheiro. Mas eu vou vivendo para ver o que acontece. Vou levando a vida.

Conta sobre as pessoas que a ajudam e de um dos clientes fixos:

Eu tenho outras pessoas por fora, que me ajudam também um pouco por fora. Outra pessoa que eu... assim... É casado e eu consigo um dinheiro dele também. É mais ou menos namorado. É casado né? Então... Não digo que é namorado. É estranha a situação, né, mas ele me ajuda no que precisa, realmente. É, mais ou menos. É casado mesmo. Ele me ajuda. Ele já foi cliente daqui, mas não... Parou de vir. Eu conheci ele e, desde então, nesses sete meses aqui, eu estou com ele e ele me ajuda em algumas coisas, pra pagar alguma conta, alguma coisa. Ele que vive me aj... Tentando me aconselhar a largar essa vida e tal. Ele me ajuda no que for necessário e não sei o que. Mas eu não quero depender de ninguém. Eu não quero depender nem do meu marido, nem dele... Se alguém quiser me ajudar, me ajuda. Eu acho que tenho que viver sozinha mesmo. É, as que dão aquela ajuda básica, mas a ajuda que eu gostaria de ter eu não tenho! Não só financeira, né? Mas uma amizade, uma coisa... Alguém pra conversar, alguém para sair comigo. Isso eu já... Nunca tive e não tenho. Então, é onde eu me torno muito fechada. Sou bem fechada. Falo pouco, não faço amizade fácil, não converso com ninguém.

Admirava muito seu pai adotivo e se pudesse seguiria a profissão dele:

Eu queria muito fazer faculdade de advocacia, porque eu admirava o meu pai. A profissão que ele tinha, ele era juiz, tudo, advogado... Eu achava bonito. Mas... Eu queria fazer um curso de auxiliar de enfermagem, porque pra fazer... Pra estar entrando no mercado de trabalho tem que ter uns que indica, né? Pagam muito pouco, né? Em um, eu cheguei a ver. Eu vi por trezentos e cinquenta, auxiliar de enfermagem, cuidando de idosos numa clínica de repouso, né? Aí, eu pensei assim: Eu pago trezentos de aluguel, não vai dar!

No final, faz novamente uma reflexão de sua vida e da trajetória até agora:

É. Mas eu escolhi mesmo, para mim, então agora eu vou ter que arcar! O que que eu já fiz, eu já fiz de tudo. Já fui traficante para sustentar o meu vício em droga, eu já roubei,

já fui presa, já! Tudo, menos prostituição. Nunca matei e nem tinha me prostituído, porque eu era de menor. Já me pegaram com muitas coisas: com *crack*, com arma. Daí eu fiquei presa. Mas aí, pagando o advogado, a minha mãe pagou, aí a juíza liberou, né? Foi comprada. Aí, me liberaram. Foi isso. Isso faz três anos ou mais. Eu não lembro direito. Aí, eu fui liberada. E eu já passei por tudo. Já morei em rua, já! Foi quando eu saí de casa, assim, que eu fiquei... A casa era da minha mãe, mas eu não ficava perto dela. Eu ficava na rua. Tipo... Fazia as minhas coisa na rua. Minha mãe também me dava bastante dinheiro para eu ir comprar droga. Todo dia ela me dava cinquenta, cem reais e eu comprava droga. Então, o dinheiro não foi o problema. Eu vim de uma família que tinha dinheiro, entende? Então tinha como eu sustentar meus vícios... Eu tinha índole mesmo de gostar de fazer o que era ruim. Gostava de roubar por prazer, gostava de fazer essas coisas por prazer: Roubar, traficar por prazer, andar armada por prazer. Essas coisas eu gostava...

Mas dinheiro nunca foi o problema: Minha mãe me dava quanto eu quisesse. Eu falava: Mãe, eu quero cem reais hoje pra mim comprar tal droga. Me leva lá? Ela me levava, eu comprava. Nunca tive problema. Eu ficava a noite inteira, até o dia seguinte usando... Aí acabava: Mãe, quero mais! E ia assim. É. Então, nunca foi problema dinheiro. Hoje é, porque hoje sou eu, né, sozinha. Mas nunca foi! Eu não venho de família ruim.

Ela refere querer mudar de vida e conta que está conseguindo se organizar para voltar a estudar:

Eu estou guardando dinheiro para fazer o meu futuro. Aos poucos eu... Eu não sou que nem muitas. Tem muitas que, quando eu entrei aqui, ganhavam cinco mil por semana. Eu fico pensando: o que ela fez com o dinheiro? Cinco mil por semana? Ela não fez nada. Eu fico pensando: eu ganho... O pouco que eu ganho, eu pelo menos pago e penso num futuro pra mim. Não preciso ficar falando pra todo mundo o que eu venho fazer aqui. Então, eu fico quieta. Porque, se você fala, alguém tira sarro de você, como se você não pudesse ter a capacidade de fazer isso. Já me falaram isso. É, estou me preparando... Já tenho uma noção.

8.2.4. Laís: a quarta entrevistada

Laís foi entrevistada na segunda boate por indicação da Melissa. A entrevista aconteceu no mesmo espaço da anterior, mas, nesse dia, a boate estava cheia e a gerente pediu para que a entrevista durasse apenas 30 minutos. Quando deu o horário, a gerente veio até o local, porém Laís negociou mais 30 minutos. Portanto, foi quase uma hora de conversa.

A entrevista fluiu muito bem, com desenvoltura até para as questões mais difíceis, por exemplo, o abuso sexual causado pelo marido da prima a quem trata como irmã. Após o falecimento da tia, que cuidou dela como se fosse sua mãe, ficou sob os cuidados dessa nova família que ajudava a cuidar da filha do casal e onde deixava agora a sua filha ficar quando ia “trabalhar”.

A mãe está viva. Ela morava no exterior como empregada doméstica. Iria regressar e morar com a mesma, por um tempo indefinido, dentro de alguns dias depois da entrevista. A primeira coisa que relata na entrevista é sua entrada na prostituição:

O que aconteceu pra mim entrar na prostituição foi que eu casei... E o meu casamento não deu certo... E eu tinha uma filha. E eu conheci um amigo meu que indicou. A primeira vez que eu entrei assim foi na noite. Eu comecei trabalhando em boate. Então, ganhei dinheiro e tudo mas...

Mas é interessante notar que houve uma pausa e que depois encadeia uma outra fala em que ocorre um lapso de linguagem significativo:

Outra coisa: eu não tenho mãe aqui, né? Minha mãe mora no Ceará. Eu fui criada com a minha irmã porque eu sou filha adotiva. Por ter me tido muito nova, ela não teve condições de me criar, porque ela me teve com 16 anos. Como a minha

tia – a irmã dela, no caso, tinha uma condição boa de vida... *ela deu pra mim... me deu... pra minha tia me criar*, só que a minha tia faleceu e eu tinha sete anos.

Depois desse ato falho, faz a revelação do abuso sofrido, quando menina, pelo marido da prima que a recebeu, após a morte de sua tia:

Até então, passei muita dificuldade. Eu achei o máximo porque eu era criança, mas assim, quando eu comecei a... a minha adolescência, que eu estava com uns onze anos, que eu menstruei, eu comecei a perceber, em relação ao meu cunhado, que ele queria ficar me observando. A minha irmã trabalhava e eu ficava... já tinha uns 11 para 12 anos, e eu ficava com a minha sobrinha. E ele, sempre estava lá. Aí ele começou, tipo, a fazer insinuações assim, perguntar coisas... Mas até então, eu era uma menina que eu gostava de estudar, eu tinha sonhos, eu tinha um monte de coisas que eu pensava e falava pra ela. Só que aí, chegou uma situação assim que ficou... Quando eu estava já com uns 13 para 14 anos, ele tentou me violentar, tentou me estuprar. Aí, o que que aconteceu? Desse dia que ele tentou me estuprar, minha cabeça deu uma... Não sei. Eu entrei numa fase minha assim que eu queria só as coisas... Era como se não valesse à pena, entendeu? A vida. Chegou uma fase que ele tentou me violentar. Foi quando tudo começou a dar errado porque, só para a senhora ter uma noção, eu pulei de uma laje muito alta, de medo. A sorte é que... Aí, ele pegou e falou assim pra mim: vem aqui que eu vou te dar dinheiro, e isso e aquilo outro.

Depois do episódio, refugiou-se na casa de vizinhos e retorna para casa da sua irmã, porém não revela o reinício das agressões, até um dia em que a situação se tornou insustentável.

Aí, eu fiquei morando uns três, quatro meses tranquila. De repente, ele começou a fazer pior. Ele invadia o meu quarto... Nossa! Ele falava coisas absurdas. Eu não falei mais, entendeu, pra ela. Só que aí, eu fiquei revoltada, eu comecei a faltar à escola, comecei a namorar, tipo, ficar com vários meninos. O que eu mais prezava na minha vida – que era a minha virgindade – eu tirei, porque eu pensava, na minha cabeça, naquela época, eu pensava assim: eu não vou deixar um homem desses... Eu tinha nojo dele tocar em mim. Então, se é para mim ser tocada, vai ser por outra pessoa, pelo menos uma pessoa mais... Uma pessoa que eu goste. Aí,

tirei minha virgindade. A minha irmã não sabia. Depois ela descobriu. Era um inferno aquela casa. Ela descobriu, ela colocou muita culpa em mim, mas ela não tinha noção do que eu estava passando, da minha mente, como estava perturbada.

Ela marca bem a mudança em seu corpo associada ao início da puberdade e a vinda da menstruação, além da saída imaginada pelo desejo de ter um filho.

Até com 13 anos, eu brincava de boneca, eu não queria saber de namorar, desses negócios assim. Eu era bem “criançona” mesmo. E eu esperei ela chegar e eu contei. Eu contei pra ela o que tinha acontecido e ela foi perguntar pra ele. Ele falou que era mentira. Ele falou que ia bater na minha cara, que eu estava ficando louca, que eu era uma *vagabunda*. E isso foi me traumatizando.

Revela o uso de álcool para driblar a situação:

Imagina uma adolescente de 14 anos entrar em coma alcoólico! Eu não queria mais... Eu saí da escola uma vez e fui beber com uns amigos meus. Eu chamei uns amigos pra tomar, pra beber lá no cemitério. E nisso, eu cheguei em casa... né? Do hospital, eu cheguei já... Foram os meninos que me levaram. Nisso, quando eu estava alcoolizada, ele tentou me violentar novamente... Então, era uma situação muito chata.

Assim, a saída encontrada foi viver com o namorado, porém o relacionamento que havia idealizado não ocorreu:

E eu, naquela situação, me envolvi com um rapaz e engravidei. Nisso, eu tinha 16 anos. *Mas eu engravidei porque eu quis*. Porque eu queria sair. Não sei! Foi uma coisa louca que eu não faço nunca mais, né? Mas assim... Voltando a esse ponto aí, *eu engravidei pra sair*. Parecia que tudo ia ficar como se fosse outro tormento, porque ele era violento, ele usava droga. Eu tive dois gêmeos, dois meninos. Eles nasceram com problema no cérebro e não resistiram. Estavam, acho que, com um mês e quatro dias. No hospital, eles não resistiram. E ele era muito violento...

Ela se compara muito com a prima-irmã, tecendo paralelos de sua vida e o que não gosta da vida da irmã e do companheiro dela, seu agressor. Revela que

embora relate que sofria violência na relação com seu companheiro, a irmã a incentivava a ficar, pelo fato de ele ter dinheiro.

Ela acha que eu deveria ser também da mesma forma e aguentar, sei lá, até ele fazer alguma coisa comigo. Nisso, eu falei pra ela que eu não estava mais aguentando. Ela disse: Pelo menos ele te dá tudo. Eu falei: mas não! Mas ele é violento! Você não sabe como ele se porta! Diante das outras pessoas ele é ótimo. Quem olhava, falava assim: “nossa esse cara é muito legal”. Mas ele era muito violento. Ele já chegou a me deixar trancada dentro de casa. Uma vez ele me pegou e estourou uma veia. O branco, sabe o branco do olho? Chegou a estourar. Estourou um vasilho de dentro. Ficou tipo vermelho assim. E eu falava com ela e ela achava que o erro era meu, que o defeito era meu, mas não era. Às vezes, por nada, se eu estivesse andando com ele na rua e olhava pro lado, ele falava que eu estava olhando para alguém. E nisso ele já ia me machucando. Eu aguentei muita coisa assim. E na cabeça dela porque ele me dava roupa, não deixava faltar nada dentro de casa e essas coisas, entendeu?

Conta que, para sair dessa relação violenta, contou com a ajuda apenas de suas amigas e que depois se envolveu com o irmão delas, que será seu segundo parceiro.

Só que chegou uma hora... Aí, conheci umas amigas, umas meninas super legais que me ajudaram a sair dessa situação. A mãe delas falou assim pra mim: Marisa, nisso, a gente já tinha feito amizade, tudo... Larga desse homem porque você vai acabar morrendo. Eu não contava pra ninguém o que eu passava. Eu contava por cima para a minha irmã, mas ela... era cega, era cega! Aí, eu contei para essas minhas amigas. Elas falaram pra mãe delas, e ela disse: Pode mandar ela vir para cá. Nisso, ela era separada também, tinha três filhas – era pra mim ir morar na casa delas. Ela tinha um filho, o João, só que ele morava com o pai e foi passar uns tempos lá. Nisso, eu me envolvi com ele. Nessa época, eu larguei o meu ex, eu saí fugida, não levei nada da minha casa. Nem roupa eu peguei. Elas foram me buscar de carro e ele não ficou sabendo do meu paradeiro. Até ele me encontrar novamente. Só que aí ele já estava... Pediu pra voltar, falou que mudava, falou que ia passar por psicólogo, que fazia qualquer coisa pra mim ficar com ele, mas não teve jeito. Eu falei que não queria mais, que tinha acabado. Acabou tudo.

Fala que a relação com o segundo companheiro foi boa, porém não sabe as causas do término da relação.

Aí eu me envolvi com o João, que é uma pessoa maravilhosa! Não tem nem do que reclamar. Ficamos dois anos e, nesses dois anos eu tive a Milena, que é minha filha. Tem quatro anos agora. Mas ele sempre foi um excelente pai. Ficamos dois anos juntos, terminamos. Ele era uma pessoa super batalhadora. Não tinha os bens materiais, como o outro, mas ele tinha caráter, que é o mais importante. Ele batalhava pelo que ele queria. Nisso, eu engravidei do Lucas e moramos na casa da mãe dele até a gente comprar um terreno. A gente construiu uma casinha. Mas aí não deu certo. Não deu certo, não sei por que! Deixei a minha casa lá pra ele vender e a gente dividia o dinheiro. Aí, vim pra cá trabalhar. Nisso, eu saí do serviço, a minha irmã olhava a Maia pra mim enquanto eu trabalhava. Nisso, eu conheci um rapaz, lá do trabalho mesmo e, ele me indicou, entendeu? Ele falou: Você é tão bonita! Por que você não vai em tal lugar pra ganhar dinheiro de verdade e não ficar precisando disso e daquilo outro? E como eu já estava com a cabeça meio, sabe? De tudo... Porque ficava o tempo todo faltando isso, faltando aquilo... Só faltava. Nunca dava. Aí, trabalhei durante mais ou menos um ano... Depois, encontrei um outro rapaz, o Pedro, saí e engravidei. Porque eu tenho dois filhos, a Milena e o Jonas. Voltei de novo. Depois que eu me separei dele, voltei.

Diz que usou drogas poucas vezes, mas depois revela que usava, porém não comprava em um primeiro momento e depois começou trabalhar no tráfico. Nessa época, foi presa, mas saiu ilesa:

Antes disso tudo acontecer, eu trabalhei com tráfico, me envolvi com drog... pra dizer que eu nunca fiz nada por causa de droga. Eu nunca comprei, pra falar a verdade. Eu sempre ganhei a droga. Eu usava porque eu ganhava, porque se eu tivesse que comprar eu não comprava. Mas eu não fiquei... Era mais para sustentar a minha casa e manter o que eu tinha. Não era muito... mas eu tinha que manter. Eu não tinha que perder tudo aquilo. Perdia a dignidade mas não perdia as coisas...materiais. Então, me envolvi com tráfico, fiquei trabalhando com drogas. O pai do Jonas também se envolveu... mas não era para ele aquilo e graças a Deus ele saiu ileso. Porque, quando você entra é difícil você sair. Eu também não tenho do que reclamar. Eu cheguei e falei: parei,

não dá mais. O dia que eu fui presa, que eu vi os policiais comentando certos tipos de coisa, foi passando um monte de coisa pela minha cabeça e eu pensei: não, eu prefiro passar fome do que ter dinheiro e perder... Eu fiquei pensando nos meus filhos. O que eu estava fazendo era para eles. Agora, não era só para mim. Eu comecei já por causa disso.

Afirma novamente sua entrada na prostituição e faz uma colocação inusitada em relação ao corpo:

Quando eu comecei a me envolver na prostituição, foi em relação à minha filha, porque o pai dela estava desempregado e não tinha quem me ajudasse. Muitas pessoas que às vezes ajudam, acabam jogando na sua cara tudo aquilo que já aconteceu. Aí, eu falei: ah, eu não quero isso. Por isso eu estou aqui, na prostituição, para ganhar dinheiro. É como se você pegasse o que não fosse seu, porque o dinheiro vai embora. Você não constrói nada com o dinheiro assim. Muitas são assim também, pra falar a verdade. É uma ilusão total. *Quem pensa pelo corpo...* Hoje em dia eu penso assim! Viu, Eliane? Eu trabalho aqui mas eu tenho um objetivo na minha vida! Se eu falo que eu paro, eu paro. É porque eu quero acabar de pagar minha... Construir minha casa. Eu quero acabar de... de... Com isso, eu vou abrir alguma coisa para mim porque eu sei fazer muita coisa. Muitas meninas que eu conheço aqui mesmo, o que que elas pensam? Elas almejam sempre o dinheiro; não têm um objetivo com que almejam. Falam: Ah, eu quero ganhar quarenta mil. Outra: Eu quero ganhar cinquenta mil. Eu quero uma casa com piscina. Vai ver, não sabem nem nadar. É só para dizer que têm. E o material, às vezes ele não leva a gente num lugar muito longe. A gente tem que ter uma vida estável, né? Não faltar isso, não faltar aquilo. Sempre falta alguma coisa, na verdade, para o ser humano. Ele nunca é completo.

Revela que não conseguia se proteger em relação às DST/aids e à gravidez.

Acha que mudou após o nascimento de seu filho:

Eu já tive comportamento do tipo de ficar bêbada, transar sem preservativo muitas e muitas vezes. Tanto que, quando eu engravidei da minha filha, eu morria de medo. Ainda bateu aquela angústia: voltaram o filme. Porque, quando eu não tinha ninguém, era diferente. É como se alguém tivesse dizendo: cuidado com o que você faz. Nunca mais isso aconteceu.

Está com... Vai fazer dois anos em agosto. E ele é a minha vida. É quem me dá força pra mim não fazer, não enfiar a mão na lama. É que eu podia trabalhar em outra coisa, mas essa outra coisa não ia dar pra mim dar pra eles a vida que eles têm porque já é difícil do jeito que é. Imagine você pagando casa e sozinha. Porque eu não cobro o pai deles, entendeu? Eles dão quando tem que dar. Eu discordo de ser mãe e pai dos meus filhos. Eu não me sinto bem fazendo isso. Eles passeiam, pegam eles e passeiam, dão presente, dão roupa, dão isso... A avó dá sempre presente, tanto que a avó pediu para ficar. O pai também já pediu. Eu falei: não quero. Os meus filhos ficam comigo, não adianta! Jamais eu daria nenhum dos dois. Não dá pra você viver desse jeito: é escola, é roupa, é vestido, é calçado... Tanta coisa. Sabe assim? Você não vive. Para eles aguentar, dá uma força, pelo menos.

Diz que não sente mais atração por homens e teme que algum deles possa vir a se interessar e depois lhe causar mais sofrimento pelo fato de ter uma filha:

Não, agora eu estou sozinha! Não gosto de homem mais, pra falar a verdade! Às vezes, você encontra alguém num barzinho, pra dançar, pra se divertir, encontra alguém legal e tudo, mas já ficou uma... Ah, só penso nos meus filhos. Não quero dentro de casa um homem que... Sei lá! O mundo está tão violento agora, que alguém pode... que a minha filha vai crescer, o meu filho também. Eu não quero. Está tão bom do jeito que está. Os meus filhos me respeitam. São crianças assim... A minha filha é inteligente. O meu filho também. Eles não dão nenhum tipo de trabalho. Pelo contrário; tudo o que acontece assim é em relação a mim mesmo, porque eu quis tê-los, né? Então, eu tenho que lutar por eles. E eu não quero por causa disso, assim.

Pergunto se cuida hoje de sua saúde e se fez exames recentes:

Fiz vários. Só tem que marcar agora é Papanicolau. Eu não fiz ainda. Eu passo pelo SUS, mas sempre está difícil. Eu não tenho muito tempo, entendeu? Eu não posso deixar de trabalhar. Aí tem que ser num dia mesmo que eu posso, porque às vezes eu vou marcar em um dia, mas o médico não vai estar no dia em que eu posso. É que eu tenho que trabalhar, entendeu? Aqui a gente... Somos nós mesmas... Nós mesmas somos muito... Apesar de tudo o que eu já passei, eu nunca passo o lado negativo para as outras pessoas que estão passando por uma situação difícil. Sempre coloco assim de um jeito que a pessoa veja que a vida é bonita. Você tem que gostar da sua vida. Que nem, tem menina aqui ...

Aqui mesmo... Fala assim: Ah, que se foda! Eu prefiro pegar uma aids. Eu prefiro pegar uma doença do que ter um filho agora. Filho é uma maldição. Isso não se fala, entendeu? Porque ela não sabe o que é estar com aquilo que ela... Sei lá. Tanta gente assim... Você pode ter certeza de que ter relações... Não tem medo se pegar ou não. Porque elas não se amam, não gostam de viver, não gostam da vida. E como não têm coragem de, vamos supor, se matar... Coragem não, assim... Não se matam logo... Aí quer ficar pondo culpa em coisas. Vai encontrar um motivo, entendeu? Tem gente que está sempre querendo se fazer de coitado, não é?

Em relação ao uso de álcool e drogas, primeiro cita brevemente o tema quando diz que vai parar a prostituição, assim como conseguiu sair das drogas:

Eu tive experiência com drogas, mas ninguém me ofereceu. Todo mundo queria oferecer e eu sempre falava não. Uma vez, eu senti vontade de fazer e eu fiz, mas eu nunca fui usuária. Acho que eu usei umas três vezes, cocaína. Umas três vezes. Nunca usei maconha, nem pedra. Nunca usei porque eu via como as pessoas ficavam, entendeu? Uns ficavam violentos, outros não sabiam nem o que estavam fazendo. E... nossa! Eu não me envolvo com esse tipo de coisa. Tudo o que eu tinha que viver eu já vivi. Eu não quero mais... Agora eu só penso em progredir. Não sei se bem aqui porque trabalhando aqui, porque trabalhando assim...

Depois diz que não bebe, só de vez em quando:

Não bebo muito. Eu bebo e paro quando eu vejo que estou meio... Zonza, porque eu tenho medo, porque muitas vezes que eu bebi... É o que eu falei pra você... Eu tive relações. Você nem sabe em que mundo você está, entendeu? Teve uma vez que eu amanheci num motel e não sabia nem com quem eu estava. Então, naquilo ali, eu falei: meu Deus, e agora? Não sabia nem com quem eu tava. Não lembrava de nada que tinha acontecido anteriormente, nada.

Revela que vive também de fazer doces, bolos e quer continuar a fazer para fora. Acredita que o dinheiro ganho na prostituição é “*sujo*”:

Uma coisa que eu tenho muita mágoa... Mas eu faço salgado, eu faço bolo, eu faço um monte de coisas. Eu não ganho só dinheiro aqui, porque senão... O dinheiro, como eu falei para você, ele é sujo, entendeu? Você pode ganhar três mil reais, entendeu, mas esses três mil reais é como se alguém viesse e

pegasse de volta de você. Então você não vê. Então, tem outras coisas que eu faço. Eu sou doceira, eu faço essas coisas em casa.

Refere que tem um objetivo em relação aos filhos:

Mas eu tenho um objetivo, que eu quero dar um conforto pros meus filhos, mas eu sei que não vai vir daqui, entendeu? Aqui é mais assim... é um leão que você mata por dia.

É a minha alegria os meus filhos! Eu não tenho essa coisa de não dar alegria pra eles. Quando eu chego, eu chego cansada e ele diz: mamãe? Ele fala “mór” bonitinho ...

Não é nem preconceito, entendeu, porque eu sou uma... Mas eu acho que é uma coisa que a gente faz que vai chegar... Imagina, com 39, 40 anos, eu não vou mais poder ganhar dinheiro dessa forma. Muitas não pensam que tudo vai passar, um ano... O outro ano. Eu não quero falar disso, entendeu? Mas assim, eu odeio isso. Isso é insuportável pra mim...

Não, porque eu já passei situações piores. Muitas vezes eu consigo lidar com... Hoje em dia eu consigo bem mais com essas situações, então não... eu não julgo assim, mas eu acho que... Engraçado, pessoas que trabalham... é... dispostas ao trabalho, mas que estão nessa profissão assim, não têm um objetivo...

8.2.5. Diana: a quinta entrevistada

A entrevista com a Diana foi por acaso. Eu não havia combinado com ela. A entrevistada do dia não foi trabalhar na boate. Eu fiquei aguardando um pouco e observando o movimento da boate que acabara de abrir, às 11 horas da manhã.

Ela chegou às 11h30, vindo da rua, e a gerente perguntou se ela queria participar de uma entrevista, e ela concordou, mas ficou conversando um pouco com a gerente, na minha frente, sobre sua chegada. Depois fomos para uma sala, para que pudesse explicar a pesquisa e averiguar se ela queria mesmo participar ou se desejava apenas conversar. Ela concorda e diz que estava precisando muito desabafar, porque era nova e estava lá fazia pouco.

Durante a entrevista, foi se acomodando no sofá, recostando, afirmando estar cansada por ter andado muito e de salto alto.

Pergunto sobre sua vida e ela fala bastante, flui bem a entrevista e eu pergunto apenas o essencial. Ela falava muito e fazia alguns silêncios. Nesse momento, eu respeitava alguns minutos e depois perguntava sobre alguma fala inserida no contexto. Ela começa relatando sobre o casamento e a entrada na prostituição:

Eu me casei com 14 anos e me separei faz três ou quatro semanas. Eu larguei a minha casa e vim pra cá, né? Mas, pra falar a verdade, eu comecei com isso aos 18 anos. Vi que a necessidade bateu mesmo, eu procurei emprego e não achava. Ficava difícil pra “caramba, meu”. Eu falei: por mais que eu esteja casada, mas eu preciso do meu dinheiro. E fui, sozinha, sem ninguém falar na minha orelha: Vai lá, procura que você vai ganhar dinheiro. Eu fui sozinha, procurei no jornal, liguei, fui bem atendida pelo telefone. Falei: bom, se me atenderem bem pelo telefone eu vou, senão, não vou. E fui. E comecei,

sabe. Não é um a coisa que eu gosto de fazer. Eu faço isso mesmo porque eu tenho necessidade. Eu acho que a maioria das meninas fazem por necessidade e não porque gostam. E é isso, sei lá. Foi assim, né?

Seu ex-companheiro era muito próximo e filho de sua madrinha:

Eu conheço ele desde... Ele, praticamente me pegou no colo. Os pais dele são meus padrinhos, né? Ele tem 27 anos agora e... Sei lá! Aquela convivência, sempre juntos, sabe, então, foi criando um carinho a mais ali e aí, o pretexto, assim, pra sair de casa foi uma briga que eu tive com o meu pai, né?

Revela a briga com o pai e sua saída de casa, aos 14 anos, para viver com o primeiro namorado:

Porque eu já tinha 14 anos, então eu não estava pensando mais em trabalhar e tudo. E meu pai falou: Meu! Se você não trabalha, se você não quer nada na sua vida, então eu quero que você se manda daqui! Aí isso foi um pretexto pra mim sair de casa. E eu já estava a fim mesmo, só faltava um pretexto pra mim poder sair. Aí eu falei: Então ta! No mesmo dia, eu liguei para o meu namorado, que era o meu marido. Liguei pra ele e falei: Olha, meu pai quer que eu saia daqui e eu posso ir morar com você? Ele falou: Pode! Aí, eu peguei as minhas coisas e fui embora. Certo que não era isso realmente que o meu pai queria, né? Ele só falou na hora do nervoso, na hora da raiva e tudo. Aí, eu peguei e saí. Aí, comecei a vida, né, louca, de... Pô! Eu não sabia, né, cozinhar, eu não sabia fazer nada. Eu não sabia lavar uma roupa, porque, pra tudo a gente sempre teve empregada, assim, em casa, a gente sempre viveu bem. E eu nunca precisei fazer isso e, de repente eu me vi numa situação assim: eu tenho 14 anos e agora eu estou aqui, vivendo como uma mulher e não como uma menina!

Relata as brigas constantes com o ex-companheiro:

Eu era uma criança, praticamente, de 14 anos. E aí, começou tudo. Mas eu não vou falar pra você que eu vivi bem. Eu não vivi bem não! Os cinco anos que eu vivi com ele era barra pesada: era muita briga, agressão, sabe, um monte de coisa. Até que, chegou agora, eu não aguentei e me separei, sabe! Larguei tudo lá, que são coisas minhas, que eu comprei, que eu lutei pra mim conseguir, e está tudo lá. Larguei lá e vim pra cá, meu!. Falei: quer saber? Já que é pra gente – posso falar a palavra? Já que é pra botar pra foder, então vamos

foder tudo de uma vez, sabe? Peguei e vim pra cá e agora eu estou morando aqui. Larguei tudo e estou levando a vida assim.

Fala sobre o início do namoro com o ex-companheiro e o início da vida sexual, apenas após ter vivido com ele por um ano e na casa de sua mãe:

Eu namorava e não. Foi logo... Foi logo quando eu completei 14 anos assim, que eu comecei a namorar com ele. E eu perdi a minha virgindade com 15 anos, assim! Foi difícil pra “caramba”. Era muita pressão na minha cabeça, sabe? Toda vez que a gente tentava, e tentava, e tentava, e sabe, medo, porque a pessoa estava pressionando muito! E a pressãozinha básica é aquela, sabe, medo de doer, tudo. E ele não ia com carinho e tal. Então foi um ano e um mês... Isso junto, foi um ano e um mês para ele conseguir tirar a minha virgindade. Daí, teve um dia que eu não aguentei. Estava tendo uma festa na casa da minha mãe e eu falei: “quer saber, “meu”, eu estou cansada disso. Estou cansada de ser menina, estou cansada de ser criança. Era muita pressão na minha cabeça e eu falei: então vamos! Subimos pro quarto da minha mãe e foi aí que eu perdi minha virgindade. Não foi nada daquilo que eu achava. Aquela coisa: nossa, vai doer. Nada. Foi totalmente normal, mas... Aí foi isso.

Revela que houve uma gravidez, mas que abortou:

Aí, logo aos meus 15 anos também eu fiquei grávida, aí perdi com dois meses de gravidez. O aborto foi... aconteceu, não foi eu que provoquei. E foi assim.

Na sequência, fala que sempre teve uma vida boa com os pais:

Aí, com 18 anos eu procurei isso pra mim. Na minha família a gente sempre viveu muito bem, meu! Não tinha muitas brigas assim, a não ser com meu pai e com a minha mãe quando eu era bem novinha assim. Acho que foi... Eu não sei se eu me lembro bem assim. Acho que era com três ou quatro anos. Eu via muito o meu pai batendo na minha mãe e tudo, mas depois que a gente foi crescendo assim. É por isso que eu tenho muito medo assim, de ver gente brigando. Tenho muito medo disso. Mas depois, logo que eu comecei a ir crescendo assim e tal, aí foi tudo normal, né? A gente sempre viveu muito bem. Sempre tivemos tudo assim, tipo... Tudo que a gente queria, a gente tinha. Nunca faltou nada pra gente. A gente sempre era uma família feliz, vamos dizer assim. Tanto é que num dia, meu pai falou isso.

Fala sobre a violência do pai com a mãe, entre ele e ela e que achava que às vezes, era merecido:

Vixi, batia! Isso aí era... Até agora eu entendo, sabe, mas as vezes que eu apanhei era porque eu merecia, porque eu era muito arteira também. Eu era criança assim. Mas ele me batia sim, mas a gente se dava bem. Ele me batia agora, dali cinco minutos ele estava me abraçando e pedindo desculpa pra mim. Sabe, era assim (pausa).

Ela interrompe a entrevista visivelmente alterada:

Pode perguntar, senão eu não falo! Pergunta senão eu não falo. Eu falo muito pouco.

Confirmo com cabeça e exclamo: É?

É que pra mim é difícil, porque eu não estou vivendo uma situação dessa, em que eu tenho que contar ... Então tipo assim, você pergunta e eu respondo. Porque é, tipo assim, sabe, quando te dá um branco na cabeça e você se pergunta, puta, o que eu fiz da minha vida? Não sei! É estranho. [pausa longa]. Então, por isso que eu queria que você me perguntasse, porque senão...

Perguntei-lhe como foi sua infância, e ela entra na questão da separação de sua família, da nomeação do pai que a compara a uma *vagabunda*:

Então, era assim... É porque é assim, eu nunca gostei de depender de ninguém. Sabe, ter que depender... Desde criancinha eu sempre fui assim, sabe. Pô, eu quero um doce. Pai, me dá dinheiro. Pai, me dá dinheiro pra compra roupa, pai me dá isso, me dá aquilo. Isso me deixava mal. E eu via também que, pô, por mais que a gente sempre tinha, ele gostava de ele ir e dar, e não a gente ir e pedir. Na hora que ele estava nos cinco minutos dele, e ia lá e: Tó. Sabe, era assim. E... Aí, nesse dia que aconteceu isso, foi muito estranho, porque estava tudo muito bem em casa e tudo, né? Tava tudo legal e... Aí, de repente, eu estava na cozinha e ele encosta do meu lado e começa a falar: É, quando é que você vai tomar uma atitude na sua vida, de você ir procurar um emprego e tal. Eu falei: pai, eu tenho 14 anos! Eu nunca vi ninguém conseguir um emprego com 14 anos. A não ser que eu vou trabalhar como uma escrava aí, por aí... Sabe, na hora que eu falei isso ele ficou meio assim, sabe? Ah, não, foi até

que eu falei: a não ser que eu vá trabalhar como uma escrava por aí. Aí, eu não me lembro o que que ele falou e aí ele pegou e falou assim... Aí eu peguei e falei assim: Você está ficando muito um velho ranzinza, você se aposentou agora e agora você quer ficar enchendo o saco dos outros. Por que você não vai procurar o que fazer? Eu não deveria ter falado aquilo, né? Mas falei.

Aí ele falou assim: Ah é? Então ta! Já que você não quer nada da sua vida, você fica tirando uma com a cara do seu pai, então eu quero que você sai fora. Ele falou bem assim, sabe?

Ele fez só isso, mas deu a entender – por isso, que eu estou te falando – deu a entender que ele falou: “eu quero que você saia fora daqui, eu não quero mais você aqui dentro: **mulher vagabunda** não fica aqui dentro da minha casa. Foi o que eu entendi. Entendeu? Então, foi aí que eu tomei essa atitude.

Então, falei: Ah, já que é assim, eu não vou ficar num lugar onde as pessoas não me querem e que eu esteja incomodando ou atrapalhando alguma coisa, por mais que seja meu pai. Sabe, todo mundo achou que eu estava sendo errada, de fazer aquilo, de sair de casa, porque meu pai mandou. Pô... Você está no seu direito, meu. Você tem que ficar lá porque você é de menor, você só tem quatorze anos e tal, mas eu falei: Não! Eu não acho isso certo e eu vou sair. Agora, eu vou atrás da minha vida e da minha independência.

Conta que depois da briga com o pai, foi morar com seu namorado que era aproximadamente sete anos mais velho:

Aí foi isso. Saí, só que não foi nada daquilo que eu imaginava... Eu parei de depender do meu pai pra depender de um homem, né? De um cara assim. Foi pior ainda. Preferia ter... Deveria ter escutado as pessoas que me falaram pra mim ficar na casa do meu pai e ser sustentada por ele. Por mais que ele falasse coisas na minha cabeça, eu ia escutar, baixar a cabeça e... Dane-se! Entendeu? Aí foi assim.

Desejou voltar para a casa dos pais, mas não teve coragem:

Voltar pra casa dos meus pais... Pensei, em todo momento. Eu pensava em poder voltar para a casa do meu pai. A minha mãe estava sofrendo muito, sabe. Porque eu sou a mais nova da família. Sou a caçulinha. Então, minha mãe estava sofrendo muito com isso. Eu pensei muito em voltar. Só que eu pensei assim: “Meu”, vai ser diferente agora. Sabe, eu já saí da casa dos meus pais, agora eu vou voltar? Vais ser tudo muito estranho. Parecia que aquilo ali que está ali não é meu; não é o meu lugar. O quarto que era meu não vai ser mais

meu, sabe? Eu vou estar ali de favor, parece. Aí, eu conversei isso com a minha mãe, ela se conformou com a história e falou: Então tudo bem. Mas se eu pudesse voltar atrás, eu voltaria para a casa dos meus pais e seria tudo diferente. Eu acho que, agora, eu nem estaria aqui me prostituindo assim pra mim conseguir dinheiro. Então, agora está tudo ótimo. O meu pai já se conformou com isso. Ele até dá graças a Deus por eu ter me separado. Ta tudo bem.

Revela que a família desconhece o que faz, apesar da cumplicidade de uma irmã, que surgiu desde as primeiras conversas sobre “emprego” entre as “caminhadas” e a ida à primeira “clínica”:

Mas a minha família não sabe que eu trabalho com isso. Só a minha irmã mais velha que sabe disso, né? Porque assim... A gente sempre foi muito amiga, né? Eu e minha irmã mais velha, a gente estava sempre unida assim. Todos nós éramos muito unidos, mas eu e ela era muito mais. Não era só como duas irmãs; era amiga mesmo! Então, tudo que acontecia com ela, ela me contava, e comigo também, e eu peguei e, conversando com ela: olha, está ruim ficar sem emprego e tal. Meu marido tem que pagar tudo, tem que fazer tudo sabe. Isso não está sendo legal. E ela pegou e falou assim: “ah, meu... vamos atrás, eu te ajudo. A gente procura um emprego”. A gente sempre ia fazer caminhada, cedinho, né? Aí, começou a surgir esse assunto de *garota de programa*, de trabalhar como *garota de programa*. E ela falava pra mim: tal dia, eu passei na frente de tal lugar e tinha umas meninas lá... Nossa *as meninas chegam com cada carrão*, e que não sei o que. e comentando isso, né? Aí, eu peguei e falei assim, eu falei: caramba, meu! Será que se eu entrasse num lugar desse e tentasse, será que eu ia conseguir? Será que eu seria mulher o suficiente pra conseguir isso pra mim? Aí, ela falou assim: Ah, meu, eu não aconselho isso pra você não. Não porque você seja a minha irmãzinha mais nova e tal, mas porque eu estou te falando como amiga. Eu acho que você não devia fazer isso, por mais que você não se dava bem com o seu marido, mas eu acho que você não merece isso. Você não devia fazer isso, mulher! É cada homem que você tem que enfrentar e tudo.... Mas eu falei: É, vamos ver, né? Mas assim, até então, ela achou normal. Ela achou que eu não ia fazer isso. Ela achou que era só uma conversa. Até que ela viu. Eu comprei o jornal, né? O amarelinho, aí eu fui pra casa dela a gente começou a ver as clínicas, e boates, e tal. Aí, eu me interessei por clínica, né? Aí eu falei: Como será que é esse negócio de clínica, né?meu? Deve ser mais sossegado.

Daí, eu pedi pra ela deixar eu ligar do telefone dela. Aí, ela falou assim: Meu, mas você só vai ligar, você não vai, né? Aí, na hora eu menti assim. Eu falei: não, só quero saber como que é. Aí liguei e tal. A menina me tratou mor bem, como eu te falei, aí, na hora eu menti assim. Eu falei: Meu, eu vou ir, só pra ver. Aí, ela falou: Não faz isso! Aí, ela chorou pra caramba, sabe, na hora que eu falei isso pra ela: Ô meu, não faz isso, que não sei o que. Eu falei: Calma! Sabe, eu vou ir! Se isso tiver de ser pra mim, isso vai ser. Eu não estou pensando nisso à toa! Isso não veio de repente, na minha cabeça, do nada, sabe? Se eu estou pensando nisso, se eu estou com vontade de ir é porque alguma coisa tem pra mim lá e eu vou atrás disso que tem pra mim. Aí, eu peguei e fui num dia e ela falou: Beleza. Ela foi comigo até a porta lá do negócio e tal. Ai eu falei: Ah!Meu! É aqui mesmo que eu vou ficar. Tinha ido numa sexta-feira e na segunda-feira eu comecei. E nisso, já faz oito meses que eu estou nisso. Eu comecei e estou trabalhando. Eu comecei e o pior é que agora eu não consigo parar, sabe.

Fala da compulsão por essa vida de “*dinheiro fácil*” e o “*nojo*” que sente:

Eu não sei! Porque... É assim, que nem dizem: É um dinheiro fácil. Não é um dinheiro fácil. Não é fácil você entrar no quarto com uma pessoa que você não conhece, que você nunca viu na vida, um homem porco, um homem nojento que muitas vezes tem isso e, sabe, você tem que fazer o cara sentir prazer, sendo que você não está sentindo nada. Você está sentindo nojo! Pelo menos eu sou assim. Mas só que, sabe, querendo ou não, você sempre está com dinheiro. Sempre tem dinheiro na sua mão, todo dia você tem dinheiro. Você quer uma coisa, você tem vontade de uma coisa... Você pode ter. É muito estranho. Eu tento colocar na minha cabeça assim que isso não vai ser pra sempre pra mim, só que eu não consigo. Eu não consigo ir atrás de outras coisas, eu não consigo ir atrás de cursos. É só isso, sabe? Ainda mais agora, que eu estou morando aqui dentro, a minha vida é só aqui dentro. Eu não saio, eu não vejo gente, nada. Sabe, a minha vida é aqui dentro só... Então, eu vim morar aqui dentro pelo motivo de eu ter me separado do meu marido, então eu falei: eu não quero pagar aluguel, eu não quero ter gasto à toa. Sabe, porque, pra mim, pagar aluguel é um dinheiro que vai à toa. E eles falaram que eu podia ficar aqui. Aí eu vim pra cá. E estou aí.

Pergunto se ela conversa com a irmã depois que veio ficar nessa casa:

Converso, a gente sempre conversa sobre essas coisas. Sempre, assim. Direto. Direto não, né? Mas quando eu vou

na casa dela. Às vezes, ela pergunta uma coisa ou outra: E aí, como que está? Tá tudo bem? Como que está seu corpo? Às vezes, eu quero comentar uma situação engraçada mas ela não quer ouvir, sabe. Ela fala: Não, eu não quero saber. Pra mim, você nem trabalha com isso... E é isso.

Pergunto quais foram os motivos que a fizeram sair da outra “clínica”, em São Bernardo.

Eu saí, porque assim: a menina, quando fica muito tempo num lugar, ela fica manjada, né? Então, os homens já conhece... Já saiu com todos os homens dali, então, eles meio que enjoam, né? Eles partem pras meninas novas que entraram. Então, eu tinha, claro, os meus clientes fixos, que sempre estavam toda semana lá. Só que, naquela: Eram quatro clientes fixos só que eles nem estavam todo dia e nem toda semana lá. Então, aí eu comecei a ganhar menos, sabe. Tinha semana que eu ficava uma semana inteira sem ganhar nada. Aí, teve uma amiga minha que estava trabalhando aqui, que trabalhou lá comigo, que falou: Ó, tem uma casa assim e tal, é legal pra caramba, mas é totalmente diferente de clínica de massagem; não é clínica nada... Você quer ir conhecer? Eu falei: quero. Aí, eu vim pra cá e estou aqui, acho que há três meses. Três semanas.

Revela, após o ato falho, a idade de início da prostituição, ainda quando estava com seu ex-companheiro, porém se atrapalha novamente. No começo da entrevista, cita o aniversário em outra data. Ela começou antes dos 18 anos e só revela o fato após a entrevista:

É, comecei com 18, porque eu vou fazer 19 agora, dia 21. Então, foi com que eu comecei. Mas então, a separação foi meio... Estranho, porque a gente já tinha parado um tempo, já estava há um tempo sem brigar, então a gente estava super bem. Porque assim, a gente não casou. A gente juntou, né? Então, o que acontece? A gente fala que a gente era casado. Mas a gente estava com plano de casar na Igreja, de casar, tudo. Até o fim do ano a gente ia casar. Só que aí, assim... Ele pensava que eu trabalhava lá em Diadema, numa loja de cosméticos. E eu vinha de carro com uma amiga, é... Essa era a estória... Eu vinha de carro com uma amiga até aqui a estação e ele vinha me buscar. Aí, teve um dia que eu saí daqui e estou indo pra estação, ligo pra ele, ligo pra ele vir me buscar e ele não atende o telefone celular. Eu falei:

Caramba! Estranho né? Eu falei: Alguma coisa está errada. Sabe quando você sente assim? Tinha alguma coisa errada. Aí, fui pra estação e o ônibus demorando. Saí daqui dez horas. Cheguei em casa era umas onze e meia. Quase meia-noite eu cheguei em casa. Na hora que eu chego em casa, quando eu entro... Eu estava louca pra ver ele, com saudade, né? Ele estava dormindo. Aí, eu peguei, cheguei, chamei ele com carinho e tal. Eu falei: Oi amor! Eu liguei pra você e você nem me atendeu! Poxa, o que aconteceu? Você sempre vai me buscar. Aí, ele já levantou da cama me chamando de vagabunda... De tudo quanto é nome, me xingando. E sabe, eu fiquei passada, assim, sabe? Eu falei: nossa, o que que eu fiz, né? Pronto, ele descobriu que *eu trabalho como garota de programa*! Porque ele descobriu que eu trabalho. Ferrou, né? Aí, ele veio pra cima de mim querendo me bater e tudo. Nisso, eu nem tinha notado que ele estava bêbado. Aí, depois eu vi, que foi uma hora que ele levantou assim... Na hora que ele veio pra cima de mim, ele estava meio assim cambaleando, e com a voz enrolada. Aí, eu falei assim: você bebeu, né? Ele falou: Não, eu não bebi nada. Peguei e fui na cozinha. Na hora que eu chego na cozinha, tinha uma garrafa de vinho, garrafa de Contini, um monte de coisa e tudo mostrava que ele tinha bebido. Ele estava muito bêbado. Aí, ele começou a dar murro na geladeira, e dar murro no fogão; quebrou tudo o vidro do fogão. Ele quebrou tudo o que eu tinha. Ele quebrou meu guarda-roupa, sabe. Ele quebrou tudo. Ta tudo as portas assim caída. Ta um lixo a minha casa. Eu fui lá ontem pra ver, está um lixo.

Ela revela que na briga com o companheiro, este a chama de *vagabunda*, igual seu pai:

Aí, ele me chamando de *vagabunda* e eu pensando na minha cabeça: Meu, Eu posso ser puta, mas *vagabunda* não me chame! Eu tenho o meu dinheiro, sabe, e eu posso me sustentar. Eu pensei assim comigo. E... aí foi isso. Ele veio com faca pra cima de mim, ele veio me puxando pelo cabelo assim, pegou aqui e foi me arrastando até o portão pra mim sair pra rua. Aí, tinha vizinho e todo mundo viu, sabe. Foi uma coisa ridícula. Eu falei assim: Eu não preciso disso, por mais que eu ame ele, por mais que eu queira ficar perto dele, por mais que a gente fez planos pra se casar, eu não preciso disso pra mim. Sabe, eu já passei cinco anos assim e eu não pretendo passar mais cinco anos da minha vida nesse inferno! Não, assim... No começo, ele usava droga, né? Ele cheirava, fumava maconha, tudo... Mas não foi assim, sempre essa

coisa, sabe, que nem foi dessa vez. Às vezes ele já veio pra cima de mim.

Eu tenho um cortezinho – esse aqui – que ele veio, mas não foi que nem dessa vez porque, que nem das outras vezes. Ele me agredia, mas ele podia vir pra cima de mim, me bater, me empurrar e tudo, mas não que nem dessa vez, porque, além de ele querer me agredir, ele me agredia com palavras. Eu acho que a pior coisa que existe, é a pessoa te agredir com palavras, sabe! Te falar o que você não é. Sabe eu sei que eu não sou aquilo que ele me falou. Eu sei que eu não sou *uma vagabunda*, eu sei que eu não sou um monte de coisas que ele me falou. Sabe, que eu sou uma aberração aqui no mundo, que se eu morresse ali, naquele momento – foi o que ele falou pra mim. Daí, ele falou assim: Meu! Se ele enfiasse a faca em você agora, não vai fazer diferença; ninguém vai sentir a sua falta. E eu sei que isso é mentira, porque eu sei que tem muita gente que gosta de mim, que é a minha família. Tem pessoas que vão sentir a minha falta e eu sei que isso não é verdade. Sabe eu não preciso disso.

Pergunto se ela já usou álcool ou outra droga ilícita, e ela confirma o uso diário de maconha até os 17 anos, além da bebida:

Já, já usei já. Foi com ele, inclusive. Eu fumava maconha junto com ele. Nunca cheguei a cheirar, nada assim.

Bebia também. Eu bebia muito. Comecei a beber com ele. Então, foi na faixa de 14 anos, assim. Então, acho que foi com 14 anos a primeira vez que eu coloquei álcool na minha boca. Sabe, bebendo vinho, essas coisas assim. Era tudo na brincadeira, né? Aí, teve até um tempo que a gente... Esse negócio de fumar maconha, a gente estava morando junto já e tal, e assim: ou a gente tinha que fumar maconha todos os dias. Era assim: a gente acordava de manhã e estava com maconha na boca; estava com baseado na boca. Aí ele saía pra trabalhar, aí ele voltava, e eu estava com outro baseado na boca. Chegava do serviço à noite, sete horas da noite, fumando outro. E aquela coisa assim, a gente colocou como se fosse uma rotina na nossa vida, como que se a gente precisasse. Era a mesma coisa de se alimentar. A gente come três vezes por dia e, três vezes por dia eu tenho que estar com isso na minha boca. Tem que estar o dia inteiro louco. Se não era a droga, era a bebida. Todo dia a gente tinha que beber. E isso foi muito ruim, muito ruim. Até que, nessa época, quando a gente estava usando droga, a gente não brigava tanto. A maior parte do tempo a gente passava dando risada e brincando um com o outro, sabe. Até que a gente... Eu tava sentindo que eu tava mal, que eu tava viciando naquilo, sabe

uma coisa boba – agora eu falo, né? Uma coisa boba, que eu nunca precisei disso e aí a gente parou de usar assim. Eu parei de usar droga, parei de beber. Só fumar cigarro que eu fumo. Faz quantos anos? Pausa Que eu parei com isso? Então, foi com 16, 17 anos, então dos 14 até quase os 17 anos eu estava usando ainda.

Pergunto se ele parou:

Ele não parou. Ele sempre fumando, sempre cheirando, e “dando na lata”. E tudo o que tinha ali ele usava; tudo pra ficar louco, assim. Aí eu cheguei nele e falei. Falei pra ele assim: “meu”, eu não aguento mais ver você usando droga e... Você escolhe: Ou você usa a sua droga ou você fica comigo, eu falei pra ele. Aí, como homem sempre sabe contornar a situação, ele: Não amor, eu vou parando aos poucos. E até hoje. Agora é pior né? Porque agora ele está aí... Bom, eu acho que agora ele nem vai usar mais droga porque agora ele está internado. Ele está com pneumonia. Não come. Nem parece que é pneumonia aquilo. Eu fui visitar ele ontem. Olha, tá ruim pra mim, viu?

Faz uma longa pausa e eu pergunto se ela quer parar, falar alguma coisa mais:

Não vou falar pra você que não tá. Tá péssimo assim! Dentro de mim tá tudo macetado. Mas eu estou tentando levar.
[Com a voz embargada].

Pergunto para ela: Mas por que você acha isso? Macetado em que sentido?

Ah, em todos, porque... Assim, eu gostava da minha casa, era tudo meu... Eu pagava as minhas contas, sabe. Por mais que ele morava lá comigo, mas eu queria pagar tudo. Eu queria pagar o meu aluguel, eu queria pagar tudo, pra não sentir que tem alguém ali que eu estou... Porque eu não quis ficar. Eu não sei. Isso que foi engraçado porque foi assim: Ele se sentia o dono. A casa era alugada mas ele se sentia o dono da casa porque, na hora em que a gente foi fazer o contrato, colocou o contrato no nome dele. Então, ele falou: Já que a casa está no meu nome, não importa se você paga ou não... Quem vai sair vai ser você... Ele falou, entendeu? Eu falei: tudo bem, se vira. Ele ganhava muito... Ele perdeu o emprego agora, né? Mas ele ganhava muito pouco. Ele ganhava seiscentos reais, então... Engraçado que eu nem via o dinheiro dele. Às vezes eu estava precisando, sabe. Falava: Tem como você ajudar aqui com o aluguel e tal? Ele: M! Não

posso ajudar porque eu tenho que comprar tal coisa. E eu nunca via essa tal coisa que ele tinha que comprar. É. Eu nunca via essa tal coisa que ele tinha pra comprar e... Eu nunca via o dinheiro dele na minha mão. Nunca vi. Nunca vi. Também, nunca fiz por onde, sabe, de estar ali controlando o dinheiro dele, de... O que que você fez? O que que você tem que pagar? Nada. E ele, sempre pedindo dinheiro pra mim também, sabe.

Conta que já trabalhou como promotora de vendas em uma fábrica de doces, mas afirma que foram muito breves e que não suportava depender do companheiro:

E todos os dias, ele jogando na minha cara, né? É, porque é só eu que pago, porque é só eu que faço, porque é só eu que trabalho, eu que ponho comida dentro de casa e você está aí, ó: *vagabunda* e não faz merda nenhuma. O dia inteiro dentro de casa. Sendo que isso não era verdade. Eu sempre estava saindo pra poder procurar emprego. Mas ele nunca acreditava. Achava que eu ficava o dia inteiro dentro de casa, coçando. E era assim.

Conta que foi ao hospital visitar o ex-companheiro, por insistência de sua madrinha:

Aí, ela ligou pra mim, me apavorando: Pelo amor de Deus, o Zezinho está internado e ele precisa de você. A gente precisa de você porque só você pra poder ajudar ele, só você pra ficar perto dele. Porque sempre fui eu que estive perto de tudo, né? Tudo o que acontecia era eu. E... Só você pra estar perto dele, e tal. Vai no hospital... Vem hoje aqui pra você ir no hospital comigo pra você ir visitar ele. E começou a dar uns conselhos pra mim. Eu falei: Tudo bem, eu vou e tal. Só que não deu, não teve como. Eu saí daqui dez horas e não deu. Fui lá, dormi lá e, a noite inteira ela falando que eu tinha que dar conselho pra ele, pra ele parar de fumar cigarro né? E que não sei o que. Eu falei: Meu! O cara está internado, ele está péssimo... Ela me contou que o pulmão dele está parecendo um carvão. Eu falei: Meu! Eu vou chegar lá e começar a dar conselho pro cara? Acho que, uma pessoa nessa condição, a última coisa que ela quer ouvir é conselho. Meu! A não ser de outra pessoa. Mas tudo bem. Fui, cheguei no hospital pra ver ele e tudo.

Revela que o ex-companheiro passou mal com a visita:

Na hora que eu entrei lá... Tanto é que, na hora que eu entrei assim no quarto, tiveram que me tirar pra poder acalmar ele... Porque ele ficou assim... Deu um desespero na hora que ele me viu, sabe. Ele chorando e o coração parece que acelerou, não sei. Deu uma coisa lá e quase que ele foi ali, dali pra melhor.

Acha que ele precisava de tratamento psiquiátrico e que já tinha feito antes, sem melhora, desde criança:

A gente vem comentando faz tempo de ele fazer um tratamento psiquiátrico, porque ele é muito estranho assim. Parece que às vezes ele tem uns ataques assim que a gente fala: Meu... Eu falava pra ele direto: Meu... Você é louco... Você parece que não pensa, sabe? Era cada coisa assim... E tinha dia que ele começava a chorar e falava: Meu... Eu preciso de alguém pra me entender, pra poder me escutar. Mas desde criança que ele passa. Desde quando ele era criança, assim que a mãe dele levava nesses lugares, mas nunca adiantou nada.

Depois dessa última fala, faz uma pausa e começa a falar sem ser questionada:

Não. Sei lá. É estranho! Sabe quando você é xingada de alguma coisa? Sabe uma coisa que você não admite e que você não aceita nunca pra você? Eu não sei, porque foi tão estranho. Meu. Porque eu não admito ninguém falar assim comigo! Não importa quem seja, seja meu pai, seja minha mãe, amigo, qualquer coisa. Meu! Me chama de qualquer coisa, *mas não me chama de vagabunda*, porque isso eu nunca fui; eu nunca quis ser isso... Eu sempre quis lutar pelo que eu quero, de qualquer forma que fosse. Mas eu tenho o meu *e eu não sou vagabunda*.

Disse que sofria ver sua mãe ser agredida pelo pai e que também foi agredida por ele:

Com a minha mãe era assim, era aquela coisa de ciúmes. Meu pai sempre foi muito ciumento com a minha mãe. Não gostava que a minha mãe colocasse a cara nem lá no portão. Até que a minha mãe nunca trabalhou. E era isso, ele chegava, às vezes os vizinhos falavam: Ah, tal amiga da Meire veio aí. Aí já era motivo pro meu pai bater na minha mãe porque já era motivo, porque ele não queria que nem

mulher entrasse. Ele não queria que nenhuma mulher falasse com a minha mãe. Aí, já era motivo de ele querer bater nela, entendeu? Ah, porque ela encostou em você, porque ela fez isso com você, então eu não quero isso. Era assim. E de repente ele parou. A gente estava sofrendo muito com aquilo. A que mais sofreu mesmo com isso, que os meus irmãos falam, era eu, de ver aquilo: A minha mãe apanhando e eu lá, pequena, criança, vendo aquela coisa, sabe? Aquela coisa: Meu pai bate na minha mãe. Coisa assim e tal, sempre me deixa muito com medo. Meu! ... Aí, depois que ele parou de bater nela, ele começou a bater na gente. Aí, foi assim, ele começou a bater na gente, por qualquer coisa. O meu pai fuma também, então era assim: “puta, acabou meu cigarro... Era motivo pra ele bater na gente. Uma coisa que deixava ele muito estressado é ele ficar sem cigarro. Se ele não tinha o cigarro dele, ele queria bater na gente. Sabe, era um dos motivos assim que ele batia na gente. Motivo besta, por causa do cigarro. Era assim: acabou o cigarro dele. Estou com vontade de fumar. Acabou o cigarro. Não tem o cigarro? Aí, começava a dar uns chilique nele de estresse e do nada, vinha pra cima da gente pra bater. Sempre queria arrumar um motivo que não tinha nada a ver, mas batia.

Apesar de toda a agressão relatada, achava normal a agressão após alguma travessura sua:

Eu falava: Caramba! Está me batendo à toa. Mas das outras partes que ele me bateu, das outras vezes que ele me bateu, sabe, eu achei que eu apanhei porque eu tive motivo de apanhar. Porque eu errei, porque eu fiz coisa errada, coisa assim.

Quando voltei à boate para entrevistar outras jovens, encontrei-a e agendamos um novo encontro. No dia do encontro, ela me telefonou e disse que estava presa na casa e não poderia sair para se encontrar comigo.

8.2.6. Helena: a sexta entrevistada

A Helena foi agendada para que pudéssemos conversar tranquilamente, na segunda boate, antes de começar o funcionamento, às 11 horas.

Você quer que eu comece da onde?

Aos meus 12 anos de idade, quando a minha mãe era casada... Eu tinha 12 ou era 11 anos de idade. Daí, a minha mãe saía pra trabalhar às 5 horas e ele só saía às 6. Daí, nesse intervalo de uma hora, ele começava a mexer comigo e com a minha irmã: ficava passando a mão e isso e aquilo. Só que eu nunca contei pra minha mãe. Por quê? Porque ela nunca acreditou em mim e na minha irmã. Ela sempre ficava contra nós, e ia a favor dele. Então, a gente não contou pra ela. O que a minha irmã fez? A minha irmã foi e falou pra minha avó. E a minha avó falou pra ela. Aí, minha avó pegou e... Daí, teve um dia que a minha avó chegou e falou assim: Enia – que é o nome da minha mãe... Daí foi que a minha mãe quase pegou, só que ela não pegou. Quase pegou. Daí, ela já ficou meio desconfiada. Daí, nesse tempo, lá no Parque, lá onde eu moro, teve o caso da menina que o padrasto “*estrupou*”. Era uma menina novinha. Aí, estava passando na televisão. Aí, a minha mãe falou assim: Ah, se um desgraçado faz isso com uma das minhas filhas, eu mato ele. E ele estava deitado na cama. Minha mãe só falou isso pra ele. Quando foi no dia seguinte, ele arrumou as coisas dele e foi embora sem dar explicação, sem nada.

Quando ele chegou, eu tinha um mês de idade, e ele que me criou. Eu sou filha da minha mãe. Só dele que eu não era. Porque eu não conheço o meu pai, eu não tenho pai. Eu nunca tive pai. E eu entrei nessa vida – “já pulando”.

Cita ter estudado pouco e ter ficado casada por cerca de 6 anos e ter ido morar com a mãe:

Por que, tipo assim, eu estudei, e casei cedo também... Casei com 14 anos, fiquei 6 anos casada, daí eu me separei, tudo. Tem um ano e pouco que eu sou separada. Depois que eu me separei eu resolvi vir pra cá, porque eu moro com a minha mãe. A minha mãe não trabalha. Tem o meu filho. Ele não está pagando pensão”.

Em seguida, após uma pausa, relata sem interrupção sua experiência com as drogas:

Mas eu nunca fui de beber, nunca fui de usar droga. Nunca fiz. Eu bebo assim, bebo de vez em quando, mas não é todo dia. Quando dá vontade eu bebo. E drogas também, eu nunca usei. Usei depois que eu passei a vir trabalhar aqui. Usei quatro vezes, só que nessas quatro vezes eu me ferrei, porque me deu overdose. Eu quase morri. Usei cocaína. Cheirei. E depois eu fumei maconha. Nossa, foi horrível. Foi uma sensação que eu não quero nunca mais na minha vida. Porque, tipo assim, eu fiquei branca, minha língua querendo enrolar, a minha unha estava enorme, e eu fiquei segurando a minha língua assim, ó... sabe? Horrível! Eu não sabia se eu chorava, eu não conseguia falar... eu só ficava com o pensamento em Deus: “me ajuda, pelo amor de Deus!” Nessas horas que a gente pensa que Deus existe. Sabe, mas eu sei, eu sempre tive certeza que Deus existe. Sempre, sempre, sempre, entendeu? Nessa situação a gente pensa na mãe, pensa no filho, pensa em todo mundo. Porque eu quase morri. Eu fiz o eletro, tudo. Só usei umas quatro vezes, mas na quarta vez foi que me deu overdose. Foi, porque eu fiquei usando desde a meia-noite até de manhã. Foi em Mauá, na casa de um colega. Daí eles chamaram a SAMU, a SAMU veio. Daí eu falei, né? Tem que falar a verdade, porque e se eles me derem algum remédio, né? Daí eu fui, fiz eletro, tudo aí o médico falou que quase deu enfarto. Por pouco não deu enfarto. Foi horrível. Horrível, horrível, horrível, horrível. Horrível essa sensação. Daí, nunca mais. O seu Adonis [dono da terceira casa] ficou sabendo, tudo. Nossa! Daí eu levei aquela bronca, né? Aquela bronca! Tá certo, não foi aqui, mas... Foi com colegas daqui. E falando assim pra você, que foi as meninas que trabalhavam aqui também. Já saíram, mas elas trabalhavam aqui. Até tem uma mesmo que ela trabalha super bem aqui, só que eles não aceitam mais ela aqui por esse fato. Eles não querem droga aqui dentro, entendeu? Eles não querem. Eles não aceitam ela, até hoje aqui por causa disso, que ela não sabe separar as coisas. Trabalho é trabalho. Daí né, eu fiquei no hospital, fique até às nove horas no hospital aí, depois vim trabalhar. Fui na casa de uma colega nossa, lá em Mauá. Tinha as duas que trabalhavam aqui, que estava junto comigo lá também. Só que nunca mais eu quis saber, porque, tipo assim, também eu não era uma viciada, né? Por isso que eu consegui sair. Eu não era uma viciada, porque viciado que é viciado não consegue sair de uma hora pra outra. Era recente. Eu só tinha usado quatro vezes. Por isso que eu consegui sair.

Faz uma pausa, e eu pergunto sobre sua família, ela revela a agressividade da mãe e chora muito:

Na minha adolescência, quem apanhou mais foi eu e minha irmã, né? Minha mãe batia demais na gente. Deixava a gente tudo roxa, quebrava o braço da minha irmã. A gente não apanhava assim de cinto. Era pedaço de pau. Pedaço de pau. Não, porque o meu padrasto só me deu um tapa na cara uma vez, que foi porque eu não quis dar não sei o que lá pra minha irmã, ele foi e me deu um tapa. Daí, a minha mãe, assim... Ela é uma pessoa assim. Eu não quero falar [chora]. É porque tipo assim... Eu e minha irmã mais velha, a gente nunca teve assim, sabe, o amor da minha mãe. A minha mãe nunca falou assim: eu te amo, filha! E eu nunca falei pra minha mãe: mãe, eu te amo! Eu gosto da minha mãe pra “caramba”, eu faço de um tudo por ela, mas sempre ela quer mais, mais e mais, porque eles sabem o que eu faço, né? Às vezes, eu acho que a minha mãe se aproveita de mim por eu trabalhar onde eu trabalho, entendeu?

Cita que ama muito sua mãe e que ela a explora, nesses 7 meses que está na prostituição e conta sobre a sua adolescência, a saída de casa e a convivência com o companheiro:

Eu gosto da minha mãe pra “caramba”, eu faço de um tudo por ela, mas sempre ela quer mais, mais e mais, porque eles sabem o que eu faço, né? Às vezes, eu acho que a minha mãe se aproveita de mim por eu trabalhar onde eu trabalho, entendeu? Sabe, eu era uma pessoa calma, calma. Hoje em dia, eu sou muito estressada, eu... Sabe, eu grito com todo mundo... sabe, eu brigo com as pessoas. Sabe, eu não tenho mais paciência. Acho que eu ando muito estressada, assim. Eu era uma pessoa calma, calma, tão calma! Eu não brigava com ninguém, eu não discutia... Hoje em dia não, eu não consigo segurar nada. Se a pessoa me fala alguma, eu já revido, entendeu? Eu já revido. Eu já grito, eu já xingo, eu já faço de tudo. Às vezes, até cliente mesmo, quando me tira do sério eu agrido ele. Eu não consigo. Dentro de casa não é normal, não é nada. Sabe, eu até falo pras *meninas* assim: eu queria, queria passar por um psicólogo, um psiquiatra. Eu acho eu não estou bem, entendeu? Por que eu ando muito, muito nervosa. Faz um ano e pouco que eu me separei do meu marido. Porque a gente namorava, daí eu fiquei grávida. Daí eu fui morar com ele. A minha mãe... eu não falei pra ela quando eu estava grávida. Porque eu saí, né, não dei

explicação nem nada pra ela. Daí eu fui morar com ele, daí eu ia na casa dela, da minha mãe quando ela estava trabalhando. Ela falava pras minhas irmãs ficar chutando a minha barriga. Ela queria... falava que meu filho ia ser filho de rato, porque ela não era. Não gosta de moleque. Até hoje eu penso e não falo pra ela, porque o que ela fez comigo ela fala que é mentira minha. Até hoje. Sabe, as meninas, às vezes eu conto pra elas e ela falam: Você é boba! Você tem que ter o hábito de falar pra sua mãe o que é e o que não é. Eu falo assim: Meu...Mas eu não tenho que falar. Sabe, a minha mãe faz o que faz e é assim. Ela é assim. Se eu tenho dinheiro, ela fica me bajulando. Se eu não tenho – porque não é todo dia que a gente trabalha, não é verdade. Se eu não tenho dinheiro, ela fica de cara feia. Como eu não tenho a pensão do meu filho, eu tenho que pagar as contas e poder comprar outras coisas pra ele. Sabe, ela fica: “ah, tem que pagar isso, tem que pagar aquilo, tem que pagar outra coisa”. Fica reclamando, sabe, da vida. E quando chega alguma conta, ela já enfia dentro do meu guarda-roupa. É assim. Ela não trabalha.

Conta que falou para a mãe que iria entrar na prostituição e esta concordou:

Então eu falei. Não, eu vou. Quando eu falei pra ela, quando eu vinha, eu falei pra ela. Ela: vai: só se cuide e se previna. A única coisa que ela falou, só. Mais nada.

Agora acredita que a mãe não quer que ela saia e briga muito com ela, nomeando-a de *vagabunda*:

Mas eu estou pretendendo sair. Porque eu namoro. O meu namorado não sabe. Estou pretendendo sair. Então eu falei pra ela que eu ia sair. Ela começou a me xingar quando eu falei que eu ia sair. Você vê, é a minha mãe! Eu falo pras minhas tias: porra, é a minha mãe! A minha mãe faz isso. A minha mãe. Teve um dia que eu vim pra cidade. Não faz muito tempo. Foi a semana retrasada. Fui pra cidade pagar uns negócios. Daí eu não voltei pra trabalhar, eu fui pra casa. Daí, no meio do caminho eu encontrei ela. Eu estava de blusa, de calça, tudo. Tipo... estava o maior calor. Daí, ela pediu pra eu ir lá em cima com ela. Daí, eu falei assim: oh, mãe, eu vou lá em casa trocar de roupa, depois eu volto. Daí, quando eu cheguei em casa, o meu filho estava com a minha avó. A minha avó ia sair e não podia levar meu filho. Eu fiquei em casa com o meu filho e não fui encontrar ela. Daí, eu acabei dormindo à tarde. Eu acordei com ela xingando: “*você é uma vagabunda que não presta*”, e isso, e

aquilo. Sabe, por quê? Porque eu não fui encontrar com ela e nem porque eu fui trabalhar. Tudo isso. “Meu”, eu fico revoltada porque eu penso: é minha mãe! Se fosse outra pessoa, até que não, mas é minha mãe! Minha mãe, ela quer se aproveitar de mim, porque pra mim isso é se aproveitar. A senhora concorda? Pra mim, isso aí é se aproveitar. Daí, isso me deixa mais triste ainda. E é isso!

Ela vislumbra sair da prostituição com o casamento, porém acha que não pode sair porque ela atrapalha sempre:

Eu já pensei, muitas vezes em ir morar eu e meu filho, mas... Sabe, por tudo que a minha mãe fez assim pra mim, eu acabo gostando... Eu gosto dela. Eu faço de tudo pela minha mãe. De tudo, de tudo, de tudo! Eu não me vejo morando só eu e meu filho, entendeu? Eu e meu namorado, a gente está planejando de casar, tudo né? Chegamos nela, falamos, daí ela: Ah, vocês vão casar? Eu falei, vamos, né? Estamos pensando em, mais pra frente, da gente casar, tudo. Ela falou assim: Ah, pra que você vai casar? Pra viver aqui em casa? Já querendo cortar, sabe? Querendo falar alguma coisa pra não dar certo. Ela é assim. Porque ela sabe que, se eu sair de dentro de casa vai faltar, Porque ela já pensa nisso. Ela não quer saber da minha felicidade, de tudo. Ela só quer pensar no dinheiro, porque ela é uma pessoa que ela só pensa em dinheiro. Sabe, se ela não tiver dinheiro ela se transforma. Sabe, em vez de ela dominar o dinheiro, é o dinheiro que domina ela. Ela é assim. O problema dela é esse. Eu acho assim, que ela – você sabe né – que mãe nunca gosta que o filho saia de dentro de casa. Eu penso em casar porque eu não me vejo morando sozinha, eu e meu filho. Não me vejo morando sozinha, eu e meu filho, nós dois só, em uma casa. Não me vejo. E eu quero casar. Eu gostaria muito de casar de novo, de ter a minha vida. Só que a gente fica com aquele receio né, de não dar certo, porque ele tem 26 anos. Ele trabalha, só que ele gosta muito de ficar em bar, entendeu? E eu não tenho paciência.

Fala a respeito de seu relacionamento amoroso com o ex-companheiro e o término por causa das brigas por problemas financeiros, após a compra de um carro e o atropelamento de uma criança por ela, quando dirigia:

Com o meu ex-marido, a gente se dava super bem. Até quando a gente se separou, ele... Todo mundo falou: Nossa, mas vocês se davam tão bem! Porque a gente não era de

brigar na rua, né? Nem na casa de ninguém. A gente falava o que tinha que falar dentro de casa. O que a gente tinha pra conversar, a gente conversava dentro de casa. Não ia falar na rua. A gente também nunca foi de discutir assim, de um xingar o outro. A gente nunca fazia isso. Só que o problema foi o que? A gente pagava aluguel. E ele inventou de comprar um carro. E ele era daquele tipo de marido que só queria saber de trabalhar à noite: à noite, à noite, à noite. Deixava a mulher de lado. Só queria trabalhar à noite. Comprou o carro, ficou dando mais valor pro carro do que pra mim e pro filho dele. Só pensava no carro, no carro, no carro, no carro, no carro. Até então, que eu também comecei a pegar no carro, que eu fiz um desastre né, na minha vida: acabei batendo o carro. Era uma coisa que eu não queria bater. Eu queria mil vezes bater num poste do que bater numa criança. Acabei atropelando uma criança. Só que, graças a Deus não aconteceu nada com ela. Ela ficou... Daqui pra baixo não sofreu um arranhão. Foi no ano passado que aconteceu isso. Foi tipo assim, eu fiz a curva. Quando eu fiz a curva, o menino estava pronto pra atravessar com a bicicleta. Ele morava no lado direito e ia atravessar para o lado esquerdo. Daí eu parei. Na hora que eu parei, ele foi. Daí, eu comecei a ir. Na hora que eu fui, eu já me deparei com ele na minha frente. Daí eu me desesperei. Em vez de apertar o freio, eu acelerei. Aí, eu virei pro lado esquerdo. O carro só parou porque tinha outro na calçada. Senão não tinha parado. Daí foi isso. Daí, ele começou a me culpar, que eu era errada, que eu era isso, que eu era aquilo. E foi vindo as brigas, brigas, brigas, brigas. Aí, virou briga verbal. Daí, eu falei pra ele: se você quer ficar com o seu carro, você fica com o seu carro. Porque eu queria que ele comprasse uma casa, desse entrada numa casa primeiro, não é verdade? Você pensa que é fácil sustentar o carro, tendo que pagar aluguel? A gente pagava aluguel, pagava 250 reais de aluguel, mais prestação do carro, mais tudo! Não é fácil! Eu falei: vamos comprar uma casa, né dar entrada numa casa, depois você compra o carro. Daí, quando eu falei pra ele que eu não queria mais, daí ele falou: “então eu vendo o carro!”. Eu falei: não, agora você fica com o seu carro. Quem não quer mais você sou eu. Aí, acabou.

A seguir, revela seus planos de trabalhar até o batizado do filho:

Já pensei que, tipo assim, ainda eu tenho um pouco de conta pra mim pagar, porque eu quero fazer o aniversário e o batizado do meu filho no mês que vem.

Diz que seus parentes sabem e que foi sua mãe quem contou:

Porque a minha tia, minha avó sabem. Não, acho que quem contou foi a minha mãe, né, porque eles só vieram perguntar. No começo, a minha avó sabia, só que eu não conseguia olhar para o rosto dela. Ela até falou para a minha mãe: “nossa, Helena está com vergonha de mim?” Aí, ela ia lá e contava mesmo. Até no dias das mães, agora. Nossa, foi horrível na minha casa, porque eu me arrumei pra sair, eu fui lá na casa da minha avó – foi a noite – e falei assim: vó, está bonito? Nossa, ela começou a me abraçar e chorar. Porque eu acho que ela pensou: meu, minha neta, trabalhando num lugar daquele!. Nossa, foi horrível. Mas, faz parte. Daí, foi minha tia que falou: nossa Helena, sai dessa vida, que não sei o que, e falei: eu vou sair, mas antes de eu sair, eu tenho que fazer o que eu planejei, porque é para o meu filho, que é o aniversário e o batizado dele. Eu tenho que fazer isso. É o que eu quero fazer.

Menciona que quer sair, mas que tem que pagar o batizado e que decidiu, por esse motivo, abandonando a igreja:

Porque já era pra ter batizado faz tempo ele. Ele já tem 6 anos. Mas eu vou sair. Eu quero. Querer é poder. Eu quero sair. Eu acho que todas as meninas devem ficar pensando: Meu Deus! Sabe, eu não tenho ido à igreja, não tenho ido em nada. Porque eu sou católica, mas eu tenho... Eu não me vejo dentro de uma igreja fazendo o que eu faço, entendeu? Eu penso: meu Deus... E como! E como está difícil!

Conta que foram duas amigas que estavam “nessa vida” que a convidaram e fala que no começo chegava a ganhar cerca de R\$2000,00:

Foi que trabalhavam duas meninas lá de onde eu moro, aqui. Daí, elas sempre me chamavam, sempre. Eu falava: não, eu não vou, eu não vou conseguir. Eu tenho vergonha. Não vai dar, não vai dar. Daí... Daí elas ficavam me chamando. E eu: não, não vou. Aí, elas ficavam me chamando: não, não vou. Eu não consigo. Eu não vou conseguir, que não sei o que. Daí, uma vez eu decidi e fui atrás delas. Daí eu cheguei aqui. É que agora está muito fraco, né, mas há uns meses atrás dava dois, dois e pouco. Agora eu não estou ganhando muito, porque eu não estou vindo mais todos os dias, sabe? Estou vindo pouco. Eu venho umas três vezes por semana. Não estou vindo mais, como eu fazia. É. Dia de sábado eu também venho, mas saio mais cedo.

Volta ao tema sobre o uso de bebidas, chora e fala muito:

Hoje eu bebi pouquinho. Só cerveja... Mas eu não sou muito assim, sabe, de sair, de ficar bebendo. Uma só, porque eu bebo só um pouquinho, sabe? Mas eu não bebo direto. Eu só bebo quando me dá vontade mesmo, sabe? Eu não gosto muito de beber. Se eu acabo bebendo, eu acabo perdendo a língua, porque se eu tenho problema com alguém, eu já começo a falar, entendeu? E eu bebo e começo a chorar, eu me lembro das coisas... Lembro das coisas que eu não quero lembrar. Coisas da minha mãe, do que acontece na minha vida. Meu! Eu não me sinto uma pessoa feliz, entendeu? Eu não vou mentir. Eu acho que eu não sou feliz.

Revela a desconfiança do namorado e os comentários no bairro onde vive:

Nem com o meu namorado, porque a gente anda brigando demais. Porque eu acho que ele está desconfiado que eu trabalho aqui. Por quê... Sabe aquelas meninas? Então, as duas meninas que trabalhavam aqui, eu pegava ônibus com elas. Ele sabia que elas também faziam, mas eu nunca dei motivo pra ninguém pensar isso de mim. Então, só de pegar ônibus com elas, já sabe. Eu pegava ônibus com elas. Daí, os taxistas lá todos comentam. E anteontem eu cheguei, e eles estavam todos lá conversando com ele. Daí, chegando em casa, né, eu falei um negócio, só que eu falei brincando, né. Falei: Dionísio – o apelido dele é Di, né – Di, eu vou fazer um negócio com você. Ele falou assim: o que você vai fazer? Eu falei assim. Nada. Ele falou: Fala, o que você vai fazer? Eu falei: Nada. Ele: É que eu sou um besta mesmo, eu sou sempre o último a saber o que você fala e o que você faz. Daí, eu fiquei: Mas aí, eu consegui me controlar, sabe. Por dentro eu estava nervosa, mas eu consegui ficar normal e fazer com que ele não desconfiasse. Eu falei: Fala. Fala o que eu falo e o que eu faço! Se você tiver alguma coisa pra falar, você me fala logo. Você não fique de frescura não... Você chega em mim e fala. Daí ele: Que nada, ô! Estou brincando com você. Mas sei lá. Eu acho que ele sabe. Eu acho que falaram pra ele. E ele é ciumento.

Revela que o atual companheiro fica muito no bar e que outro namorado era usuário de cocaína:

Eu não gosto que ele fique em bar. Eu falei: Meu, eu nunca precisei de ficar indo buscar homem em bar. Não vai ser agora que eu vou ficar buscando, não é verdade? Eu namorei seis meses, antes dele. Eu namorei com um cara seis meses. E

não deu certo por que? Porque eu fiquei lutando com ele seis meses pra ele sair das drogas. Dava duas horas, eu subia lá no Nardini, sozinha, sozinha, sozinha, pra ver se ele estava na rua com os amigos dele, cheirando ou não. A minha tia mesmo fala: Nossa, eu não sei como você consegue atrair só coisa ruim pro seu lado! Eu falei: Meu, eu vou fazer o que? Porque onde você vai tem. Onde você passa tem louco se drogando, não é verdade?

Diz que gostaria de ir para bem longe para proteger seu filho do vício das drogas e relata que o tio materno (falecido) era traficante e seu primo, também, é usuário:

A gente é assim: quando a gente tem um filho, cria, faz de tudo. Só que só Deus sabe o que no futuro ele será. Por que eu não quero que o meu filho seja um “nóia”, um drogado, um ladrão, um traficante, jamais. Eu sempre falo: a minha vontade é morar no interior, numa chácara, longe de tudo e de todos, para o meu filho não me dar esse desgosto quando ele crescer. Não quero que o meu filho seja isso. Não quero mesmo. Eu morro de medo.

Não. Tinha o meu tio, que era traficante, só que ele não mexia com ninguém da família. Ele faleceu. E você sabe, né, que o futuro de traficante é isso: ou é cadeia ou é morte. E tem o meu primo aí, porque a minha tia, ela faleceu, né? Ele usa mais do que passa. Ele vive devendo. Ele deve e depois os traficantes ficam fazendo chantagem, sabe?

Conta a respeito de uma chantagem que a mãe sofreu de um traficante vizinho e como ela disse que tiraria a vida das filhas se soubesse que elas tinham se envolvido com traficantes:

Ele estava devendo e o traficante ameaçando a mim e as minhas irmãs. Ah, ele tem umas primas gostosas mesmo... Se ele não pagar. Daí, minha mãe falou que não era pra ele se meter com as filhas dela, que as filhas dela não eram umas drogadas, que não vendiam droga, que não se metiam com droga nem nada, e que ela falou que, se ela descobrisse um dia que... porque ele falou: Quando será que eu vou ter a sua filha, hein? Daí, minha mãe falou assim: Nunca, porque, se eu descobrir algum dia que a minha filha está envolvida com ladrão, traficante, eu vou tirar a vida dela. Não vai ser você, nem outro. Vai ser eu mesmo. Eu que vou tirar a vida dela. A minha mãe falou pra ele. Daí, ele: Será? Ela falou: Você não

se meta com as minhas filhas, porque as minhas filhas não estão devendo pra você, as minhas filhas não usam drogas, as minhas filhas não fazem merda nenhuma. Daí, até então ele jogou essa piadinha pra minha mãe. Aí, ele falou assim: E ela, está em casa? Ela falou: Está, por quê? E ele: Ela não está mais trabalhando? Daí, ela falou assim: Por quê? Daí, ele: Abre o jogo logo! Eu sei onde ela trabalha. E o dono da casa é assim comigo. Daí, ela falou assim: Você está louco! Daí, ele: É, será? Porque os informantes, os meus informantes são da sua família. Será que eles estão ficando loucos? Daí, ela falou assim, olha, não importa o que a minha filha é, o que a minha filha deixa de fazer. O que importa é que ela não deve pra você. Falou bem assim pra ele.

Cita que o traficante também é amigo de seu atual namorado:

E sempre, sempre, até antes de eu trabalhar aqui, ele sempre vivia mexendo comigo. Ele sempre falou que, se eu quisesse dinheiro, era pra eu ir na casa dele. Só que eu não suporto aquele homem. Até o meu primo mesmo anda falando. E olha, ele é assim com o meu namorado.

8.2.7. Afra: sétima entrevistada

A entrevista com Afra foi agendada previamente e realizou-se dentro da terceira boate, antes do início das atividades.

Começou afirmando sobre sua infância, marcada pela violência física pelo pai e este passou a abusar do álcool, quando soube que a filha havia ficado grávida no começo da adolescência.

A minha infância é assim... Meu pai sempre trabalhou muito, sempre trabalhou em firma. Só que ele nunca foi amoroso. Nunca. Sempre foi bem agressivo até. Sabe? Às vezes, por besterinha até, da gente estar brincando e ele nem saber o que a gente está fazendo... achar que a gente está fazendo alguma coisa errada, pegar e bater... Meu pai era assim, bem grosseirão, de pegar e bater, tal. A minha mãe nunca trabalhou, sempre cuidou da gente em casa. Ele não deixava ela trabalhar fora. Vendia assim Avon, essas coisinhas. Aí, ele foi mandado embora – Acho que foi em 94 mais ou menos – da firma. Acho que foi em 95. Aí, desde então ele não arrumou mais em firma. Daí, ele começou a trabalhar de pedreiro por fora, por conta

Revela as dificuldades financeiras com o desemprego e o crescimento dela e dos irmãos:

Então assim: a gente nunca foi aquela família de condição, sabe? Quando ele trabalhava na firma, até que tudo bem. Na firma tinha sempre, em dezembro, né? Também, ele tinha o que? Três filhos. Um tinha falecido aos três anos. Então, três filhos, quase tudo da mesma idade: eu de 24, meu irmão de 21 – ou é 20? – e outro de 27. Então, a gente foi crescendo né, então não era aquela diferença de idade: um de dois, outro de dez. Então, tinha que comprar tudo, maioria, para os três quase tudo igual. Então, no final do ano ele recebia, né, décimo terceiro, e fazia aquela compra... Mas eu nunca fui assim uma menina que tive tudo. Nem eu nem meus irmãos. Aniversário, aquelas coisas.

Conta o início do trabalho com 14 anos e a distinção que sua mãe fazia dela em relação ao mais velho. É interessante notar que ela sempre fez, em seu discurso, comparação entre ela e o irmão mais velho, preferido da mãe:

Então, eu comecei a trabalhar muito cedo, desde os 14 anos. Eu era babá, comecei como babá ganhando cinquenta reais, mas naquela época estava ótimo. E eu nunca gostei de pedir nada para a minha mãe. Às vezes eu pedia e muitas vezes ela não podia me dar. Ainda mais quando vai ficando mocinha. Nisso, ele comprou uma casinha, num terreno da prefeitura – não é barraco, é casa, mas é terreno da prefeitura; não é aquele casão, né? Então, eu comecei a trabalhar de babá pra comprar as minhas coisas: absorvente, creme de cabelo. Meu cabelo não era assim, era cacheadão, então eu passava um creme. Perfume, roupa que eu gostava. Não dava pra comprar muito, mas... E assim, tem aquela coisa de filho que falam que a mãe sempre gosta mais de um, mas... E tinha o meu irmão mais velho, que ele pegou a fase melhor do meu pai – que trabalhava em firma – mais que a gente, então ele teve até mais. Tanto que ele era homem e teve aniversário de 15 anos. Coisa que eu acho que ao contrário. Eu sou mulher, né? Eu sou a única menina. São dois homens. E foi pra ele. A minha mãe mimou muito ele. Ele sempre fazia muita coisa errada e ela não... Só falava assim.

Revela o início do namoro, da atividade sexual e do aparecimento da gravidez aos 16 anos.

Nisso, eu engravidei também. Engravidei cedo. O meu problema foi **gravidez precoce**. Comecei a namorar, comecei a namorar e tal. Aí, nunca tinha ido no ginecologista, nunca tinha nem tirado sangue, depois de “grandona”; só quando era neném, quando era criança, que a minha mãe ia levar pra fazer algum exame. Aí, eu comecei a namorar dois anos com um cara, e tal. Ele conhecia toda minha família e eu conhecia a família inteira dele, aí engravidei. Ele tinha dezessete pra fazer, e eu tinha 16 pra 17. Era assim. Aí, engravidei, aí, nossa! Eu sofri muito cedo porque eu engravidei e só depois de dois anos eu engravidei. Na minha gravidez, ele me traiu com o meu bairro inteiro. Aí, eu fui mandada embora sem direito nenhum de onde eu trabalhava numa loja no shopping. E meu sonho era trabalhar no shopping. Quando eu consegui, eu engravidei. Estava grávida. Entrei grávida já, de semanas, mas eu não sabia. Então, trabalhei três meses.

Fala de ter sido despedida do emprego por causa da primeira gravidez, da dificuldade econômica e do desespero do pai que também estava desempregado:

Fui mandada embora e meu pai estava desempregado, como eu te falei. Ele trabalhava só em bico. O meu irmão também, desempregado, o mais velho. Nossa, era difícil ele arrumar emprego. Muito difícil. O novo era novo, não dava. Então, meu pai ficou... Nossa! Ele teve umas crises nervosas, ficou revoltado porque eu fui mandada embora sem direito nenhum. Tive que “botar no pau” a loja, porque eu era de menor também e trabalhava sem registro, nem nada. Eles não quiseram pagar nada. E meu pai ficou revoltado porque eu era a única filha dele. O que o pai espera de uma filha? Ainda mais esses pais que são do Norte, antigo? Espera casamento, na igreja e tudo mais. Nisso, ele via que – porque a gente morava num bairro onde todo mundo se conhece. Aí, todo mundo via que ele estava pra cima e pra baixo com o carro cheio de mulher, pra cima e pra baixo, me traindo, bebendo em festinha. Meu pai ficava revoltado com isso: que a filha dele, de 16 anos, grávida, em casa, trancada dentro de casa, e ele, “vagabundando”, pra cima e pra baixo. Nem estava ligando de arrumar emprego pra comprar as coisas pro neném, nem nada.

Conta sobre a loucura do pai pelo uso de álcool, após ter engravidado:

O meu pai ficou louco! Ele ficou: Meu, como que vai criar esta criança? Eu desempregado, você desempregada, todo mundo desempregado? E o pai da criança não está nem aí? Meu pai ficou revoltado. Deu umas loucura nele. Começou a beber. E ele não ficava bêbado; ele ficava louco.

O aparecimento da violência do pai, as brigas intermináveis:

Aí, queria bater na minha mãe, queria me bater, queria bater no meu irmão, arrumar encrenca com o meu irmão mais velho de tudo que era jeito. Eu, nem tanto, porque eu entrava no meio e ele não encostava um dedo em mim. Ele ficou transtornado! A gente até falou: nossa, vai ter que internar! Ele está louco! Sabe, coisa de loucura? Eu ainda estudava, chegava da escola, ficava aquele calorão no verão, a gente ficava sentada na rua, eu com a minha mãe, todo mundo. Ele falava: se vocês não descerem agora eu vou trancar; vai ficar todo mundo pra fora. No calor. Aí, nós descia pra casa, ele trancava tudo e ficava com um facão desse tamanho do lado dele. E nós: “ele vai matar nós, vai se matar, vai matar todo

mundo!”Minha mãe chorava! Era todo dia minha mãe chorando, indo para o hospital tomar calmante.

Ele chamava ela de *vagabunda*, me chamava de *vagabunda*, que eu tinha engravidado por causa dela, “bi bi bi, bó bó bó”. Nisso, antes da minha filha nascer, ele arrumou um bico lá de pedreiro, mas ele estava ganhando “mor” bem. Pedreiro até não ganha mal; é só você achar umas obras, né? Nossa, eu tive a minha filha, tal. Aí, o pai dela arrumou emprego, o pai da minha filha arrumou emprego, mas eu já não estava mais com ele. Ele arrumou emprego, tudo. O meu pai também ficou com muito medo de eu morrer no parto, sabe? Então, essas coisas: preocupação de pai. Como ele era muito caipira, assim, ele não sabia expressar; não era conversando: “ah, eu tenho medo de acontecer alguma coisa com você”. Ele bebia, sabe? E ficava louco! Aí tá!

Relata a cura da “loucura” pelo novo emprego:

Aí, tudo se acertou assim. Aí, ele pegou, começou a trabalhar. Todo fim de semana era gente na minha casa, me visitando... Aí, ele comprava fruta, comprava coisa, fazia aquele almoço pra mim, sabe? Refrigerante pras visitas. A minha filha é a paixão dele, virou a paixão dele, aí, ele melhorou. Aí, depois eu arrumei emprego.

Revela o abuso de drogas ilícitas pelo seu irmão:

Que nem... Aos 15 anos, ela começou a ver que ele estava fumando. Começou com cigarro, lá com uns meninos fumando cigarro. Na rua, ela catava, falava mais... Sabe, aquela... Não é aquela bronca que ajuda, sabe? Ou então, dar castigo pra ele se afastar das pessoas. Não, ela sempre: Ah, não sei o que, não sei o que, não sei o que. Pá; pronto. Aí, ali morreu e ele continuava fazendo. Aí, ao 16, ou 17, ele começou a fumar maconha. O que aconteceu? Ela achou maconha dentro da gaveta dele só que ela não fez nada. O que ela fez? Brigou, jogou fora, ta. Aí ficou. Aí, ele pegou e continuou fumando. Chegava em casa com um cheiro horrível na roupa, que todo mundo sabia que ele estava fumando. Uma, porque também eu comecei a ficar adolescente e eu também saía. E eu via, e todo mundo contava. Meu irmão mais novo, demorou, né, pra ele sair. Ele era mais “moleção”; ele só ficava jogando vídeo-game, o meu irmão mais novo. E eu, falando pra minha mãe, falando, falando – porque eu sou totalmente contra as drogas. Eu não sou contra, assim, porque eu sou... Eu acho assim: Quem é de maior faz o que quer. Mas eu nunca usei drogas na minha vida, nunca. Eu não gosto. Se um cara quer fazer, ou uma

menina quer fazer, problema... Não obrigando eu a fazer... Aí, a gente estava assim, e ele chegava com aquele fedor, que é maconha, ainda mais se você ficar fumando, e perto de pessoas que estão fumando, e ficava com aquele cheiro horrível! Eu falava assim: mãe: Pelo amor de Deus! Manda esse moleque tirar essa roupa e deixar lá fora! Porque a casa era pequena! Porque a gente vai crescendo e vai ficando mais pequena ainda, vai ficando menor ainda a casa. E a gente dividia o mesmo quarto. E pra quem não usa, o cheiro incomoda, não incomoda? Aquele cheiro forte. E ela, ela via assim, sabe, dava uma bronquinha, mas muita gente fala assim: A culpa não é da mãe. Tá, mas a mãe não fez nada pra impedir isso, entendeu? Eu vou ver meu filho se acabando nas drogas e vou deixar? Não vou! Nem que eu interne ele à força, nem que eu faça alguma coisa. Começou na maconha. Na maconha não impediu, e aí foi. Fumou muita, muitos anos maconha. E nisso, eu trabalhei.

Associa logo em seguida ter arrumado emprego, sua saída para as baladas, o novo namorado e a segunda gravidez aos 19 anos:

Arrumei emprego em loja, aí arrumei outro namorado – a minha mãe ficava implicando – que também não deu certo. Depois, acabei arrumando emprego numa firma, trabalhei dois anos, engravidei do meu filho. Com quantos anos eu estava? 20. É, 19 pra 20. Aí, eu engravidei dele. E foi o pior, porque eu só “ficava” com esse cara. E o pai da minha filha pagando pensão, normal. A nossa vida ficou normal, estabilizada. Eu botei ele “no pau”, ele começou a pagar pensão dela e eu não tinha mais nada com ele. A partir do momento que eu tive ela, eu não tive mais nada com ele. Aí, nisso eu peguei e... estava trabalhando na firma e tal. Aí, tipo assim: eu comecei a ficar muito relaxada. Comecei a sair, querer sair – também, tinha o que? 19 anos? Eu não curti a minha adolescência, porque eu comecei a sair quando eu engravidei dela, né? Aí, minha mãe começou a ficar com ela. Sabe quando você fica relaxada?

Faz uma comparação entre o vício de droga e o vício de balada. Faz outra analogia pelo uso de uma frase de comum, “amigos arrastam para as baladas”.

Relaciona também balada ao descontrole, à falta de cuidado, suas duas gestações e o abandono da filha aos cuidados da mãe. Ressalta que a segunda gravidez, a do filho, “veio para aquietar”:

Eu reconheço que eu estava errada, totalmente errada... De nem ligar mais pra criança? Chegou a um ponto que eu nem pedia mais – pra você ver, *eu não era viciada em droga*, mas fiquei *viciada em balada*. E os outros falam assim: Ah, que amigo não arrasta ninguém. Arrasta; por um lado arrasta. Porque elas ficavam: Vamos, vamos... Deixe a sua filha com a sua mãe! Sabe? Se a pessoa não ficar insistindo, você também não vai; se ficar te convidando, falando. Aí, todo final de semana que chegava, eu nem pedia mais pra minha mãe. E eu trabalhava das seis às duas. Eu ia virada trabalhar. Eu já pegava as minhas coisas, já pegava e saía. Tchau! Falava tchau e saía. Não que eu desprezasse a minha filha, tratasse mal ela. Não. Mas eu, sabe, saía. Queria curtir. Aí, queria sair de sexta e sábado. Só no domingo que não. Depois, começou até no domingo. Aí, foi que o meu filho veio pra me aquietar.

Relata como conheceu seu atual companheiro, enquanto ele ainda tinha outra namorada e como ficava procurando-a. O encontro com ele se estabelece em uma “triangularidade” (ele, ela e a namorada dele), quando aconteceu a segunda gravidez.

Aí, eu comecei a conhecer o meu marido, que é o meu marido hoje, que é o pai dele. Conheci ele, ele namorava. Ele era entregador de pizza. Namorava com uma menina, já há uns dois anos. E ele ficou, né? Foi entregar pizza pra mim e ficou. Eu falei: não, eu não vou ficar com você; você tem namorada! E ele: “ninguém precisa ficar sabendo.” Eu falei: mas eu não vou ficar com você escondido! Você deve; eu não devo! Eu não namoro com ninguém! Tá? Até que eu fiquei. Mas eu nem gostei, eu odiei! Sabe, ele ficou comigo, mas com medo dela aparecer! Ele estava assim: sabe aquele cara inseguro? Pensei assim: ah, não dá pra ficar com esse cara não. Aí, no primeiro dia que eu fiquei com ele, ele falou assim: Você tem uma filhinha, né? Eu falei: tenho. Ele disse: “eu acho tão legal! O meu sonho é ter um filho, um menino porque, uma vez, eu engravidei uma menina, ela foi e tirou – sem ser essa namorada dele, outra... O meu filho era pra estar grande agora, só que ela foi e abortou; a mãe dela não quis de jeito nenhum e fez ela tirar.” Ele falou assim: Quando eu vou no supermercado e vejo fralda assim, me dá a maior vontade de ter uma criança pra comprar, tal. Eu falei: meu, você é louco! Eu não quero outro nunca mais; você não sabe o trabalho que dá. Tudo bem. Ele me deixou em casa. Nisso, ele me deu o telefone dele. Eu não gravei o telefone dele e

nem liguei. Não gravei. Nem tinha. Aí, o ônibus da firma me pegava perto da minha casa no ponto e me deixava. Aí, um dia, depois de uns três, quatro dias, eu nem lembrava que ele existia. Descendo do ônibus, ele passou de moto. Parecia que era uma coisa, persistindo. Aí, pegou e parou. Eu: ai, lá vem esse menino; lá vem ele: E aí? Você nem me ligou? Ah, eu perdi seu telefone – mentira, eu não tinha nem gravado. Ele: Então grava! E fez eu gravar no celular. Gravei. Aí ele: Ah, liga pra mim um dia pra gente sair. Eu falei: Tá bom! Aí, peguei e fui pra casa. Nisso, um dia eu liguei. Aí, nós marcamos de sair, direitinho, porque ele saía meia-noite da pizzeria. Mas no dia que eu marquei de sair com ele, ele me deixou esperando. Aí, quando deu meia-noite, ele me ligou e disse assim: Ah, não vai dar; embaçou. Nossa, aí você já fica injuriada, né? Fala... O cara está me tirando: quer ficar comigo, me liga e, quando chega na hora H ele pega, está com a namorada dele e não quer ligar? Aí, eu já não queria mais mesmo. Aí, nunca mais eu liguei pra ele. Aí, um dia, eu descendo, fui buscar a pensão da minha filha, ele veio atrás de mim; ficou com a moto do meu lado. Ah, que eu quero ficar com você. Eu não vou mais ficar com você! Eu não vou! Eu te dei a chance. Você não aproveitou. Eu não vou. Aí, ele: Não, vamos, por favor, pelo amor de Deus, me dá mais uma chance; eu vou te buscar no serviço, que não sei o que. Ficou, ficou, ficou, ficou, até eu continuar ficando com ele. Aí, fiquei. Nisso, a gente ficou três meses, aí eu engravidei. Aí, ele terminou com ela e eu falei: Ah, então eu vou ficar com ele. Ele terminou, né? Então, é porque ele está gostando. De tanto ela insistir ele voltou. Aí, eu fiquei sabendo, liguei pra ele e falei: Você voltou, né? Aí, ele ficou sem querer falar, mas falou: Voltei. Então firmeza, então é porque você gosta dela. Então eu não quero mais você. Pode ficar com ela.

Conta como foi a gravidez e sua dificuldade para aceitá-la:

Aí, foi que a minha menstruação atrasou. No segundo filho eu já sabia, né? Porque quando a menstruação atrasa você já sabe. Atrasou e eu fiquei louca, louca. Aí, tinha uma amiga minha lá, que hoje em dia a gente se fala, tudo, só que a gente não anda mais junto porque ela é solteira, ela sai e por causa disso, por causa de [interrompe-se a entrevista pela entrada de uma outra *garota de programa* que não sabia de nossa entrevista. Logo em seguida a entrevista continuou].

Relata, com muita tensão, o desespero e as várias tentativas de aborto com uso de medicação, chás:

Aí, foi onde eu descobri que estava grávida. Eu tinha convênio porque eu trabalhava nessa firma ainda. Aí, eu peguei e já fui logo fazer os exames. Era por convênio, né, rápido. Não fiz nem o de farmácia. Peguei e fiz. Deu positivo e eu não acreditava. E eu assim: mentira! Meu Deus! Minha filha tinha três aninhos. Eu saí assim no trânsito, parecia que os carros iam me atropelar. Parece que você está dormindo, viajando. A sua cabeça fica assim, rodando. E eu: meu deus! Minha mãe vai me matar! Nisso, meu pai estava trabalhando fora. Ele virou caseiro na praia. Ele estava trabalhando fora, então ele vinha de quinze em quinze dias. Ele ficava um dia e voltava. E ele nem estava lá. Aí eu já pensei: ele vai ficar louco de novo, vai ser aquela mesma história, tudo de novo. A minha mãe vai me matar! Aí eu fiquei: meu Deus! Eu preciso tirar. Eu fiquei: meu Deus! Não dá, não dá, não dá! Eu não posso com essa criança! E a minha mãe nem conhecia. Eu ficava com ele... Eu saía meia noite de casa e a minha mãe não sabia nem quem era. Eu ficava com ele. Ele era conhecido na vila e tal. Eu conhecia ele mas ele não era meu namorado. Eu não apresentei ele para a minha família, igual o outro. Eu falei: puta, vai ficar muito feio pra mim. E ele namorava ainda. Aí, até que eu contei pra ele e tal. Os meus exames do convênio não vinha escrito positivo; vinha por números. Aí, só a médica mesmo pra ver, ou farmacêutico que entendesse. A gente mesmo não entendia. Aí ele foi, pediu o exame para levar para um cara, amigo dele, ver, para falar se era verdade ou não. Positivo. O cara falou: Positivo; ela está grávida mesmo. E eu: Eu vou tirar, eu vou tirar, me dá o dinheiro, metade do remédio que eu vou tirar. Ele: você não vai tirar! E vai ser um menino! Eu vou comprar uma moto pra ele, por que ele adorava moto... Vou comprar uma motinha, não sei o que. Eu falei: Você está louco, moleque! Você namora! Acorda! Eu não estou mais com você! Você é doido?! Nisso, tentei tirar. Ele não me deu o dinheiro. Eu peguei emprestado, fui e comprei Citotec. Aí comprei, desceu um dia. Fiquei toda... Que Deus me perdoe, aliviada. Falei pra minha amiga, porque ela que me ajudou e tudo, Falei: desceu, tal. No outro dia, cadê a menstruação? Parou. Aí, eu liguei pra ela: parou de vir a menstruação, meu Deus do céu! Aí, ela: mas será que não funcionou? Aí, eu peguei e fui fazer outro exame. Aí, até a médica começou a desconfiar: Você não quer essa criança não? Eu falei: não, porque eu já tenho um. Eu já estava tão – sabe? Nervosa assim. Aí ele falou: Mas ninguém teve culpa! Você engravidou porque você quis. Nossa, foi o maior quebra pau no consultório da médica lá no hospital. Aí, eu peguei e fiz outro exame. Deu positivo de novo. Aí, eu fiz o cara me dar outro Citotec porque eu falei que era falso. Eu tinha pagado

duzentos reais. Aí, minha amiga foi e pegou pra mim de novo. Aí, me deu umas cólica, umas cólica... Eu já estava de três pra quatro meses, umas cólica, umas cólica e como eu já tive outra filha, a minha barriga esticou mais rápido. Aparenta mais rápido. Você já está com a barriga flácida, não volta ao normal assim. Aí já esticou. Então, todo mundo já estava percebendo os peito, o “corpão”, sabe? Minha mãe só vendo aquilo, né? Aí eu fui e tomei de novo. E não funcionou. Tomei chá, tomei tudo que você imagina. Aí eu desisti. Nisso, eu tinha falado pra ele que tinha conseguido abortar. Depois, eu falei pra ele que não consegui. Foi aí que eu desisti.

Revela a gravidez para a família toda, e sua mãe a atemoriza em relação ao pai:

Contei pra minha mãe: estou grávida mesmo. A minha barriga estava enorme já, de cinco meses; ia fazer cinco meses quando eu assumi pra todo mundo. Aí, minha mãe falou assim: “eu sabia que você estava grávida”. Seu pai vai te matar, que não sei o que. Aí eu falei: fazer o que? Já estou. Já tentei tirar, mas não consegui. Nossa, mas aí eu fiquei com medo. Eu fui fazer minha ultrassom. Levei minha mãe. Minha filha foi também. Assim, fiquei morrendo de medo de estar com defeito e a culpa ser minha, né? Aí, estava normal e era um menino. Aí, nisso eu falei pra todo mundo. Aí, nisso, quando ele nasceu eu nem estava falando muito com ele, mas ele foi no hospital, viu. A cara dele! Saiu a cara dele, para ela calar a boca e a namorada dele. Aí foi isso. A gente ficou ainda algumas vezes. Aí, foi onde eu me senti mais humilhada porque eu fiquei com ele, três dias na casa dele com o neném, com a minha filha. Aí, quando eu vim pra minha vila – porque a gente morava em vilas vizinhas – aí, eu cheguei e ele estava com ela. Aí, eu falei: eu não preciso disso. Não é porque eu fiquei grávida pela segunda vez... Eu trabalho, sou independente. Eu não preciso disso para eu ficar me humilhando. Ele não é o último homem do mundo. Se eu consegui passar por uma, porque não por duas?

Conta de sua entrada em uma das boates mais baratas da cidade com uma das amigas:

Aí eu entrei ano passado. Aí, foi onde eu precisava de dinheiro. Aí, conversando com uma amiga minha – ela era garota – aí ela pegou e falou: Ah, tem um lugar lá que... Só que era tipo “vintão”. Tem um lugar lá que todo dia você recebe; é garantido. Não é possível que não dá, porque é muito homem. Aí, eu falei pra ela: estou precisando de

dinheiro, estou precisando de dinheiro, tal. Eu vou com você, né? Aí ela pegou e: então vamos! Aí, eu fui. Comecei no “vintão”. Só que era um lixo o lugar, tudo um lixo. Aí, eu não quis mais. (...) Eu não queria que ninguém soubesse, porque eu não pretendo. Ainda mais agora, que eu... Eu pretendo ficar até dezembro aqui. Meus planos é até dezembro. E outra, eu tinha filho e ela não tinha nada, né? Ela não tinha nada a perder, vamos dizer, se alguém descobrisse. E eu não: eu tinha a minha família inteira, quer ninguém sabia, os meus filhos, tudo e tal.

Fala da mudança de casa e da vontade de sair logo e arrumar um emprego qualquer, depois de umas férias, mais próximo de sua casa, para poder cuidar da filha e do filho que estão na casa da sogra.

E tudo mundo comentando daqui, né? Ah, que lá é bom, não é a menina que chega no cliente; é ele que chama; você faz muitos programas por dia, não é um só, tal. Aí, eu vim um dia. E lá, eu estava me acabando à noite, porque eu não trabalhava, ficava a noite inteira, tinha que chegar nos clientes e tal. E eu queria fazer o aniversário do meu filho. Não estava mais trabalhando bem, como eu trabalhava antes lá. Aí, eu peguei e vim sozinha pra cá. Pedi pras meninas me mostrar onde era, peguei e vim sozinha. Aí gostei, achei bem discreto. Muita gente nem sabe que isso aqui é uma clínica. Gostei de todo mundo e comecei a trabalhar. Aí, fiz o aniversário do meu filho de dois anos – e isso nem estando com o pai dele, entendeu? Ele era indiferente pra mim. Aí eu saía. Namorei. Saí com os caras. Aí, eu fui morar sozinha, aluguei minha casa, comprei meus móveis. Saí da casa da minha mãe, aí ela foi morar com o meu pai.

Fala da grande festa de batizado de seu filho com o dinheiro da prostituição:

E eu, morando na minha casa, sozinha. Aí, eu fiz o aniversário do meu filho de dois anos, uma festa linda, enorme, com direito a tudo, até fotógrafo pra tirar as fotos dele. Fiz batizado e aniversário. Aí, foi onde eu chamei ele pra ir. Comuniquei ele: falei: ó, vai ter o batizado e vai ficar feio... Tudo bem! Se você não quiser ir, tudo bem. Se e sua namorada não deixar... E ele continua namorando com essa mesma menina. Mas ele foi na igreja. Só não foi na festa. Apareceu no final, na festa, porque ele trabalhava ainda na pizzeria. Aí ele pegou e apareceu no final. Ele nem imaginava o tamanho da festa que eu ia fazer. Tinha DJ, tinha tudo. Aí, ele chegou no salão e falou: Nossa, você fez tudo

sozinha? Eu vou te ajudar a pagar! Eu falei: não, tem um cheque pendente que eu dei, da carne e da bebida. Se você quiser me ajudar a pagar. Aí, foi quando ele começou com gracinha pro meu lado, depois de dois anos. Ele começou: Ah, você está mór gata. Sabe? Essas coisinhas. Ele nunca foi assim! Achei até estranho.

Conta como começou a deixar os filhos aos cuidados da mãe de seu companheiro e a aproximação, após sua mudança da casa de sua mãe:

Aí, meus filhos, às vezes, ficava na casa da mãe dele – porque a minha mãe foi embora e eu preferi deixar com a mãe dele. Quem cuidava era minha mãe, a avó. E meu filho, o desenvolvimento dele foi ficando muito lento. Ele está começando a falar melhor agora. E eu não ia deixar ele com estranho. A minha filha é esperta. Ela sabe falar. Já está com sete anos. Agora, o nenenzinho eu não vou deixar com pessoas estranhas, né? Então, eu preferi, optei por deixar com a mãe dele. Aí, ele começou a ficar uma semana e eu pegava ele no final de semana. E ela gostou, tal, porque ela vive em casa sozinha também. Tem o marido dela, mas o marido dela trabalha e ela fica em casa.

Aí, foi onde ele viu que eu estava morando sozinha e começou a se aproximar de mim. Aí, um dia eu estava saindo de uma festa – porque eu não queria continuar na festa, estava cansada, porque eu trabalhava até a sexta, aí ele pegou e falou: Eu vou ir aí na sua casa, dormir aí. Eu falei: aqui não. E foi mesmo. Eu fiquei em casa e ele tocando a campainha. Eu não atendi. Aí, ele começou, sabe, ir no domingo, levar meu filho lá. Ia almoçar. Aí, eu descobri que ele tinha ficado com outras meninas. Uma menina que morava perto da minha casa. E eu achava estranho. Nossa! Ele não está com a namorada dele? Não é possível! Ficando com as “mina” assim, né? Na cara dela? Aí, ele começou a persistir em ficar na minha casa. Aí, foi onde, eu tinha bebido aqui pra caramba; cheguei em casa meio alegre e ele foi lá. O irmão dele levou ele e ele não saiu.

O início do segundo relacionamento e a desculpa do trabalho no bingo:

A gente começou a ficar. Aí, ele começou com as gracinhas dele, de ficar um dia comigo, de ficar, sabe, igual estava antes. Eu falei: não; eu não dependo de você pra nada, eu trabalho. Só que aí, sem ninguém saber o que eu faço. Até então eu trabalhava normal – trabalhava num bingo. Ninguém nem me especulava. Minhas amigas nem me especulavam nem nada. Trabalhava das duas às dez, no horário comercial.

Que nem... antes de entrar aqui, eu não imaginava. Para mim, *garota de programa* trabalhava só em boate. Não era à tarde; não tinha esse horário à tarde. E aqui é bom, por que? Porque aqui se exige não faltar. Então, isso pega em você porque, quando você começa a ganhar dinheiro, você fala: ah, hoje eu não vou. Aí, vai dois dias, não vai três dias. Aí, o povo começa: “mora sozinha, paga aluguel e falta pra caramba no serviço, que serviço é esse? Anda toda arrumadinha, e compra todas as coisas dela?” É onde o povo começa. Então, isso te ajuda pras pessoas não perceber. Aí foi isso. A gente acabou voltando.

Ela pressiona para que ele defina de uma vez a relação, ele decide vir morar com ela:

Aí, um dia, depois de uns dois, três meses que eu estava ficando com ele, uns dois meses, eu peguei e botei ele na parede. Falei: ou você quer ou você não quer. A gente tem um filho e a gente não tem mais essa de ficar namorando. Ou você fica comigo, casa e fica comigo, ou você pode sair. Pode procurar outra e fica na sua vida à vontade. E ele tinha terminado mesmo com a menina. Foi quando a gente foi e casou. E está junto até hoje. Assim, mas ele pega muito no meu pé. Ele desconfia. Desconfia, porque ele fala onde que é e eu falo que é em São Paulo. Falo o nome e tal, a rua, tal, mas ele nunca foi. Eu boto na cabeça dele: meu, você vai gastar cinquenta reais. Só de gasolina você vai gastar cinquenta reais – porque eu moro em outra cidade. Você vai sair de casa, para ir lá, por exemplo, na Paulista, quanto ele vai gastar de gasolina? Um absurdo! Vai me buscar todo dia? Não compensa! Eu desço no centro e ele me pega. Ele fica: “ah, meu! Que negócio é esse que eu não sei onde minha mulher trabalha?” Lógico que sabe! Eu já te disse onde que é, o nome da rua; se você quiser ir lá, você vai! Sabe? Tentando tirar isso da cabeça dele. Aí, ontem mesmo eu estava falando isso com as meninas, que ele está me traindo. Eu desconfio de alguma coisa. Ele já falou assim pra mim: “tem algum segredo que você não quer me contar”. E isso vai estressando. Porque eu acho assim, que nem: a gente voltou – ele trabalhava em dois empregos: nesse que ele está agora e na pizzeria.

Fala do abuso de cocaína do companheiro:

Ele foi obrigado a sair da pizzeria porque ele usava droga. E lá na pizzeria, ele trabalhava até uma, duas horas. Juntava a maior galerinha e ficava lá, só cheirando e tomando cerveja.

E ele ia junto. Aí, foi onde a minha vida estava um horror: Eu não dormia mais, quando ele chegava em casa eu não sabia se ele estava bom ou se ele estava louco. Minha vida ficou um inferno. Eu falei: Meu, eu não preciso disso. Foi um absurdo isso que aconteceu. Eu falei pra ele: Meu, ou você sai dessa pizzeria e vira gente, ou não vai dar mais pra gente ficar. Sinto muito, Aí, ele pediu desculpas de tudo que tinha acontecido, disse que gostava de mim mesmo e saiu da pizzeria. E a droga... Aí, ele ganha sabe quanto? Quinhentos reais. Ele paga 450 da prestação do carro que ele tirou. Quanto sobra? Cinquenta reais e a gente paga aluguel, água e luz. Dois filhos. Eu tenho dois e ele tem um, mas mesmo assim, vive comigo. É gás. É gasto de mercado do caramba.

Faz a referência de que o filho é viciado em leite.

O meu filho é viciado em leite. Até ele é viciado em leite. Então, quem banca a casa? Eu, entendeu?

Refere a desconfiança do marido e que ele se acomodou:

Então, assim, Muitas vezes ele desconfia. Eu acho que ele desconfia até demais. Acho que ele desconfia muito, mas acredito que ele não me segue para que não descubra que ele é aquele que é sustentado pela esposa. Ele não vai atrás, porque ele sabe que ele vai achar. Só que ele fica quieto. Por quê? Porque vai ficar feio pra ele. Aí, vão falar assim: A mulher dele se prostitui pra bancar ele, bancar a casa, porque ele não tem condições de bancar uma casa. Vai ficar feio pra ele. Por isso que ele não vai atrás. Se ele trabalhasse em um emprego bom, que ele ganhasse uns mil e pouco, desse pra sustentar uma família... Porque é com esse salário que dá pra sustentar uma família hoje em dia. Meu... Eu saio daqui na mesma hora. Inventava que tinha sido mandada embora.

Ela volta atrás na fala anterior, reafirmando sua dificuldade para sair.

Mas no momento, agora, eu não posso sair. Não posso. Quem é que vai pagar aluguel com cinquenta reais? O aluguel é duzentos reais. Ainda é barato. Então eu não posso sair agora. Os meus planos é o que? Para ele ganhar mais, uns oitocentos, mil e duzentos, na profissão que ele está, ele tem que fazer um curso profissionalizante. O que o patrão dele fez agora? Fez ele... pagou o curso pra ele. Então ele vai fazer o curso, começar dia seis. Ele fazendo o curso, ele vai ganhar mais. Por isso que eu disse: até o final do ano ele já está com um salário razoável se for nesse serviço ou em outro, porque ele já vai estar com o certificado. Então eu fico mais

tranquila, porque vai dar pra pagar o aluguel e garantir as contas do mês, e despesa. O resto, aí eu arrumo um emprego, perto de casa mesmo, que eu ganho menos. Não tem problema. Só que, por enquanto... Não é por luxo. Não é! Eu vou sair e arrumar outro emprego correndo, assim? Não arruma! Eu fiquei um ano desempregada, procurei em loja. Eu tenho registro de balconista, de produção; auxiliar de produção. Eu não arrumei em firma nenhuma, não arrumei em mais nada. Então, pra mim sair hoje sem nada e pegar e falar: eu vou arrumar emprego amanhã. Eu não vou. E o aluguel vai passando. Não pode atrasar. Eu quero ficar até o final do ano, ajuntar um dinheiro. Eu quero ficar, te juro, uns dois meses sem trabalhar em lugar nenhum. Ficar em casa pra curtir seus filhos, sem aquela correria. Aí sim, entendeu? Aí, eu vou mandando currículo. O que eu achar pra mim está ótimo. Mesmo se for pra ganhar, quinhentos, seiscentos reais. Pra mim tá ótimo. Minha história é essa.

Após o término de seu relato, eu lhe pergunto sobre a balada e a bebida, em referência a primeira associação, e ela continua a falar:

Antes eu bebia. Eu bebia mais quando eu estava sozinha. Sempre gostei de beber. Quando eu saio na balada. Aqui não. Aqui, o cliente gosta de pagar mesmo. Ele até chato, às vezes: Vamos tomar uma cervejinha? Que é o jeito dele chamar. Mas eu sempre gostei de beber nas baladas, sempre. E eu saía muito quando eu estava solteira. Saía direto daqui com as minhas amigas. Eu me encontrava com elas e saía. E nesse dia, tinha Bohemia aqui, e estava calor. E os clientes, tudo pagando. Aí, eu bebi um monte. Agora eu parei, pra ver se eu emagreço mais. Aí é que eu não bebo mais mesmo. Eu nem saio mais. Ele reclama muito porque a gente não sai. Só que o meu filho continua ficando na mãe dele porque não tem como a gente ficar indo buscar. Agora o horário mudou e tenho que sair de casa super cedo. Tenho que deixar a minha filha com uma amiga minha pra botar ela na perua porque quem fica com ela é a minha cunhada. Eu pago pra minha cunhada olhar. A perua traz ela da escola e deixa na casa da minha cunhada e onze horas eu vou buscar. Então, você imagina: é uma correria. Não tem como eu deixar um e o outro, porque a vila é meia hora andando. Aí, eu ia chegar aqui muito atrasada. Eu tinha que sair muito cedo e não fazer nada em casa. Então assim, é muita correria. É do meio dia e meia às dez. Chego lá onze, onde e meia. É muito complicado. Então, eu sou obrigada a ficar longe do meu filho ainda, sabe, por causa do serviço, do dele, do meu, porque ele não pode ficar saindo do dele pra levar o menino e

pra buscar. É a maior correria. Por isso que eu falei: eu quero ficar um tempo, sabe, ficar sem trabalhar mesmo pra mim descansar. Aí sim. Aí, nem que eu for escolher o emprego. Aí, eu vou sentar e vou ver dos que me chamarem o emprego que dá pra mim e o que não dá.

Afirma que vai sair e diz outra coisa a seguir, que não vai poder sair porque passa fome:

Também, não vou sair correndo trabalhar. Por isso que eu estou falando: eu quero que ele ganhe um salário que dê, mas não assim: ah, eu preciso trabalhar porque eu estou passando fome; eu preciso trabalhar porque eu preciso pagar isso.

Acredita que o marido se menospreza pela situação de pouco salário e revela o seu falso e o seu verdadeiro:

Mas pra ganhar razoável. E ele se sente mal. É humilhação para o homem não poder sustentar a família. Ele vê eu comprando tênis, comprando... sabe? Eu não ganho mal. Eu não falo que eu ganho mal. Eu falo que eu ganho 25 reais por dia. Eu ganhava o que na outra empresa? Eu nem lembro quanto eu ganhava. Eu ganhava uns oito reais por dia, uma coisa assim, sabe? Se eu ganho 25 reais por dia, eu já fiz as contas. Se eu trabalhar de segunda a sábado, dá uns 150, por aí. Por semana tá bom, não tá? Aí, ele fica meio assim por que? Ele fica pegando no meu pé: Ah, onde você arrumou dinheiro? Porque ele não tem nem um real, entendeu? Às vezes ele se estressa, chega a ficar de bico, essas coisas. Ele fala: Eu vou vender o carro! Não tenho dinheiro pra comprar nada. Mas eu tenho culpa? Eu não tenho culpa! Se eu estivesse deixando de pagar o aluguel, pagar as contas, deixar de comer pra gastar comigo, tudo bem. Mas eu gasto comigo e com os meus filhos e **banco o homem e as coisas da casa**. Não deixo faltar nada. Muitas vezes eu deixo pra ele se virar, entendeu? Que nem, ele comprou nossa aliança, e eu falei: ah, meu filho, se vira pra pagar. Eu falei: *Meu filho*, eu estou pagando aluguel, pagando isso, isso e isso, e você ainda quer que eu pague as alianças ainda? Eu não saio gastando horrores, sabe? Não. De vez em quando eu compro uma coisinha, compro escondido, ele nem vê. Guardo dentro do guarda-roupa. Ele só vê quando eu usei, mas ele nem percebe. Um tênis mesmo, sabe? Só blusa que chama a atenção. Agora, calça jeans ele nem percebe. Essas coisas ele nem percebe. Só se eu chegar e mostrar.

Cita que não se conforma por não conseguir emprego, mesmo tendo colegial e experiência anterior:

Ah, dá uns mil e quinhentos. O movimento caiu bastante dessa casa. Então, ganho mil e quinhentos. É um salário bom, né? Onde que eu vou arrumar? Só se eu tivesse feito um curso técnico ou uma faculdade pra chegar a ganhar isso. Fiz o segundo grau completo. É isso que eu falei pra você. É isso que eu fico indignada. Meu, eu fiquei um ano procurando. Ainda que eu recebi seguro, botei no pau, recebi, então, fiquei todo esse tempo em casa. Mas o resto dos meses eu procurei. Era em loja no final do ano e não achava! Não me chamavam. Não adianta dizer: “você não procurou”. Procurei. Em firma, pensei que ia ser mais fácil para mim em firma, com dois anos de experiência na carteira. Foi nada! Não consegui. É sempre assim, se você está precisando... Eu fiquei sem nenhum real no bolso. Nem pra pagar a passagem eu tinha. Então, por isso que eu pensei. Quero juntar alguma coisa pra deixar na minha conta, pra não ficar dura. Aí, eu vou mandando currículo. O que aparecer, se me interessar, se for num horário que dê pra mim não deixar meus filhos pra lá, aí eu vou. Está ótimo. Ganhando quinhentos, seiscentos, quatrocentos, o que for, já ajuda. Já dá pra mim gastar comigo e com as crianças e ele bancando a casa.

Fala sobre o seu corpo, os métodos adotados para a contracepção e o não uso de preservativos com o atual companheiro.

Tô gordíssima de tomar injeção. Não paro de tomar. Com ele eu não uso preservativo. Aqui eu uso, com todos. Com ele não. Não uso, mas eu tomo injeção há dois anos, a cada três meses. Vai fazer três anos que eu me trato já. A trimestral, né, que é até mais difícil de engravidar. Você não menstrua, não tem hormônio. Eu não deixo de tomar. Não deixo. Eu achei que eu dei uma inchada. Todo mundo que me conheceu antes, todo mundo da minha vila fala: Como você engordou! Eu acho que foi por causa da injeção porque eu não como horrores assim. Que nem agora, eu engordei. Mas nem estou comendo besteira. Mas com o meu marido eu não uso preservativo não. Porque a gente não gosta. Eu até falei pra ele que fiz exame, até mostrei, mas meus exames nunca deu nada. Mas ele nunca fez, nunca me mostrou. Até agora, nunca foi confirmado nada. Eu faço exames de prevenção, tudo. Esse ano eu vou até marcar lá no posto perto de casa, que é um horror pra marcar.

Compara seu pai a um “ogro” e conta da violência física causada por ele quando em uso de bebida somente no final da entrevista:

Meu pai me batia mesmo, sabe? Meu pai era muito “ogro”. Quem vê ele agora não acredita, porque agora ele é uma criança. Ele não pode me ver. Quando eu vou lá visitar eles, ele não pode me ver. Nossa, me abraça, chega até a chorar, com saudades de mim. Ele sempre quis ter uma menina, sabe? Ele sempre foi mais apegado a mim. Mas quando a gente era pequeno... Eu não sei se era o estresse de ele carregar a família inteira, só ele sozinho. Ele trabalhava sempre à noite, das dez às seis. Ele era nervoso demais. Você não podia fazer um A que era: pá! Cintada. Era desse jeito. Agora que ele é amoroso: me abraça, beija. Mas antes.

8.2.8 Selene: a oitava entrevistada

Selene foi entrevistada sem estar agendada. Eu havia entrevistado Afra e ela soube da entrevista. Conversou com a gerente da boate e pediu para participar da pesquisa. Após eu explicar do que se tratava, concordou participar, porém tínhamos apenas 30 minutos para conversar, porque a boate iria abrir.

Ela citou ter sido “casada”, ter colegial completo e ter um filho que é um bebê de apenas 10 meses.

Iniciou a entrevista falando do horror que está e percebe-se a motivação e o desejo de falar com alguém pela situação que estava vivenciando:

O que eu acho importante? Ah, sobre doença. Eu estava falando com a menina. A gente estava comentando que tem um cliente – pode falar isso? Tem um cliente aqui que ele tem HIV. Só que ele não conta. Ele contou para algumas meninas e para outras não. E ele tenta forçar, sabe, sem camisinha. Ele fez isso comigo. Aí, eu descobri agora que ele tem HIV. Só que eu não deixei. Mas penetrou um pouco porque ele segurou os meus braços e veio para cima, sabe? Aconteceu isso. Estou. Estou bastante preocupada. Ah, eu fiquei em... Não tem nenhum mês. Eu estou com esse medo agora. Ah, é uma profissão arriscada, né? Dá dinheiro, só que corre muito risco. Acho que nem vale a pena, se for pensar por esse lado. Estou muito preocupada com isso. [chora]

Perguntei se ela queria parar a entrevista e que poderíamos conversar normalmente e ofereço-lhe um lenço:

Ai, desculpa. [chorando muito] Eu tenho um filhinho pequeno. Se eu tiver pego isso... Mas ele estava assim, lubrificado. Então, sei lá. Eu estou morrendo de medo agora. E eu sou bastante cuidadosa: não faço oral sem camisinha, nem deixo também. Mas, dessa vez não teve nem como, assim.

Pergunto se ela avisou à gerente do ocorrido:

Não. Só que ninguém... não deu tempo de me avisar. É, faz quase um mês, mas eu descobri hoje. Foi agora. Para algumas ele fala. Mas para outras não, eu fui uma que ele não contou. Aí, as meninas comentando assim, eu falei: quem? Aí, ela falou. Eu falei: não acredito! A mesma coisa que ele fez comigo, ele fez com outra que está aqui. Aí, ela falou que, como ele contou para ela e ela já sabia, ela falou: Ó, pode sair; sai de cima de mim, senão eu vou te deixar falando! Só que eu não... não... Nem sabia. Aí, por isso que eu estou assim, nervosa.

Já com a voz menos embargada, começou a contar sobre a sua família e os problemas na adolescência.

Eu tenho uma irmã só. Ah, meus pais sempre foram... se deram bem; sempre foram unidos. Não. Só minha mãe que, de vez em quando me batia. Mas era raro. Meu pai nunca me bateu. Eu brincava bastante na rua com muitas crianças... Ah! Sempre fui muito ligada à família; sempre fui muito família. Tive uma infância boa, uma adolescência rebelde. Tipo... Eu saía, não avisava a minha mãe. Só falava: estou saindo. Saía na sexta e voltava no sábado de manhã, no domingo. Eu só fui criar um pouquinho de juízo quando os meus pais se separaram, porque aí meu mundo caiu, né? Minha mãe e meu pai se separaram e eu comecei a ficar mais com a minha mãe. Faz uns nove, dez anos já. Hoje, meu pai mora comigo e minha mãe mora com outra pessoa.

Revelou o estupro que sofreu aos 16 anos:

Foi um dia que eu tinha ido pra uma festa e eu comecei a beber. Aí, bebi demais e voltei pra casa. Nessa volta pra casa, de madrugada, que eu estava bêbada, tinha um grupinho numa pracinha, lá perto da minha casa. Um grupinho de moleques lá. Aí, veio um e falou pra mim: “quer uma carona? Eu te dou! Eu falei: quero. Aí, nessa carona, desviou o caminho e aconteceu. Foi um *estupro*, porque ele era bem mais velho e mais forte do que eu. Com uma mão dele só, ele segurou assim e foi. Aí, eu não contei pra minha mãe não. Eu contei pra uma amiga só, minha. Aí, ela falou que era pra mim ir no hospital e ir na delegacia denunciar. Só que eu fiquei com medo porque a minha mãe não ia deixar eu sair de casa nunca mais. Então, não vou falar. Aí, eu não contei até hoje. Minha mãe não sabe. Eu contei pra minha irmã depois de uns três anos. Eu só contei pra ela. Essa pessoa era

desconhecida. Os outros, eu conhecia de vista. Eu passava... eles moravam tudo perto e ele não. Aí, nunca mais eu vi. Os colegas sim. Mas eles nunca falaram nada e nem eu.

Estava só eu e o cara. Na hora que ele falou se eu queria uma carona, eu entrei no carro dele e ele saiu. Os outros ficaram lá. Os outros nem sabiam nada. Acho que depois ele deve ter contado. Depois dessa situação, eu não fiquei com mais ninguém durante um ano. Eu peguei ódio, ódio de homem. Eu não podia ver ninguém, assim, homem na minha frente. Só o meu pai... e olhe lá. Não sei. Eu sentia um ódio assim, dentro de mim. Eu só chorava; só chorava e pedia pra Deus tirar ele da minha mente e deixar como quem não quer nada, assim. Aí, depois de um ano, eu comecei a sair. Nesse um ano, eu só ia para a escola e voltava, de manhã. Não saía de casa. Só ficava na rua assim: brincava e entrava. Brincava... brinquei até os dezessete. Brincava de brincadeira assim, de brincadeira de rua, de vôlei, de futebol, essas coisas.

Revela como começou “nessa vida” e pontua como se *vicia*:

Sempre fui muito ligada à família; sempre fui muito família. Tive uma infância boa, uma adolescência rebelde. Tipo... Eu saía, não avisava a minha mãe. Só falava: Estou saindo. Saía na sexta e voltava no sábado de manhã, no domingo. Eu só fui criar um pouquinho de juízo quando os meus pais se separaram, porque aí meu mundo caiu, né? Minha mãe e meu pai se separaram e eu comecei a ficar mais com a minha mãe. Eu entrei *nessa vida* assim mais por curiosidade também... E por precisão também. Mas foi mais por curiosidade do que por precisão, na verdade. Só que, assim... Acaba viciando, porque assim, tipo... Sabe, a gente trabalha assim, aí sai um tempo. Aí, arranja outro serviço. Só que, na primeira dificuldade que tem, já volta para a vida de prostituição. Então, é uma profissão que nunca ninguém abandona. Nenhuma menina. Pode passar um ano, dois anos, fora, mas sempre volta. Sempre volta. Ah, eu estou desde os 19 anos. Hoje eu tenho 25. Aí, eu saio, volto, saio, volto. Ah... Mais de dez vezes. Eu trabalhei... Eu trabalhava mais em São Paulo. Depois eu comecei a trabalhar em São Bernardo, aí parei dois anos. Engravidei, fiquei em casa. Aí voltei faz pouco tempo. Tem dois meses que eu vim pra cá. ...

Uma *menina* da minha rua que falou: ó, eu estou trabalhando aqui! É legal, dá ‘mór’ dinheiro! Eu falei: Ah, então eu quero ir, né? Conhecer. Aí, eu fui em uma clínica em São Paulo. Aí eu gostei, achei bonito lá. Aí fiquei. Elas foram embora, e eu fiquei *trabalhando*. Eu *trabalhei* lá durante uns 8 meses. Aí saí e fiquei um tempo em casa. Aí, depois eu arranjei um outro emprego de *vendedora*. Aí trabalhei 1 ano. Aí, parei,

voltei de novo para a mesma clínica que eu falei. Depois, fui pra outra, fiquei uns 2 meses só e saí. Aí, fiquei uns 2, 3 anos... não. 2... 2 anos em casa, mais ou menos. Aí eu voltei trabalhar; só parei mesmo quando eu fiquei grávida. Sempre fui muito ligada à família; sempre fui muito família. Tive uma infância boa, uma adolescência rebelde. Tipo... eu saía, não avisava a minha mãe. Só falava: estou saindo. Saía na sexta e voltava no sábado de manhã, no domingo. Eu só fui criar um pouquinho de juízo quando os meus pais se separaram, porque aí meu mundo caiu, né? Minha mãe e meu pai se separaram, e eu comecei a ficar mais com a minha mãe. Eu entrei nessa vida assim mais por curiosidade também... E por precisão, também. Mas foi mais por curiosidade do que por precisão, na verdade! Só que, assim... acaba viciando, porque assim, tipo... Sabe, a gente trabalha assim, aí sai um tempo. Aí, arranja outro serviço. Só que, na primeira dificuldade que tem, já volta para a vida de prostituição. Então, é uma profissão que nunca ninguém abandona. Nenhuma menina. Pode passar 1 ano, 2 anos, fora, mas sempre volta. Sempre volta.

Conta do envolvimento com um *barman* do local onde trabalhava, e a vida de apenas três meses com o companheiro e o sofrimento, com essa separação.

Nesse meio tempo, eu estava trabalhando... Comecei a trabalhar à noite, numa boate, aí, acabei me envolvendo com o garçom; um barman. Ele era casado também, então era só um... A gente só ficava, assim. Aí, no dia que a gente transou sem camisinha, eu engravidei. Aí, ele ficou em cima de mim, pra mim terminar o meu noivado pra mim ficar com ele. Aí, eu acabei terminando meu noivado. Conteí para minha mãe que eu estava grávida. A gente morou junto três, quatro meses, só. Aí, ele me deixou. Eu estava grávida de seis meses e ele foi embora de casa.

Citou que depois da separação foi viver com seu pai e que sua irmã conhece a sua atividade:

É, eu fiquei morando com o meu pai e o meu filho. Foi esse ano. Em fevereiro. Não... Ano passado, perdão. Ano passado. Só a minha irmã sabe que eu trabalho; mais ninguém. Quando os meus pais se separaram, meu pai continuou morando na mesma casa. Só minha mãe que saiu. Só que essa casa é da minha tia. Então... São três casas, na verdade: na da frente mora a minha tia e mina avó, na do meio, eu meu pai e meu filho, e nos fundos, o meu tio e a família dele. Então,

meu pai que estava morando nessa casa que eu fui morar com ele. Aí, eu falei: eu vou vir pra cá; trazer minhas coisas para morar aqui. Ele falou: Tá bom. Ele ficou embaixo e eu, em cima.

Fala da prostituição e do desejo de guardar dinheiro:

Então, agora eu quero juntar um dinheiro pra mim comprar alguma coisa; pra mim abrir alguma coisa pra mim e parar de vez porque... que nem... é... trabalhar assim, na prostituição, pra ter dinheiro só pra comer e pagar as dívidas não dá, né? Então, eu vou juntar dinheiro pra ficar um tempo num lugar, fechado... Depois que eu tiver dinheiro, eu vou... sei lá. Acho que eu vou... Pelo menos eu não vou chorar, com medo dessa situação. Porque é complicado.

Disse que ganhava cerca de cem reais por dia e que trabalha de segunda a sábado, mas gasta também bastante. Acredita que é porque não é uma coisa que vem de Deus:

Só que também tem os gastos. Condução... Gasto seis reais por dia de condução. Eu como aqui também. É seis reais. Fora as besteiras que eu fico comprando. É um dinheiro, todo mundo fala, é um dinheiro maldito, porque você não vê o lucro. Se você não guardar e investir mesmo, você não vê lucro porque o que você ganha, você gasta em dobro. Eu não sei. Eu não sei o porquê. Acho que é porque é uma coisa que não é de Deus. Não tem aprovação. Então... É, entre aspas, né? É um dinheiro rápido. É um dinheiro rápido porque vem fácil, né? Então... Você pensa: eu vou gastar tanto porque amanhã eu vou ganhar mais.

Sente muito nojo quando tem relações sexuais na prostituição e associa com sua preferência em trabalhar em “clínicas”, porque nelas não precisa se insinuar:

Foi horrível! Sempre que eu saio e volto, é a mesma sensação: dá medo, dá um frio na barriga, dá vergonha... é... Ai, sei lá. Horrível. Aí depois... só passa depois, quando eu vou embora, que o cliente vai embora. Aí, eu penso: agora já foi. Entendeu? É horrível a sensação. É só o primeiro dia. Mas depois é normal; depois vai perdendo a vergonha. Eu prefiro trabalhar assim em clínica porque *a gente não precisa chegar no cliente; é ele quem escolhe e vai*. Agora, boate não; boate é o contrário: tem que chegar no cliente. Eu não

gosto. Eu não gosto que o cliente fique pegando em mim. Eu não gosto. Já que quer, então vamos logo. Eu sou assim.

Revela a afinidade que tem com um dos clientes da casa:

Tem um que eu gosto, aqui. Só que ele não é fixo, assim. Ele gosta de sair com outras meninas, mas ele sai mais comigo. Eu gosto dele. A gente conversa bastante. A gente mais conversa do que faz alguma coisa assim. Tem uns assim que a gente sente uma atração antes de ir. Aí é legal. Mas tem outros que eu não vejo a hora de acabar. Nojentos! Aff...

Conta que ficou muito deprimida com o fim do relacionamento amoroso com o *barman* e como sofreu na gestação e parto, acaba se sentindo um lixo:

Assim, antes disso acontecer, dele ter ido embora de casa, eu era completamente diferente: eu era alegre, brincava com todo mundo... Aí, depois disso eu fiquei mais fechada, fiquei mais séria. Tem gente aqui que fala que nem me escolhe porque acha que eu sou séria, chata, que eu vou brigar, que eu vou falar alguma coisa. E não é. É que eu fiquei assim. Então, quando ele foi embora, nossa! Meu mundo, assim, acabou porque eu estava gostando dele, bastante. Aí, foi embora sem eu ter dado nenhum motivo. *Nossa, eu me senti um lixo!* Eu quase perdi meu filho, tive que tomar remédio para segurar, o meu parto foi complicado também. O meu filho nasceu com falta de oxigênio no cérebro, ficou internado uma semana e eu fiquei internada junto com ele. Foi complicada a minha gravidez. Eu tinha vergonha das pessoas, do que as pessoas iam falar. Então, eu não saía de casa. Eu me fechei. Só ficava dentro de casa. Só saía para ir na consulta do médico e já voltava rapidinho. Pra minha família, a gente fez uma festa, como se a gente tivesse casado. Então, todo mundo da minha família – porque minha família é muito grande, conheceu ele, conheceu algumas pessoas da família dele. Aí, eu fiquei com vergonha das pessoas da rua ficar me perguntando: E o seu marido? Cadê ele? Aí eu não saía para não ouvir esse tipo de pergunta que eu sei que eles faziam. Durante uns dois meses, assim, eu só chorava. Até emagreci.

O apoio dado pela mãe e a necessidade de cuidar do bebê foram fundamentais para voltar a sair de casa, porém voltou para a prostituição e deixou seu filho aos cuidados de sua irmã:

Aí, depois, a minha mãe dando conselho, falou: “ah, você vai ficar emagrecendo? Você tem que cuidar do seu nenezinho porque ele também come aí dentro!” Aí, comecei a pensar no meu filho e fui esquecendo ele aos poucos. Ainda gosto dele, mas voltar com ele não. Nem chegar perto dele eu não quero mais. E o pior é que o meu filho é a cara dele. De mim, ele só puxou o olho e a sobrancelha. O resto é ele todinho. Ah! Agora ele está na fase de... ele está andando. Falar, a única coisa que ele fala é o nome da minha irmã, Cibele. Ele fica: Ci, o dia inteiro. Mamã... Antes, ele falava mamãe. Agora, ele parou e só está falando: Ci, Ci, Ci... Eu nem sei se ele sente a falta do pai dele porque eu acho que ele nem sabe, né? Nem sabe. Assim, eu acho que vai ser ruim pra ele, quando ele estiver maiorzinho, querendo entender.

Conta que antes de se envolver na prostituição, tinha um noivo que foi trabalhar no exterior e que ainda mantém esperança de reatar esse antigo relacionamento:

De vez em quando ele me liga. Ele me desculpou. Eu contei o que aconteceu, na verdade. Não contei da boate, né. Só falei que eu conheci outra pessoa e tal. Aí, ele acabou me desculpando. A gente se fala ainda. Ele me liga e a gente se fala. Aí, ele fala que, quando ele voltar para o Brasil, a gente vai tentar conversar. Se ele ainda tiver um sentimento, a gente pode até voltar. Senão, continua na amizade. Ele está no exterior. Eu vejo a foto dele. Ele beija lá nas baladas e põe as fotos no orkut. Mas ele ainda tem foto minha, assim, com ele, do nosso noivado. Ele não tirou. Às vezes, eu me arrependo. Não pelo meu filho, mas por ele.

8.2.9. Margarida: a nona entrevistada

Margarida tem dois filhos, de 1 e de 3 anos. Vive com um companheiro há 3 anos e que é o pai apenas de seu segundo filho e que não sabe o que ela faz. Conta que o pai do primeiro filho foi um caso de uma balada, com um colega e com quem mantém uma relação boa, sendo que ele paga a pensão da criança:

O mais importante da minha vida assim são os meus filhos. Eu tenho dois filhos pequenos. Hoje eu vivo com uma pessoa que eu não gosto. Mas o fato de eu estar com ele é mais pelos meus filhos. Um deles, ele não é pai. Então, ele me assumiu grávida de sete meses. Hoje a gente está junto já faz três anos. Eu tenho medo de terminar com ele e ficar com meus filhos. Só que hoje ele está desempregado, tudo.

Fala sobre as pessoas que a ajudam, mas que é insuficiente para o padrão de vida que ela quer dar aos filhos:

Graças a Deus, hoje tem bastante gente que me ajuda, assim, familiares, amigos, meus compadres me ajudam bastante. Mas é aquilo, né? Quando a gente tem filhos, a gente pensa neles. Eu não penso mais em mim, eu penso é neles. Tipo: Ah, eu preciso comprar aquilo, os meus filhos precisam de roupa, precisam sair, passear. Então, o dinheiro que eu pego, eu pago as minhas dívidas e não penso em mim assim, de comprar uma roupa, comprar um batom... Não. Levar eles pra passear no parquinho, no *Mac Donald's*, no *Habbibs*. Todo final de semana a gente tem esse encontro, a gente tem... Tá escrito no caderno, entendeu? A gente... Todo final de semana a gente sai junto com eles. Então, eu procuro dar o de melhor para os meus filhos, né?

Quer fazer outra coisa da vida, porém não consegue ficar sem o dinheiro que a prostituição pode propiciar:

Tipo... Às vezes, eu paro e penso assim que isso não é vida para mim, de *ficar me prostituindo*, tudo, mas eu não consigo ficar sem dinheiro. Eu não consigo ficar sem dinheiro. Eu fico sem dinheiro no bolso, eu fico louca já. Enquanto eu não

vejo o último real acabar, eu não paro. Então eu procuro sempre estar me ocupando pra sempre estar com dinheiro e estar fazendo os meus... As coisas que eu gosto, né, para os meus filhos, tudo.

A parte feliz da sua infância foi na relação com parentes que moravam no mesmo quintal e as amigas da época:

A minha infância foi muito legal. Eu tenho bastante parente, assim, então eu tinha bastante primos. Aonde que minha avó mora é praticamente onde que eu nasci, cresci, tudo, né? Eu tive duas amigas. Eu morava no meio e as outras duas moravam na ponta. Então, a gente fazia tudo junto: Onde uma ia, as outras duas iam atrás. Nossa, a gente brincava bastante! Eu tinha bastante familiares. Os meus familiares eram muito apegados com a gente, comigo e com a minha irmã, tudo, só que eles eram muito, como é que eu vou te dizer? Muito certinhos; não gostam de nada errado. Então, eles pegavam muito no nosso pé, tudo. Porque eles tinham medo que acontecesse alguma coisa futuramente e tudo mais. Mas eu sempre estudei. Eu era uma menina que gostava muito de escola. Eu não pensava em ir para a escola, assim, pra bagunçar, pra fazer arte, alguma coisa assim. Eu ia para a escola para estudar mesmo. Eu gosto muito de matemática. Matemática é o que eu mais gosto. E eu pensava: eu quero ser professora de matemática. Só que, aí, depois que eu tive esse meu filho não deu, né? Aí eu engravidei e tive que parar os estudos. Quando ele nasceu, aí eu voltei de novo. Tentei. Só que aí eu engravidei de novo, do segundo. Eu engravidei do primeiro com 16 para 17 e do segundo com 19.

Cita que tinha trabalhado em vários empregos. Iniciou com a idade de 9 anos:

Trabalhava. Até então eu trabalhava. Saía do serviço, mas, também, balada para mim era todo o final de semana. Na verdade, eu comecei a trabalhar com nove anos de idade. Com nove anos de idade. O meu primeiro serviço foi num mercado. No tempo em que a minha mãe ficou. Tipo... A gente não tinha onde ficar e tudo o mais, a minha mãe conheceu uma senhora e ela falou assim: Ó, a minha irmã está precisando de uma pessoa para cuidar dela e tal, assim, assim. Aí, a minha mãe começou a cuidar dela e tal. Aí, nós não tinha pra onde ir. Aí, o que aconteceu? A família dessa senhora é muito boa; ajudou a minha mãe a construir um cômodo dentro do quintal dessa senhora. (...) Eles gostaram,

porque eu fazia certinho, tudo. Passei a fazer as bolachinha. Aí, depois eu já passei para o caixa, tudo. O mercado era grande, assim, pra minha idade, nove anos. Tinha dias que eu ficava lá sozinha dentro do mercado. Eu tomava conta, tudo. (...) Aí, a gente continuou a morar lá, tudo, ainda. Aí, essa senhora faleceu. Aí, depois que eu saí desse serviço – acho que com os meus 15 anos; não 14 anos. Eu arrumei um serviço lá no centro, numa loja, aí eu fui vendedora dessa loja de roupa. Mas sempre eu arrumava alguma coisa pra mim fazer. Já trabalhei como auxiliar de escritório. Eu tenho um amigo meu que ele tem uma firma de brindes e eu comecei a trabalhar com ele. Fiquei uns dois anos trabalhando com ele.

Conta sobre o primeiro programa com um “amigo” de uma amiga, com 17 anos, para poder comprar leite *nan* para a criança:

E nesse meio tempo assim, quando a gente começamos a ficar, eu conheci uma amiga... tinha uma amiga minha que conhecia um rapaz que ele gostava de sair com meninas, tal, tudo, e ele pagava, né? Aí, tipo... nesse tempo que eu estava com ele, tipo... Eu não queria só ficar dependendo dele, né? Tipo... Eu ficava com ele, o cara ficava me bancando, tal, tudo. Eu estava desempregada, meu filho ia precisar das coisas. Eu não tive leite e meu filho precisava tomar leite e era muito caro pra mim, entendeu? Então, desde que meu filho nasceu, eu procurei dar o de melhor pra ele. Aí, eu saí com esse cara, amigo dela. Eu saí com esse cara, o cara me pagou, tudo. Eu tinha era 17 pra 18 anos, já. Aí eu saí com ele, ele me deu dinheiro, tudo.

O encontro com o atual companheiro foi durante a gravidez do primeiro parceiro. Ele a conquistou levando flores e logo que puderam, ficaram juntos:

Aí eu estava grávida. Eu já estava de sete meses. Eu, em casa, assim, de repente, me chamam. Quem era? Era o Enio, o meu ex. Era o meu ex, que eu ficava. Aí, ele pegou, tudo, chegou, me chamou. Eu apareci lá, ele viu minha barriga, aí nós conversamos, né? Eu falei: como você ficou sabendo que eu estava grávida? Ele falou: Ah, me contaram. Eu falei: E você veio fazer o que aqui? Nisso ele começou a me conquistar, a querer me conquistar, a me trazer flores em casa e tudo o mais pra mim poder ficar com ele, que ele gostava de mim e tudo, e que não importava que eu estava grávida de outro, que queria fazer uma família comigo, que me amava e tudo o mais. Aí, tipo eu estava... é... Nesse tempo, eu estava... Não digo que eu estava carente assim, porque eu não... Eu acho

que eu consigo ficar muito e muito tempo sem homem assim, entendeu? Tipo... Não me faz falta. Entendeu? Aí, ele queria porque queria ficar comigo e eu falei: tudo bem. Então vamos tentar. Aí, a gente começamos a ficar, tudo. Aí, até que o meu filho nasceu. Ele me deu a maior assistência, foi no hospital, me tratava super bem, me ajudava bastante. Aí, ele pegou e disse: Vamos morar juntos. Só que ele não tinha uma condição assim... Não tinha uma casa para me colocar, tudo... Não estava trabalhando nem nada. Eu falei assim: Meu, como que eu vou viver com você se você não trabalha, não tem onde a gente ficar, eu estou sem emprego... Não, eu vou dar um jeito, eu vou dar um jeito. Uma hora ou outra, ele pegou e arrumou um serviço. Começou trabalhar em negócio de metalúrgica, sei lá. Negócio lá. Aí eu peguei e falei assim: e aí? E agora? Aí, ele pegou, arrumou serviço, registraram ele, tudo, aí, nós alugamos uma casa. Alugamos uma casa e começamos. Assim que a minha filha nasceu, nós já... Depois de vinte dias mais ou menos nós já começamos a morar junto.

Gosta de seu companheiro, apesar de ter dito inicialmente que não gostava:

Ah... Eu gosto dele. Eu gosto dele, assim, eu acho que por causa da convivência. Acho que é por causa da convivência. O meu primeiro filho chama ele de pai. É como se fosse uma família mesmo, assim, sabe? Ele gosta... Dá pra ver que ele gosta mais do meu filho do que do próprio filho dele. Ele é mais apegado ao meu filho. Então, é o que faz a gente... Cativar a pessoa. Sabe assim, ele me cativa por isso, entendeu? Eu gosto dele por causa disso. Ele dá atenção, tudo, ele tenta fazer o que ele pode.

Conta sobre sua dificuldade financeira:

Só que, há uns tempos atrás, ele... Ele, tipo assim... Ele foi mandado embora do serviço e, há uns tempos atrás, agora ele começou a ficar com a cabeça muito perturbada. Ele fala: Ah, e agora? O que a gente vai fazer? A gente paga aluguel; é água, é luz, é despesa... O que a gente vai fazer? Eu falei assim: Ah, meu... O negócio é o seguinte: Vamos procurar serviço. Vamos procurar serviço, né? Aí, o meu compadre me ajuda bastante. Ele falou assim: Olha, eu vou pagar a escola das crianças... Eu pago a escola das crianças e vocês vão atrás de serviço; em termos da escola, o que tiver que pagar eu pago. Aí, eu coloquei os meus dois filhos na escolinha particular, tudo. Eles estudam lá. Aí, o meu compadre arca com a responsabilidade de pagar e nisso, o meu marido vai atrás de serviço e eu também. Eu já entreguei bastante

currículo, tudo. Eu estou esperando me chamar. Já me chamaram, eu fiz teste. Aí, foi isso que eu falei para você, que eu não pretendo ficar aqui. É como se tipo eu... Vai... Se me ligarem hoje, hoje eu estou saindo daqui. Então, não é aquele negócio: Ah, eu vou ficar aqui para o resto da vida porque isso não é vida, entendeu?

Ela acredita que não vai ficar muito tempo na prostituição e que não tem vontade de fazer sexo, veio por necessidade:

A vida de prostituição é uma coisa assim... Se eu falar pra você assim: ah, eu gosto de sair porque eu gosto de fazer sexo... Não! Isso eu não tenho... Eu não sinto falta. Não sinto falta, entendeu? Tipo... Se eu estou aqui hoje é pra tentar não deixar faltar as coisas para os meus filhos, entendeu? Como ele nunca faltou, então agora que eu estou desempregada, o meu marido está desempregado, eu pago aluguel, é água, é luz, é despesa, então, eu quero que continue assim. Como eu já tive aquela experiência de ter saído com o amigo de uma amiga minha e eu vi como que era, aí eu optei por essa opção, entendeu? Hoje eu estou aqui, tudo, mas eu pretendo não ficar muito tempo.

Compara o afeto que sente por esse “amigo” e compara com seu atual companheiro:

Já peguei uma afinidade com ele, entendeu? Que nem esse meu marido. Ele me liga. Várias vezes. Só que hoje... Faz bem mais. Que eu conheço ele... Faz bem mais, mas, que eu saio com ele tem três anos. Mas hoje, ele já me liga assim: Tudo bem? Como que você está? Seus filhos estão bem? Você está precisando de alguma coisa? Quer que eu leve alguma coisa para você? É assim, e não: Ah, vamos sair que eu vou te pagar. Jamais! Nunca ele falou isso, entendeu? É uma coisa assim: eu tenho uma afinidade com ele, a gente sai junto, tal e ele me ajuda, entendeu? Já cheguei a sair com ele e não cobrar. Foi como eu falei, entendeu? Porque eu não cobro, entendeu? Eu não pego e falo: e meu dinheiro? Me dá meu dinheiro. Não! Jamais! Ele me ajuda, sempre, sempre, sempre. Às vezes... Já chegou de vez ele me dar se eu pedir e sem eu precisar sair com ele. Então, não é uma coisa assim, tipo: eu estou fazendo um programa, entendeu? Porque nunca foi esse... Entende? Tipo... Assim... Já... Mas eu ainda saio com ele de vez em quando, quando dá pra sair com ele. Ele tem... Acho que uns 30 anos. Ele é uns 10 anos mais velho do que eu.

A entrada na boate foi por meio do contato com um amigo:

Eu entrei aqui... Tipo... Eu conheço... Tem um amigo meu que... de balada, muito tempo, né? Hoje ele tem amizade comigo, com meu marido, ainda também. Ele vai em casa, tudo. E ele saiu com uma das meninas daqui. Ele gostou dela, tal, né? Aí, eu estava comentando, para mim que ia aqui ver ela. Aí, eu pedi pra ele pra mim vir aqui, pra me trazer, pra mim conhecer a casa. Aí, foi até então que eu passei a ficar. Vim conhecer a casa e fiquei. Ele é de confiança. Eu conheço ele há muitos anos. Sempre me ajudou também no que ele pode.

Refere que hoje usa mais de um meio de prevenção, preservativos e pílula do dia seguinte:

Bom, eu me cuido assim, tipo... Preservativo sempre. Preservativo sempre. E se eu desconfiar de qualquer coisa que seja assim, só de passar pela minha cabeça, sempre eu tomo agora essa pílula do dia seguinte. Eu sempre tomo, entendeu? Mesmo assim... Só passar pela minha cabeça, eu pra evitar, eu tomo. A pílula do dia seguinte.

Conta que está se cuidando bastante, foi ao médico e que seus exames laboratoriais foram negativos:

E eu estou indo no médico agora. Eu vou... eu tenho uma consulta agora, mês que... esse mês, e eu vou estar pedindo para ele me colocar o Diu. ...Colocar o Diu em mim. Mais uma medida. Com certeza, mais uma. Até com o meu marido eu uso, entendeu? Tem caras que não usam. Mas eu uso pelo fato assim... Eu já passo por uma situação difícil; eu já tenho dois filhos para criar, um de cada pai. Aí, eu engravidado de novo? Para mim, não vai dar certo. E eu vejo como está sendo difícil para mim arrumar serviço, tudo mais, por causa dos dois. Então, eu já evito bastante disso. E não por doença, assim, que eu sei que ele não tem. Não por isso, entendeu? Mas é mais pela gravidez mesmo.

Conta que seu atual companheiro era usuário de drogas e que acredita que ele está abstinente:

Aí, ele começou a passar droga. Começou a passar droga, começou a usar droga também, a consumir. Ele usava cocaína. Cocaína. Aí, depois ele saiu... Aí, procurou uma das melhores clínicas. Aí, ele pegou e foi. Não. Foi para uma chácara. Nisso, ele virou pastor. (...) Aí, foi nessa casa de recuperação que eu conheci ele. Sei que ele estava limpo. Hoje faz três anos que eu estou com ele e ele nunca teve recaída, pelo que eu vejo... Eu nunca vi ele ter uma recaída... Ele não é de beber, não bebe cerveja, não bebe nada. Porque isso tudo influi. O único vício que ele tem, como eu, é o cigarro. Eu também, nunca passou pela minha cabeça de usar, nunca tive vontade de experimentar. Convivi, conheço pessoas que usam, tudo, mas...

Refere que não usa em demasia álcool, somente tabaco. Nega uso de drogas:

Não, bebida... Eu não sou de beber. Depende, assim, do local. Se eu estou num lugar com o pessoal, amigos, assim, um barzinho, eu tomo uma coisinha leve. Não sou de beber cerveja; odeio cerveja. Se eu bebo, é coisinha mais leve, mais doce, e bem tranquila. Nossa... Eu comecei a fumar cedo. Comecei a fumar cedo, com uns dez anos. A minha mãe foi descobrir que eu fumo com 17 anos. Eu nunca fumei perto dela, dentro de casa. Sempre na rua. Mas eu comecei a fumar cedo.

Revela logo depois o que quer ser e o que é:

Porque eu pretendo... Tipo assim, eu tenho uma profissão, entendeu? Eu sou vendedora, eu trabalhei muito tempo como vendedora. Eu tenho objetivos. Eu gosto de matemática. Eu pretendo terminar agora os meus estudos nesse ano que vem. Eu já fiz matrícula, tudo. Vou terminar. Pretendo fazer a minha faculdade. Eu quero dar uma vida melhor para mim e para os meus filhos.

Compara a prostituição com a facilidade de conseguir dinheiro:

Tipo assim... Não estou falando que aqui não dá dinheiro. Se você saber usar a cabeça, dá sim! Ah, tipo assim... São... é... é... A gente vê de tudo aqui dentro, né? A gente vê de tudo. Eu, ontem, eu tive três; três programas, mas foi com pessoas jovens, da minha idade, assim, já mais... né? Então, já foi uma coisa mais tranquila para mim. A gente conversava bastante. Foi como se eu estivesse saindo de um barzinho, de um lugar assim... conhecesse um cara e fosse ficar. Para mim foi tranquilo. Eu tento controlar bastante, assim, a minha

auto-estima, a minha... é... Ansiedade, vontade, tudo. Eu tento... Eu fumo um cigarro, já era! Pronto.

No fim da entrevista reitera que quer sair dessa vida pelos filhos:

É uma coisa assim que eu fico muito contente, de ver que eles não estão passando necessidades, sabe? Então, eu já fico mais tranquila. Então, para mim, isso é o ideal; é o principal. Meus filhos estando bem, para mim está ótimo, entendeu? Eu me viro do jeito que eu posso!

Porque eu pretendo... tipo assim, eu tenho uma profissão, entendeu? Eu sou vendedora, eu trabalhei muito tempo como vendedora. Eu tenho objetivos. Eu gosto de matemática. Eu pretendo terminar agora os meus estudos nesse ano que vem. Eu já fiz matrícula, tudo. Vou terminar. Pretendo fazer a minha faculdade. Eu quero dar uma vida melhor para mim e para os meus filhos.

8.2.10 Bia: a décima entrevistada

Bia é a mais jovem das entrevistadas e a que mais vivenciou a prostituição. Iniciou aos 16 anos.

“Olha... “Eu estou nessa vida já vai fazer 3 anos”.

Igualmente à história de Madalena, foi à procura de emprego para a vaga de recepcionista. Não foi prostituída nesse momento, porém foi seduzida, após alguns meses, pela oferta financeira do gerente que lhe telefonou.

A entrevista durou 30 minutos e ela teve muita dificuldade de falar, porque estava visivelmente abalada.

Inicia sua narrativa associando o fato de ser garota de programa como um trabalho e revela toda violência da mãe:

Olha... Eu estou nessa vida já vai fazer 3 anos. Eu comecei... Eu ia procurar como recepcionista. Aí eu cheguei, eu comecei numa *privê*, fui lá para vaga de recepcionista. Só que, chegando lá não era vaga de recepcionista e sim para garota. Eu estava precisando bastante de trabalhar, tudo. Fui até a casa, escutei a proposta do dono da casa, tudo, mas aí eu não aceitei. Daí, eu dei o meu telefone para ele, tudo e fui pra minha casa. Depois de dois meses, ele me ligou perguntando se eu não tinha certeza, se eu não queria ficar lá como garota, porque compensava mais para mim ser garota do que ser recepcionista. E estava apertado, porque meu pai tinha se separado da minha mãe já tinha 4 anos. Procurei trabalho em tudo quando é lugar e não consegui. A minha mãe jogava na minha cara que eu não ajudava em casa, nada. Então, eu falei: o jeito é trabalhar! Aí eu fui, dei um tempo e aceitei a proposta dele. Aí eu comecei. No começo, foi difícil, tudo. Fiquei quase 2 anos trabalhando pra ele e todo o dinheiro que eu pegava era direto na mão da minha mãe. Não ficava com nada pra mim, entendeu? Se eu não chegasse com o dinheiro, eu ouvia crítica e ela me xingava de tudo que é nome, sabendo o que eu estava fazendo e tudo. Mas tudo bem. Aí eu fui para uma boate à noite e comecei a trabalhar.

Ela refere que ficou dos 16 aos 18 anos trabalhando no mesmo lugar e que entregava todo o dinheiro para o sustento da casa.

No começo foi difícil, tudo. Fiquei quase dois anos trabalhando pra ele e todo o dinheiro que eu pegava era direto na mão da minha mãe. Não ficava com nada pra mim, entendeu? Se eu não chegasse com o dinheiro, eu ouvia crítica e ela me xingava de tudo que é nome, sabendo o que eu estava fazendo e tudo. Se eu não chegasse com o dinheiro, eu ouvia crítica e ela me xingava de tudo que é nome, sabendo o que eu estava fazendo e tudo. Mas tudo bem. Aí eu fui para uma boate à noite e comecei a trabalhar. Fiquei grávida nessa boate. Aí, a minha vida pra cá, depois que eu fiquei grávida, ficou pior. Aí, eu tenho que trabalhar agora para sustentar meu filho.

Diz que sempre sustentou a casa até o 8º mês de gravidez, quando seu filho nasceu prematuramente e que logo após o parto voltou ao trabalho.

Eu trabalhei grávida até os... Ele nasceu prematuro, nasceu de oito meses. Eu trabalhei até o último dia de ele nascer. Eu trabalhei até no sábado. Na segunda-feira eu tive ele. Eu trabalhei até os oito meses. Aí depois, eu não esperei dar quarentena. Deu quinze dias, eu voltei a trabalhar para não ficar em casa ouvindo minha mãe falar nada. Aí, eu sustento meu filho sozinha. Ele está no meu nome e tudo, sozinha.

Refere que nunca usou drogas ou bebida:

Nunca usei drogas. Nem cigarro. Não suporto nem cheiro de cigarro. Se as meninas estão fumando perto de mim eu não fico. Nem bebida eu bebo.

Mas revela que o pai era alcoólatra e que fazia uso de solventes e que, ao chegar em casa, agredia tanto sua mãe como ela. Conta que dos irmãos (cinco) foi a que mais sofria a agressão dos pais:

Então, ele já chegava doido em casa. Aí ele queria descontar na minha mãe, só que aí eu não queria ver ele bater na minha mãe e não deixava. Então, ele ia e descontava em nós. Eu tenho seis irmãos, só que os pequenos ainda não tinha. Só tinha meu irmão de anos que passava pelas mesmas coisas que eu passava. Só que meu pai e minha mãe, para maltratar mesmo era.

Acredita que por tudo que viveu “*seria uma pessoa revoltada*”, mas que não se enveredou no uso de drogas porque pensa no filho e na família:

Nunca usei drogas. Nem cigarro. Não suporto nem cheiro de cigarro. Se as *meninas* estão fumando perto de mim eu não fico. Nem bebida eu bebo. (...) Meu pai é decorador, só que ele mexe com cola e a cola subia pra cabeça dele. Então, ele já chegava doido em casa. Aí ele queria descontar na minha mãe, só que aí eu não queria ver ele bater na minha mãe e não deixava. Então, ele ia e descontava em nós... Faz um bom tempo que eu não vejo meu pai, mas mesmo quando eu ia nas festinhas da escola, ia com meus irmãos nas festinhas que tinha, quermesse, assim, era confusão. Eu não podia conversar com uma amiga minha que ele já achava que era outra coisa, né? Isso me deu mais revolta porque meu pai sabia que eu não estava fazendo nada e então...

Olha, se eu fosse... Eu seria uma pessoa revoltada. Que nem, eu conversei com um grande amigo meu e ele falou pra mim assim que, por tudo que eu passei, se eu quisesse ser uma *menina viciada* e fazer tudo que as outras meninas fazem, era pra eu ter entrado numa fria. Eu que não entrei porque eu tive *minha cabeça*... Eu penso em mim, penso no meu filho, penso nos meus irmãos...

Refere ter saído de casa há apenas uma semana e está na casa de uma amiga da boate.

Não estou falando com a minha mãe. Ela me deixou um tempo sem eu ver meu filho, ela não quer deixar eu ver meu filho porque eu fiquei um tempo sem trabalhar e ela falou que eu não estava sustentando meu filho, que eu não tinha dinheiro nem pra... sei lá. Só que eu falei que a culpa não é minha. Eu não estava trabalhando, não podia trabalhar. Só que todo o dinheiro que eu pego eu mando o meu irmão entregar pra minha mãe, ele vai e entrega pra minha mãe. Mas mesmo assim, ela nunca está satisfeita, entendeu?

Porém refere desejar voltar a viver com a mãe por causa do filho:

Olha, eu quero voltar pra minha casa porque assim eu vou ficar perto do meu filho, porque eu estou aqui e fico pensando nele, entendeu? Chega a noite, eu dormia juntinho com ele.

Refere que mesmo depois da briga com a mãe marcou um encontro com o irmão, e entregou metade do seu dinheiro, para que a mãe possa sustentar seu filho de 7 meses:

Eu ligo para o meu irmão, para ele ir na estação, dou o dinheiro para ele entregar, para mandar para o meu filho. Aí, eu fico com a metade e dou a metade porque eu tenho que ajudar nas despesas.

Acredita que a mãe cuida bem do filho apesar de referir ao jeito dela:

Ela sendo do jeito que ela é, ela cuida dele. Não tem ninguém melhor pra cuidar dele para mim. Eu estou aqui, deixando ele lá porque eu sei que ele está em boas mãos.

Conta que saiu de casa pelo fato de que sua mãe a humilha e a expõe para outras pessoas:

Eu saí de casa por briga porque minha mãe, ela nunca entende nada. Só ela que está com razão, entendeu? Eu falo alguma coisa pra ela, e ela: não. Ela nunca está errada e eu estou errada em tudo. E ela não é de conversar com o a gente está conversando, nada; ela é de fazer escândalo no meio da rua, de xingar de tudo que é nome, sabendo o que você faz.

Ela grita: vai, vai lá pro puteiro, não sei o quê... (*Sua puta*) Ela fala desse jeito. Ela quer o quê? Que todos os vizinhos escutem? Nossa! Eu vou ficar num lugar que todo mundo sabe o que eu faço? E eu falei no começo: eu vou entrar, mas eu confio em você pra você não falar pra ninguém. Porque eu sabia como ela era. Só que aí não adiantou nada. Até o meu irmão de 18 anos sabe por causa dela, de tanto ela ficar falando.

Acredita que sua mãe compete com ela e interfere em seus relacionamentos:

Eu não estou hoje com o pai do meu filho porque a minha mãe não aceitou porque a minha mãe faz muito a cabeça de todos os meus namorados. Porque a minha mãe é assim: a minha mãe não quer me ver com ninguém; ela quer me ver sozinha, entendeu? Antes da minha primeira vez, eu namorei com ele cinco meses. Aí, minha mãe fazia a cabeça dele, tudo, mas aí ele não acreditava. Até que um dia, minha mãe inventou uma história para ele que eu estava com outro homem sem não estar. Ela gosta de se gabar: falar que os meus namorados estão de olho nela, entendeu? Então, vixi...

O pai do meu filho mesmo, ela fala que liga pra ela, dando cantada nela.

Quer sair da prostituição, porém vislumbra essa saída mais pela parceria com um namorado do que ter a garantia de um emprego:

E ele é bem de vida, entendeu? Se ele souber o que eu estou fazendo, meu Deus...

Como eu disse: eu quero arrumar um trabalho digno, dar um futuro melhor para o meu filho, sair dessa vida porque não é vida pra ninguém. Me ajudou bastante, mas não é vida pra ninguém. Me ajudou um pouco minha mãe parar de ficar me enchendo o saco por causa de dinheiro, porque dinheiro nunca faltou; me ajudou numa boa parte eu sustentar meu filho porque eu sustento ele sozinha. Eu não tenho ajuda do pai. Ninguém me ajuda em nada. Isso eu tenho certeza que, faltar, não falta nada para o meu filho. Eu pensei porque assim eu vou ficar pertinho do meu filho. Eu vou aguentar, né? Fazer o que? Eu vou aguentar os desaforos e vou voltar. Eu quero arrumar um trabalho digno, cuidar do meu filho... Eu namoro já faz seis meses. Estou firme com ele mas é chato ele saber, né? Ele me conheceu dentro da boate, numa boate que eu estava trabalhando. Só que eu fiquei 2 meses sem ir trabalhar, escondida. Falei para ele que não estava, como agora; ele acha que eu não estou trabalhando porque vai ser pior quando ele descobrir, né? Então, eu não quero mais continuar assim não. Ver meu filho crescer e saber o que eu faço.

Em seguida, relata o que acha dessa atividade:

Não quero ver meu filho crescer e saber o que eu faço...

É um dinheiro fácil, como todo mundo acha, como todas as mulheres criticam. Até homens falam que as mulheres: Ah, está ganhando dinheiro fácil. Mas não sabem o que a gente passa pra ganhar esse dinheiro. Não é fácil. Tem que aturar vários tipos de homens que você nunca viu na sua vida, deixar ele fazerem o que querem com você, te tratarem como um boneco. Aquele homem... Às vezes, você pode até... Não aconteceu comigo, mas já aconteceu com algumas meninas que eu conheço, de apanhar dentro do quarto, de ele te obrigar a fazer coisas que você não faz. Vi, em muitas boates, meninas cheirando farinha, fumando maconha, se embriagando.

Relata que a violência dos clientes e a dificuldade de receber seu pagamento foram os motivos que a levaram mudar de local de atividade:

Eu estava trabalhando num privê, em Santo André, e o patrão de lá começou a implicar. Ele não pagava certo pra gente. E tinha sempre o comentário dessa casa de outras meninas que iam pra lá, né? Então, eu e minha amiga, a gente veio aqui ver como funcionava, a gente gostamos e já estamos aqui faz uma semana.

A violência dos clientes:

Aqui está melhor que a outra. Aqui, os clientes são mais... mais civilizados. Não são como lá, que eles te obrigavam a fazer várias coisas que você não queria e ele reclamava. Foi de tentar fazer sexo anal e eu ter que sair do quarto e ir falar com o dono da casa. Só essa vez. Aí, eu fui lá em cima, corri, saí do quarto, fui na sala do dono e falei pra ele que não ia voltar pro quarto porque o cliente estava me obrigando a fazer uma coisa que eu não queria fazer. Aí ele foi, desceu, conversou com o cliente e o cliente foi embora.

Revela seu conhecimento e prevenção das DST/aids. Sustenta que usa preservativos com todos os clientes, porém conta que não usa com seus namorados, haja vista sua gravidez com o amigo do dono, com quem namorou e depois viveu “casada” alguns meses e o atual parceiro:

Com o meu namorado eu não uso. O pior é isso. Eu não uso. O meu medo é de ficar grávida de novo, né? (...) A gente não usa preservativo. Eu fiz os exames e eu não estou grávida. Ainda, só que assim, eu tomo remédio. Eu tomo remédio Ciclo 21. Só que aí deu uma desregulada porque eu tomei 2 meses direto para segurar a minha menstruação porque... Pra não descer porque para o que a gente faz não pode, né? Aí desregulou, eu fiquei um tempo sem tomar. Aí, eu vou ter que voltar a tomar essa semana porque meu médico pediu para mim tomar. Mas não aconteceu, graças a Deus. Já pensou mais um? Aí que eu morro mesmo.

Ela nutre sentimentos por esse namorado, porém desconfia dessa relação:

Conheci os filhos dele. Isso em um mês. Agora já faz quatro meses que a gente está junto. Só não conheço a filha dele, que tem a mesma idade que eu. Eu vejo ele sempre. E isso

que está me preocupando porque a gente se via sempre. Agora, eu ligo, ele fala: Ah, tá; mais tarde você liga. Quando eu ligo ele não pode. Está assim. Aí, minha amiga fala que está parecendo que ele só vem quando ele quer. O pior é que eu não tenho coragem de falar as coisas que eu quero falar para ele achando que ele vai querer acabar comigo, entendeu? Ah, falar para ele ver o que ele quer de verdade, se ele quer mesmo ficar comigo, por que ele está fazendo essas coisas comigo... Só que aí, na hora que você chega para falar não dá coragem. Você acha que ele vai querer acabar ali. E eu não quero perder ele não. Eu gosto dele pra caramba.

Luis Sacilotto. S/n. 1948⁹⁵

PRAÇA S/A

Na praça moças em promoção
 Alteram a rotina dos dias
 Expondo o prazer dos corpos
 Ao alcance dos olhos e das mãos
 Uns passam fingindo não ver
 Outros acomodam-se nos bancos
 E entre o observar e o absorver
 misturam-se ofício e prazer
 Das necessidades
 Algumas são fulanas
 Das vaidades
 Poucas são sicranas
 Na flôr da idade
 Escondem-se beltranas
 Nas badaladas dos sinos
 Solidão, sonhos e preguiça
 Soando entre os destinos
 Sagrando-se com a santa missa

Zhô Bertholini⁹⁶

⁹⁵ Sacilotto L. Figura sem nome (1948). Óleo sobre tela, 47 x 60 cm. Acesso em: 17 jan 2008. Disponível em: <http://www.sacilotto.com.br/120.html>

⁹⁶ Bertholini Z. A praça S/A (2000). In: Bertholini Z. *Poética Urbana*. Inédito.

9. REFERÊNCIAS

Abramovay M, Lorena MGC, Silva B. Juventude e sexualidade. Brasil: UNESCO, 2004.

Aguiar JM, Simões Barbosa RH. Relações entre profissionais de saúde e mulheres HIV+: uma abordagem de gênero. *Cad Saude Pub.* 2006; 22: 2115-23.

Alberti S, Inem CL, Rangel FC. Fenômeno, estrutura, sintoma e clínica: a droga. *Rev Latinoam Psicopat Fund.* 2003; 3: 11-29

Alberti V. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil; 1989.

André S. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Zahar; 1998.

Angrimani D. Meninas se prostituem por drogas. *Diário Grande ABC*. 2003; 6 jul. p.1.Setecidades.

Anjos JCG. Sexualidade juvenil de classes populares em Cabo Verde: os caminhos para a prostituição de jovens urbanas pobres. *Rev Estud Fem.*2005; 13:163-77.

Aptekar L. Characteristics of street children of Colombia. *Child Abuse Negl.* 1989; 133: 427-37.

Aptekar L. Crianças de rua nos países em desenvolvimento: uma revisão de suas condições. *Psicol Reflex Crit.*1996; 9: 153-84.

Assis AAF. Inquisição, religiosidade e transformações culturais: a sinagoga das mulheres e a sobrevivência do judaísmo feminino no Brasil colonial - Nordeste, séculos XVI-XVII. *Rev Bras Hist.* 2002; 22: 47-66.

Ayres JCRM, França-Junior I, Calazans GJ, Saletti Filho HC. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: Czeresnia D, Freitas CM, organizadores. *Promoção da saúde: conceitos, reflexões e tendências*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003a. p. 117- 40.

Ayres JCRM, Franca-Junior I, Calazans GJ. Vulnerabilidade e prevenção em tempo de Aids. In: Barbosa RM, Parker R, organizadores. *Sexualidade pelo avesso: direitos, identidade e poder*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ; 1999. p. 49-72.

Ayres JCRM, Freitas AC, Santos MAS, Saletti Filho HC, França Junior I. Adolescência e aids: avaliação de uma experiência de educação preventiva entre pares. *Interface Comunic Saude Educ.* 2003b; 7: 123-38.

Ayres JCRM, Segurado ALC, Galano E, Marques, HHS, França Jr I, Silva MH et al. *Vulnerabilidade e cuidado: atenção psicossocial na assistência à saúde de adolescentes vivendo com HIV/aids. Relatório final 2001-2003.* São Paulo: Enhance Care Initiative/ECI; 2004.

Azevedo MA, Guerra VA, organizadores. *Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento.* São Paulo: Cortez; 1993.

Bagley C. Adolescent prostitution in Canada and Philippines: statistical comparisons, an ethnographic account and policy options. *Int Soc Work.* 1999; 42: 445-54.

Bailey SL, Camlin CS, Ennet ST. Substance use and risk sexual behavior among homeless and runaway Youth. *J Adolesc Health.* 1998; 23: 378-88.

Baker LM, Case P, Policicchio DL. General health problems of inner-city sex workers: pilot study. *J Med Libr Assoc.* 2003; 91:243-9.

Bardin L. *Análise de conteúdo.* 4ª.ed [2006]. Lisboa: Ed.70; 1977.

Bastos FI, Szwarcwald CL. AIDS e pauperização: principais conceitos e evidências empíricas. *Cad Saude Pub.* 2000; 16: 65-76.

Batista A. A clínica do sintoma em Freud e Lacan. *Latusa digit.* 2005;13;1-5.

Becker D. *O que é adolescência.* São Paulo: Editora Brasiliense; 2003.

Benetti SPC, Ramires VR; Schneider AC, Rodrigues APG; Tremarin D. Adolescência e saúde mental: revisão de artigos brasileiros publicados em periódicos nacionais. *Cad Saude Pub.* 2007; 23: 1273 - 82.

Bertholini Z. (2000). *A praça S/A: Poética Urbana.* (inédito); 2007.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus; 2003.

Birman J. *Mal estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação.* RJ. Civilização Brasileira; 1999.

Bochner R. Perfil das intoxicações em adolescentes no Brasil no período de 1999 a 2001. *Cad. Saude Pub.* 2006; 22: 587-95.

Bosi E. *Memória e sociedade: lembrança de velhos.* São Paulo: Companhia das Letras; 1994.

Brasil. [Ministério da Saúde]. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 01/88. 13 jun 1988. Dispõe sobre a aprovação das normas de pesquisa em saúde. Acesso em: 18 maio 2007. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/docs/Resolucoes/Reso196.doc>

Brasil. [Ministério da Saúde]. Coordenação Nacional de DST e Aids. *Manual de redução de danos*. Brasília: DF; 2001b.

Brasil. [Ministério do Trabalho e Emprego]. Classificação Brasileira de Ocupações - CBO 2002. Portaria nº 397 de 09 de Outubro de 2002. Dispõe sobre ocupações. Código de nº5198-05/Profissionais do Sexo. Acesso em: 25 de out 2006. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=5198-05>.

Brasil. *Classificação Brasileira de Ocupações – CBO* [Ministério do Trabalho]. Dispõe sobre o código que regulamenta a atividade: 5198-05; 2005. Acesso em: 10 jun 2007. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=5198-05>.

Brasil. *Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA. São Paulo: Atlas; 2003.

Brasil. *Lei nº10.216 de 4 de Abril de 2001*. Lei da Reforma Psiquiátrica. Dispõe sobre o novo modelo de tratamento aos transtornos mentais. Brasília:DF; 2001 a. Acesso em: 18 maio 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei10216.pdf>

Brasil. Ministério da Saúde. *A política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas*. Brasília, DF, 2004.

Brasil. Ministério da Saúde. Carta dos direitos dos usuários da saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Acesso em: 18 mai 2007. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_cor.pdf.

Brigagão JI. *Prostitutas no Jardim da Luz: Dor e prazer na batalha da sobrevivência*. [tese]. Instituto de Pós-Graduação de Psicologia, Universidade de São Paulo; 1998.

Brijnath B. TIME: Engendering AIDS in Africa. *Culture Health Sexual*. 2007; 9: 371 - 86.

Briski Z, Kauffman R. *Born Into Brothels: Calcutta's Red Light Kids*[filme]. Índia/EUA.2004. 85min. color.son. 16mm.

Brito AM, Castilho EA, Szwarcwald CL. AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. *Rev Soc Bras Med Tropical*. 2000; 34: 207-17.

Brito AM. A evolução e distribuição social da doença no Brasil. 2006. Acesso em: 05 jun 2008. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=13&id=116>.

Brunner ILPD. *Considerações sobre a devastação mãe-filha: elementos para uma clínica da adolescência feminina* [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2008.

Carvalho JA. *O amor que rouba os sonhos: um estudo sobre a exposição feminina ao HIV*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003.

Carvalho SB. *As virtudes do pecado: narrativas de mulheres a "fazer a vida" no centro da Cidade* [mestrado]. Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2000.

Castro RV. Representações sociais da prostituição na cidade do Rio de Janeiro. In: Spink MJ, organizadores. *O conhecimento no Cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense Ed; 2004.

Charaudeau P, Maingueneau D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto; 2006.

Coelho dos Santos T. O analista como parceiro dos sintomas inclassificáveis. In: *A fuga das doenças impossíveis. Latusa: n° 7. Rev Escola Bras Psicanálise*. Rio de Janeiro: Contra capa Ed.; 2002.

Coelho dos Santos T. *Quem precisa de análise hoje?* Rio de Janeiro: Bertrand; 2001.

Coelho dos Santos T. *Sinthoma, corpo e laço social*. Acesso em: 02 nov 2007. Disponível em: <http://www.nucleosephora.com/laboratorio/aulas/sinthomacorporoelacosocial.pdf>

Conte M. *A clínica psicanalítica com toxicômano: o corte & costura no enquadre institucional*. Santa Cruz do Sul: EDUNUNISC; 2003a.

Conte M. Psicanálise e Redução de Danos: articulações possíveis? Trabalho apresentado na Jornada Clínica da APPOA: A direção da cura nas Toxicomanias: o sujeito em questão; 2003b.

Costa C; Lima ML. O papel do amor na percepção de invulnerabilidade à SIDA. *Rev Psicol (Portugal)*. 1998; 12: 41-62.

Courtine JJ. *História do Corpo: As mutações do olhar: o século XX*. Petrópolis: Vozes; 2008.

Cruz Neto O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: Minayo MC, organizador. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 2º. ed. Petrópolis: Vozes; 1994. p. 51 - 66.

De Carvalho FT, Neiva-Silva L, Ramos MC, Koller SH, Page Shafer K. Sexual and drug use risk behaviors among children and youth in street circumstances in Porto Alegre, Brazil. *Aids Behav*. 2006;10: 57- 66.

Delbon F, Da Ros V, Ferreira EMA. Avaliação da disponibilização de Kits de redução de danos. *Saude soc*. 2006; 15: 37-48

Delor F, Hubert M. Revisiting the concept of vulnerability. *Soc Sci Med*. 2000; 50: 1557 - 70.

Dépêche MF. As reações hiperbólicas da violência da linguagem patriarcal e o corpo feminino. *labrys, études féministes/ estudos feministas*. 2007. Acesso em: 02 fev 2008. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys12/livre/france.htm>.

Deslandes SF, Mendonça EA, Caiaffa WT, Doneda D. As concepções de risco e de prevenção segundo a ótica dos usuários de drogas injetáveis. *Cad Saude Pub*. 2002; 18:141 - 51.

Dias MGLV. O sintoma: de Freud a Lacan. *Psicologia em Estudo*. 2006a; 11: 399 - 405.

Dias MGLV. Le sinthome. *Ágora (Rio J.)*. 2006b; 9: 91-101 .

Dimenstein G. *Meninas da noite: a prostituição de meninas-escravas do Brasil*. 3a ed. São Paulo: Ática; 1992

Dimenstein M. A reorientação da atenção em saúde mental: sobre a qualidade e humanização da assistência. *Psicol Cienc Prof*. 2004; 24 (4): p.112 - 7.

Dobon J, Hurtado G. *Las drogas en el siglo, qué viene?* Buenos Aires: FAC; 1995.

Dor J. *Introdução`a leitura de Jacques Lacan: O inconsciente estruturado como uma linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1989.

Dourado I, Veras MAS, Barreira D, Brito AM. Tendências da epidemia de Aids no Brasil após a terapia anti-retroviral. *Rev Saude Pub*. 2006; 40: 9-17.

Esposito APG, Kahhale EMP. Profissionais do sexo: sentidos produzidos no cotidiano de trabalho e aspectos relacionados ao HIV. *Psicol Reflex Crit* 2006; 19: 329 - 39.

EUROPAP. The European Network for HIV/STD and prostitution. *Final report*: 1998-2000. União Européia: EUROPAP/TAMPEP; 2000.

EUROPAP/TAMPEP. Desarrollo de servicios para las personas que ejecen la prostitución en Europa. *Red Europea para La prevención de VIH/ETS em la prostitución* . União Européia: EUROPAP/TAMPEP; 1998.

European Center for Epidemiological Monitoring of AIDS. EUROHIV. Surveillance in Europe; end-year report 2003; n.69. [cited 2007 Dec 1]. Available from:
http://www.eurohiv.org/reports/report_69/pdf/rapport_eurohiv_69.pdf .

Farmer P. AIDS as a global emergency. *Bull World Health Organ*. 2003; 81(10); 699.

Ferraz A. Região tem sete abortos por dia, aponta estimativa. *Diário do Grande ABC*. Santo André; 2008. 18 mai. p.9-10. Setecidades.

Ferreira ABH. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira; 1988.

Fonseca EM, Nunn A, Souza-Junior PB, Ribeiro JM, Bastos FI. Decentralization, AIDS, and harm reduction: the implementation of public policies in Rio de Janeiro, Brazil. *Cad Saude Pub*. 2007; 23: 2134-44.

Fonseca MGP, Szwarcwald CL, Bastos F. Análise sociodemográfica da epidemia de Aids no Brasil, 1989-1997. *Rev Saude Pub*. 2002; 36: 678-85.

Fontanella BJB, Ricas J, Turato ER. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad Saude Pub*. 2008; 24: 17-27.

Foucault M. *História da sexualidade I – a vontade de saber*. 5º. Ed. Rio de Janeiro: Graal; 1994.

Freud S. A interpretação dos sonhos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago; 1974 (1900). v. 4-5. p. 1 - 660.

Freud S. Fragmentos de um caso de histeria. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago; 1974 (1905). v. 7. p 79- 80.

Freud S. Introdução ao narcisismo. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago; 1974 (1914). v. 14. p.89.

Freud S. O eu e o isso. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago; 1974 (1923). v. 19. p. 23-76.

Freud S. A dissolução do Complexo de Édipo. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago; 1974 (1924). v. 19. p. 217-28.

Freud S. Inibições, Sintomas e Ansiedade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago; 1974 (1926). v. 20. p.107-98.

Freud S. O Mal-estar na cultura e na civilização e outros trabalhos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974 (1929). v. 21. p. 81-178.

Freud S. Novas conferências introdutórias de psicanálise. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago; 1974 (1933). v. 22. p. 15 - 226.

Gaspar MD. *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1988.

Gomes R, Minayo MC, Fontoura MH. A prostituição infantil sob a ótica da sociedade e da saúde. *Rev Saude Pub*.1999; 33:171-9.

Gomes R. *O corpo na rua e o corpo da rua: a prostituição infantil feminina em questão*. São Paulo: Unimarco; 1996.

Gomes RF, Bentes L. *O brilho da infelicidade*. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise/Kalimeros; 1998.

Gonçalves EH, Varandas R. O papel da mídia na prevenção do HIV/Aids e a representação da mulher no contexto da epidemia. *Cienc Saude Coletiva*. 2005; 10: 229-35.

Gontijo DT, Medeiros M. "Tava morta e revivi": significado de maternidade para adolescentes com experiência de vida nas ruas. *Cad Saude Pub*. 2008; 24 (2): 469-72.

Gontijo DT, Medeiros M. Gravidez/maternidade e adolescentes em situação de risco social e pessoal: algumas considerações. *Rev Eletrônica Enferm*. 2004; 6: 394 - 9.

Grant WH. A mascarada e a feminilidade. *Psicol USP*. 1998; 9 : 249 - 60.

Greene JM, Ennet ST, Ringwalt C. Prevalence and correlates of survival sex among runaway and homeless youth. *Am J Public Health*. 1999; 89: 406-9.

Grossi FT, Nogueira SP. O social e as novas formas de sintoma: as toxicomanias. In Bentes L, & Gomes RF, organizadores. *O brilho da infelicidade*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998. p. 91- 8.

Grossman E. *O médico de adolescentes e o seu ofício: reflexões sobre as normas e a prática* [dissertação]. Rio de Janeiro: Instituto Fernandes Figueira da Fundação Oswaldo Cruz; 1995.

Guilhem D. *Escravas do Risco: bioética, mulheres e Aids*. Brasília: Editora UnB/Finatec; 2005.

Guimarães CD. Mulheres, homens e AIDS: o visível e o invisível. In: Bastos C, Galvão J, Parker R, organizadores. *A AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: Relumé – Dumará/ABIA/IMS, UERJ; 1994.

Guimarães EMB. Gravidez na adolescência: fatores de risco. In: Saito MI, Silva LEV, editores. In: *Adolescência: prevenção e risco*. São Paulo: Atheneu; 2001. p. 291-8.

Guimarães K, Merchan-Hamanann E. Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. *Rev Estud Fem*. 2005; 13: 525-44.

Guimarães K. Nas raízes do silêncio: a representação cultural da sexualidade feminina e a prevenção do HIV/AIDS. In: Parker R, Galvão J. *Quebrando o silêncio: mulheres e a AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará /ABIA/IMS/UERJ, 1996, p. 89-113.

Guimarães L. Não se apaixone: a máscara da feminilidade contemporânea. *Opção Lacaniana*. 2005; 44: 66-75.

Jodelet D. Representações do contágio e a AIDS. In: Madeira M, Jodelet D, organizadores. *AIDS e representações sociais: à busca de sentidos*. Natal: EDUFRRN; 1998.

Kahhale EMP. Mecanismos psíquicos da grávida adolescente. In: Tedesco JJ, Zugaib M, Quayle J, organizadores. *Obstetrícia Psicossomática* São Paulo: Ed. Atheneu; 1998. p. 243-51.

Kaufmann P. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: O legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 1996.

Kidd AS, Kral MJ. Suicide and prostitution among street youth: a qualitative analysis. *Adolesc*. 2002; 37: 412-29.

Knauth DR, 1998. A banalização da AIDS. *Horizontes Antropológicos*, 9: 171-202.

Knauth DR, 1999. Subjetividade feminina e soropositividade. In: Barbosa RM, Parker R, organizadores. *Sexualidades pelo Averso*. São Paulo. Editora 34. p. 122-35.

Kramer H, Sprenger J. *O martelo das feitiças*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 2000.

Lacan J. *O Seminário, livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1985.

Lacan J. *O Seminário, Livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1986.

Lacan J. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1988.

Lacan J. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1992.

Lacan J. *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1995.

Lacan J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1998.

Lacan J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 2003.

Lacan J. *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2005.

Lacan J. *O Seminário, Livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

Lagemann R. *Anjos do Sol*. 2006 [filme]. Brasil; 2006. 92 min. color. son. 16mm.

Leal ML, Leal MFP, editores. *Pesquisa sobre tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual comercial* (PESTRAF: Relatório Nacional-Brasil). 2002. Brasília, DF: CECRIA. Acesso em: 15 out 2006. Disponível em: http://www.cecria.org.br/pub/livro_pestraf_portugues.pdf

Leal MM, Saito MI. Síndrome da adolescência normal. In: Saito MI, Silva LEV, editores. *Adolescência: prevenção e risco*. São Paulo: Atheneu; 2001. p. 105 - 14.

Leal OF (organizadora). *Corpo e Significado - Ensaios de Antropologia Social*. Porto Alegre: Editora da Universidade; 1995.

Leite GS. *Eu, mulher da vida*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 1992.

Levi MA. *Péricles: um homem, um regime, uma cultura*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; 1991.

Lopes CS; Rabelo IVM; Pimenta RPB. A Bela Adormecida: estudo com profissionais do sexo que atendem à classe média alta e alta na cidade de Goiânia. *Psicol Soc.*2007; 19: 69-76.

Loyola MA. A percepção e prevenção da AIDS no Rio de Janeiro. In: Loyola MA organizador. *AIDS e sexualidade: o ponto de vista das ciências humanas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p.19-74.

Maciel C, Brito S, Camino L. Explicações das desigualdades sociais: um estudo com meninos em situação de rua de João Pessoa. *Psicol Reflex Crit.*1998; 11:209 - 32.

Maia C, Guilhem D, Freitas D. Vulnerabilidade ao HIV/Aids de pessoas heterossexuais casadas ou em união estável. *Rev Saude Pub.* 2008; 42, 2: 242 - 8.

Mann JM, Tarantola D. *A Aids no mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; 1993.

Marcelio ML. *História social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec; 1998.

Marcondes Filho W, Mezzaroba L, Conceição A, Turini AK, Akira Motomatsu Junior A, Shibayama EEM, et al.Tentativas de suicídio por substâncias químicas na adolescência e juventude. *Adolesc Latinoam*; 2002. Acesso em: 01 mar 2008. Disponível em: http://ral-dolec.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-71302002000200007&lng=es&nrm=iso

Marques AC, Petta R, Cruz MS. O adolescente e o uso de drogas. *Rev Bras Psiquiatr.* 2000; 22 (supl 2): 32-6.

Marshall G. *Pretty Woman* [filme]. EUA; 1990.119min.color.son.16mm.

Martin D. *Riscos na prostituição: um olhar antropológico*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Fapesp; 2003

Martins F. *O Nome Próprio: Da Gênese do Eu ao Reconhecimento do Outro*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; 1991. nova

Matheus TC. O discurso adolescente numa sociedade na virada do século. *Psicol USP.* 2003; 14:85-94.

Meihy JCB. *Brasil fora de si: experiências de brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola; 2004.

Meihy JCB. *Manual de história oral*. São Paulo Loyola;2000.

Melman C. *Alcoolismo, delinquência, toxicomania: uma outra forma de gozar*. São Paulo: Escuta; 1992.

Melman C. Sintoma. In: Roudinesco E, Plon M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1998.

Menke EM, Wagner JD. A comparative study of homeless, previously homeless and a never homeless school-age childrens health. *Compr Pediatr Nurs*. 1998; 20: 153-73.

Mesquita F, Seibel S. *Consumo de drogas: desafios e perspectivas*. São Paulo: Hucitec; 2000:33-4.

Meyer DE, Santos LHS, Oliveira DL, Wilhelms DM. 'Mulher sem-vergonha' e 'traidor responsável': problematizando representações de gênero em anúncios televisivos oficiais de prevenção ao HIV/AIDS. *Rev Estud Fem*. 2004; 12:51-76.

Mezzich AC, Giancola PR, Tarter RT, Lu S, Parks SM, Barret CM. Violence, suicidality, and alcohol/drug use involvement in adolescent females with a Psychoactive Substance use Disorders and Controls. *Alcohol Clin Exp Res*. 1997; 7: 300 - 7.

Miles GM. Children don't do sex with adults for pleasure: Sri Lanka children's views on sex and sexual exploitation. *Child Abuse Negl*. 2000; 24: 995 - 1003.

Miller JA. *Efectos terapêuticos rápidos: conversaciones clínicas con Jacques-Alain Miller*. Barcelona: Paidós; 2005.

Miller JA. Algumas reflexões sobre o fenômeno psicossomático. In: Wartel, R. *Psicossomática e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1990.

Miller JA. Os circuitos do desejo na vida e na análise. Rio de Janeiro: Contra Capa; 2000.

Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec/Abrasco; 1994.

Minayo MCS, Deslandes S. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. *Cad Saude Pub*. 1998 Jan; 14: 35-42.

Ministério da Saúde. 2005. Pesquisa de Conhecimento, Atitudes e Práticas na População Brasileira de 15 a 54 anos, 2004. Programa Nacional de DST e Aids. Brasília.

Ministério da Saúde. A saúde reprodutiva: gravidez, assistência pré-natal, parto e baixo peso ao nascer. In: *Ministério da Saúde*. Saúde Brasil 2004:

uma análise da situação de saúde. Brasília (DF): O Ministério; 2004. p. 69-83. Acesso em: 10 nov 2007. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/capitulo2_sb.pdf

Ministério da Saúde. Boletim epidemiológico Aids/DST. 2006; 3. Ano III, nº 01 – 01 ° à 26 ° semanas epidemiológicas. Jan - jun 2006.

Ministério da Saúde. Boletim epidemiológico Aids/DST. 2007; 4. , Ano IV, nº 01 – 01 ° à 26 ° semanas epidemiológicas. Jan - jun 2007. Acesso em: 10 dez 2007. Disponível em: <http://www.aids.gov.br>

Miranda AE, Gadelha AMJ, Szwarcwald CL. Padrão de comportamento relacionado às práticas sexuais e ao uso de drogas de adolescentes do sexo feminino residentes em Vitória, Espírito Santo, Brasil. *Cad Saude Pub.* 2005; 21: 207-16.

Mojtabai R, Olfson M, Mechanic D. Perceived need and help-seeking in adults with mood, anxiety or substance use disorders. *Arch Gen Psych.* 2002; 59:77-84.

Monteiro CFS, Costa NSS, Nascimento PSV, Aguiar YA. A violência intra-familiar contra adolescentes grávidas. *Rev bras enferm.* 2007;60:373-6.

Montenegro T. Diferenças de gênero e desenvolvimento moral das mulheres. *Rev Estud Fem.* 2003; 11: 493-508.

Moraes AF. Mulheres *da vila*: prostituição, identidade social e movimento associativo. Rio de Janeiro: Vozes; 1996.

Mountian I. Questões éticas e morais do conceito de drogadição. In: Portugal Online Journal: Portal da Psicologia. 2002. Acesso em: 25 nov 2007. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0218.pdf>.

Moura SL, Harpham T, Lyons M. The social distribution of explanations of health and illness among adolescents in São Paulo, Brazil. *J Adolesc.* 2003; 26:459-73.

Nappo SA, Sanchez ZM, Oliveira LG, Santos SA, Coradete Jr J, Pacca JCB, Lacks V. Comportamento de risco de mulheres usuárias de crack em relação às DST/aids. São Paulo: CLR/Balieiro; 2004.

Nascimento AMG, Barbosa CS, Medrado B. Mulheres de Camaragibe: representação social sobre a vulnerabilidade feminina em tempo de AIDS. *Rev Bras Saude Mater Infant.* 2005; 1: 77-86.

Nogueira Filho DM. *Toxicomanias*. São Paulo: Escuta; 1999.

Nogueira LA, Bellini LM. Sexualidade e violência, o que é isso para jovens que vivem na rua. *Texto Contexto Enferm*. 2006; 15: 610-6.

Noto AR, Galduroz JC, Nappo, SA, Fonseca AM, Carlini MA, Moura YG, Carlini ELA. Levantamento nacional sobre uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua nas 27 capitais brasileiras 2003. São Paulo: CEBRID; 2004.

Noto AR, Nappo SA, Galduroz JC, Mattei R, Carlini EA. Use of drugs among street children in Brazil. *J Psychoactive Drugs*. 1997; 29:185-92.

Nunes ABJ. *Êxtase e clausura*: sujeito místico, psicanálise e estética. São Paulo: Annablume/Fapesp; 2005.

Nunes ELG. *Adolescentes que vivem na rua*: um estudo sobre a vulnerabilidade ao HIV/aids, relacionada, à droga, à prostituição e à violência [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade São Paulo; 2005.

Oliveira NS, Medeiros M. Histórias de vida de meninas com experiência pregressa nas ruas: perspectivas do processo de inclusão social. *Rev Eletron Enferm*. 2006; 8: 119-27.

Oltramani LC, Camargo BV. Representações sociais de profissionais do sexo sobre prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e contracepção. *Psicol Teor Prat*. 2004; 6:75-87.

Organização Mundial da Saúde- OMS/WHO. *Código Internacional de Doenças - Décima revisão (CID-10)*, 1990. Disponível em: <http://www.who.int/classifications/icd/en/>. Acesso em: 01 dez 2006.

Orlandi E. *Análise do Discurso*: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes; 2003.

Pacheco ALP. O feminino e as drogas na atualidade. *Mental*. 2007; 5: 47-61.

Paiva MS, Amâncio L. *Implicações das representações sociais na vulnerabilidade de gênero para sida/aids entre jovens universitários*: estudo comparativo Brasil – Portugal. Trabalho de pós-doutorado – Universidade Federal da Bahia; 2004. Acesso em: 02 Jul 2007. Disponível em: <http://www.aidscongress.net/article.php>.

Paiva MS. *Vivendo a gravidez experienciando a soropositividade ao HIV*. 2000, [tese]. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 2000.

Paiva V, Latorre MR, Ghgravato N, Lacerda R, ECI – Brasil. Sexualidade de mulheres vivendo com HIV/AIDS em São Paulo. *Cad Saude Pub*. 2002; 18(6):1609-20.

Paiva V. Cenas sexuais, roteiros de gênero e sujeito sexual. In Barbosa RM, Parker R, organizadores. *Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ; 1999. p. 251-69.

Paiva V. Sem mágicas soluções: a prevenção do HIV e da AIDS como um processo de emancipação psicossocial. *Saúde para Debate*. 2003;27: 58-69.

Paiva V. Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e o sujeito sexual. In: Parker R, Barbosa RM, organizadores. *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará; 1996. p. 213-34.

Pantoja ALN. "Ser alguém na vida": uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. *Cad Saude Pub* 2003; 19:335-43.

Parker R, Camargo Jr K. Pobreza e HIV/AIDS: aspectos antropológicos e sociológicos. *Cad Saude Pub*. 2000; 16(Sup 1):89-102.

Parker R, Galvão J, organizadores. *Quebrando o silêncio: mulheres e aids no Brasil*. Abia/Relumê-Dumará;1996.

Pasini E. Sexo para quase todos: a prostituição feminina na Vila Mimosa. *Cad Pagu*. 2005; 25:185-216.

Priore MD. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história da transformação do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Senac; 2000.

Qualls-Corbett N. *A prostituta sagrada: a face eterna do feminino*. São Paulo: Paulus; 1990.

Quinet A. *A lição de Charcot*. Rio de Janeiro: Zahar Ed.; 2005. p. 102-7.

Quinet A. *As 4 + 1 condições da análise*. Rio de Janeiro: Zahar; 1991.p.98.

Quinet A. As formas do amor na partilha dos sexos. In: Jimenez E, Sadala G, organizadores. *A Mulher: na psicanálise e na arte*. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise/Kalímeros; 1995. p.11-23.

Quinet A. Não há futuro sem a psicanálise. In: *O futuro da psicanálise*. Rio de Janeiro: Contra Capa Ed.; 2002.

Raffaelli M, Campos RA, Merritt P, Siqueira E, Antunes CM, Parker R, Grego D, Halsey N. The Street Youth Study Group .Sexual practices and attitudes on street youth in Belo Horizonte , Brazil . *Soc Sci Med*. 1993; 7: 661- 70

Rago M. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1995.

Rago M. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1991.

Real M. *Memórias de Branca Dias*. Lisboa: Editora Portugal/Novacultura; 2003.

Reinaldo, MAS, Saeki T, Reinaldo TBS. O uso da história oral na pesquisa em enfermagem psiquiátrica: revisão bibliográfica. *Rev Eletr Enferm*. 2003; 5: 55-60.

Ribeiro B. Área vira cracolândia em Santo André. *Diário do Grande ABC*. Santo André; 2008. 18 mai. p.1. Setecidades. Acesso em: 18 maio 2008. Disponível em: <http://www.dgabc.com.br/default.asp?pt=secao&pg=detalhe&c=1&id=5586>

Ribeiro MO. A rua: um acolhimento falaz às crianças que nela vivem. *Rev Latinoam Enfermagem*. 2003; 11: 622-9.

Ribeiro TW, Perguer NK, Torossian SD. Drogas e adolescência: uma análise da ideologia presente na mídia escrita destinada ao grande público. *Psicol Reflex Crit*. 1998; 11: 421-30.

Roberts N. *As prostitutas na história*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos; 1998.

Rocha MFG. *Política de controle ao HIV/Aids no Brasil: O lugar da prevenção nessa trajetória [dissertação]-Escola Nacional de Saúde Pública*. Fundação Oswaldo Cruz; 1999.

Roudinesco E, Plon M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1998.

Rugde AM. Jones e Lacan: pesadelos, demônios e angústia. *Rev Pulsional Psicanal*. 2005; 181:61-70.

Ruzany MH. *Mapa da situação de saúde do adolescente no município do Rio de Janeiro*, [tese]. Escola Nacional de Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz; 2000.

Saffioti I. Exploração sexual de crianças. In: Azevedo MA, Guerra VNA, organizadores. *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu; 1989. p.49-95.

Saffioti I. Violência estrutural e de gênero – Mulher gosta de apanhar? In: *Programa de Prevenção, Assistência e Combate à Violência Contra a Mulher – Plano Nacional: diálogos sobre violência doméstica e de gênero: construindo políticas públicas*. Brasília, DF: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres; 2003. p. 7-38

Saito MI, Leal MM. Adolescência e contracepção de emergência: Fórum 2005. *Rev Paul Pediatr.* 2007; 25: 180-6.

Sampaio TMV. *Movimentos do corpo prostituído da mulher: encontros e desencontros teológicos.* São Bernardo do Campo/São Paulo: UMESP/Edições Loyola; 1999.

Santiago J. *A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência.* Rio de Janeiro: Zahar; 2001.

Santos IMM, Matos MAB, Santos MF, Silva MR. Perfil da aids em indivíduos acima de 50 anos. *Rev Contexto Enferm.* 1997; 6: 345-51.

Santos Júnior P M. Pobreza e prostituição na *Belle Époque* manauara: 1890–1917. *Rev Historia Reg.* 2005; 10:87-108

Santos NJS, Tayra A, Silva SR, Buchalla MC, Laurenti R. A aids no Estado de São Paulo: as mudanças no perfil da epidemia e perspectivas da vigilância epidemiológica. *Rev bras epidemiol.* 2002; 5: 286-310.

Santos NJS. A Aids entre as mulheres no Estado de São Paulo. In: Parker R e Galvão J, organizadores. *Quebrando o silêncio: mulheres e Aids no Brasil.* Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA:IMS/UERJ; 1996; parte 1, cap. 2: 33.

Scliar M. Literatura e medicina: o território partilhado. *Cad Saude Pub.* 2000; 16: 245-8.

Sebastiani L. *Maria Madalena: de personagem do evangelho a mito de pecadora redimida.* Petrópolis: Vozes; 1992.

Secretaria de Políticas Públicas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. Programa Saúde da Família. *Rev Saude Pub.* 2000; 34: 316-9.

Shiono PH, Klebanoff, Nugent RP, Cotch MF. The impact of cocaine and marijuana use on low birth weight and preterm birth: a multicenter study. *Am J Obst Gynecol.* 1995; 172:19-27.

Silva AP, Blanchette T. Nossa Senhora da Help: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. *Cad Pagu.* 2005;25:249-80.

Silva AS, Reppold CT, Santos CL. Crianças em situação de rua de Porto Alegre: um estudo descritivo. *Psicol Reflex Crit.* 1998; 11: 441-7.

Silva LS, Paiva MS. Vulnerabilidade ao HIV/aids entre homens e mulheres com mais de 50 anos. Acesso em: 08 dez 2007. Disponível em: <http://www.aidscongress.net/pdf/308.pdf>.

Silveira C. Você tem medo de que? Redução danos na clínica. In: Pinheiro RM, Silveira C, Guerra EMF. *Drogas e Aids*. 2001. Belo Horizonte: Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais. Acesso em: 10 jan 2007. Disponível em: <http://www.terceiramargem.org.br/textos/pubDA05.html>.

Silveira MF, Béria JU, Horta BL, e Tomasi E Autopercepção de vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis e Aids em mulheres. *Rev Saude Pub*. 36:670-7

Simon CP, Silva RS, Paiva V. Prostituição juvenil e a prevenção de Aids em Ribeirão Preto. *Rev Saude Pub*. 2002; 36: 82-7.

Simon CP. *Prostituição juvenil feminina: uma abordagem compreensiva* [dissertação]. Faculdade de Medicina, Universidade São Paulo; 1999.

Soler C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2005.

Souza LM. A feitiçaria na Europa Moderna. São Paulo: Ática; 1987.

Spink MJ. *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez; 2000.

Stoller R. A contribution about study gender identity. *Int J Psychoanal*. 1964; 45: 220-6

Szwarcwald CL, Bastos FI, Barcellos C, Esteves MAP, Castilho EA. Dinâmica da epidemia de AIDS no Município do Rio de Janeiro, no período de 1988-1996: uma aplicação de análise estatística espaço-temporal. *Cad Saude Pub*. 2001; 17:1123-40.

Szwarcwald CL, Castilho EA. Estimativa do número de pessoas de 15 a 49 anos infectadas pelo HIV, Brasil, 1998. *Cad Saude Pub*. 2000;16 (Supl 1):135-41.

Tarantola D. Facing the reality of AIDS – a 15 year process? *Bull World Health Organ*. 2001; 79:1095.

Tarantola D. Reducing HIV/AIDS risk, impact and vulnerability. *Bull World Health Organ*. 2000;78:236.

Tarrab M. Algo peor que un síntoma. In: Jornadas del TyA: *Los usos de la droga: resoluciones y rupturas*. Córdoba; 2001. Acesso em: 02 nov 2007. Disponível em: http://www.ilimit.com/XIIencuentro/Es/sim_tya.htm#tarrab.

Tarrab M. *Nuevos síntomas, nuevas angustias*. Anais das XIII Jornadas Anuales de La EOL. Anais. Buenos Aires: EOL-Grama; 2005. p. 91-9.

Teixeira M. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2005.

Thompson P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2002.

Torres GV, Davim RMB, Costa TN. Alcoforado da Prostituição: causas e perspectivas de futuro em um grupo de jovens. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. 1999; 7: 9-15.

Turato ER. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, Discussão Comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes; 2003.

UNAIDS (The Joint United Nations Programme on HIV/AIDS). Report on the Global AIDS epidemic: executive summary. May, 2006. Geneva: WHO Library Cataloguing-in-Publication Data, 2006. Acesso em: 14 jun 2006. Disponível em: http://www.unaids.org/en/HIV_data/default.asp.

UNGASS – Resposta Brasileira 2005-2007. Relatório de Progresso do País [Ministério da Saúde]. Brasília: 2007. Acesso em: 24 jun 2008. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/relatorio_ungass_2008_pt.pdf

Valadares JC. A propriedade, o espaço e o lugar do sujeito. *Cad Saude Pub*. 1999; 15: 895-900.

Valdez D. Inocentes expostos: o abandono de crianças na província de Goiás do Século XIX. *Inter-Ação*. 2004. Acesso em: 12 nov de 2007. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/viewArticle/1334>.

Versiani dos Anjos Jr CS. *A serpente domada: um estudo sobre a prostituição de baixo meretrício* [dissertação]. Brasília, UNB; 1980.

Wallace R, Wallace D. Socioeconomic determinants of health: community marginalization and the diffusion of disease and disorder in the United States. *Br Med J*. 1997;3:1341-5.

Wallace R, Wallace D. U.S. apartheid and spread of AIDS to the suburbs: a multi city analysis of the political economy of spatial epidemic threshold. *Soc Sci Med*. 1995; 41:333 - 45.

Weber AE, Boivin JF, Blais L, Haley N, Roy E. HIV risk profile and prostitution among female street youths. *J Urban Health*. 2002; 79:525-35.

Wilson WJ. *When the work disappears: the World of New Urban Poor*. New York: Vintage Books; 1996.

Wolf N. *O mito da Beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco; 1992.

World Health Organization – WHO/OMS. *Saúde reprodutiva de adolescentes: uma estratégia para ação*. Genebra: OMS, 1989.

World Health Organization - WHO/OMS. *Qualitative Research for Health Programmes*. Geneva: Division of Mental Health; 1994.

World Health Organization - WHO/OMS. *Violence against women and HIV/AIDS: Setting the research agenda*. Geneva: WHO/ FCH/ GWH; 2000.

World Health Organization - WHO/OMS. Who declares failure to deliver AIDS medicines global health emergency. *Bull World Health Organ*. 2003; 81(10):776

World Health Organization - WHO/OMS. *Toolkit for targeted HIV/AIDS prevention and care in sex work settings*; 2005 [cited 2007 Dec 1]. Available at: http://www.who.int/hiv/pub/prev_care/sexworktoolkit.pdf